

PROGNÓSTICO 75/76

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura

Instituto de Economia Agrícola

CORPO TÉCNICO DO IEA

- em exercício -

diretoria geral:

paulo fernando cidade de araujo

assessoria técnica

caio takagaki yamaguishi
natanael miranda dos anjos

economia da produção

iby arvatti pedroso (diretoria)
abel de lima filho
alfredo de almeida bessa junior
hermando ferreira de noronha
josé roberto viana de camargo
laerte pereira rodrigues
luiz carlos assef
minoru matsunaga
nelson batista martin
nelson kazaki toyama
paulo edgard nascimento de toledo
richard domingues dulley
yoshihiko sugai
zuleima alleoni pires

política e desenvolvimento agrícola

antônio ambrósio amaro (diretoria)
alfredo tsunechiro
ana perina rabello arruda
antônio carlos furlan gimenes
arciley alves pinheiro
elcio umberto gatti
gabriel luiz seraphico peixoto da silva
ismar florêncio pereira
josé carlos mollo alarcon
luiz flávio barbosa cancegliero
luiz moricochi
nelson giulietti
paulo augusto wiesel
sebastião nogueira junior
yoshio namekata
yuly ivete miazaki de toledo

comunicação

antônio augusto botelho junqueira
devancyr aparecido romão
maria de lourdes barros camargo

assessoria de programação

paulo david criscuolo
paul frans bemelmans

comercialização

alberto veiga (diretoria)
everton ramos de lins
flávio condê de carvalho
hiroshige okawa
irene josé einhorn goldenberg
josé diniz de araujo
lídia hatue ueno
maria celina mauro padovani
maria elisa benetton junqueira
maria de lourdes do canto arruda
mauro souza barros
vicente de paula melo figueirêdo
waldemar pires de camargo filho

levantamentos e análises estatísticas

décio sodrzeieski (diretoria)
alceu de arruda veiga filho
ana maria montragio pires de camargo
antônio fernando scheibel padula
fernando antônio de almeida sever
francisco alberto pino
josé francisco coluço
julio humberto jimenez ossio
lineu bueno de Moraes
luiz henrique de oliveira piva
manoel joaquim martins falcão
milton nogueira de camargo
paulo tomoo morimoto
rosa maria Carmignani pescarin
wagner josé de barros

biblioteca

helena souza e silva de oliveira
edneuzza souza pôvoa
gabriella menni ferreri
maria luiza alexandre peão

o IEA agradece a colaboração dos técnicos constantino carneiro fraga, fernando sebastião gomes junior, evaristo mar zabal neves e eduardo pires castanho. agradece também à Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) da Secretaria da Agricultura pela edição e difusão do prognóstico.

O agricultor paulista é um empresário que sabe reagir prontamente nos momentos difíceis, reduzindo custos ou ajustando os sistemas de produção; da mesma maneira que nas ocasiões favoráveis realiza bons investimentos dentro e fora do setor agrícola.

Apesar desse aspecto altamente positivo, muitos são os problemas ainda a enfrentar, pela agricultura paulista, neste momento de adversa conjuntura internacional e frequentemente incompatível com o interesse brasileiro. Entre esses problemas, em primeiro lugar está o baixo nível tecnológico de alguns produtos essenciais à dieta alimentar da população, o que tem causado frequentes crises no abastecimento dos grandes centros urbanos do Estado e do País. Em segundo lugar, estão presentes as deficiências na infra-estrutura física e institucional de comercialização. Deficiências físicas, onerando o custo da distribuição, incluem desde transporte, armazenagem e frigorificação até as instalações portuárias, com vistas ao mercado externo, ou a rede varejista da Grande São Paulo e polos interioranos que atendem ao crescente mercado interno. Aquelas de caráter institucional abrangem questões também da maior relevância, como classificação e padronização de produtos, fiscalização de insumos, crédito, tributação e informações de mercado.

No Governo PAULO EGIDIO MARTINS, o aumento da produtividade agrícola deve ser objetivado tanto em termos de maior produção por unidade de área como em razão do aumento da relação área/homem. Assim, a Secretaria da Agricultura está desenvolvendo grande esforço na pesquisa "biológica" e na pesquisa "mecânica".

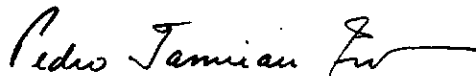
A assistência técnica, por sua vez, deve ser mais agressiva e perfeitamente acoplada ao sistema de pesquisa e ao crédito rural. Por outro lado, face ao dinamismo de nossa agricultura, a assistência técnica precisa se antecipar aos ajustamentos econômicos, sociais e tecnológicos tanto a nível regional como estadual.

No crédito, outro instrumento eficaz para desenvolver o setor agropecuário, é preciso que o mesmo seja progressivamente vinculado a uma regionalização da assistência técnica para melhor distribuir os fatores da produção agrícola, aumentar a produtividade e diminuir os riscos associados ao próprio crédito.

Quanto às informações econômicas, rápidas e objetivas, constituem instrumento de maior prioridade. Pois somente dessa forma, a Secretaria da Agricultura contribuirá positivamente para a melhoria das decisões de quanto, como e quando produzir e distribuir. Agricultores de todos os níveis e regiões, instituições públicas e privadas do Estado, bem como o próprio Governo Federal, são os principais usuários dessas informações, necessárias e urgentes no complexo mundo dos negócios. Através da difusão dos fatos econômicos internacionais e domésticos podemos trabalhar em perfeito entrosamento com os órgãos federais que decidem sobre a política econômica brasileira.

Ao apresentarmos o Prognóstico 1975/76, preparado mais uma vez pelo Instituto de Economia Agrícola, depositamos também nossa confiança nos agricultores paulistas e no acerto de suas decisões, produzindo riquezas e bem distribuindo-as.

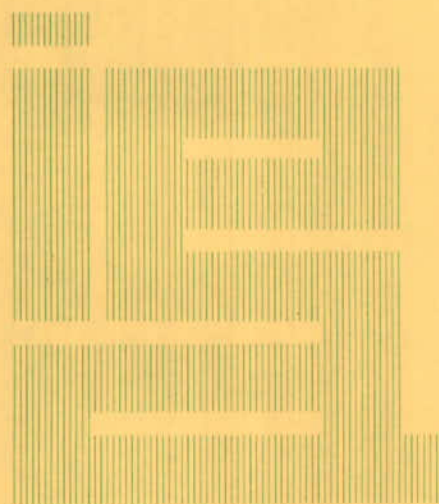
São Paulo, agosto de 1975



PEDRO TASSINARI FILHO
Secretário da Agricultura

ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - PROJEÇÕES DE OFERTA E PROCURA.....	5
- Estimativas da Oferta.....	6
- Estimativas da Procura e do Intercâmbio Líquido.....	6
- Comparação entre Ofertas Estimadas e Obtidas.....	7
3 - RESULTADO ECONÔMICO E CUSTO OPERACIONAL.....	13
- Resultado Econômico 1974/75.....	13
- Estimativas de Custo Operacional 1975/76.....	14
4 - MERCADOS DE FATORES.....	21
- Fertilizantes.....	21
- Defensivos Agrícolas.....	33
- Sementes.....	35
- Tratores.....	38
- Mercado de Trabalho.....	42
- Mercado de Terras.....	48
5 - POLÍTICA AGRÍCOLA.....	55
- Tributação.....	55
- Mercados e Preços.....	57
- Crédito e Subsídios.....	60
- Prestação de Serviços.....	65
- Previdência Social.....	67
6 - MERCADOS DE PRODUTOS.....	69
- Algodão.....	70
- Amendoim.....	75
- Hortaliças.....	80
- Banana.....	83
- Aves para Corte.....	91
- Batata.....	95
- Mamona.....	99
- Ovos.....	105
- Feijão.....	109
- Tomate.....	116
- Frutas.....	121
- Laranja.....	127
- Mandioca.....	134
- Cebola.....	137
- Trigo.....	141
- Produtos Florestais.....	145
- Cana-de-açúcar.....	151
- Arroz.....	155
- Milho.....	163
- Pescado.....	171
- Soja.....	179
- Pecuária de Corte.....	192
- Pecuária Leiteira.....	199
- Café.....	204
7 - DESEMPENHO E PERSPECTIVAS.....	215
- Desempenho da Agricultura Paulista.....	215
- Perspectivas 75/76.....	222



1

INTRODUÇÃO

1 - INTRODUÇÃO

Os seis primeiros meses de 1975 apresentaram alguns importantes contrastes. Em 1974, a inflação atingiu 20% na primeira metade do ano e o deficit da balança comercial chegou a 2,7 bilhões de dólares. Este ano, a inflação foi pouco acima de 10% e o deficit comercial atingiu cerca de 1,7 bilhão de dólares. Esta aparente melhoria na posição econômica do País, entretanto, é enganosa, uma vez que se vem observando até aqui uma redução da taxa de crescimento econômico.

Em parte, este aspecto negativo é explicado pelas crises mundiais que atingiram seus ápices no ano passado e levaram o mundo a uma recessão econômica. Também, em muito contribuiu a crise de liquidez interna, que tendo principiado em 1974 prolongou-se pelo primeiro semestre deste ano, quando os meios de pagamento aumentaram de apenas 2%. Tal fato, frente a uma inflação de 10%, realmente gerou sérios problemas de disponibilidade monetária. Entretanto, há indícios de que, em futuro próximo, a liquidez mundial aumente em ritmo mais adequado, com a retomada de expansão econômica que já se observa nos Estados Unidos e que aparentemente atingirá também a Europa nos próximos seis meses.

De modo geral, o ano de 1974 foi bastante satisfatório para a economia brasileira e inclusive para a agricultura, setor que cresceu de 7,5% a 8%. O setor secundário expandiu-se à taxa de 9% e o terciário de 10% a 11,5%. O crescimento da agricultura foi expressivo devido às excelentes safras de café, que alcançou os 27,5 milhões de sacos; de soja, com 7,4 milhões de toneladas; de milho, chegando a 17 milhões de toneladas; de trigo, atingindo 2,8 milhões de toneladas (60% do consumo interno); e de açúcar que, além de ultrapassar 110 milhões de sacos, constituiu-se na principal fonte de divisas do País.

Os aspectos negativos de 1974 ficaram com o deficit do balanço de pagamentos que atingiu 1,3 bilhão de dólares, e com a inflação de 34%, que levou a expansão monetária aos 40%, bastante acima das expectativas oficiais.

A perspectiva para o ano de 1975 continua um tanto indefinida, embora não existam motivos aparentes para maiores preocupações. O crescimento geral da economia deverá situar-se em torno de 7%. Esta taxa, mais baixa que a média de anos recentes, será decorrente da depressão mundial e também da política econômica, mais distributiva, adotada pelo atual Governo. Nesse quadro geral, a agricultura brasileira deverá apresentar bons níveis de crescimento da produção, para tanto, devendo contribuir os inúmeros programas do Governo Federal, anunciados nos últimos meses.

No final do ano passado foi aprovado o programa para a pecuária bovina de corte , com a finalidade de reunir um conjunto de medidas de curto e longo prazos abrangendo a produção e comercialização da carne. Os principais aspectos deste programa referem-se a uma redução gradual dos controles de preços e a constituição de estoques permanentes visando a regularização do abastecimento interno.

Em janeiro de 1975 foi lançado o "Polocentro", programa que colocará recursos da ordem de 12 milhões de cruzeiros com a finalidade de aumentar a área cultivada em 2 milhões de hectares nos estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso até 1979; 10 milhões de cruzeiros para o crédito agrícola e 2 milhões para financiar projetos de infraestrutura. Programas semelhantes foram anunciados, no ano passado, para o Nordeste e a Amazônia.

I

A economia paulista em 1974 teve, no seu conjunto, um desempenho melhor do que a nacional. O índice de crescimento da renda interna atingiu 11,5%. O setor agrícola cresceu de 2% a 2,5% e a produção industrial registrou o elevado índice de crescimento de 12,5%; os serviços teriam crescido de pelo menos 10%.

O desempenho da agricultura paulista em 1974, quando analisado em termos de valor da produção, não acompanhou o ritmo do País. Todavia, considerando as adversidades climáticas e econômicas ocorridas no ano, desde o excesso de chuvas, em março, até a deterioração dos preços dos produtos e o aumento nos preços dos insumos, o comportamento do setor pode ser considerado razoável. Globalmente, a agricultura paulista registrou no ano 1973/74 renda bruta superior a 20 bilhões de cruzeiros, computando-se apenas 26 dos seus principais produtos.

No quadro A são apresentadas as taxas de expansão da economia paulista, avaliando-se os três setores básicos e ressaltando-se, à primeira vista, o seu dinamismo industrial no período 1948-74.

QUADRO A.- Taxas Geométricas de Crescimento Real da Economia Paulista, 1948-74
(% a.a.)

Período	Renda interna líquida	Indústria	Serviços	Agricultura
1948-52	6,4	4,4	8,2	4,7
1953-57	7,2	11,8	4,6	5,4
1958-62	5,9	8,0	5,4	1,8
1963-67	2,2	2,7	2,3	0,5
1968-72	8,7	10,6	7,6	4,7
1970-74 ⁽¹⁾	10,5	12,3	10,0	4,2

⁽¹⁾ Com base em estimativas setoriais feitas pelo IEA para 1974.

Fonte: Fundação Getúlio Vargas e Instituto de Economia Agrícola.

II

Para o ano agrícola que se inicia, as perspectivas de um apoio governamental crescente e a própria afirmação econômica da agricultura brasileira, hoje tão evidente, de verão mais que compensar os aspectos negativos que continuam afetando o setor e, em forma mais aguda, os preços e custos agrícolas.

A estiagem prolongada ocorrida em diversas regiões no segundo trimestre deste ano afetou de forma considerável a produtividade de algumas culturas, embora, devido a época em que ocorreu, não tenha determinado prejuízos muito grandes quando se considera o todo da safra.

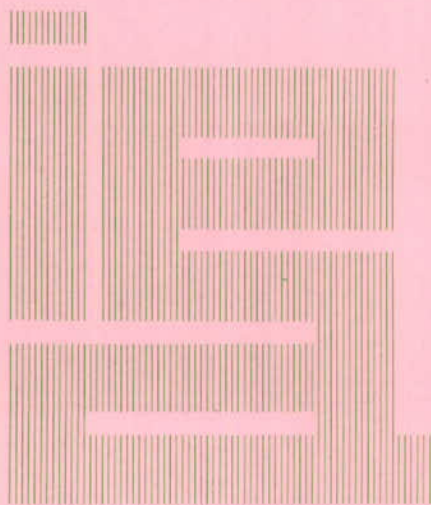
Pela quarta vez, o IEA leva aos agricultores e homens do Governo de São Paulo o seu Prognóstico Agrícola. Como já ocorreu em anos passados, foi realizado um grande esforço de aprimoramento. Aspectos da economia nacional e mundial, que afetam direta ou indiretamente a economia paulista foram incorporados às análises, objetivando, inicialmente, o estabelecimento de projeções de oferta e procura dos principais produtos, desta vez, ampliando o número de produtos e aperfeiçoando os modelos de análise. Em seguida, vem a projeção dos custos de produção para o ano 1975/76 e estimativas de receita líquida em 1974/75. Seguem-se os estudos dos mercados de fatores, políticas econômicas, produtos agropecuários e desempenho global do setor.

É preciso frisar que prognóstico não é futurologia e sim uma tentativa de, partindo de análises do recente comportamento setorial, sugerir com base na racionalidade econômica a possível evolução do próximo ano agrícola. É preciso lembrar também, que tal tentativa é sempre difícil pois, frequentemente o passado não é uma base sólida para analisar o futuro. Isto, sem mencionar o fato de que a conjuntura econômica é sempre cercada de incertezas e de acontecimentos que escapam ao controle dos indivíduos, das empresas e do próprio Governo.

O grande objetivo deste trabalho é prover informações indispensáveis ao processo de tomar decisões que, nas diversas áreas de atuação, possam contribuir para a elevação do nível técnico da agricultura do nosso Estado.

PROCESO DE OFERTA E PROCURA

2



2 - PROJEÇÕES DE OFERTA E PROCURA

A necessidade de estudos sobre projeções de oferta e procura de produtos agrícolas baseia-se no fato de que análises intuitivas ou mesmo conhecimentos práticos de mercado podem levar a conclusões fortemente tendenciosas pelo grande peso que se confere, no processo de julgamento, aos "juízos de valor".

Procurando aproximar e objetivar ao máximo as estimativas de oferta e procura dos produtos agrícolas, o Instituto de Economia Agrícola apresenta este ano, além dos produtos analisados no ano passado, a estimativa da demanda de mais três: amendoim, soja e milho. Também é feita uma comparação entre as estimativas realizadas e ofertas efetivamente constatadas para as três últimas safras do Estado.

As estimativas de procura e oferta de produtos agropecuários tendem a refletir as mudanças estruturais que ocorrem no setor primário da economia, uma vez que procuram sintetizar, em um modelo estatístico, as relações que ocorrem dentro do setor e entre este e outros setores da economia.

Esse modelo, por sua vez, tem merecido, através dos anos em que foi utilizado, esforços para seu aperfeiçoamento, no sentido de, sempre que possível, introduzir novas variáveis que venham melhorar os resultados obtidos.

Deve-se ressaltar o fato de que fenômenos puramente climáticos alteram quaisquer prognósticos feitos. Por isso, o IEA tem desenvolvido estudos objetivando incluir uma variável climática para melhorar os métodos de projeção, não sendo possível, entretanto, para este ano, a sua inclusão, embora procure-se sanar tal dificuldade com o uso de três níveis de rendimento.

Este capítulo apresenta as estimativas das áreas que serão cultivadas no ano agrícola 1975/76, estimativas da procura de produtos agrícolas para consumo nos meios urbano e rural e, finalmente, dentro das alternativas da oferta e do consumo estimados, apresenta o intercâmbio líquido, isto é, a diferença entre quantidade procurada e quantidade ofertada. Tem-se, assim, uma visão dos produtos que serão provavelmente importados e dos que poderão ser exportados, refletindo assim o seu comportamento de mercado ao longo dos anos estudados.

- Estimativas da Oferta

Para se estimar as ofertas dos principais produtos agropecuários do Estado de São Paulo, utilizou-se, como nos anos anteriores, o modelo desenvolvido por Nerlove, com algumas modificações. Esse modelo presta-se para captar a influência da variação dos preços do produto, bem como a variação dos preços de produtos alternativos.

Básicamente, o modelo pode ser descrito como uma função na qual a área plantada de um determinado produto, em um determinado ano, é dependente da área e do preço desse mesmo produto no ano anterior, mais uma variável tendência que tenta captar mudanças tecnológicas, decisões políticas e outras variações de influência sobre o produto em questão. Foram introduzidos na função os preços dos produtos alternativos, sempre que as informações obtidas levaram a crer que tais preços influenciariam na decisão de "o que" plantar.

Os coeficientes dessa função área foram estimados pelo método dos quadrados mínimos, utilizando-se as séries históricas de áreas e preços, publicadas pelo IEA.

Para se projetar a área de um determinado produto a ser cultivada no ano agrícola 1975/76, os dados de área e preço do ano atual foram inseridos na função estimada para esse produto. Estimada a área, ela é multiplicada pelos rendimentos, obtendo-se, assim, a produção total de cada produto para cada nível de rendimento.

Como nos anos anteriores, três níveis de rendimento foram estabelecidos obtendo-se, assim, três estimativas de oferta: pessimista (S_1), média (S_2) e otimista (S_3).

As projeções obtidas são transcritas no quadro 1, sendo possível observar que:

- a) há nítida tendência de aumentos de produção em café, ovos, feijão, laranja e amendoim;
- b) em contrapartida, as projeções revelam maior probabilidade de queda em batata, cebola e mandioca;
- c) em situação intermediária estão aqueles produtos que alcançarão produções maiores que em 1974/75 somente com altos rendimentos agrícolas. Com rendimentos "médios" e "otimistas", será o caso de cana-de-açúcar, arroz, banana e mamona. E somente se repetido o rendimento mais alto, pode-se esperar acréscimo em tomate, algodão e milho; e
- d) no caso especial da soja, o pequeno aumento projetado para a área só resultaria em maior volume, se compensado por rendimentos acima de 1.810 kg/ha.

- Estimativas da Procura e do Intercâmbio Líquido

As projeções de procura são transcritas no quadro 2. De um modo geral, estimou-se uma taxa de crescimento da procura "per capita", em relação a 1974/75, da ordem de 1% a 2%. Os resultados obtidos podem ser comparados àquelas referentes à oferta (quadro 1) para verificação do intercâmbio líquido. Tais dados são apresentados no quadro 3.

2 - PROJEÇÕES DE OFERTA E PROCURA

A necessidade de estudos sôbre projeções de oferta e procura de produtos agrícolas baseia-se no fato de que análises intuitivas ou mesmo conhecimentos práticos de mercado podem levar a conclusões fortemente tendenciosas pelo grande peso que se confere, no processo de julgamento, aos "juízos de valor".

Procurando aproximar e objetivar ao máximo as estimativas de oferta e procura dos produtos agrícolas, o Instituto de Economia Agrícola apresenta este ano, além dos produtos analisados no ano passado, a estimativa da demanda de mais três: amendoim, soja e milho. Também é feita uma comparação entre as estimativas realizadas e ofertas efetivamente constatadas para as três últimas safras do Estado.

As estimativas de procura e oferta de produtos agropecuários tendem a refletir as mudanças estruturais que ocorrem no setor primário da economia, uma vez que procuram sintetizar, em um modelo estatístico, as relações que ocorrem dentro do setor e entre este e outros setores da economia.

Esse modelo, por sua vez, tem merecido, através dos anos em que foi utilizado, esforços para seu aperfeiçoamento, no sentido de, sempre que possível, introduzir novas variáveis que venham melhorar os resultados obtidos.

Deve-se ressaltar o fato de que fenômenos puramente climáticos alteram quaisquer prognósticos feitos. Por isso, o IEA tem desenvolvido estudos objetivando incluir uma variável climática para melhorar os métodos de projeção, não sendo possível, entretanto, para este ano, a sua inclusão, embora procure-se sanar tal dificuldade com o uso de três níveis de rendimento.

Este capítulo apresenta as estimativas das áreas que serão cultivadas no ano agrícola 1975/76, estimativas da procura de produtos agrícolas para consumo nos meios urbano e rural e, finalmente, dentro das alternativas da oferta e do consumo estimados, apresenta o intercâmbio líquido, isto é, a diferença entre quantidade procurada e quantidade ofertada. Tem-se, assim, uma visão dos produtos que serão provavelmente importados e dos que poderão ser exportados, refletindo assim o seu comportamento de mercado ao longo dos anos estudados.

- Estimativas da Oferta

Para se estimar as ofertas dos principais produtos agropecuários do Estado de São Paulo, utilizou-se, como nos anos anteriores, o modelo desenvolvido por Nerlove, com algumas modificações. Esse modelo presta-se para captar a influência da variação dos preços do produto, bem como a variação dos preços de produtos alternativos.

Básicamente, o modelo pode ser descrito como uma função na qual a área plantada de um determinado produto, em um determinado ano, é dependente da área e do preço desse mesmo produto no ano anterior, mais uma variável tendência que tenta captar mudanças tecnológicas, decisões políticas e outras variações de influência sobre o produto em questão. Foram introduzidos na função os preços dos produtos alternativos, sempre que as informações obtidas levaram a crer que tais preços influenciariam na decisão de "o que" plantar.

Os coeficientes dessa função área foram estimados pelo método dos quadrados mínimos, utilizando-se as séries históricas de áreas e preços, publicadas pelo IEA.

Para se projetar a área de um determinado produto a ser cultivada no ano agrícola 1975/76, os dados de área e preço do ano atual foram inseridos na função estimada para esse produto. Estimada a área, ela é multiplicada pelos rendimentos, obtendo-se, assim, a produção total de cada produto para cada nível de rendimento.

Como nos anos anteriores, três níveis de rendimento foram estabelecidos obtendo-se, assim, três estimativas de oferta: pessimista (S_1), média (S_2) e otimista (S_3).

As projeções obtidas são transcritas no quadro 1, sendo possível observar que:

- a) há nítida tendência de aumentos de produção em café, ovos, feijão, laranja e amendoim;
- b) em contrapartida, as projeções revelam maior probabilidade de queda em batata, cebola e mandioca;
- c) em situação intermediária estão aqueles produtos que alcançarão produções maiores que em 1974/75 somente com altos rendimentos agrícolas. Com rendimentos "médios" e "otimistas", será o caso de cana-de-açúcar, arroz, banana e mamona. E somente se repetido o rendimento mais alto, pode-se esperar acréscimo em tomate, algodão e milho; e
- d) no caso especial da soja, o pequeno aumento projetado para a área só resultaria em maior volume, se compensado por rendimentos acima de 1.810 kg/ha.

- Estimativas da Procura e do Intercâmbio Líquido

As projeções de procura são transcritas no quadro 2. De um modo geral, estimou-se uma taxa de crescimento da procura "per capita", em relação a 1974/75, da ordem de 1% a 2%. Os resultados obtidos podem ser comparados àqueles referentes à oferta (quadro 1) para verificação do intercâmbio líquido. Tais dados são apresentados no quadro 3.

Continuando as tendências dos anos anteriores, arroz, feijão, batata e cebola deverão ser importados de fora do Estado, uma vez que a oferta desses produtos é nitidamente inferior a procura. As importações do leite e carne bovina também continuarão a se expandir.

Por outro lado, ovos, banana e laranja deverão ser exportados para fora do Estado. Para amendoim, milho e soja, que são matérias-primas industriais, previu-se um intercâmbio líquido positivo, embora nas suas projeções de procura sô se levasse em conta o consumo estadual de óleo.

- Comparação entre Ofertas Estimadas e Obtidas

Sendo este o quarto ano em que é publicado o "Prognóstico", resolveu-se proceder à uma análise da precisão das projeções de oferta realizadas em anos anteriores.

O quadro 4 estabelece uma comparação entre as ofertas estimadas e as efetivamente obtidas para os anos agrícolas 1972/73, 1973/74 e 1974/75. No quadro 4, nas colunas "oferta estimada", aparecem apenas as projeções limitantes, "pessimista" e "otimista".

O quadro 4 evidencia o contínuo aprimoramento das estimativas. No primeiro ano, apenas dez produtos tiveram suas ofertas estimadas; a partir de 1973/74, este número foi ampliado para 19. Quanto à precisão das estimativas, verificam-se resultados substancialmente melhores já em 1973/74. As estimativas de 1974/75 sô poderão ser melhor analisadas com base nos resultados definitivos da safra, que não foram ainda obtidos.

De qualquer forma, um primeiro exame das estimativas de 1974/75 mostra um menor grãu de precisão em cana, feijão, mamona, mandioca, tomate e ovos. Para a cana-de-açúcar, a previsão é sempre difícil, pois o ciclo da cana-planta é de dezoito meses e, também, as previsões de colheita sã sempre bastante alteradas devido ao fato da mesma se realizar após a última estimativa. O feijão e o tomate, por apresentarem mais de uma colheita por ano e serem de produção muitas vezes consorciada e atomizada, causam muitas dificuldades nas estimativas de produção. A mamona e a mandioca sã de produção extremamente variável de um ano para outro. No caso de ovos, por se tratar de um produto de mercado bastante dinâmico, apresentando variações bruscas em volume de produção de um ano para outro, o modelo matemático pode também apresentar resultados menos exatos. Os melhores resultados foram obtidos em arroz, batata e café.

QUADRO 1. - Projeções de Oferta, Estado de São Paulo, Ano Agrícola 1975/76

Produto	Área 1974/75 ⁽¹⁾ (1.000ha)	Projeção área 1975/76 (1.000ha)	Rendimento estimado ⁽²⁾ (kg/ha)			Projeção de oferta 1975/76 (1.000t)			Produção 1974/75 4a. previsão (1.000t)
			Pessimista	Médio	Otimista	Pessimista(s ₁)	Média(s ₂)	Otimista(s ₃)	
Algodão	360,0	399,0	1.048	1.225	1.450	418,0	489,0	579,0	499,5
Amendoim	172,7	224,0	1.157	1.322	1.530	259,0	296,0	343,0	250,0
Arroz	537,2	689,0	625	1.122	1.329	431,0	773,0	916,0	606,0
Batata	33,7	34,0	11.466	11.704	12.000	390,0	398,0	408,0	423,0 ⁽³⁾
Cana-de-açúcar	872,2	882,0	37.622	49.323	56.106	33.183,0	43.503,0	49.485,0	37.600,0
Cebola	11,0	11,5	4.576	6.015	7.909	53,0	69,0	91,0	96,0
Feijão	244,5	268,0	490	504	533	131,0	135,0	143,0	125,4
Laranja	388,1	400,0	10.506	10.812	10.900	4.202,4	4.325,0	4.360,0	3.452,0
Mamona	41,0	43,0	975	1.170	1.463	42,0	50,0	63,0	48,0
Mandioca	68,2	64,0	12.317	16.442	18.485	493,0	658,0	739,0	760,0
Milho	1.100,0	1.139,0	1.629	1.933	2.127	1.855,0	2.202,0	2.423,0	2.280,0
Soja	367,5	389,0	1.075	1.542	1.771	418,0	600,0	689,0	705,0
Tomate	33,4	34,0	19.623	22.328	24.695	667,0	759,0	840,0	776,0
Banana	34,0	35,0	10.862	15.594	18.150	380,0	546,0	635,0	552,8
Cafê beneficiado	800,0	800,0	379	613	873	-	540,0	660,0	414,0
Ovos ⁽⁴⁾	-	-	-	-	-	-	421,0	-	398,0
Carne suína	-	-	-	-	-	-	91,0	-	95,9
Carne bovina	-	-	-	-	-	-	495,0	-	504,3
Leite ⁽⁵⁾	-	-	-	-	-	-	1.513,0	-	1.430,0

⁽¹⁾ Baseado na 3a. estimativa de safras, os dados da 4a. não eram disponíveis quando do ajustamento dos modelos.

⁽²⁾ Rendimento estimado a partir da área colhida.

⁽³⁾ Incluída a produção de inverno em volume semelhante ao de 1973/74.

⁽⁴⁾ Milhões de dúzias.

⁽⁵⁾ Milhões de litros.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 2. - Projeções de Procura, Estado de São Paulo (1), Ano Agrícola 1975/76

Produto	Consumo per-capita (kg/ano)		Procura (1.000t)		
	Urbano	Rural	Urbana	Rural	Total
Arroz	46,40	73,60	807,20	209,30	1.016,50
Feijão	16,76	26,67	291,60	75,80	367,40
Batata	24,95	14,60	434,00	41,50	475,50
Carne bovina	30,69	9,00	534,00	25,60	559,60
Carne suína	1,92	9,00	33,40	25,60	59,00
Frango	8,95	22,40	155,70	63,70	219,40
Ovos (2)	19,22	17,10	334,40	48,60	383,00
Café	8,67	11,00	150,80	31,30	182,10
Laranja (in natura)	49,72	16,00	865,00	45,50	910,50
Banana	18,11	13,00	315,10	37,00	352,10
Leite (3)	80,72	102,00	1.404,30	290,00	1.694,30
Cebola (4)	6,88	-	119,70	-	119,70
Laranja (indústria)	-	-	-	-	60.000,00(5)
Cana (6) (indústria)	-	-	-	-	36.360,00
Amendoim (7)	-	-	-	-	257,00
Milho (7)	-	-	-	-	738,00
Soja (7)	-	-	-	-	395,00

(1) Populações urbana e rural estimadas, respectivamente, em 17,397 e 2,844 milhões de habitantes.

(2) As quantidades per capita em dúzias, as demais em milhões de dúzias.

(3) As quantidades per capita em litros, as demais em milhões de litros.

(4) Somente consumo urbano.

(5) Em 1.000 caixas.

(6) Apenas para produção de açúcar.

(7) Somente para o consumo de óleo no Estado (equivalente).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 3. - Projeções de Oferta, Procura e Intercâmbio Líquido, Estado de São Paulo, Ano Agrícola 1975/76

Produto	Procura (1.000t)	Alternativa de Oferta (1.000t)			Intercâmbio Líquido (1.000t)		
		S ₁	S ₂	S ₃	S ₁ - D	S ₂ - D	S ₃ - D
Arroz	1.016,5	431,0	773,0	916,0	-585,5	-243,5	-100,5
Batata	475,5	390,0	398,0	408,0	- 85,5	- 77,5	- 67,5
Cebola (1)	119,7	53,0	69,0	91,0	- 66,7	- 50,7	- 28,7
Feijão	367,4	131,0	135,0	143,0	-236,4	-232,4	-224,4
Laranja	3.310,0	4.202,4	4.324,8	4.360,0	892,4	1.014,8	1.050,0
Banana	352,1	380,0	546,0	635,0	27,9	193,9	282,9
Café	182,1	-	540,0	660,0	-	357,9	477,9
Ovos (2)	383,0	-	421,0	-	-	38,0	-
Carne bovina	559,6	-	495,4	-	-	- 64,2	-
Leite (3)	1.694,3	-	1.513,0	-	-	-181,3	-
Amendoim (4)	257,0	259,0	296,0	343,0	2,0	39,0	86,0
Milho (4)	738,0	1.855,0	2.202,0	2.423,0	1.117,0	1.464,0	1.685,0
Soja (4)	395,0	418,0	600,0	689,0	23,0	205,0	294,0

(1) Somente consumo urbano.

(2) Em milhões de dúzias.

(3) Em milhões de litros.

(4) Somente para consumo de óleo no Estado (equivalente).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 4. - Comparação entre Ofertas Estimadas e Obtidas, Estado de São Paulo, 1972/73 a 1974/75

Produto	Oferta (1.000t) (1)					
	1972/73		1973/74		1974/75	
	Estimada	Obtida	Estimada	Obtida	Estimada	Obtida (2)
Algodão	-	621,0	540 - 839	510,0	539,0 - 743,4	499,5
Amendoim	-	312,5	280 - 350	268,6	211,2 - 255,5	250,0
Arroz	450 - 663(5)	582,0	348 - 730	582,0	317,7 - 688,7	606,0
Batata	420 - 443(5)	403,8	379 - 423	416,4	407,0 - 440,1	423,0(8)
Cana-de-açúcar	-	42.000,0	35.500 - 46.000	41.460,0	43.642,0 - 52.603,3	37.600,0
Cebola	55 - 71(5)	78,9	53 - 76	75,6	57,9 - 90,7	96,0
Feijão	136 - 161(5)	133,8	101 - 161	131,4	163,3 - 177,6	125,4
Laranja	2.500 - 2.750(5)	2.840,0	2.815 - 3.151	3.280,0	3.753,6(6)	3.452,0
Mamona	-	95,0	73 - 97	155,0	102,7 - 137,4	48,0
Mandioca	-	1.220,0	1.206 - 1.336	1.000,0	1.072,4 - 1.611,4	760,0
Milho	-	2.598,0	1.773 - 2.631	2.698,0	2.136,8 - 2.818,9	2.280,0
Soja	227 - 278(5)	330,0	310 - 530	522,0	430,0 - 701,6	705,0
Tomate	-	526,0	516 - 623	610,4	415,0 - 522,3	776,0
Banana	423 - 454(5)	534,6	440 - 494	584,1	522,5 - 586,1	552,8
Café	427 - 472(5)	420,0	519(6)	552,0	400,0 - 516,0(7)	414,0
Ovos (3)	448(6)	424,8	365(6)	499,6	505,4(6)	398,0
Carne suína	-	56,3	45(6)	65,9	69,8(6)	95,9
Carne bovina	480(6)	554,5	540(6)	547,8	528,1(6)	504,3
Leite (4)	-	1.567,0	1.620(6)	1.514,9	1.587,1(6)	1.430,0

(1) As colunas "oferta estimada" incluem as projeções limitantes inferior ("pessimista") e superior ("otimista").

(2) Oferta estimada a partir da previsão da safra realizada no mês de abril. Estas estimativas são corrigidas posteriormente após o término do ano agrícola e, portanto, podem não corresponder exatamente às quantidades efetivamente colhidas.

(3) Milhões de dúzias.

(4) Milhões de litros.

(5) Só foram realizadas estimativas "média" e "otimista".

(6) Só foi realizada estimativa "média".

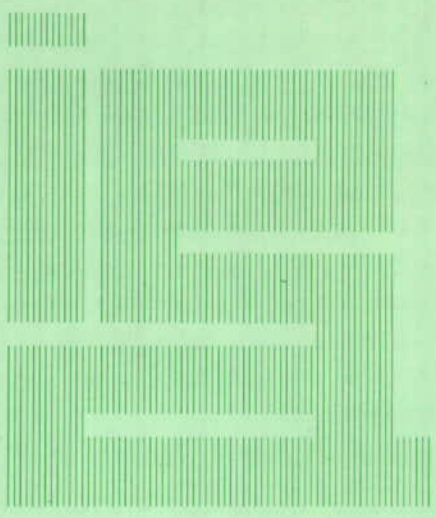
(7) Só foram realizadas estimativas "pessimista" e "média".

(8) Está computada a safra de inverno.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

RESULTADO ECONOMICO Y COSTO OPERACIONAL

3



3 - RESULTADO ECONÔMICO E CUSTO OPERACIONAL

Neste capítulo faz-se uma análise estimativa do resultado econômico das principais atividades agrícolas em 1974/75 e cálculo dos custos operacionais para 1975/76. Como no último ano, alguns custos operacionais são determinados por região, de acordo com as tecnologias utilizadas.

O custo operacional é a somatória dos encargos pagos pelo empresário (incluindo jûros bancários) mais a depreciação das máquinas e das árvores e estimativa do valor dos serviços da mão-de-obra familiar, se utilizada. Uma vez coberto esse custo operacional, o empresário terá condições mínimas de permanecer na atividade a curto prazo, repondo a maior parte do capital cuja vida útil chegou ao fim. A diferença entre o preço (ou receita média) recebido pelo produtor e o custo operacional estimado pelo IEA constitui um indicador do resíduo que, obviamente, deve ser positivo para remunerar o capital e o empresário. Do ponto de vista econômico, o agricultor procura maximizar esse resíduo visando não só uma taxa de rendimento ao capital empatado no conjunto das explorações do estabelecimento agropecuário, que compense o custo de oportunidade dos investimentos feitos, mas também uma remuneração satisfatória à sua própria atividade empresarial, como tomador de decisões e assumidor de riscos.

- Resultado Econômico 1974/75

Estimativas de custos operacionais de culturas anuais e perenes são feitas nos quadros 5 e 6. Os resultados econômicos das culturas anuais, café e laranja podem ser apreciados no quadro 7.

A mão-de-obra comum está calculada em Cr\$ 18,05 por dia, apresentando um aumento de cerca de 18% em relação àquele valor projetado para a mesma safra (1974/75) no último Prognóstico.

Os jûros bancários foram incluídos na base de 14% sobre a metade do valor desembolsado e levando em conta o ciclo produtivo da planta. No custo de formação das culturas perenes, porém, não se computou o item jûros pagos. O subsídio dado aos fertilizantes também só foi considerado nos custos operacionais de produção.

A exploração de maior custo por hectare é o tomate envarado, variedade Santa Cruz, Sêguem-no, por ordem decrescente, outras culturas intensivas como tomate envarado variedade caqui, batata e cebola.

Tomando-se como exemplo o algodão, o custo por hectare é da ordem de Cr\$ 3.247,00 para uma produtividade média de 105 arrobas/ha, e conseqüentemente um custo por arroba de mais ou menos Cr\$ 31,00. Considerando que o preço médio recebido pelo produtor seria de Cr\$ 36,00, chega-se a uma receita líquida de aproximadamente Cr\$ 5,00/arroba. Porém, não se deve esquecer que esses resultados são apenas indicativos e não têm a pretensão de refletir a realidade de cada produtor. Os custos variam de produtor para produtor dependendo de inúmeros fatores, como tamanho da área cultivada, tecnologia empregada, condições de fertilidade natural e proximidade de mercados, entre outros.

Das culturas relacionadas no quadro 7 somente o café demonstra resultado negativo para o resíduo nos níveis mais baixos de produtividade, devido ao ciclo bienal da cultura.

- Estimativas de Custo Operacional 1975/76

Essas estimativas são apresentadas nos quadros 8, 9 e 10.

Alguns custos operacionais para 1975/76 foram apresentados por região, já como resultado de pesquisa realizada pelo IEA. Na projeção dos custos, a mão-de-obra comum foi considerada à razão de Cr\$ 26,25 por dia e o tratorista a Cr\$ 39,38 por dia. Tais estimativas são baseadas na evolução do salário mínimo e procuram refletir o provável aumento no custo do fator.

A elevação dos custos operacionais para 1975/76 em relação aos de 1974/75 é da ordem de 39%, variando de 17% (milho) a 65% (trigo). Alguns produtos, como cebola e feijão, são apresentados com custos operacionais inferiores aos de 1974/75, devido ao uso dos coeficientes técnicos de produção atualizados por pesquisa recente nas principais regiões produtoras.

Entre os itens mais onerosos situam-se: a colheita no caso do algodão; as sementes para o amendoim e batata; a mão-de-obra para o arroz de sequeiro, cebola, feijão, mamona, mandioca e tomate; a colheita e o transporte para a cana; e o adubo para milho, trigo e soja.

Para o café, consideraram-se quatro níveis de produtividade por hectare (20, 15, 10 e 5 sacos beneficiados) e incluiu-se, diferentemente do que foi feito para outras culturas, despesas gerais e de administração. A depreciação para o café foi calculada a partir das máquinas utilizadas no processo de produção, das benfeitorias específicas (terreiro, lavador e tulha) e das árvores considerando a vida útil de 30 anos.

Em um grande resumo, pode-se dizer que para a safra vindoura os adubos e a mão-de-obra serão os itens que mais onerarão as atividades, salvo na ocorrência de fatos imprevisíveis a esta altura.

QUADRO 5. - Custo Operacional por Hectare e por Unidade Simples de Produção de Culturas Anuais, Estado de São Paulo, 1974/75
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade média do Estado		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação ⁽¹⁾ de máquinas	Outros ⁽²⁾	Colheita por empreita	Depreciação ⁽³⁾	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade										
Algodão (TMA)	105	arroba	574,43	64,35	1.102,88	300,33	248,33	101,62	735,00	120,50	3.247,44	30,93
Amendoim (TA)	63	25kg	431,76	462,52	502,88	179,40	14,08	80,65	455,00	37,50	2.163,79	34,35
Amendoim (TM)	82	25kg	275,98	402,84	732,38	187,26	266,42	53,27	533,00	96,08	2.547,23	31,06
Arroz sequeiro (TA)	24	60kg	947,26	82,50	429,00	87,81	14,64	258,22	-	39,74	1.859,17	77,47
Batata (TMM) ⁽⁴⁾	324	60kg	1.154,48	5.220,00	3.743,75	182,15	591,01	1.301,88	-	212,33	12.405,60	38,29
Batata (TAM) ⁽⁴⁾	181	60kg	1.342,56	2.970,00	2.171,38	138,15	42,16	914,38	-	117,51	7.696,14	42,52
Cana-de-açúcar(nova)(TMA) ⁽⁵⁾	85	t	543,12	333,31	1.703,86	158,72	383,76	230,50	1.989,00 ⁽⁶⁾	114,56	5.456,83	64,20
Cana-de-açúcar(soca)(TMA)	65	t	186,28	-	665,02	52,80	82,99	125,32	1.521,00 ⁽⁶⁾	25,35	2.658,76	40,90
Cana-de-açúcar(ressoca)(TM)	45	t	210,64	-	502,82	39,68	122,02	98,81	1.053,00 ⁽⁶⁾	35,84	2.062,81	45,84
Cebola (TM)	203	45kg	4.223,70	375,00	2.585,00	174,04	457,35	1.067,81	-	195,42	9.078,32	44,72
Feijão (TA)	13	60kg	466,23	248,00	681,39	25,15	11,61	137,18	-	25,82	1.595,38	122,72
Feijão (TMA)	14	60kg	324,36	223,20	681,39	25,15	155,40	113,43	-	60,74	1.583,67	113,12
Mamona (TAM)	1.500	kg	596,73	37,20	442,30	-	5,41	64,26	-	21,58	1.167,48	0,78
Mandioca (TA) ⁽⁵⁾	24	t	1.201,05	115,00	724,25	32,00	9,86	545,11	-	28,53	2.655,80	110,66
Milho (TM)	44	60kg	188,26	31,35	665,04	-	269,61	325,68	-	103,36	1.573,30	35,76
Soja (TMA)	30	60kg	472,01	108,53	367,95	79,52	68,08	74,47	-	60,36	1.230,92	41,03
Soja (TM)	30	60kg	134,29	108,53	629,82	79,52	189,38	23,66	-	78,38	1.243,58	41,45
Tomate Sta.Cruz envarado(TM)	1.705	cx.	14.787,10	197,14	10.804,20	2.629,38	1.396,66	18.554,91	-	1.170,98	49.540,37	29,06
Tomate caqui envarado (TM)	884	cx.	14.189,65	311,63	11.100,20	1.814,25	906,74	13.603,50	-	923,60	42.849,57	48,47
Tomate rasteiro (TM)	15,1	t	1.434,98	82,60	1.593,19	893,90	1.355,12	97,68	-	666,40	6.123,87	405,55
Trigo (TM) (ano 1974)	26	60kg	95,46	198,34	520,66	102,00	162,79	184,48	-	86,38	1.350,11	51,93

(1) Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

(2) Foram incluídos operação animal, sacaria e beneficiamento e juros bancários.

(3) Somente do capital em máquinas e animais.

(4) Tração mecanizada e animal na região de Itapetininga e tração animal e manual na região de Divinolândia.

(5) Cultura de ano e meio.

(6) Inclui também carregamento e transporte.

Obs: Tecnologia utilizada: TA = tração animal; TM = tração motomecanizada; TMA = tração motomecanizada e animal; TAM = tração animal e manual.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 6. - Custo Operacional por Hectare e por Unidade de Produção de Culturas Perenes, Estado de São Paulo, 1974/75
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade média do Estado		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação ⁽¹⁾ de máquinas	Outros ⁽²⁾	Depreciação ⁽³⁾	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade									
Abacaxi (TA)(Implantação e 2º ano) (4)	23.000	kg	3.408,38	3.615,50	723,16	103,43	23,64	1.016,45	37,69	8.928,25	0,39
Abacaxi (TM)(Implantação e 2º ano) (4)	24.500	kg	3.604,04	3.615,50	929,70	103,43	494,30	1.042,61	195,24	9.984,82	0,41
Abacaxi (TMM)(Implantação e 2º ano) (4)	23.800	kg	3.158,51	4.125,00	2.145,39	331,26	315,92	898,88	163,37	11.138,33	0,47
Banana na varzea	33	t	1.431,00	-	2.613,48	332,10	28,52	102,17	55,36	4.562,63	138,26
Banana no morro	32	t	1.529,54	-	2.681,07	332,10	36,46	109,62	70,74	4.759,53	148,74
Cafê formação (1º ao 4º ano) (1.000 covas)	-	-	3.096,00	680,00	3.114,78	-	414,22	326,60	159,53	7.791,13	7,79 ⁽⁶⁾
Cafê ⁽⁵⁾	25	60kg	2.902,60	18,00	2.157,76	823,20	171,67	881,42	754,70	7.709,35	308,37
Cafê ⁽⁵⁾	18,7	60kg	2.797,60	27,00	1.348,60	823,20	168,49	789,88	747,51	6.702,28	358,41
Cafê ⁽⁵⁾	12,5	60kg	2.287,60	36,00	941,08	823,20	165,38	661,88	678,31	5.593,45	447,48
Cafê ⁽⁵⁾	6,3	60kg	1.557,60	-	-	765,60	159,62	498,98	646,24	3.628,04	575,88
Figo formação (1º e 2º ano) (1.660 pés)	-	-	5.345,35	-	4.946,69	375,71	266,53	3.146,85	460,61	14.541,74	8,76 ⁽⁶⁾
Figo produção	6.308	engrad.	9.312,54	-	6.002,98	8.007,01	715,60	13.991,51	2.115,58 ⁽⁷⁾	40.145,22	6,36
Laranja formação (1º ao 4º ano) (200 pés)(TM)	-	-	1.204,71	1.050,00	2.393,12	981,22	1.070,33	-	482,94	7.182,32	35,91 ⁽⁶⁾
Laranja produção	400	cx.	309,99	-	836,80	400,41	355,40	52,77	521,07 ⁽⁷⁾	2.476,44	6,19
Maracujã formação(1.000 pés)	-	-	1.972,86	840,00	693,50	344,42	660,92	6.106,32	256,99	10.875,01	10,88 ⁽⁶⁾
Maracujã produção	875	cx.	1.299,60	-	1.866,00	736,53	977,72	162,69	2.487,22 ⁽⁷⁾	7.529,76	8,61
Uva niagara formação (1º ao 3º ano) (4.000 pés)	-	-	15.247,74	1.760,00	17.986,00	1.953,42	641,17	8.340,82	283,24	46.212,39	11,55 ⁽⁶⁾
Uva niagara produção (4.000 pés)	1.715	cx.	6.117,15	-	7.143,00	902,19	306,20	5.931,54	2.722,89 ⁽⁷⁾	23.122,97	13,48

(1) Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

(2) Foi incluída operação animal, juros bancários e para café, administração e despesas gerais.

(3) Somente do capital em máquinas, exceto para café que inclui o capital em benfeitorias específicas e cafezal.

(4) Cultura de abacaxi - semi-perene - tração animal (TA) e mecanizada (TM) na região de Bauru e mecanizada e manual (TMM) no Vale do Ribeira.

(5) Inclui-se controle à ferrugem utilizando pulverizador acoplado a micro-trator, usando 4kg de fungicida por vez, em 6 pulverizações ao ano.

(6) Custo de formação por unidade de pé (1.000, 1.660, 200, 1.000 e 4.000 pés) conforme cada caso.

(7) Inclui depreciação do pomar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 7. - Resultado Econômico por Hectare de Diferentes Atividades Agrícolas, Estado de São Paulo, 1974/75
(em cruzeiro)

Cultura	Rendimento ⁽¹⁾		Receita		Custo operacional		Receita líquida ⁽²⁾	
	Por ha	Unidade	Por ha	Por unidade	Por ha	Por unidade	Por ha	Por unidade
Algodão (TM)	105	arroba	3.780,00	36,00	3.247,44	30,93	532,56	5,07
Amendoim (TA)	63	25kg	2.772,00	44,00	2.163,79	34,35	608,21	9,65
Amendoim (TM)	82	25kg	3.608,00	44,00	2.547,23	31,06	1.060,77	12,94
Arroz sequeiro (TA)	24	60kg	3.120,00	130,00	1.859,17	77,47	1.260,83	52,53
Banana varzea (CM)	33	t	13.200,00	400,00	4.562,63	138,26	8.637,37	261,74
Banana morro (CM)	32	t	12.800,00	400,00	4.759,53	148,74	8.040,47	251,26
Batata das águas (TMA)	324	60kg	18.014,40	55,60	12.405,60	38,29	5.608,80	17,31
Batata das águas (TAM)	181	60kg	10.063,60	55,60	7.696,14	42,52	2.367,46	13,08
Café (3)	25	60kg	9.375,00	375,00	7.709,35	308,37	1.665,65	66,63
Café (3)	18,7	60kg	7.012,50	375,00	6.702,28	358,41	310,22	16,59
Café (3)	12,5	60kg	4.687,50	375,00	5.593,45	447,48	-905,95	-72,48
Café (3)	6,3	60kg	2.362,50	375,00	3.628,04	575,88	-1.265,54	-200,88
Cana-de-açúcar (nova) (TM) (4)	85	t	6.800,00	80,00	5.456,83	64,20	1.343,17	15,80
Cana-de-açúcar (soca) (TM)	65	t	5.200,00	80,00	2.658,76	40,90	2.541,24	39,10
Cana-de-açúcar (ressoca) (TM)	45	t	3.600,00	80,00	2.062,81	45,84	1.537,19	34,16
Cebola (TM)	203	45kg	13.316,80	65,60	9.078,32	44,72	4.238,48	20,88
Feijão (TA)	13	60kg	2.145,00	165,00	1.595,38	122,72	549,62	42,28
Feijão (TMA)	14	60kg	2.310,00	165,00	1.583,67	113,12	726,33	51,88
Laranja produção	400	cx.	3.040,00	7,60	2.476,44	6,19	563,56	1,41
Mamona (TAM)	1.500	kg	1.650,00	1,10	1.167,48	0,78	482,52	0,32
Mandioca (TA) (4)	24	t	3.969,60	165,40	2.655,80	110,66	1.313,80	54,74
Milho (TM)	44	60kg	1.672,00	38,00	1.573,30	35,76	98,70	2,24
Soja (TM)	30	60kg	2.250,00	75,00	1.243,58	41,45	1.006,42	33,55
Tomate rasteiro (TM)	15,1	t	7.248,00	480,00	6.123,87	405,55	1.124,13	74,45
Tomate envarado caqui (TM)	884	cx.	47.780,20	54,05	42.849,57	48,47	4.930,63	5,58
Tomate envarado Sta.Cruz (TM)	1.705	cx.	59.845,50	35,10	49.540,37	29,06	10.305,13	6,04
Trigo (TM) (ano 1974)	26	60kg	2.184,00	84,00	1.350,11	51,93	833,89	32,07

(1) Rendimento estimado para o ano agrícola 1974/75, e variando segundo a tecnologia.

(2) Receita líquida = receita menos custo operacional.

(3) Inclui-se custo de combate à ferrugem com pulverizador acoplado ao micro-trator.

(4) Cultura de ano e meio.

Obs: Tecnologia utilizada: TA = tração animal; TM = tração motomecanizada; CM = com uso de técnica moderna; TMA = tração motomecanizada e animal; TAM = tração animal e manual.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 8. - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidade Simples de Produção de Culturas Anuais, Estado de São Paulo, 1975/76
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas (1)	Outros (2)	Colheita por empreita	Depreciação (3)	Custo por Hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade										
Algodão (TMA)	120	arroba	722,14	96,03	774,91	691,59	414,70	353,47	1.320,00	140,34	4.513,18	37,61
Amendoim (TA)	70	25kg	627,90	756,00	583,92	214,52	19,82	208,89	595,00	53,92	3.059,97	43,71
Amendoim (TM)	87	25kg	441,93	858,00	583,92	229,62	338,02	134,60	739,50	123,78	3.449,37	39,65
Arroz sequeiro (TMA)	31	60kg	1.252,92	145,20	355,05	133,63	153,16	382,83	-	89,87	2.512,66	81,05
Batata (TMM) (4)	372	60kg	1.765,74	5.123,14	2.652,51	215,09	752,39	2.055,14	-	295,77	12.859,78	34,57
Batata (TAM) (4)	207	60kg	1.952,48	2.914,89	1.524,24	163,14	55,75	1.335,60	-	116,73	8.062,83	38,95
Cana-de-açúcar (nova) (TM) (5)	103	t	775,06	967,20	1.410,53	205,55	632,45	595,61	2.708,90 (6)	228,24	7.532,54	73,04
Cana-de-açúcar (soca) (TM)	62	t	317,11	-	708,73	7,55	204,51	338,11	1.630,60 (6)	72,77	3.279,38	52,89
Cana-de-açúcar (ressoca) (TM)	50	t	317,11	-	708,73	7,55	215,30	315,29	1.315,00 (6)	72,77	2.951,75	59,04
Cebola de muda (TM) (Sub-região Casa Branca)	230	45kg	2.217,88	2.407,50	2.197,70	456,52	443,38	1.504,26	-	177,62	9.404,86	40,89
Cebola de muda (TA) (Sub-região Sorocaba)	307	45kg	3.514,88	1.612,80	1.720,13	850,87	138,19	2.000,62	-	107,23	9.944,72	32,39
Cebola de muda (TM) (Sub-região Sorocaba)	281	45kg	3.087,81	1.612,80	2.321,62	447,07	718,99	1.915,96	-	230,87	10.335,12	36,78
Cebola de bulbilho (TA) (Sub-região Sorocaba)	173	45kg	3.897,60	3.231,20	2.045,09	425,17	324,50	1.624,26	-	180,97	11.728,79	67,80
Cebola de bulbilho (TM) (Sub-região Sorocaba)	248	45kg	4.365,02	3.231,20	3.572,78	702,91	1.135,57	2.167,63	-	393,45	15.568,56	62,78
Feijão das águas (TA) (Sub-região Itapeva e Avaré)	9	60kg	453,86	135,28	172,40	42,33	8,58	192,71	-	19,94	1.025,10	113,90
Feijão das águas (TMA) (Sub-região Itapeva e Avaré)	9	60kg	402,16	134,36	194,47	42,33	183,22	109,11	-	73,75	1.139,40	126,60
Feijão da seca (TA) (Sub-região Itapeva e Avaré)	12	60kg	527,63	116,68	182,91	58,84	9,11	245,53	-	22,29	1.162,99	96,92
Feijão da seca (TMA) (Sub-região Itapeva e Avaré)	12	60kg	438,26	140,68	207,08	58,84	241,04	132,91	-	93,99	1.312,80	109,40
Mamona (TA)	28	60kg	867,83	37,20	404,18	-	8,80	178,87	-	32,80	1.529,68	54,63
Mandioca (TA) (5)	29	t	1.746,68	149,50	707,55	75,00	14,14	533,20	-	40,99	3.267,06	112,66
Milho (TM)	50	60kg	279,58	42,37	549,31	-	351,63	496,28	-	141,98	1.861,15	37,22
Soja (TM)	33	60kg	235,35	227,20	429,96	64,89	254,38	63,43	-	117,93	1.393,14	42,22
Tomate Santa Cruz envarado (TM)	1.715	cx.	21.649,75	303,92	10.484,33	3.236,93	1.753,39	23.904,86	-	1.365,79	62.698,97	36,56
Tomate Caqui envarado	930	cx.	20.715,62	360,32	11.556,52	2.513,09	1.135,98	19.351,61	-	1.059,87	56.693,01	60,96
Tomate rasteiro (TM)	18,6	t	2.162,77	15,28	1.177,20	1.055,60	1.622,47	279,63	-	527,84	6.840,79	367,78
Trigo (TM) (ano 1975)	29,5	60kg	69,32	375,00	387,66	121,86	382,28	268,39	-	260,52	1.865,03	63,22

(1) Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

(2) Foram incluídos operação animal, sacaria e beneficiamento e juros bancários.

(3) Somente do capital em máquinas e animais de trabalho.

(4) Tração mecanizada e animal na região de Itapetininga e tração animal e manual na região de Divinolândia.

(5) Cultura de ano e meio.

(6) Inclui também carregamento e transporte.

Obs: Tecnologia utilizada: TA = tração animal; TM = motomecanizada; TMA = tração motomecanizada e animal; TAM = tração animal e manual.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 9. - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidades Simples de Produção de Culturas Perenes, Estado de São Paulo, 1975/76
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas (1)	Outros(2)	Depreciação (3)	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade									
Abacaxi (TA) (Implantação e 2º ano) (4)	23.000	kg	4.956,79	4.338,60	607,45	197,95	32,27	1.333,31	76,00	11.542,37	0,50
Abacaxi (TM) (Implantação e 2º ano) (4)	24.500	kg	5.313,03	4.338,60	780,95	192,85	613,23	1.412,32	243,16	12.894,14	0,53
Abacaxi (TMM) (Implantação e 2º ano) (4)	23.200	kg	4.638,78	4.950,00	1.593,53	478,99	394,34	1.543,36	160,78	13.759,78	0,59
Banana na varzea	33	t	2.081,12	-	1.921,66	455,10	43,24	629,12	9,34	5.139,58	155,74
Banana no morro	32	t	2.168,78	-	1.971,35	455,10	55,25	648,52	11,94	5.310,94	165,97
Cafê formação - 1º ao 4º ano (1.000 covas)	10	60kg	5.849,76	990,00	5.364,62	1.222,56	938,08	-	405,88	14.770,90	14,77 ⁽⁶⁾
Cafê (5)	20	60kg	3.370,73	20,00	1.293,60	911,95	261,32	1.417,22	857,57	8.132,39	406,62
Cafê (5)	15	60kg	3.253,73	30,00	800,04	911,95	259,57	1.179,22	850,75	7.285,26	485,68
Cafê (5)	10	60kg	2.985,61	40,00	562,32	911,95	232,22	1.000,86	742,14	6.475,10	647,51
Cafê (5)	5	60kg	2.099,23	-	-	872,85	203,12	612,28	706,01	4.493,49	898,70
Figo formação - 1º e 2º ano (1.660 pés)	-	-	7.748,88	-	5.279,60	2.197,99	482,00	4.427,25	137,12	20.272,84	12,21 ⁽⁶⁾
Figo produção	6.204	engrad.	13.543,16	-	5.641,07	7.812,00	1.084,57	23.486,19	1.289,18 ⁽⁷⁾	52.856,17	8,52
Laranja formação - 1º ao 4º ano (200 pés) TM)	-	-	2.422,94	750,00	2.505,03	1.189,83	1.295,01	-	542,48	8.705,29	43,53 ⁽⁶⁾
Laranja produção	400	cx.	671,76	-	866,00	572,64	374,06	253,81	606,35 ⁽⁷⁾	3.344,62	8,36
Maracujá formação (1.000 pés)	-	-	2.964,97	987,00	1.152,55	128,43	836,26	14.815,30	390,35	21.274,86	21,27 ⁽⁶⁾
Maracujá produção	875	cx.	2.021,30	-	1.671,48	999,22	1.158,42	644,30	3.390,62 ⁽⁷⁾	9.885,34	11,30
Uva niagara formação - 1º ao 3º ano (4.000 pés)	-	-	22.443,84	680,00	26.654,00	2.652,14	903,42	17.766,15	478,58	71.578,13	17,89 ⁽⁶⁾
Uva niagara produção	2.000	cx.	8.999,85	-	7.792,80	1.226,05	398,81	7.910,11	2.827,87 ⁽⁷⁾	29.155,49	14,58

(1) Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

(2) Foi incluída operação animal, juros bancários e no café administração e despesas gerais.

(3) Somente do capital em máquinas, exceto para café que inclui benfeitorias específicas e cafezal.

(4) Cultura do abacaxi - semi-perene - tração animal (TA) e mecanizada (TM) na região de Bauru e mecanizada e manual (TMM) no Vale do Ribeira.

(5) Incluiu-se controle à ferrugem utilizando pulverizador acoplado a micro-tractor, usando 4kg de fungicida por vez, em 6 pulverizações por ano.

(6) Custo de formação por unidade de pé (1.000, 1.660, 200, 1.000 e 4.000 pés) conforme cada caso. Não foi incluído juros bancários e subsídios de 40% a fertilizantes.

(7) Inclui depreciação do pomar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 10. - Estimativa de Custo Operacional e Análise da Renda por Litro de Leite Produzido, em Diferentes Tamanhos de Produção, na Região do Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, Maio de 1975

Item	Tamanho (1)		
	Pequeno	Médio	Grande
	-Cr\$/litro-		
A - Renda			
Valor do litro de leite	1,350	1,350	1,350
Outros rendimentos (2)	<u>0,250</u>	<u>0,244</u>	<u>0,242</u>
Total	1,600	1,594	1,592
B - Custo operacional			
Mão-de-obra contratada	0,175	0,273	0,249
Alimento comprado	0,082	0,085	0,115
Forragem verde	0,214	0,156	0,121
Sais minerais	0,018	0,025	0,031
Sal comum	0,014	0,016	0,021
Vacinas	0,011	0,015	0,012
Medicamentos	0,029	0,022	0,014
Combustível e lubrificante (3)	0,120	0,119	0,069
Funrural	0,027	0,027	0,027
Transporte	0,084	0,084	0,019
Reparos de máquinas e benfeitorias (3)	<u>0,250</u>	<u>0,182</u>	<u>0,159</u>
Custo operacional efetivo	1,024	1,004	0,837
Mão-de-obra familiar	0,585	0,262	0,036
Depreciação de máquinas e benfeitorias	<u>0,164</u>	<u>0,125</u>	<u>0,107</u>
Custo operacional total	1,773	1,391	0,980
A-B=Resíduo disponível para remunerar capital e empresário	-0,173	0,203	0,612

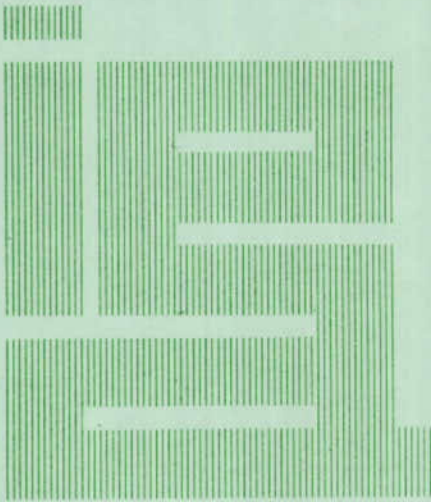
(1) A "pequena" exploração produz menos de 100 l/dia; a "média" de 100 a 300 l/dia; e a "grande" acima de 300 l/dia.

(2) Créditos da exploração (venda de animais, de esterco e sacaria usada, por exemplo).

(3) Despesa rateada proporcionalmente à renda das atividades da empresa.

MERCADOS DE FACTORES

4



4 - MERCADOS DE FATORES

- Fertilizantes

- Panorama internacional

Após um ano (1973/74) que se caracterizou por um excesso de procura e, conseqüentemente, alta desusada de preços, o mercado internacional teve um comportamento bastante regular em 1974/75.

A análise do ano 1973/74 revela que algumas regiões do Mundo apresentaram déficit no seu suprimento, mormente aquelas em desenvolvimento que, em sua grande maioria, dependem de importações para formação da oferta doméstica global. Em 1974/75 houve, porém, uma estabilização nas quantidades demandadas o que propiciou um melhor equilíbrio entre oferta e procura e a atenuação da tendência altista dos preços. Aliás, no segundo semestre de 1974 os preços apresentaram uma certa estabilidade, com tendência de declínio no primeiro semestre de 1975.

Pelas estimativas de consumo e produção mundial (quadro 11) verifica-se que, em 1974, ano em que os preços alcançaram os níveis mais altos, houve um razoável equilíbrio entre oferta e procura. Dessa forma, a alta de preços verificada estaria mais relacionada com manobras especulativas do que propriamente com o enfraquecimento da oferta de fertilizantes.

Ao analisar a evolução dos preços pagos pelo agricultor norte-americano, no período 1967-74, verifica-se que os mesmos apresentaram tendência a decréscimo, até 1969, para os fosfatados ⁽¹⁾ e potássicos, e até 1970 para os nitrogenados ⁽²⁾. A partir de então, verificou-se uma elevação nos preços que, somente em 1973, para os fosfatados e potássicos, e em 1974, para os nitrogenados, conseguiram ultrapassar os índices de 1967 (quadro 12).

⁽¹⁾ Representados, nesta análise, pelo superfosfato concentrado.

⁽²⁾ Representados pela amônia anidra.

No período em análise, o preço dos nitrogenados cresceu 61,9%, dos fosfatados 78,4% e dos potássicos 39,0%. É de se notar, contudo que, nesse último ano, o maior acréscimo verificou-se para os nitrogenados (108,9%) enquanto os fosfatados cresceram 71,4% e os potássicos 32,2%. Se se considerar os índices de preços mais baixos da série e compará-los aos de 1974, verifica-se que os nitrogenados cresceram 144,0% no período 1970-74 e os fosfatados e potássicos tiveram crescimentos de 102,7% e 70,1%, respectivamente, no período 1969-74.

Para 1975, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos ⁽³⁾ estimou que a oferta no mercado interno norte-americano seria acrescida de 14% para os fosfatados, 6% para os nitrogenados e 5% para os potássicos. O menor aumento para os potássicos deve-se a suficiente disponibilidade desse nutriente no ano anterior e a relativa facilidade com que se processam ajustamentos na sua produção. Já para os nitrogenados, tal fato está ligado às dificuldades da indústria em levar a cabo este ajustamento a curto prazo. Dessa forma, esperava-se que os preços dos fosfatados e potássicos se mantivessem estáveis ou com ligeira tendência de baixa, enquanto que os nitrogenados poderiam apresentar ligeira alta no mercado doméstico daquele País.

É pouco provável que, em média, o ano de 1975 apresente preços superiores aos de 1974. A tendência atual do mercado externo é de baixa em virtude dos volumosos estoques nas regiões produtoras e da recessão econômica mundial que marcou o ano de 1974, com reflexos, embora atenuados, em 1975.

Neste momento, em que o Governo Brasileiro estabeleceu meta para tornar o País auto-suficiente na produção de fertilizantes, precisarão também proteger a indústria nacional, face aos preços aviltados no mercado externo, sem contudo, permitir a deterioração da relação de preços insumo/produto para a agricultura.

- Situação interna

Exceção feita a 1974, o consumo aparente de fertilizantes vem experimentando taxas elevadas de crescimento (quadro 13). Os dados estatísticos usados para avaliar esse ritmo de crescimento contêm correções ainda que aproximadas, relativas à transferência de estoques nos anos de 1972 e 1974.

O quadro 13 indica, em 1974, uma redução de 10,2% no consumo nacional de fertilizantes, relativamente a 1973. As causas do arrefecimento no consumo teriam sido, essencialmente, determinadas pelos altos níveis de preços alcançados até o terceiro trimestre de 1974. Tal conjuntura resultou num acréscimo do dispêndio com importações de fertilizantes, em 1974, da ordem de 155,7% enquanto seu volume crescia apenas em 5,5%.

Relativamente aos nutrientes, o maior crescimento no dispêndio com importações foi verificado para os nitrogenados (253,3%), contra um aumento de 14,8% no volume importado. Os fosfatados experimentaram decréscimo no volume importado (-8,0%) enquanto que os

⁽³⁾ U.S. Department of Agriculture, "Demand and Price Situation", fevereiro, 1975.

gastos cresceram 143,6%. Já os potássicos tiveram crescimento mais moderado, com sua importação crescendo 13,5% em volume e 92,7% em valor (quadro 14). Esses percentuais evidenciam que as maiores altas de preço no mercado internacional foram verificadas para os nitrogenados e as menores para os potássicos, confirmando assim as previsões do Prognóstico 1974/75.

Embora a produção nacional tenha alcançado, em 1974, o seu maior índice de participação no consumo aparente (32,4%) o valor das importações de fertilizantes também atingiu, naquele ano, o seu nível máximo (US\$ 519 milhões), representando essa cifra mais de 10% do déficit da nossa balança comercial e cerca de 4% do valor total das importações. Face a essa conjuntura desfavorável, relacionada com a balança comercial, e a grande dependência do Brasil dos seus tradicionais fornecedores, quer seja de matéria-prima ou do produto acabado, é que o Governo Federal vem, há muitos anos, se preocupando com o fortalecimento da oferta doméstica de fertilizantes. Inicialmente, a meta até meados de 1974 fora bem modesta, com investimentos previstos de US\$ 260 milhões, visando a incrementar a produção nacional em 200 mil toneladas de N e 480 mil toneladas de P_2O_5 . Com essa produção adicional, o País ainda chegaria, em 1980, com déficit substancial, estimado pelo Programa Nacional de Fertilizantes e Calcário em 1.044 mil toneladas de N, 819 mil toneladas de P_2O_5 e um milhão de toneladas de K_2O . O plano atual, porém, é muito mais ambicioso e prevê aplicação de US\$ 1,3 bilhão, esperando-se chegar, em 1980, com os resultados constantes do quadro 15, que indicam excedentes de 36 mil toneladas de N e 311 mil toneladas de P_2O_5 , assim como completa auto-suficiência na produção de K_2O .

A consecução desse Programa está condicionada a algumas realizações, de resultados ainda imprevisíveis: pesquisa de gás natural na Região Nordeste; viabilidade de aproveitamento do gás boliviano; pesquisa do aproveitamento de gás a partir do xisto de Iratí; e conhecimento mais profundo das reservas existentes de fosfatados e potássicos, entre outras.

Para proteger a indústria nacional, o Conselho de Política Aduaneira do Ministério da Fazenda estabelece, periodicamente, dependendo das necessidades dessa proteção, o contingenciamento regionalizado, o qual leva em consideração os níveis de consumo e produção nacional. Desses dois parâmetros básicos, resulta a fixação dos percentuais de nitrogenados e fosfatados, expressos em teor de N e P_2O_5 de produto nacional, a serem adquiridos para fazer jus à compra de volume proporcional no exterior, sem a incidência do imposto de importação. Nesse sistema, o potássio ainda não é considerado em virtude da inexistência da produção doméstica desse nutriente. Todavia, é provável que assim que se inicie a produção doméstica de adubos potássicos, tal sistema seja estendido aos mesmos.

Por outro lado, para garantir uma demanda sempre crescente desse insumo, o Governo Federal vem adotando um esquema de subsídio ao agricultor, na forma de crédito, desde 1966. Em um primeiro período desse esquema (1966-69), os encargos bancários incidentes sobre os empréstimos eram totalmente subsidiados. No segundo período, que vigorou de 1970 até meados de 1974, adotou-se uma política de subsídio parcial desses encargos, porém, estendendo-se o sistema a outros insumos modernos (defensivos agrícolas, sementes melhoradas, calcário, etc).

De julho a dezembro de 1974, face a expressiva alta nos preços, o Governo Federal restabeleceu, para fertilizantes, o subsídio integral dos encargos bancários. Entretanto,

mesmo com essa medida, a procura não reagiu significativamente aos níveis da oferta existente. Esse fato levou o Governo a adotar nova medida objetivando fortalecer a procura por fertilizantes, estabelecendo, em abril último, com efeito retroativo até janeiro, um sistema de subsídio de 40% do faturamento, voltando contudo, a incidir sobre esse faturamento, os encargos bancários de 15% ao ano.

Ainda, objetivando proteger o agricultor, o Governo Federal instituiu a Lei nº 6.138, sobre inspeção e fiscalização do comércio de fertilizantes, corretivos e inoculantes destinados a agricultura. Nessa nova lei, além das garantias terem sido aprimoradas, as penalidades agora impostas às firmas vendedoras são bem mais rigorosas, com sistema de multa baseado em proporções do maior salário mínimo vigente no País, podendo ir, de acordo com a infração, até a cassação do registro da firma. O Decreto nº 75.583, que regulamenta a Lei nº 6.138, entrou em vigor em 10/07/75. Cogita-se, também, do Conselho Interministerial de Preços (CIP) passar a controlar os preços internos de fertilizantes. Tal medida, caso venha a se concretizar, objetivará proteger o agricultor de altas anormais dos preços e, somada as outras já em execução, certamente concorrerá para o fortalecimento da procura de fertilizantes.

Nos dois últimos anos e no primeiro semestre de 1975, o maior acréscimo nos preços, em termos médios, foi verificado para os nitrogenados, seguidos de perto pelos fosfatados e, em menor escala, pelos potássicos. A análise da relação de consumo entre os nutrientes básicos (N:P:K) revela que, nesses dois últimos anos (de preços altos) os maiores ganhos relativos foram obtidos pelos potássicos, seguidos dos fosfatados, verificando-se perda de participação para os nitrogenados (quadro 16). A relação de consumo, que era de 1,00 : 1,99:0,99 em 1972, evoluiu para 1,00:2,32:1,53 em 1973 e para 1,00:2,69:1,60 em 1974. Isto parece evidenciar que a relação de consumo dos nutrientes é também fortemente influenciada pelos níveis de preços.

O consumo aparente no Estado de São Paulo, a exemplo do que vem ocorrendo no Brasil, tem apresentado expressivo crescimento nesses últimos anos, exceção feita ao ano de 1974. Naquele ano, o consumo caiu em 10,2% (102,0 kg/ha contra 113,6 kg/ha em 1973) quando se considera a área total cultivada e aumentou em 4,4% quando se considera a área cultivada mais pastagem formada. Para tanto teriam contribuído as relações de preço produto-produto e fertilizante-produto. Em 1975, face a um comportamento de mercado mais estável, aliado ao esforço do Governo em diminuir o "peso" dos fertilizantes no custo de produção, através do subsídio direto nos preços, espera-se que o consumo por unidade de área volte a registrar valor semelhante ao de 1973, situando-se em torno de 114 kg/ha (quadro 17).

A evolução dos preços no período 1967-75, referida ao índice real, apresentou tendência decrescente até 1972, sendo bem mais acentuada em 1970, quando o índice médio chegou ao ponto mínimo. Em 1971, já se verificou uma tendência de alta a qual progrediu em 1972 e 1973, alcançando, em 1974, o seu nível máximo (quadro 18).

Em 1975, embora com dados ainda preliminares, nota-se uma certa estabilidade nos preços ou mesmo tendência decrescente, dependendo de como se procede a análise.

Acrescente-se que determinadas políticas governamentais dirigidas ao setor têm-se refletido em diminuição no custo final deste insumo. No primeiro semestre de 1975, ape-

sar dos encargos bancários terem voltado a incidir nas operações a crédito, a taxa de 15% ao ano, houve um subsídio direto nos preços de 40%. Tal política, quando comparada com aquela vigente no final de 1974 representa, a grosso modo, um decréscimo no preço corrente de 25% para as operações a crédito bancário.

Dessa forma, a análise de preços para o período mais recente deve contemplar várias situações. A primeira, de uma simples evolução nos preços sem interferência governamental. Nesse caso, ter-se-ia verificado uma evolução nos preços correntes de 19,0%, passando de Cr\$ 14.319,00/10t, em 1974, para Cr\$ 17.040,00/10t no primeiro semestre de 1975; o preço real permaneceria em nível semelhante ao de 1974, com acréscimo de apenas 0,6%.

Numa segunda situação, em que se consideram as compras realizadas com recursos próprios, o benefício do subsídio seria total (40%) e o preço médio corrente cairia, de 1974 para o primeiro semestre de 1975, de Cr\$ 17.040,00/10t para Cr\$ 10.224,00/10t. Isto representa um decréscimo no preço corrente de 28,6% e no real de 39,6%.

Entretanto, como a grande maioria das operações se realiza via crédito, a estimativa que mais se aproximaria da realidade seria a que levasse em consideração os resultados dessas políticas. Assim, o ano de 1974 é dividido para efeito dessa análise em dois períodos: primeiro semestre, quando a incidência de encargos bancários, através do programa "FUNDAG" era de 7% ao ano, e o segundo semestre, quando se verificou a isenção total desse encargo. O preço médio para esse ano, fazendo-se tais considerações, seria de Cr\$14.750,00/10t. Já no primeiro semestre de 1975, com a volta dos encargos bancários de 15% ao ano e o subsídio nos preços de 40%, o preço médio pago pelo agricultor se situaria em torno de Cr\$ 12.780,00/10t. Isto representaria um decréscimo, nos primeiros 6 meses de 1975, relativamente à média de 1974, de 13,4% no preço corrente e de 26,7% no preço real (quadro 19).

Os possíveis resultados dessa política são evidenciados no quadro 20. Nesse quadro, verifica-se que, em 1974, as relações de preços produto-fertilizante foram bastante desfavoráveis ao agricultor, chegando-se às quantidades máximas de produto necessárias para adquirir uma tonelada de fertilizantes. Os dados preliminares de 1975 mostram, em geral, uma inversão dessa relação, desta feita favorável ao agricultor. Considerando-se o subsídio e a compra efetuada com recursos próprios, ter-se-ia a relação insumo-produto modificada, para o arroz, do índice 170 em 1974 ao índice 70 em 1975, para o milho de 155 a 72, para o café de 100 a 75, para a soja de 140 a 80 e para o algodão de 117 a 91.

No procedimento mais provável, que é o da compra a crédito, esse índice cairia de 170 para 90 no arroz, de 155 para 90 no milho, de 140 para 100 na soja e de 117 para 114 no algodão (base 1967=100). Contudo, a continuidade de tais relações em 1975 vai depender, além do preço do produto, das alterações que possam ser introduzidas na política de fertilizantes, quer com respeito ao subsídio no preço, quer em relação a reação do mercado ao contingenciamento imposto ao produto importado.

Finalmente, deve-se destacar que as compras de fertilizantes via crédito beneficiam o agricultor duplamente, pelo subsídio direto ao valor financiado (25% aproximadamente) e pela possibilidade de emprego alternativo dos recursos próprios.

QUADRO 11. - Estimativa da Produção e Consumo Mundial de Fertilizante, em Termos de Nutrientes, 1974
(1.000t)

Região	Nitrogênio (N)		Fósforo (P ₂ O ₅)		Potássio (K ₂ O)	
	Produção	Consumo	Produção	Consumo	Produção	Consumo
Desenvolvida (1)	36.060	28.539	22.451	20.286	21.364	17.314
Em desenvolvimento (2)	5.073	7.429	2.437	3.488	335	1.848
Outras (3)	1.359	4.621	1.286	1.332	100	226
Total	42.492	40.589	26.174	25.106	21.799	19.388

(1) América do Norte, Europa Ocidental, Europa Oriental, URSS, Japão, Israel, África do Sul e Oceania.

(2) América Latina, África em desenvolvimento, e Ásia em desenvolvimento.

(3) República Popular da China, Formosa, Vietnã do Norte, Coreia do Norte e Mongólia.

Fonte: United States Senate, Committee on Agriculture and Forestry, "US and World Fertilizer Outlook, 1974".

QUADRO 12. - Preço Médio de Fertilizantes Pago pelo Agricultor Norte-Americano, 1967-74
(US\$/tonelada)

Ano	Amônia anidra		Superfosfato concentrado		Potássio	
	Preço	Índice	Preço	Índice	Preço	Índice
1967	113,00	100,0	84,10	100,0	58,50	100,0
1968	91,40	80,9	78,40	93,2	49,10	83,9
1969	75,60	66,9	74,00	88,0	47,80	81,7
1970	75,00	66,4	75,10	89,3	50,90	87,0
1971	79,30	70,2	76,60	91,1	58,20	99,5
1972	80,00	70,8	78,00	92,7	58,80	100,5
1973	87,60	77,5	87,50	104,0	61,50	105,1
1974	183,00	161,9	150,00	178,4	81,30	139,0

Fonte: U.S. Department of Agriculture, "Agriculture Handbook 477", outubro de 1974.

QUADRO 13. - Consumo Nacional de Fertilizantes em Termos de Nutrientes, 1969-75
(tonelada)

Ano	N	P ₂ O ₅	K ₂ O	Total	Variação (%)
1969	165.332	265.761	195.657	626.750	+ 4,0
1970	275.936	395.938	306.693	978.567	+ 56,1
1971	291.975	486.127	347.902	1.126.004	+ 12,7
1972 (1)	363.082	721.824	361.636	1.446.542	+ 28,5
1973	407.704	948.011	623.431	1.979.146	+ 36,8
1974 (1)	335.774	902.504	538.304	1.776.582	- 10,2
1975 (2)	378.000	1.016.000	606.000	2.000.000	+ 12,6

(1) Foram transferidas para o consumo de 1973 e 1975, 300 mil toneladas estocadas em 1972 e 200 mil toneladas em 1974, respectivamente.

(2) Previsões.

Fonte: Sindicato da Indústria de Adubos e Colas do Estado de São Paulo e Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA).

QUADRO 14. - Valor e Quantidade da Importação de Fertilizantes, Brasil, 1973-74

Produto	1973		1974	
	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)
Nitrogenados	39.478	231.764	139.491	266.019
Fosfatados	126.750	471.751	308.726	434.316
Potássicos	36.841	528.532	70.989	599.962
Total	203.069	1.232.047	519.206	1.300.297

Fonte: ANDA - Associação Nacional para Difusão de Adubos. Seminário Técnico ANDA/ISMA, abril 1975.

QUADRO 15. - Balanço da Situação em 1980, Após a Implantação do Programa Nacional de Fertilizantes e Calcário
(1.000t)

Especificação	N	P ₂ O ₅	K ₂ O	NPK
Deficit em 1980, anteriormente previsto	1.044	819	1.000	2.863
Capacidade adicional, após aplicação do Programa	1.080	1.130	1.000	3.210
De implantação imediata	540	330	1.000	1.870
De implantação condicional	540	800	-	1.340
Balanço	+36	+311	-	+347

Fonte: Programa Nacional de Fertilizantes.

QUADRO 16. - Evolução das Relações entre os Nutrientes Básicos (N, P₂O₅, K₂O) na Formação do Consumo Brasileiro de Fertilizantes, 1969-74

Ano	N	P ₂ O ₅	K ₂ O
1969	1,00	1,61	1,18
1970	1,00	1,43	1,11
1971	1,00	1,66	1,19
1972	1,00	1,99	0,99
1973	1,00	2,32	1,53
1974	1,00	2,69	1,60

Fonte: Quadro 13.

QUADRO 17. - Evolução do Consumo por Hectare de Fertilizantes (N+P₂O₅+K₂O) no Estado de São Paulo, 1969-75

Ano	Em relação à área cultivada ⁽¹⁾ (kg/ha)	Índice (1969=100)	Em relação à área cultivada mais área de pastagem artificial (kg/ha)	Índice (1969=100)
1969	51,9	100	24,7	100
1970	69,1	133	30,7	124
1971	81,2	156	36,7	148
1972	93,6	180	39,8	161
1973	113,6	219	47,9	194
1974 ⁽²⁾	102,0	196	50,0	202
1975 ⁽²⁾	114,0	220	49,4	200

⁽¹⁾ Área cultivada inclui culturas anuais, culturas perenes e terras em descanso.

⁽²⁾ Previsão.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 18. - Evolução dos Preços⁽¹⁾ de Fertilizantes, Estado de São Paulo, 1967-75
(Preços médios ponderados em Cr\$/10t)

Ano	Preço corrente	Preço real ⁽²⁾	Índice: (1967 = 100)	
			Corrente	Real
1967	1.834,00	1.433,00	100,0	100,0
1968	2.228,00	1.401,00	121,5	97,8
1969	2.603,00	1.356,00	141,9	94,6
1970	2.846,00	1.237,00	155,2	86,3
1971	3.552,00	1.282,00	193,7	89,5
1972	4.419,00	1.364,00	240,9	95,2
1973	5.472,00	1.539,00	298,4	107,4
1974	14.319,00	2.983,00	780,8	208,2
1975 ⁽³⁾	10.224,00	1.803,00	557,5	125,8

⁽¹⁾ Preço à vista posto em São Paulo.

⁽²⁾ Corrigido pelo Índice "2" da Fundação Getúlio Vargas.

⁽³⁾ Média do período janeiro - junho. Considerando um subsídio de 40% nos preços a vista. Sem subsídio o preço corrente seria de Cr\$ 17.040,00/10t e o real de Cr\$ 3.001,00/10t e os índices evoluiriam para 929,1 e 209,4, respectivamente, corrente e real.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 19. - Preços de Fertilizantes Relacionado com Políticas Governamentais, 1974-75
(Preços médios ponderados em Cr\$/10t)

Ano	Com recursos próprios				Operações a crédito	
	Preço corrente		Preço real		Preço corrente	Preço real
	s/subsídio	C/subsídio (2)	S/subsídio	C/subsídio (2)		
1974	14.319	14.319	2.983	2.983	14.750(3)	3.070(3)
1975 (1)	17.040	10.224	3.001	1.803	12.780(4)	2.251(4)

(1) Média de janeiro a junho.

(2) Subsídio no preço de 40% em 1975.

(3) Considerando-se juros de 7% ao ano a cargo do agricultor no primeiro semestre de 1974 e de zero % no segundo semestre.

(4) Considerando-se encargos bancários de 15% sobre o preço corrente e o subsídio de 40% no preço.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 20. - Unidades de Produto Agrícola Necessárias para Adquirir uma Tonelada de Fertilizantes (¹), Estado de São Paulo, 1967-75

Ano	Arroz em casca (60kg)		Milho (60kg)		Cafê beneficiado (60kg)		Soja (60kg)		Algodão em caroço (15kg)	
	Nº de unida- des	Índice	Nº de unida- des	Índice	Nº de unida- des	Índice	Nº de unida- des	Índice	Nº de unida- des	Índice
1967	10	100	29	100	4	100	15	100	35	100
1968	10	100	36	124	4	100	13	87	32	91
1969	11	110	24	83	2	50	13	87	32	91
1970	13	130	25	86	2	50	11	73	30	86
1971	8	80	25	86	3	75	11	73	25	71
1972	9	90	26	90	2	50	12	80	26	74
1973	10	100	20	69	2	50	9	60	23	66
1974	17	170	45	155	4	100	21	140	41	117
1975 ⁽²⁾ ; ⁽³⁾	7	70	21	72	3	75	12	80	32	91
1975 ⁽⁴⁾	9	90	26	90	4	100	15	100	40	114

⁽¹⁾ Preço médio ponderado.

⁽²⁾ Média dos preços de produtos agrícolas de jan./jun., corrigidos pelo índice estacional.

⁽³⁾ Considerando um subsídio de 40% nos preços de fertilizantes.

⁽⁴⁾ Considerando-se encargo bancário de 15% sobre o preço corrente e o subsídio de 40% no preço de fertilizantes.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Defensivos Agrícolas

A importação de defensivos agrícolas apresentou expressivo crescimento em 1974, com evolução de 46,8% para os inseticidas, 15,8% para os fungicidas e 64,4% para os herbicidas (quadro 21).

Embora ainda sem confirmação oficial, estima-se que o valor das importações tenha atingido, em 1973 US\$ 100 milhões, US\$ 150 milhões em 1974 e, com uma redução na taxa de crescimento, possa atingir os US\$ 180 milhões em 1975.

Por outro lado, a produção nacional tem apresentado bom desempenho nesses últimos cinco anos, especialmente os grupos dos fungicidas e dos herbicidas. A produção nacional de fungicidas, em termos de volume, cresceu cerca de 360% no período, embora a sua participação no consumo aparente não tenha apresentado crescimento nesses últimos 5 anos. Já os herbicidas tiveram sua produção iniciada em 1973, com 450 toneladas, e quase que dobrada em 1974, com 826 toneladas. A produção de inseticidas apresentou no quinquênio, incremento de apenas 9,1% e sua participação decresceu de 43,4% em 1970, para 35,1% em 1974.

Outro indicador econômico que mostra o desempenho do setor é a evolução das vendas. Em 1973, o valor total das vendas foi da ordem de Cr\$ 1,2 bilhão e, em 1974, evoluiu para cerca de Cr\$ 2,0 bilhões, com acréscimo, portanto, de aproximadamente 67%. Nesse montante, os inseticidas tiveram maior participação, em torno de 50%, vindo em seguida os herbicidas com 29%, os fungicidas com 16% e os formicidas e acaricidas com 5%.

No agregado, 46,6% das vendas, em 1974, concentraram-se no terceiro quadrimestre, 28,9% no segundo quadrimestre e 24,5% no primeiro. Essa mesma tendência de concentração de venda no terceiro quadrimestre é verificada para os grupos (inseticidas, fungicidas e herbicidas) quando tomados isoladamente; fazem exceção os acaricidas e formicidas, cujas vendas se concentraram no segundo quadrimestre.

No período 1972-74, todos os grupos, a exceção dos herbicidas (-13,9%), apresentaram aumento de princípio ativo por unidade vendida, a saber: inseticidas (26,9%), acaricidas (14,5%), formicidas (70,6%) e fungicidas (6,3%).

No grupo dos inseticidas, o maior volume de vendas em 1974 foi consignado aos clorados (28,1%), seguindo-se os fosforados (25,8%), os cloro-fosforados (21,4%), os sistêmicos (17,1%) e os carbamatos (6,5%).

No grupo dos fungicidas, os cúpricos embora com perda de participação, ainda superaram os ditiocarbamatos em cerca de 20%. A retração da demanda por fungicidas cúpricos em 1974 é explicada pelos altos níveis de preços, assim como pela redução de uso nos cafezais face a menor incidência da ferrugem.

Quanto aos herbicidas, especial menção deve ser feita ao crescente uso desse defensivo na cultura da soja a qual, sozinha, foi responsável, em 1974, pelo consumo de 39,0%, seguindo-se a cana-de-açúcar (13,1%), pastagens (10,7%), café (9,8%), algodão (5,3%), trigo (2,0%), citros (1,0%) e outras culturas (19,0%).

De modo geral, não são esperados aumentos substanciais de preços na safra 1975/76 para os defensivos agrícolas. Algumas oscilações poderão ocorrer para grupos isolados dependendo da maior ou menor disponibilidade de produtos nas matrizes do exterior e do nível interno de consumo. Este, deverá seguir em rápida expansão especialmente no grupo dos herbicidas.

QUADRO 21. - Consumo Aparente Brasileiro de Defensivos Agrícolas⁽¹⁾, 1970-74
(tonelada)

Defensivo	1970	1971	1972	1973	1974
Inseticida					
Importação	17.267	17.331	24.896	18.234	26.766
Produção nacional	<u>13.247</u>	<u>10.959</u>	<u>14.005</u>	<u>16.271</u>	<u>14.454</u>
Subtotal	30.514	28.290	38.901	34.505	41.220
Fungicida					
Importação	6.125	8.619	20.054	26.082	30.196
Produção nacional	<u>1.640</u>	<u>2.939</u>	<u>4.250</u>	<u>6.300</u>	<u>7.558</u>
Subtotal	7.765	11.558	24.304	32.382	37.754
Herbicida					
Importação	3.429	5.042	4.750	7.931	13.040
Produção nacional	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>450</u>	<u>826</u>
Subtotal	3.429	5.042	4.750	8.381	13.866
Total geral	41.708	44.890	67.955	75.268	92.840

(¹) Consumo aparente = importação mais produção nacional.

Fonte: Sindicato da Indústria de Defensivos Agrícolas do Estado de São Paulo e Associação Nacional de Defensivos Agrícolas.

Contrariamente ao registrado no ano anterior, quando a maioria das sementes, tanto as produzidas pela Secretaria da Agricultura como pelas firmas particulares, apresentaram acrêscimos nas vendas, houve em 1974/75, redução sensível, principalmente naquelas mais representativas em volume de venda. Acrêscimos foram verificados apenas para o milho variedade (15,4%) e para a soja (108,7%) permanecendo praticamente inalteradas as vendas de algodão (quadro 22). Embora a maior variação negativa tenha se verificado para o feijão de mesa (-45,3%), a diminuição de 15% nas vendas de semente de milho híbrido efetuadas pela Secretaria da Agricultura e de 14,2% pelas firmas particulares (quadro 23), são bem mais significativas, visto que mais de 70,0% da área cultivada no Estado com milho utiliza semente melhorada, enquanto a superfície plantada com semente melhorada de feijão não ultrapassa 2% da área total dessa cultura.

Por outro lado, o expressivo acrêscimo estimado para a soja é de pouca representatividade em termos relativos à área cultivada com essa oleaginosa, face a pequena disponibilidade dessa semente no ano anterior, tanto pela Secretaria da Agricultura como pelas firmas particulares.

Em 1974/75, a venda de semente melhorada de soja pelas firmas certificadoras superou em 15,8% as realizadas pela Secretaria da Agricultura; já as vendas de sementes de milho híbrido apresentaram volumes bem semelhantes (quadro 23).

A disponibilidade de sementes produzidas pela Secretaria da Agricultura para o plantio da safra 1975/76 é estimada em 1 milhão de sacas de algodão, 120 mil sacas de arroz, 300 mil sacas de amendoim, 25 mil sacas de feijão de mesa, 195 mil sacas de milho híbrido, 34 mil sacas de milho variedade e 160 mil sacas de soja. As firmas particulares radicadas em São Paulo, estimam uma oferta de 126 mil sacas de amendoim, 59 mil sacas de arroz, 708 mil sacas de milho híbrido e 544 mil sacas de soja. Embora grande parte da produção das firmas particulares seja para abastecer o mercado de outros estados, o volume de produção esperado é plenamente suficiente para atender a procura, com certa margem para aumento de área e de consumo. Os preços de venda das sementes produzidas pela Secretaria da Agricultura, para a safra 1975/76, sofreram grandes variações em relação a 1974/75. O maior acrêscimo foi verificado para a semente de amendoim (+103,6%), tendo em vista que o preço dessa semente estava fortemente subsidiado no ano anterior. O mesmo ocorreu com o algodão (+61,2%) e o arroz (+56%). Decrêscimo no preço foi verificado para a mamona e siratro, permanecendo inalterados os de soja perene e galactia (quadro 24).

QUADRO 22. - Venda de Sementes para Plantio no Estado de São Paulo, Secretaria da Agricultura, Safras 1973/74 e 1974/75

Semente	Unidade	1973/74 (a)	1974/75 (b)	Variação($\frac{b}{a}$) (%)
Algodão	sc.30kg	576.382	577.563	+ 0,2
Amendoim	cx.20kg	119.985	118.503	- 1,2
Arroz	sc.50kg	102.791	92.020	- 10,5
Feijão de mesa	sc.50kg	16.181	8.854	- 45,3
Milho híbrido	sc.50kg	173.236	147.203	- 15,0
Milho variedade	sc.50kg	10.510	12.132	+ 15,4
Soja	sc.50kg	31.800	66.377	+108,7

Fonte: Divisão de Sementes e Mudanças, DSM-CATI.

QUADRO 23. - Venda de Sementes para Plantio no Estado de São Paulo, Firms Particulares, Safras 1973/74 a 1974/75

Semente	Unidade	1973/74 (a)	1974/75 (b)	Variação($\frac{b}{a}$) (%)
Amendoim	cx.20kg	53.730	46.679	- 13,1
Arroz	sc.50kg	29.638	2.638	- 91,1
Soja	sc.50kg	1.922	76.872	+3899,6
Milho (1)	sc.50kg	164.878	141.445	- 14,2

(1) A unidade comercial é sc.40kg.

Fonte: Seção de Certificação de Sementes, DSM-CATI.

QUADRO 24. - Preço de Venda das Sementes Produzidas em Campo de Cooperação da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, Plantio da Safra 1975/76

Semente	Unidade	Preço
Algodão	sc.30kg	54,50 ⁽¹⁾
Arroz	sc.50kg	195,00
Amendoim	cx.20kg	114,00
Feijão	sc.50kg	230,00
Milho híbrido	sc.50kg	120,00
Milho variedade	sc.50kg	90,00
Milho pérola	sc.50kg	90,00
Soja	sc.50kg	140,00
Mamona	sc.30kg	87,00
Mucuna	sc.50kg	125,00
Guandu	sc.50kg	125,00
Siratro	kg	40,00
Stilozantes	kg	78,00
Soja p. tardia	kg	60,00
Crotalária	sc.50kg	258,00
Galactia	kg	60,00

(¹) Não inclui taxa de seguro contra granizo.

Fonte: Comissão Permanente de Política de Preços de Sementes e Mudanças da Secretaria da Agricultura.

As importações brasileiras de tratores agrícolas continuam paralizadas, enquanto as exportações vêm apresentando expressivo crescimento. Em 1973, foram exportadas 327 unidades de tratores de 4 rodas e, em 1974, esse número ascendeu a 776 unidades.

De janeiro a maio de 1975, foram exportadas 267 unidades num valor de aproximadamente US\$ 2 milhões.

O valor total das exportações (tratores de 4 rodas mais tratores de esteira) foi da ordem de US\$ 5 milhões em 1973, 7 milhões em 1974 e, em 1975, espera-se ultrapassar os US\$ 10 milhões. Contudo esses valores são bem inferiores aos registrados para máquinas e implementos agrícolas.

A produção da indústria nacional de tratores de 4 rodas, não obstante vir esbarrando com problemas decorrentes do suprimento de componentes básicos, deve apresentar, em 1975, um crescimento de cerca de 20%, situando-se em torno das 52 mil unidades. A julgar-se pela expansão planejada das forjarias, fundições, fábricas de motores diesel e engrenagens, espera-se que, a partir de 1976, haja um fortalecimento da oferta desses componentes.

A normalização do abastecimento em 1975 está dependendo da importação de pneus, cujo deficit no mercado interno é estimado em 20 mil unidades, principalmente de pneus trazeiros.

No entanto, o desempenho da indústria de tratores nesses 5 primeiros meses do ano, comparado ao mesmo período do ano anterior, foi bem superior ao conjunto da indústria automotiva que experimentou um crescimento de 10% no período, enquanto os tratores tiveram incremento de 20%. Os tratores de esteira apresentaram expressivo crescimento no período (39,4%) com uma produção de 1.178 unidades contra 845 unidades produzidas no mesmo período de 1974. Desde a implantação da indústria nacional até maio de 1975, foram produzidos 8.426 tratores de esteira e 282.554 tratores de 4 rodas.

Em 1974, a produção brasileira de tratores agrícolas, no seu conjunto, apresentou incremento de 19,6% (quadro 25). O maior aumento verificado foi para os micro-tratores (44,8%), vindo a seguir os tratores de esteira (23,1%), cultivadores motorizados (21,7%) e tratores de 4 rodas (17,9%). A média mensal de fabricação atingiu a 4.407 unidades contra 3.684 em 1973, fixando-se a média diária em 200 tratores considerando-se uma jornada de 22 dias/mês.

No grupo de tratores de 4 rodas, que é o de maior expressão nas atividades agrícolas, o trator pesado que, em 1973 ultrapassou pela primeira vez o número de unidades produzidas de trator de categoria média, teve em 1974 uma participação no total produzido de 77,7% e já alcançou 83,4% nos primeiros 5 meses de 1975.

A evolução dos preços de tratores que se encontrava decrescente em termos reais desde 1968, apresentou um acréscimo médio no período (jan./jun.1975) em relação a média de 1974, de 22,6%. Em termos reais esse aumento foi da ordem de 2,7% (quadro 26).

O decréscimo nos preços se afigura como o principal responsável pelo crescimento da demanda por tratores, face a melhoria da relação de preços produto/trator e consequente

aumento do poder aquisitivo do agricultor. Os dados do quadro 27 mostram a tendência decrescente da quantidade de produtos necessária para adquirir um trator nos últimos nove anos. Com efeito, de 1967 a 1975 produtos importantes como arroz, milho, café, soja e algodão revelaram uma relação de preços favorável à compra de tratores. Aparecem exceções apenas para o arroz em dois anos da série (1969 e 1970), café e algodão que mostram, na primeira estimativa de 1975, uma reversão na tendência verificada até 1974. Se confirmado, tal fato representará em relação ao ano anterior uma perda de 18% no poder aquisitivo dos cafeicultores e 34% no dos cotonicultores. A continuar melhorando, para o agricultor, a relação, de preços produto/trator, poderão ser acelerados em 1975/76 os ajustamentos que indicam ser a mecanização um dos meios mais seguros de desenvolver a agricultura paulista.

QUADRO 25. - Produção da Indústria Brasileira de Tratores, 1967-75
(Índice 1967 = 100)

Ano	Cultivador motorizado ⁽¹⁾		Trator de esteira		Trator de 4 rodas	
	Produção	Índice	Produção	Índice	Produção	Índice
1967	2.231	100	73	100	6.223	100
1968	2.612	117	106	145	9.818	158
1969	2.281	102	91	125	9.548	153
1970	2.474	111	185	253	14.048	226
1971	2.556	114	770	1.055	22.122	355
1972	3.773	169	1.282	1.756	29.142	468
1973	5.080	228	1.961	2.686	37.170	597
1974	6.659	298	2.415	3.308	43.810	704
1975 ⁽²⁾	2.275	-	1.178	-	21.166	-

⁽¹⁾ Inclusive micro-trator.

⁽²⁾ Acumulado, até maio.

Fonte: "ANFAVEA" - Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores.

QUADRO 26. - Evolução do Preço de Tratores, Estado de São Paulo, 1967-75⁽¹⁾

Ano	Preço corrente (Cr\$)	Índice 1967=100	Preço real Cr\$ 1971	Índice 1967=100
1967	13.563,64	100,00	29.352,53	100,00
1968	16.320,09	120,32	28.431,88	96,86
1969	19.102,54	140,83	27.559,42	93,89
1970	19.120,57	140,96	23.027,86	78,45
1971	21.900,07	161,46	21.900,07	74,61
1972	24.786,33	182,74	21.190,58	72,19
1973	26.439,33	194,92	20.010,08	68,17
1974	29.662,25	218,68	17.117,59	58,31
1975 ⁽²⁾	36.380,33	268,21	17.578,42	59,88

⁽¹⁾ Tomou-se como referência a média anual de preços do trator de 44 HP.

⁽²⁾ Média dos seis primeiros meses.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 27. - Unidades de Produto Agrícola Necessárias para Adquirir um Trator Leve (44 HP), Estado de São Paulo, 1967-75

Ano	Arroz em casca (sc.60kg)		Milho (sc.60kg)		Cafê beneficiado (sc.60kg)		Soja (sc.60kg)		Algodão em caroço (15kg)	
	Nº de unida des	Índice	Nº de unida des	Índice	Nº de unida des	Índice	Nº de unida des	Índice	Nº de unida des	Índice
1967	727	100	2.147	100	334	100	1.105	100	2.608	100
1968	729	100	2.595	119	270	81	973	88	2.330	89
1969	834	115	1.717	79	187	56	928	84	2.337	90
1970	881	121	1.698	78	131	39	754	68	2.021	77
1971	524	72	1.531	70	162	48	684	62	1.537	59
1972	518	71	1.475	68	116	35	681	62	1.449	56
1973	499	69	979	45	91	27	456	41	1.125	43
1974	362	50	927	43	89	27	443	40	847	32
1975 (¹)	245	34	725	33	106	32	413	37	1.110	43

(¹) Média dos preços de produtos agrícolas de janeiro a maio, corrigidos pelo Índice de variação estacional.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Mercado de Trabalho

As informações disponíveis sobre o mercado de trabalho referem-se aos salários pagos aos trabalhadores rurais, em suas diferentes categorias.

Ao se analisar a série disponível desde 1960, em valores correntes e valores reais de 1971 (quadros 28 e 29), nota-se a partir de 1964 uma tendência de alta, influenciada em parte pela vigência do Estatuto do Trabalhador Rural. Deve-se salientar, porém, que essa tendência mostrou-se bastante acentuada nos últimos anos, desta vez refletindo uma crescente escassez de mão-de-obra rural (quadro 30). Assim, o salário rural a partir de 1973 torna-se maior que o salário mínimo médio vigente na Capital de São Paulo, atingindo em abril último 42% acima do mesmo.

No quadro 31 são apresentados os salários e seus respectivos índices para quatro categorias de trabalhadores a partir de 1971. Em valores correntes, observam-se aumentos, entre março de 1974 e abril de 1975, de 33% para o diarista residente, de 36% para o volante, de 37% para o administrador e de 38% para o tratorista. Em valores reais, esses aumentos são da ordem de 19%, 22%, 23% e 24% respectivamente, para essas categorias.

Verifica-se que essas taxas de incremento estão apresentando valores bem próximos para as quatro categorias de trabalhador, eliminando de certa forma as diferenças existentes anteriormente entre trabalhadores residentes e contratados externamente à propriedade.

A escassez de mão-de-obra torna-se mais visível quando são analisados os salários pagos nas épocas de colheita, em que a demanda se intensifica. Para o algodão observa-se em abril de 1975, a média de Cr\$ 6,50 por arroba colhida, o que permite um salário de Cr\$ 26,00 por dia, estimando-se um rendimento de 4 arrobas por homem/dia. Para o amendoim, a média é de Cr\$ 5,50 por saca de 25 quilos, o que indicaria um salário de Cr\$ 33,00 por dia com o rendimento de 6 sacos/dia. Esses salários mostram-se superiores aos do diarista e do volante e, quando comparados com os vigentes no ano anterior, sugerem um aumento em valor corrente de 17% para a colheita de algodão e 19% para a do amendoim.

Comparando-se o salário de colheita com o preço de produto, através dos dados do quadro 32, registra-se para o algodão um incremento nos gastos de colheita de 13% em relação ao ano passado, enquanto que o preço do produto aumentou de apenas 2,8%. Para o amendoim, cujos preços aumentaram de 52%, o salário de colheita reduziu-se de 23% em termos do produto colhido. Para o café e cana-de-açúcar, os dados disponíveis referem-se à safra anterior visto que a safra atual está apenas começando.

A continuar a tendência de migração rural-urbana e diminuindo progressivamente as diferenças salariais entre o meio rural e o urbano, é provável que as altas de salário perdurem em 1975/76. No entanto, tal tendência irá depender, em grande parte, do comportamento do mercado de trabalho urbano, que apresentou pequeno dinamismo no primeiro semestre do corrente ano.

QUADRO 28. - Salários Rurais e Respective Índices em Valores Correntes, Estado de São Paulo, 1960-75

Ano	Diarista residente		Volante		Tratorista	
	Cr\$/dia	Índice (¹)	Cr\$/dia	Índice (¹)	Cr\$/mês	Índice (¹)
1960	0,114	61	0,110	52	4,14	63
1961	0,148	80	0,171	80	5,23	80
1962	0,223	120	0,254	120	7,84	120
1963	0,362	195	0,398	187	12,82	196
1964	0,764	412	0,814	383	27,13	415
1965	1,369	738	1,547	728	62,36	954
1966	1,787	963	2,071	975	73,45	1.124
1967	2,492	1.343	2,538	1.194	86,78	1.328
1968	3,287	1.772	3,700	1.741	109,02	1.668
1969	3,875	2.089	4,155	1.955	151,40	2.317
1970	5,135	2.768	5,650	2.659	183,39	2.806
1971	6,445	3.474	7,035	3.311	233,86	3.579
1972	8,380	4.518	9,360	4.405	290,64	4.447
1973	11,350	6.119	11,900	5.600	376,55	5.762
1974	15,850	8.544	18,250	8.588	502,95	7.696
1975 (²)	17,800	9.596	22,100	10.400	592,90	9.073

(¹) Índice simples, base de comparação: 1961-62 = 100.

(²) Informação coletada em abril.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 29. - Salários Rurais e Respective Índices, em Valores Reais (¹), para o Estado de São Paulo, 1960-75

Ano	Diarista residente		Volante		Tratorista	
	Cr\$/dia	Índice (²)	Cr\$/dia	Índice (²)	Cr\$/mês	Índice (²)
1960	4,76	101,66	4,59	87,50	172,71	94,90
1961	4,51	96,33	5,21	99,31	159,20	87,48
1962	4,48	95,69	5,10	97,22	157,37	86,48
1963	4,14	88,42	4,56	86,92	146,74	80,63
1964	4,59	98,04	4,89	93,21	163,02	89,58
1965	5,24	111,92	5,93	113,04	238,92	131,29
1966	4,96	105,94	5,75	109,61	203,86	112,02
1967	5,39	115,12	5,49	104,65	187,80	103,20
1968	5,73	122,38	6,46	123,14	189,93	104,37
1969	5,59	119,39	5,99	114,18	218,43	120,03
1970	6,18	131,99	6,80	129,62	220,87	121,37
1971	6,44	137,55	7,04	134,20	233,86	128,51
1972	7,16	152,93	8,00	152,50	248,48	136,54
1973	8,43	180,05	8,84	168,51	279,64	153,66
1974	9,15	195,43	10,53	200,72	290,24	159,49
1975 (³)	9,23	197,14	11,46	218,45	307,55	169,00

(¹) Em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(²) Índice Simples, base de comparação: 1962-66 = 100.

(³) Informação coletada em abril de 1975.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 30. - Evolução do Salário de Diarista Residente e Salário Mínimo na Capital, Estado de São Paulo, 1970-75

Ano	Salário diarista residente (a)	Salário mínimo na Capital (1) (b)	Relação percentual entre salário de diarista residente e salário mínimo na Capital (a/b)
1970	154,05	174,27	88
1971	193,35	212,80	91
1972	251,40	254,40	99
1973	340,50	297,93	114
1974	475,50	355,20	134
1975 (2)	534,00	376,80	142

(1) Média anual ponderada.

(2) Informação referente a abril.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 31. - Salários Rurais e Respectivos Índices no Estado de São Paulo, 1971-75

Ano	Mês	Diarista residente			Volante			Administrador			Tratorista		
		Cr\$/dia (¹)	Cr\$/dia (²)	Índice (³)	Cr\$/dia (¹)	Cr\$/dia (²)	Índice (³)	Cr\$/mês (¹)	Cr\$/mês (²)	Índice (³)	Cr\$/mês (¹)	Cr\$/mês (²)	Índice (³)
1971	Média	6,44	6,44	100,00	7,04	7,04	100,00	311,27	311,27	100,00	233,86	233,86	100,00
1972	Mar.	7,46	6,62	102,80	8,92	7,92	112,50	379,90	337,28	108,36	259,29	230,20	98,43
1972	Nov.	9,30	7,55	117,24	9,80	7,96	113,07	424,00	344,42	110,65	322,00	261,56	111,84
1972	Média	8,38	7,16	111,18	9,36	8,00	113,64	401,95	333,75	107,22	290,64	248,48	106,25
1973	Mar.	9,90	7,66	118,94	10,30	7,97	113,21	506,40	391,82	125,88	321,10	248,45	106,24
1973	Nov.	12,80	9,04	140,37	13,50	9,54	135,51	558,00	394,30	126,67	432,00	305,26	130,53
1973	Média	11,35	8,43	130,90	11,90	8,84	125,57	552,20	395,23	126,97	376,55	279,64	119,58
1974	Mar.	13,40	7,73	120,03	16,30	9,41	133,66	625,00	360,68	115,87	429,00	247,57	105,86
1974	Nov.	18,30	10,56	163,98	20,20	11,66	165,63	787,80	454,63	146,06	576,90	332,92	142,36
1974	Média	15,85	9,15	142,08	18,25	10,53	149,57	706,40	407,65	130,96	502,95	290,24	124,11
1975	Abr.	17,80	9,23	143,32	22,10	11,46	162,78	854,70	443,36	142,44	592,90	307,55	131,51

(¹) Média do Estado, em valores correntes.

(²) Média do Estado, em valores reais de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(³) Índice simples, calculados a partir dos valores reais em cruzeiro de 1971. Base de comparação: média 1971 = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 32. - Relação entre Salário de Colheita e Preço do Produto, para Algodão, Amendoim, Café e Cana, Estado de São Paulo, 1971-75

Ano	Algodão			Amendoim			Café beneficiado			Cana-de-açúcar		
	Salário Cr\$/ a	Preço Cr\$/ (a)	Relação $\frac{\text{Salário}}{\text{Preço}} \times 100$	Salário Cr\$/sc. 25kg	Preço Cr\$/sc. 25kg	Relação $\frac{\text{Salário}}{\text{Preço}} \times 100$	Salário Cr\$/sc. 60kg ⁽¹⁾	Preço Cr\$/sc. 60kg	Relação $\frac{\text{Salário}}{\text{Preço}} \times 100$	Salário Cr\$/t	Preço Cr\$/t	Relação $\frac{\text{Salário}}{\text{Preço}} \times 100$
1971	2,19	14,25	15,37	1,77	15,28	11,58	19,77	135,00	14,64	3,26	24,50	13,31
1972	3,26	17,10	19,06	2,27	15,30	14,84	23,68	213,80	11,08	3,83	29,17	13,13
1973	3,57	23,50	15,19	2,86	25,50	11,22	32,40	290,00	11,17	4,75	35,09	13,54
1974	5,60	35,00	16,00	4,70	29,00	16,21	45,28	332,64	13,61	9,62	57,67	16,68
1975 ⁽²⁾	6,50	36,00	18,06	5,50	44,00	12,50

¹
() Salário de colheita por saco de 110 litros de café, transformado em café beneficiado, estimando-se rendimento de 19kg de café beneficiado por saca de café em côco.

⁽²⁾ Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Mercado de terras

Em 1975, registrou-se certa retração no mercado de terras, observando-se relativa estabilidade nos preços reais em relação a 1974. Da euforia de 1974, quando praticamente houve duplicações dos preços em termos reais em relação a 1973, neste ano foram observados ligeiros aumentos para todas as categorias, com exceção de terra de segunda que chegou a registrar decréscimo. É de se notar a substancial elevação dos preços da terra em 1974, aumentando a tendência, que já se vinha verificando, de maior crescimento no preço das terras de qualidade inferior em comparação às terras de culturas (quadro 33). Por sua vez, o valor da terra com benfeitorias, em 1975, registrou perdas em termos reais em todos os estratos (quadro 34).

Considerando o período 1969-75, a elevação no preço da terra, em termos reais, foi substancial, como pode ser verificado nos quadros 33 e 34, chegando no fim do período a nível quatro a cinco vezes superior ao de 1969.

O crescimento real no preço da terra em relação ao dos produtos agrícolas, mostra uma tendência geral crescente (quadro 35) o que significa serem necessárias maiores quantidades do produto para se adquirir a mesma área de terra no Estado de São Paulo. Em 1975, mesmo com certa estabilidade no mercado de terras, continuou a deterioração nessa relação de preços, exceção feita a cana, arroz e leite. A elevação no preço da terra tem sido tal, que para adquirir um hectare é necessária, em 1975, quantidade de produto no mínimo duas vezes superior a que seria utilizada em 1971.

Os preços de arrendamento de terras para lavoura e de aluguel de pasto são apresentados nos quadros 36 e 37. O arrendamento de terras de cultura caiu em 2,6%, em termos reais, entre 1973 e 1974. No entanto, a série 1968-74 indica um crescimento real total de 86,3%.

Quando o pagamento é feito em espécie, porém, verifica-se pouca variação. O pagamento em algodão e amendoim tornou-se menor, em arroz subiu e em milho permaneceu estável.

Quanto ao aluguel de pasto, verifica-se uma tendência definida de alta. Em termos reais, o aluguel mensal subiu 17,2% e o aluguel anual 27,6%, entre 1973 e 1974; o aluguel por cabeça subiu 14,6%. A tendência de aumento desde 1969 é também mais pronunciada do que a observada para terras de cultura, situando-se entre 101% e 139%.

QUADRO 33. - Valor da Terra Nua, por Tipo, Estado de São Paulo, 1969-75

Ano ⁽¹⁾	Terra de primeira			Terra de segunda			Terra para pastagens			Terra p/reflorestamento			Terra de campo		
	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)
1969	700	1.102	64,86	519	817	70,49	459	722	75,44	322	507	75,22	255	401	70,10
1970	1.098	1.441	84,81	690	906	78,17	596	782	81,72	449	588	87,24	352	462	80,77
1971	1.546	1.699	100,00	1.054	1.159	100,00	871	957	100,00	613	674	100,00	520	572	100,00
1972	2.000	1.834	107,95	1.400	1.284	110,79	1.200	1.101	115,05	835	766	113,65	680	624	109,09
1973	3.300	2.619	154,15	2.400	1.905	164,37	2.000	1.587	165,83	1.300	1.032	153,12	1.200	952	166,43
1974	7.600	5.159	303,65	5.800	3.937	339,69	4.400	2.987	312,12	3.700	2.512	372,70	3.200	2.173	379,90
1975	10.270	5.210	306,65	7.690	3.901	336,58	6.520	3.308	345,66	5.120	2.598	385,46	4.290	2.176	380,42

(1) Informações coletadas em janeiro de cada ano.

(2) Média do Estado em valores correntes.

(3) Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(4) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 34. - Valor da Terra com Benfeitorias, Segundo o Tamanho das Propriedades, Estado de São Paulo, 1969-75

Ano ⁽¹⁾	Inferior a 7,26 hectares			De 7,26 a 24,20 hectares			De 24,20 a 72,60 hectares			De 72,60 a 242,00 hectares			Superior a 242,00 hectares		
	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)
1969	942	1.483	65,07	866	1.363	76,27	718	1.130	73,38	624	982	72,42
1970	1.960	2.573	83,77	1.385	1.818	79,77	1.131	1.485	83,10	967	1.269	82,40	891	1.170	86,28
1971	2.795	3.072	100,00	2.073	2.279	100,00	1.626	1.787	100,00	1.401	1.540	100,00	1.234	1.356	100,00
1972	3.460	3.174	103,32	2.600	2.385	104,65	2.000	1.834	102,63	1.800	1.651	107,21	1.620	1.486	109,59
1973	6.000	4.762	155,01	4.500	3.572	156,74	3.800	3.016	168,77	3.300	2.619	170,06	2.700	2.143	158,04
1974	13.000	8.826	287,30	10.500	7.129	312,81	9.100	6.178	345,72	7.800	5.296	343,90	7.000	4.752	350,44
1975	16.390	8.315	270,67	11.720	5.945	252,08	11.250	5.707	319,36	9.830	4.987	323,83	8.430	4.277	315,41

(¹) Informações coletadas em janeiro de cada ano.

(²) Média do Estado em valores correntes.

(³) Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(⁴) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 35. - Unidades de Produto Agrícola Necessárias para Adquirir Um Hectare de Terra, Estado de São Paulo, 1971-75 (1)

Produto	Unidade	Unidades necessárias para compra de um hectare				
		1971	1972	1973	1974	1975(2)
Cafê	sc.60kg	11,45	9,35	11,38	22,85	27,39
Cana-de-açúcar	tonelada	63,10	68,56	97,12	131,78	128,38
Milho	sc.60kg	108,11	119,05	122,22	237,50	270,26
Algodão	arroba	108,49	116,96	140,43	217,14	285,28
Laranja	cx.40kg	245,40	317,46	366,67	1.187,50	1.369,33
Arroz	sc.60kg	36,99	41,84	72,26	92,68	79,00
Batata	sc.60kg	70,40	63,69	48,53	115,15	184,71
Feijão	sc.60kg	26,63	26,99	16,84	52,41	62,24
Soja	sc.60kg	48,31	54,95	56,90	113,43	136,93
Carne bovina	arroba	20,26	22,56	15,00	41,20	56,70
Leite	mil litros	2,23	2,58	1,90	4,68	4,50

(1) Para os produtos vegetais o valor da terra refere-se a terra sem benfeitoria, de primeira. Para a pecuária refere-se a terra para pastagem.

(2) Dados provisórios.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 36. - Arrendamento de Terras para Lavouras, Estado de São Paulo, 1968-74

Ano (1)	Em dinheiro			Em espécie							
				Algodão		Amendoim		Arroz		Milho	
	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Ⓐ /ha (5)	Índice (6)	sc.25kg/ha (5)	Índice (6)	sc.60kg/ha (5)	Índice (6)	sc.60kg/ha (5)	Índice (6)
1968	70,25	113,07	87,64	19,0	113,77	17,8	111,25	7,4	117,46	12,0	114,29
1969	93,20	124,12	96,16	18,0	107,78	17,1	106,88	5,4	85,71	8,4	80,00
1970	104,85	118,06	91,46	18,6	111,38	14,5	90,62	7,7	122,22	10,6	100,95
1971	137,00	129,08	100,00	16,7	100,00	16,0	100,00	6,3	100,00	10,5	100,00
1972	180,00	146,22	113,29	16,3	97,60	16,0	100,00	7,1	112,70	8,9	84,76
1973	306,00	216,23	167,52	17,6	105,39	17,8	111,25	8,5	134,92	11,5	109,52
1974	397,00	210,67	163,21	17,0	101,80	16,0	100,00	9,0	142,86	11,0	104,76

(1) Informações coletadas em novembro de cada ano.

(2) Média do Estado, em valores correntes.

(3) Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(4) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

(5) Média do Estado, ponderada pela produção em cada DIRA, com excessão de 1968.

(6) Índice simples, base de comparação: 1971 = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 37. - Aluguel de Pasto, Estado de São Paulo, 1969-74
(em cruzeiro)

Ano ⁽¹⁾	Aluguel mensal por hectare			Aluguel anual por hectare			Aluguel mensal por cabeça		
	Corrente ⁽²⁾	Real ⁽³⁾	Índice ⁽⁴⁾	Corrente ⁽²⁾	Real ⁽³⁾	Índice ⁽⁴⁾	Corrente ⁽²⁾	Real ⁽³⁾	Índice ⁽⁴⁾
1969	4,14	6,10	64,01	45,87	67,58	69,71	3,42	5,04	67,92
1970	5,41	6,60	69,25	59,11	72,13	74,41	4,42	5,39	72,64
1971	9,53	9,53	100,00	96,94	96,94	100,00	7,42	7,42	100,00
1972	11,95	10,28	107,87	114,80	98,76	101,88	9,64	8,29	111,73
1973	16,64	12,42	130,33	167,93	125,38	129,34	11,84	8,84	119,14
1974	25,23	14,56	152,78	277,21	160,00	165,05	17,55	10,13	136,52

⁽¹⁾ Informações coletadas em junho de cada ano.

⁽²⁾ Média do Estado em valores correntes, ponderada pela área de pastagem em cada DIRA.

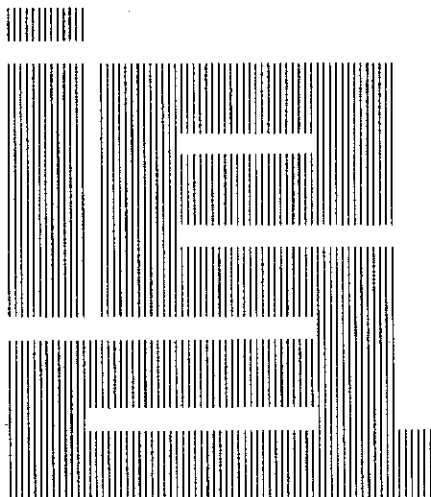
⁽³⁾ Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971, pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

⁽⁴⁾ Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

POLITICA AGRICOLA

5



5 - POLÍTICA AGRÍCOLA

Visando adequar os instrumentos de política agrícola aos objetivos básicos de crescimento do setor agropecuário, inúmeras medidas de cunho legal vem sendo promulgadas pelos Governos Federal e Estadual.

Diversas dessas medidas ocorridas no período entre a preparação do Prognóstico 1974/75 e o presente, podem ser destacadas tratando-se inicialmente daquelas que tiveram por objetivo influenciar o mercado e aperfeiçoar a comercialização dos produtos agrícolas e de fatores utilizados na produção agropecuária; posteriormente, são relacionadas as medidas atinentes à infra-estrutura do setor agrícola como um todo.

- Tributação

- Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM)

Procurando harmonizar a política tributária nos diversos estados e, precipuamente, evitar que surjam problemas graves na comercialização de produtos agrícolas através de vantagens comparativas artificialmente geradas, capazes de introduzir distorções na produção e alocação de recursos a nível regional, o Governo Federal introduziu recentemente algumas modificações importantes na área do ICM. Entre estas destaca-se a que estabelece que somente mediante convênios celebrados e ratificados pelos estados e pelo Distrito Federal, podem ser concedidas ou revogadas isenções do ICM (Lei Complementar nº 24, de 07/01/1975). A redução de base de cálculo, devolução total ou parcial de imposto, concessão de créditos presumidos, prorrogação e extensão das isenções vigentes ou quaisquer outros incentivos ou favores fiscais passaram, também, a ser regulados por tais dispositivos.

Ao mesmo tempo, foram mantidos os benefícios fiscais decorrentes de convênios regionais e nacionais vigentes à data da Lei, até que revogados ou alterados por outro. Continuaram, também, em vigor, os benefícios fiscais ressaltados pelo § 6º do artigo 3º do Decreto Lei nº 406/66 e artigo 5º do Decreto Lei nº 834/69, até o vencimento do prazo ou cumprimento das condições correspondentes.

Quaisquer outros benefícios fiscais, concedidos pela legislação estadual, seriam

revogados se não fossem convalidados pelo primeiro convênio que se realizasse na forma da Lei Complementar nº 24, ressalvados aqueles concedidos por prazo certo ou em função de determinadas condições que já tivessem sido incorporadas ao patrimônio jurídico do contribuinte.

Alicerçados nesta Lei Complementar celebraram-se os seguintes convênios:

- Convênio ICM-5, de 15/04/1975, que estabeleceu estímulo fiscal nas saídas para o exterior de carne bovina congelada e industrializada, tornando, assim, sem efeito o disposto na cláusula 4a. do Convênio AE-1/73.

Os signatários deste Convênio foram autorizados a dispensar a exigência prevista na cláusula primeira do Convênio AE-18/72 em que se decidiu exigir o estorno total do ICM, nas operações de saída para o exterior, de carne bovina verde, resfriada ou congelada, aplicável às saídas efetuadas a partir de 01/01/1973.

Este Convênio entrou em vigor na data de sua ratificação nacional (23 e 25/4/1975) aplicando-se às operações com Guias de Exportação emitidas a partir de 23/03/1975.

- Convênio ICM-6, de 15/04/1975, que concedeu isenção de ICM sobre as saídas de arame farpado, fios de ferro ovalados para cerca, tratores, inclusive tratores guinchos, e máquinas e implementos agrícolas de produção nacional, relacionados em anexo à Portaria 668 do Ministério da Fazenda;

- Convênio ICM-1, de 27/02/1975, que convalidou uma série de Protocolos dentre os quais:

Protocolo AE nº 5, de 22/11/1975, que prorrogou a vigência do VI Convênio do Rio de Janeiro, de 03/07/1969, o qual estabelecia o seguinte:

- a) a base de cálculo do ICM fica reduzida em 15% nas saídas efetuadas pelo estabelecimento abatedor de bovinos, suínos, caprinos, ovinos e coelhos, bem como de outros produtos comestíveis (miúdos) resultantes desse abate;
- b) isentar do ICM as saídas efetuadas por estabelecimentos varejistas, para o território do Estado, de carne de bovinos, suínos, caprinos, ovinos e coelhos, bem como de outros produtos desses animais; e
- c) nas transferências entre estabelecimentos varejistas, aplica-se a mesma redução de base de cálculo prevista na alínea "a".

Protocolo AE nº 1, de 07/02/1973, que concedeu crédito presumido de 60% do ICM incidente na primeira saída de amendoim em casca ou em grão do estabelecimento produtor;

Protocolo AE nº 5, de 28/03/1973, que concedeu isenção às saídas de leite "in natura" promovidas por estabelecimentos varejistas, entrepostos e usinas; nas saídas do estabelecimento produtor com destino a outra unidade da Federação, concedeu crédito presumido de 90% da alíquota interestadual sobre o preço do leite posto na plataforma da usina.

Protocolo AE nº 6, de 27/6/1973, que concede isenção do ICM nas operações interestaduais com sorgo e milho quando destinados à fabricação de ração ou alimentação animal.

Protocolo AE-11, de 17/08/1973, referente à cláusula terceira do Convênio AE nº 4, de 22/11/1972, que permite aos estados signatários exigir o estorno na forma do parágrafo 3º do art. 3º do Decreto Lei nº 406, de 31/12/1968, quando na saída de algodão em pluma não ocorrer débito do ICM. Tal artigo estabelece que o ICM é não cumulativo, abatendo-se em cada operação o montante cobrado nas anteriores.

- Imposto de Renda (IR)

A fim de estimular o interesse de novos empresários e incrementar a formação de capital dentro da agricultura, foi aprovado pelo Decreto Legislativo nº 35, de 23/04/75, o texto do Decreto Lei nº 1.382, de 26/12/74 que, em resumo, estabeleceu:

- a) as empresas agrícolas constituídas até 1979, pagarão imposto sobre a renda à razão de 6% sobre os lucros apurados, com observância das deduções autorizadas;
- b) os beneficiários de lucros e dividendos, distribuídos por essas empresas poderão optar pela incidência do imposto, exclusivamente na fonte, à razão de 15% do valor desses rendimentos; e
- c) ficarã asseguradas às empresas agrícolas constituídas até a data anterior à publicação do Decreto Lei nº 1.382 o direito a isenção do imposto de renda no primeiro biênio, 50% de redução no terceiro ano e 25% de redução no quarto ano.

- Mercados e Preços

- Controle de preços de carne

Considerando a necessidade de disciplinar a comercialização de cortes especiais de carcaças e novilhos precoces e estimular a adoção de nova tecnologia na produção de carnes a SUNAB, através da Portaria nº 89 de 25/10/74 resolveu:

- a) autorizar a comercialização, livre de controle de preços, de cortes especiais de carcaças bovinas obtidas de novilhos precoces;
- b) que para tal efeito, entende-se como carcaças bovinas de novilhos precoces, aquelas provenientes de animais machos cuja idade não ultrapasse 30 meses e que apresente peso morto mínimo de 200kg, atendida a conceituação de carcaça definida pelo DIPOA; e
- c) que os cortes especiais sã poderão ser preparados em estabelecimentos de abate

sob inspeção federal, observadas as instruções baixadas pelo DIPOA especificando as condições mínimas indispensáveis à preparação e controle do produto, cabendo ainda ao DIPOA credenciar as indústrias que atendam aquelas condições .

- Produção e preços de açúcar

O Instituto de Açúcar e do Alcool, através do Ato nº 5/75 de 30/04/1975, concedeu às usinas da região Centro-Sul, em caráter precário, permissão para iniciar moagem de canas, para produção de açúcar cristal, a partir de 01/05/1975, por conta da safra 1975/76, tendo em vista as condições climáticas peculiares às respectivas zonas canavieiras.

Posteriormente, pela Resolução nº 2.091 de 06/05/1975, o IAA estabeleceu a distribuição da produção de açúcar da safra 1975/76. A previsão global da safra, para o Brasil, foi de 129.000.000 de sacos de 60kg assim divididos:

- a) açúcar cristal 78.300.000 sacos, para o mercado interno, com "reserva de remanejamento" de 7.200.000 sacos; e
- b) açúcar demerara 33.500.000 sacos e 10.000.000 sacos de cristal para o mercado externo.

A participação de São Paulo foi fixada em 60.600.000 sacos, dos quais:

- a) cristal 37.600.000 sacos, para o mercado interno, com "reserva de remanejamento" de 1.000.000 sacos; e
- b) demerara 15.000.000 sacos e 7.000.000 sacos de açúcar cristal para o mercado externo.

Mais recentemente, através do Ato nº 6/75, de 23/05/1975, considerando a decisão proferida pelo CMN em reunião de 22/05/75, o IAA resolveu fixar os preços oficiais de liquidação do açúcar cristal "standard", por saco de 60kg na condição PVU, em Cr\$ 62,87 na região Centro-Sul e Cr\$ 69,80 na região Nordeste.

Os preços oficiais de faturamento do açúcar cristal "standard", por saco de 60kg na condição PVU, foram fixados em Cr\$ 78,82 na região Centro-Sul e Cr\$ 79,75 na região Nordeste, já incluídos os valores de contribuição para o IAA de Cr\$ 4,52 por saco e o valor do ICM calculado na base de 14,5% para a região Centro-Sul e de 15,5% para a região Nordeste.

Tais preços somente serão aplicados à circulação da mercadoria dentro do estado produtor. Quando a venda se destinar à saída para outros estados, o preço oficial de faturamento será de Cr\$ 76,58 nas duas regiões produtoras, já incluídos, nesse preço, a contribuição para o IAA e o valor do ICM, calculado na base de 12% para ambas regiões.

Os preços-base da tonelada de cana posta na esteira e fornecidas às usinas foram fixados em Cr\$ 59,15 na região Centro-Sul, cabendo Cr\$ 51,48 para a cana no campo, Cr\$ 7,30 para transporte e Cr\$ 0,37 para o PIS (0,625%). A estes preços básicos deve-se acrescentar o subsídio direto de Cr\$ 21,38, perfazendo, por tonelada de cana na esteira, exclusive o ICM e o PIS, a remuneração total de Cr\$ 80,16, na região Centro-Sul, e Cr\$ 98,70 na região Nordeste.

- Preços mínimos para a seda

Tendo em vista a recente crise de preços experimentada pelo setor sericícola o Governo Federal decidiu através do Decreto nº 75.089, de 16/12/1974, autorizar a fixação de preços mínimos para financiamento ou aquisição da seda produzida no Distrito Federal e mais dez estados, inclusive São Paulo.

Como o "casulo verde" é um produto perecível e o casulo seco exige instalações especiais para armazenamento, a aplicação do preço mínimo será feita através das fiações. O preço mínimo único para todos os estados, para casulo verde, estabelecido em função dos tipos, deverá ser pago pelas fiações aos produtores ou às cooperativas de produtores, livre de quaisquer deduções, inclusive ICM e contribuição ao FUNRURAL, atendidas as especificações de classificação a serem baixadas pelo Ministério da Agricultura, bem como as constantes de Instruções da CFP.

O preço mínimo único para o fio da seda, aplicável às operações de aquisição e financiamento, refere-se ao produto classificado de acordo com normas a serem baixadas pelo Ministério da Agricultura ou Comissão de Financiamento da Produção.

O mesmo Decreto concede, também, ao M.A. autorização para rever, mediante portaria, as normas de classificação relativas ao casulo verde e ao fio de seda, atualmente reguladas pelo Decreto nº 15.587 de 17/05/1944.

- Operações de compra e financiamento de milho e sorgo

Os criadores de aves, suínos e bovinos foram incluídos, pela CFP, entre os beneficiários da política de preços mínimos nas operações de compra e financiamento de milho e sorgo.

Referidas operações serão realizadas com criadores que utilizem os produtos exclusivamente para alimentação de animais e mediante comprovação de haverem os interessados pago, diretamente aos produtores ou a suas cooperativas, preços nunca inferiores aos mínimos estabelecidos.

Para esclarecimentos complementares e efetivação dos negócios os interessados deverão dirigir-se às agências do Banco do Brasil.

- Comitês de Exportação

A Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (CACEX) objetivando "manter estreito e permanente entendimento com órgãos representativos da agricultura, do beneficiamento, do comércio e da indústria; possibilitar o exame rápido e integrado da situação dos mercados; estabelecer a política global de comercialização externa de setores específicos, com vistas a incrementar a receita cambial do País e garantir justa remuneração aos produtores e, tomar decisões conjugadas em relação aos problemas setoriais de comercialização", resolveu instituir Comitês de Exportação com caráter consultivo.

Assim, pelos Comunicados 506, de 21/03/1975, e 508, de 02/05/1975, foram inicialmente instituídos, respectivamente, os Comitês de Sucos Cítricos e o de Algodão em Pluma e Produtos Manufaturados Textéis, cujas reuniões se realizam por convocação da CACEX ou por solicitação de um dos representantes. Nesses Comitês, a Secretaria da Agricultura de São Paulo também se faz representar.

- Crédito e Subsídios

- Financiamento para aquisição de insumos

Importantes modificações, visando facilitar a sistemática operacional e reduzir os custos dos empréstimos destinados à compra de insumos pelos agricultores, foram estabelecidas pelo Banco Central do Brasil no decorrer dos últimos meses. Entre outras medidas podem-se destacar as que se seguem.

A Circular nº 226, de 08/05/1974, que estabelece novas condições de financiamento para aquisição de fertilizantes.

Tais financiamentos poderão ser realizados, de agora em diante, durante o ano inteiro, alterando-se assim, a prática que vinha sendo adotada, de realizá-los apenas em determinadas épocas do ano. Em consequência, as disposições em vigor para as operações da espécie ficam alteradas nos seguintes pontos:

- a) propostas - podem ser recebidas em qualquer época do ano, ainda que se destinem ao pagamento de aquisições feitas até 180 dias antes das datas de sua apresentação; e
- b) contratação dos financiamentos - poderá ser realizada imediatamente após o recebimento das propostas.

O vencimento das operações continuará a ser fixado em função da época da obtenção dos rendimentos das explorações a que se destinarem os fertilizantes e o subsídio será concedido a partir da data de utilização do crédito ainda que esta ocorra antes da época normal de emprego dos fertilizantes.

A Resolução nº 311, de 11/11/1974, tornando público que o Conselho Monetário Nacional, em sessão de 11/11/1974 resolveu isentar totalmente de encargos bancários as operações de crédito rural destinadas a aquisição de insumos modernos utilizáveis nas atividades agropecuárias e que já vem sendo parcialmente subsidiadas pelo Fundo Especial de Desenvolvimento Agrícola (FUNDAG).

Essa mesma Resolução estabelece que somente farão jus à isenção referida anteriormente as operações de crédito rural contratadas no período de 1º de julho a 31 de dezembro de 1974, inclusive. E atribuiu ao FUNDAG a responsabilidade pelo pagamento também dos subsídios adicionais já referidos, os quais prevalecerão até a liquidação normal das citadas operações.

- Subsídio na Compra de Fertilizantes

A Circular nº 249, de 14 de abril de 1975 do Banco Central do Brasil aprovou o estabelecimento de subsídio que consiste em desconto, sobre o valor total do financiamento para aquisição de fertilizantes, a ser pago pelo produtor rural, de 40% sobre os preços de tabela, à vista, das empresas fornecedoras. Tal medida teve caráter retroativo para os financiamentos contratados a partir de 1º de janeiro de 1975.

Desde o segundo semestre de 1974 os fertilizantes gozavam da isenção total dos encargos bancários (Resolução nº 311, já referida) mas, com o subsídio de 40%, perderam aquela regalia, de modo que na prática o subsídio líquido será de aproximadamente 25%.

Os demais insumos modernos utilizáveis nas atividades agropecuárias continuarão gozando de isenção total dos encargos bancários, enquanto os fertilizantes pagarão os juros normais, do crédito rural (13% ou 15% ao ano dependendo do beneficiário (produtor ou cooperativa) e do montante do empréstimo).

Aqueles que pagarem a vista, com recursos próprios, seus fertilizantes, também têm direito ao subsídio, a partir de 14/4/1975.

São beneficiários do Programa os produtores rurais ou suas cooperativas, assim como os órgãos governamentais e empresas (do Governo ou não) que se dediquem à experimentação e pesquisas agropecuárias.

Aos 17/6/1975, o Banco Central expediu a Circular nº 257 cancelando a de nº 249 e seu anexo. Isto foi feito, tendo em vista a conveniência de esclarecimentos complementares e alguns ajustamentos nas normas vigentes até então para o subsídio aos fertilizantes.

- Sistema de Seguro do Crédito Rural - Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (PROAGRO)

Com o objetivo de exonerar o produtor rural de obrigações financeiras relativas às operações de crédito, cuja liquidação venha a ser dificultada pela ocorrência de fenôme

nos naturais, pragas e doenças de controle desconhecido, que atinjam bens, rebanhos e plantações, bem como atuar como instrumento de incentivo à adoção de melhor tecnologia na produção foi instituído o PROAGRO (Lei nº 5.969 de 11/12/1973).

Regulamentado pela Resolução nº 301, de 9/10/1974, do Banco Central do Brasil, e obedecendo a Circular nº 241, de 23/12/74, o Sistema Nacional de Crédito Rural iniciou as operações com o PROAGRO a partir de 1º de janeiro de 1975. No âmbito do Estado de São Paulo, a Secretaria da Agricultura recebeu delegação do Banco Central do Brasil (através de convênio) para desenvolver o PROAGRO.

Constituem recursos do PROAGRO:

- a) adicional de 1% ao ano calculado sobre os saldos devedores dos financiamentos em 30 de junho e em 31 de dezembro de cada ano, no vencimento e/ou na liquidação do empréstimo;
- b) valores alocados pelo CMN para suplementar as suas receitas; e
- c) dotações constantes do Orçamento da União, a partir de 1976, para cobertura de eventuais déficits do Programa.

Somente as operações de custeio e/ou investimento podem ser enquadradas. Quanto às de custeio, apenas se aplicam aquelas de custeio integral, isto é, quando o orçamento geral do custeio da atividade inclui verbas para emprego de insumos modernos em valor igual ou superior a 7,5% do valor do financiamento nas explorações pecuárias e 15% nas explorações agrícolas.

Não são enquadráveis no PROAGRO: custeio singular; custeio de beneficiamento ou industrialização; pesca; prestação de serviços; comercialização; florestamento e reflorestamento; atividades exploradas em épocas e/ou locais que as tornem sujeitas aos riscos de fenômenos naturais, pragas e doenças, além de outras por anomalias no relacionamento do mutuário com o Banco.

- Programa Nacional de Pastagens (PRONAP)

A Circular nº 256, do Banco Central do Brasil, aprovou o regulamento que disciplina as operações realizadas ao amparo do Programa Nacional de Pastagens. Dentro da política de desenvolvimento tecnológico no campo da produção da pecuária de corte, o programa objetiva o seguinte:

- a) melhoria do nível de manejo e tratamentos sanitários para obtenção de maior taxa de natalidade e menor taxa de mortalidade;
- b) melhoria do nível de alimentação, sobretudo com a finalidade de reduzir os

desníveis estacionais de oferta; e

- c) elevação da taxa de desfrute, de modo a aumentar significativamente a oferta de bovinos para abate.

Os recursos do programa serão destinados ao financiamento das seguintes finalidades mencionadas no regulamento:

- a) recuperação de pastagens cansadas ou fracas - aração, gradagem, semeadura, etc;
- b) formação de capineiras de corte e de pastagens de gramíneas e/ou leguminosas adaptáveis a região - desbravamento, drenagem, desmatamento, etc;
- c) aquisição de insumos, quando utilizáveis na recuperação, reforma ou formação de pastagens naturais e artificiais;
- d) obras de proteção ao solo contra erosão;
- e) construção de açudes, barragens, poços, etc;
- f) aquisição de material para instalação de água, luz e telefone;
- g) construção de galpões e cercas para divisão racional de pastagens, bebedouros, etc;
- h) aquisição de maquinaria e utensílios destinados à prática de fenação e ensilagem; e
- i) construção de instalações apropriadas à guarda e conservação de produtos destinados a alimentação animal.

A área de atuação do programa abrange todo território nacional. Os beneficiários (produtores ou suas cooperativas) só poderão pleitear o financiamento, se demonstrarem, através de projetos técnicos, a viabilidade da exploração. Tais financiamentos poderão cobrir até 100% das necessidades do projeto. Os prazos serão determinados pela entidade elaboradora do estudo técnico, não podendo ultrapassar os seguintes limites:

- a) investimentos fixos - até 12 anos, incluindo até 4 anos de carência;
- b) investimentos semifixos - até 8 anos, inclusive até 2 anos de carência; e
- c) correção do solo e adubação intensiva - até 5 anos, incluindo 2 anos de carência.

Os bens adquiridos com o crédito serão pagos diretamente pelo Banco ao vendedor me diante entrega de documentação probatória da venda. Sobre os saldos devedores das parcelas do financiamento, incidirão os seguintes encargos financeiros:

- a) insumos subsidiáveis - taxa nula, ou sob outras condições futuramente estabelecidas;
- b) recuperação, reforma ou fundação de pastagens - 7% ao ano;
- c) fertilizantes - taxas normais do Manual de Crédito Rural (MCR) com subsídio no preço do produto, na forma das instruções vigentes; e
- d) demais itens financiáveis - taxas normais do MCR.

Os encargos financeiros serão debitados e exigíveis, segundo as normas do MCR, sen do que os relativos ao período de carência serão exigíveis juntamente com as prestações ou na liquidação do empréstimo, obedecida a capacidade de pagamento indicada pelo projeto técnico.

- Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo (BADESP)

A Lei Complementar Estadual nº 107, de 24 de setembro de 1974, modificou a legislação referente à atuação do BADESP que deixa de ser agente do Tesouro Estadual e passa a ser a instituição financeira incumbida das operações que se relacionem com o desenvolvimento econômico do Estado, cabendo-lhe para esse fim e especificamente:

- a) realizar as operações ativas e passivas definidas pelas autoridades monetárias como características de bancos de desenvolvimento;
- b) tomar, junto a instituições financeiras nacionais, estrangeiras e internacionais, medidas destinadas a obtenção de financiamento de participação societária, em favor de fundos especiais, entidades do Estado ou empresas de cujo capital ele participe; e
- c) incentivar a pesquisa tecnológica, aplicada à produção, e concorrer para a formação e o aperfeiçoamento de recursos humanos especializados nas técnicas de e laboração, análise e execução de projetos de desenvolvimento.

- Programa de Desenvolvimento da Pecuária de Corte (PRODEPE)

Seu principal objetivo é a elevação dos índices de produtividade da pecuária bovina na área de atuação do CONDEPE (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais).

Detalhe importante é que o PRODEPE será custeado com recursos nacionais, propiciando encargos financeiros mais atrativos ao tomador, que aqueles exigidos nos empréstimos provenientes de recursos externos. Os financiamentos do novo programa terão prazo de até 12 anos (com 4 de carência) e juros de 7% a.a. acrescidos de correção monetária, fixado pelo Conselho Monetário Nacional. Exceção é prevista para o caso dos insumos subsidiáveis, os quais seguirão o MCR.

Segundo o regulamento recentemente aprovado pelo Banco Central, os limites operacionais serão de 200 vezes a 5 mil vezes o maior salário mínimo vigente no País (de Cr\$ 106 mil a Cr\$ 2,6 milhões em números redondos) prevendo-se ainda financiamentos superiores em casos excepcionais. Os projetos técnicos poderão ter atendidas integralmente as suas necessidades de investimento.

- Prestação de Serviços

- Licença para serviços de inseminação artificial

A fim de proporcionar maior garantia aos pecuaristas quando se servirem dos trabalhos de empresas dedicadas à industrialização e comercialização do sêmen, o Departamento Nacional de Produção Animal, através da Portaria nº 24, de 24/3/1975, aprovou o Regulamento da Aplicação de Inseminação Artificial aos Animais Domésticos.

Estabelece o documento a obrigatoriedade, daquelas empresas de apresentar licença do Ministério da Agricultura, expedida, pela Divisão de Fisiopatologia da Reprodução e Inseminação Artificial (DIFRIA) do DNPA.

- Armazenagem

Segundo o Conselho de Desenvolvimento Econômico, o desenvolvimento da infraestrutura de armazenagem não tem acompanhado o ritmo de crescimento da produção agrícola, verificando-se, em diferentes regiões, principalmente naquelas de recente incorporação ao processo produtivo, deficit agudo de capacidade armazenadora, tanto a granel como em sacaria.

Por outro lado, na região Sul, e em particular nos estados produtores de trigo e soja, o deficit de armazenagem manifesta-se, sobretudo, sob a forma de inadequação da rede existente.

Embora ainda não tenha sido concluído o Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras, pode-se estimar o deficit de capacidade estática para a safra agrícola 1975/76 em 2,5 milhões de toneladas, sendo 1,22 milhão para produtos ensacados e 1,28 milhão para produtos a granel, o que demandaria investimentos da ordem de 1,6 bilhão de cruzeiros. Até 1979/80 estima-se a necessidade de ampliação da capacidade armazenadora do País, em pelo menos, 10 milhões de toneladas, o que demandaria recursos da ordem de 7 bilhões de cruzeiros.

Tendo em conta tal situação, a União, pelo Decreto nº 75.688, de 02/05/1975, criou o Programa Nacional de Armazenagem, com sete subprogramas, referentes a construção, ampliação e modernização de armazens e silos; estudos e pesquisas; treinamento, assistência técnica; fiscalização e inspeção de armazens e silos; subscrição, integralização e aumento de capital das empresas do sistema; e integração das redes oficiais e particulares de armazenagem. No primeiro ano, deverá o Banco Central do Brasil colocar à disposição do Programa, recursos até o limite de Cr\$ 800 milhões.

- Inspeção e Fiscalização do Comércio de Fertilizantes, Corretivos e Inoculante

O artigo 7º da Lei nº 6.138, de 08/11/1974 e seu regulamento (Decreto nº 75.583/75) estabeleceram, a partir de junho de 1975, que sem prejuízo da responsabilidade penal cabível, a infração das normas legais sobre estes insumos acarretará, isolada ou cumulativamente, as seguintes sanções:

- a) advertência;
- b) multa igual a 5 vezes o valor das diferenças, para menos, entre os teores dos macronutrientes primários garantidos no registro e os resultados encontrados nas análises, calculadas em tais diferenças sobre a quantidade de fertilizantes fiscalizada;
- c) multa de até 20 vezes o maior salário mínimo vigente no País, para as demais infrações não capituladas no item anterior;
- d) embargo; e
- e) cassação do registro.

Sem prejuízo das penalidades previstas, sempre que conveniente a entidade fiscalizadora publicará os resultados analíticos, indicando: nome da empresa; nome comercial do produto; identificação da amostra; volume da partida do lote; teores de nutrientes garantidos; teores de nutrientes encontrados; e diferenciais apurados.

- Previdência Social

- Acidentes do trabalho rural

A partir de 19 de julho de 1975 entrou em vigor nova sistemática de seguro sôbre acidente do trabalho rural, agora regulamentada pela Lei nº 6.195, de 19/12/1974, que vem alterar a legislação anterior (Decreto Lei nº 7.036, de 10/11/1944; Decreto nº 18.809, de 5/6/1945 e Decreto nº 61.874, de 21/11/1967).

Acidente de trabalho é aquele que ocorrer pelo exercício do trabalho, a serviço da empresa, provocando lesão corporal, perturbação funcional ou doença que cause a morte ou perda ou redução, permanente ou temporária, de capacidade para o trabalho. Será considerado como do trabalho o acidente que, embora não tenha a causa única, haja contribuído diretamente para a morte ou a perda ou a redução da capacidade para o trabalho.

O seguro de acidente do trabalho, de que trata o artigo 19 da Lei nº 5.889/73, ficará a cargo do FUNRURAL e dará direito, conforme o caso a:

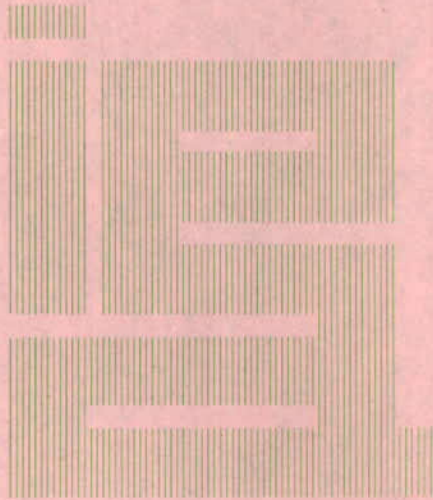
- a) auxílio-doença, no valor de 75% do maior salário mínimo em vigor no País, a contar do dia seguinte ao do acidente;
- b) aos benefícios do FUNRURAL, com aposentadoria ou pensão; e
- c) a assistência médica.

No caso de auxílio-doença, cabe ao empregador pagar o salário no dia do acidente.

O custeio dos benefícios do FUNRURAL, por acidente de trabalho, será atendido por uma contribuição de 0,5% incidente sobre o valor comercial dos produtos agropecuários em sua primeira comercialização.

MEMORANDOS DE PRODUCCION

6



6 - MERCADOS DE PRODUTOS

As análises de mercado aqui apresentadas cobrem os fatos econômicos e estatísticas disponíveis até julho do corrente ano. Em sua grande maioria, os números se referem até o final de junho de 1975, enquanto os fatos relevantes foram considerados até o último momento, ou seja, aquela data de fechamento referida ao final da análise de cada produto.

- Algodão

- Panorama internacional

Sendo ainda o mais importante ramo da indústria textil, a situação econômica da fibra de algodão permanece numa estreita dependência do desenvolvimento da crise mundial, na qual, foi essa indústria um dos setores mais afetados.

São arrolados, em seguida, os principais aspectos que estão ou poderão estar militando a favor e contra a economia do algodão. Dentre os primeiros, podem ser citados:

- a) sensíveis reduções nas áreas de plantio de muitos dos principais países produtores e referentes à safra 1975/76. Uma primeira estimativa sobre as consequências dessa redução orça em 4 milhões de fardos a "quebra" no volume da futura safra em relação à anterior (62,7 milhões de fardos);
- b) melhoria, em favor do algodão, da posição competitiva dos preços com as fibras artificiais, a qual, poderá ainda reforçar-se com os futuros aumentos nos preços do petróleo;
- c) certa diminuição nos grandes estoques existentes em alguns dos principais países importadores; e
- d) ampla gama de tipos de algodão em oferta, possibilitando à indústria a seleção da matéria-prima mais econômica para quase todos os usos.

Dentre os fatores adversos, destacam-se:

- a) grande "carry-over" previsto para o final da presente safra. Até há pouco ele era estimado em 29 milhões de fardos, sendo no momento objeto de estimativas que o situam em 30 ou até mesmo 30,5 milhões de fardos, o que equivaleria a mais da metade do consumo anual do mundo e um adicional de 6 milhões de fardos sobre o ano anterior. De notar que esse acréscimo no "carry-over" mundial é superior à redução que se espera no volume da próxima safra;
- b) com exceção dos Estados Unidos, onde se espera que o consumo aumente ligeiramente em relação aos baixíssimos níveis da temporada 1974/75 (só encontrando paralelo há mais de 40 anos passados) não se observam ainda indícios duma recuperação do consumo nos principais países importadores;
- c) dificuldades com que se defronta a indústria textil em muitos países industrializados, seja de ordem financeira ou pela concorrência de fios de tecidos im-

portados; e

- d) notícias de que em certos países da chamada área socialista, notadamente Rússia e China, o volume da próxima safra será maior. As informações ganham relevo para a China, que passaria a contar até com alguma disponibilidade exportável, invertendo assim sua posição dos últimos anos em que foi destacado importador.

O balanço desses prós e contras parece indicar que a economia algodoeira continuará a defrontar-se com dificuldades, ficando seus preços sujeitos a flutuações erráticas, mas não muito acentuadas. Isto, é claro, com as ressalvas que necessariamente devem acompanhar qualquer opinião sobre comportamento de preços.

- Situação interna

A safra 1974/75 ofereceu um aspecto altamente positivo: a ótima qualidade do algodão. Quando se analisam outras características importantes no comportamento dessa safra, as conclusões são desfavoráveis, ou na melhor das hipóteses, neutras. Neste último caso situa-se por exemplo o rendimento físico por unidade de área, cujo montante esperado de 1.357kg/ha, pode ser considerado normal pois representa um ganho de 3% sobre a temporada precedente e uma quebra de 6% em relação há dois anos atrás.

Com uma produtividade razoável e muito boa qualidade do produto, a safra, que poderia ser tida até como satisfatória, não o foi, ao menos sob o ponto de vista dos produtores. Isto, em razão de alguns fatos, a seguir comentados.

Absorvendo em sua plenitude a grande alta dos preços dos insumos, os custos de produção resultaram muito elevados. A comercialização do algodão em caroço foi, além de tumultuada a princípio, bastante desfavorável aos produtores. De início, muitos maquinistas mantiveram-se "mudos", não se pronunciando quanto à compra dos algodões que lhes eram oferecidos. Num segundo estágio, alguns deles passaram a efetuar uma série de descontos não usuais sobre sacaria para colheita, transporte, etc.

Após essa fase, e quando já se havia conseguido do Governo Federal o incentivo referente à isenção de impostos para a exportação do produto, as aquisições dos maquinistas entraram em ritmo normal, mas, com o expediente de rebaixar o tipo do algodão entregue e consequentemente adquiri-lo por menores preços, ressalvadas algumas exceções.

A difícil comercialização da safra foi agravada pelas circunstâncias em que se processou aquela da safra precedente, deixando um alentado número de negócios para ser ainda ultimado entre maquinistas e produtores e grande número destes, com obrigações bancárias referentes a financiamentos de custeio daquela safra, ainda que seus prazos para resgate também tenham sido protelados.

A julgar também por informações obtidas junto aos produtores, não foram muitos que obtiveram um bom resultado econômico (receita líquida) com a lavoura algodoeira nos dois últimos anos. Isto, no que concerne a São Paulo.

No Paraná, tudo indica ser a safra 1974/75 quase igual à passada em volume de produção, com rendimentos físicos menores e melhor qualidade do produto. De observar que neste Estado, as duas últimas safras não foram tão más, porém tiveram comercialização tão desordenada e precária, como em S. Paulo e de resto nos demais estados produtores da Região Meridional. Com isso e com o avanço da soja e do trigo, observa-se também desânimo em relação à lavoura paranaense de algodão.

Em Mato Grosso, cuja produção de algodão em caroço é quase totalmente comercializada em São Paulo e com o grande avanço da soja e do trigo que ali vem ocorrendo, as perspectivas algodoeiras não são melhores do que em São Paulo e Paraná.

Goiás, que em 1971/72 chegou a produzir mais de 80 mil toneladas de algodão em pluma, provavelmente não alcance 20 mil em 1974/75. A frustração e má comercialização das últimas safras, bem como o avanço da soja, reduziram drasticamente o cultivo do algodão nesse Estado. De tal ordem foi essa redução que talvez haja uma sustação da tendência declinante.

Em Minas Gerais, na Zona do Triângulo Mineiro não ocorreu retração tão grande, até porque a expansão fora muito menor. Entretanto, os resultados para os cotonicultores bem como sua disposição em relação ao novo plantio são semelhantes aos de Goiás. Ao Norte, na região de Montes Claros, onde as condições são muito diferentes do restante da Região Meridional do País, inclusive quanto às opções para outros cultivos, parece ser mais sólida a perspectiva algodoeira.

A recente evolução da lavoura de algodão nos estados da Região Meridional pode ser apreciada no quadro 38.

O conjunto de perspectivas adversas que vem de ser exposto não implica, necessariamente, que venha a ocorrer considerável redução na superfície do próximo plantio. É preciso ter em conta a presença de vários fatores que freiam ou retardam a mudança de uma exploração para outra, como por exemplo: perspectivas das explorações competitivas; estrutura da propriedade e investimentos existentes em maquinaria; habilitação da mão-de-obra disponível; contratos de arrendamento em vigência; e conhecimentos, hábitos e idiosincrasias de quem decide quanto à escolha das atividades. Sendo a lavoura de algodão altamente especializada é bem provável que os produtores tradicionais e mais eficientes permaneçam na atividade, inclusive pelos investimentos já realizados na empresa.

Há que acrescentar também, que a evolução dos preços no mercado externo até a época da semeadura e os níveis de preços mínimos a serem assegurados podem ainda influir bastante na área de plantio para 1975/76. Um outro fator que exercerá influência em favor da lavoura de algodão é o subsídio aos fertilizantes, item de peso muito ponderável nos custos de produção.

- Perspectivas

Com o exposto e dispensando as ressalvas que devem acompanhar as previsões sobre a próxima semeadura parecem cabíveis as seguintes:

- a) em São Paulo, uma retração de aproximadamente 20%. Nas regiões do Oeste, como

Presidente Prudente, Araçatuba e Rio Preto, os indícios pendem para contração maior, falando-se até em 40%;

- b) no Paraná, redução possivelmente superior à de São Paulo, em torno de 30%. Na região de Assaí, onde a cultura é tradicional, a quebra no plantio poderá ser considerável, com o avanço do trigo. No Oeste paranaense, com a existência de pequenas propriedades onde há ainda necessidade de destoca para a introdução de explorações mecanizadas, como soja e trigo, essa quebra deverá ser bem menor;
- c) em Mato Grosso as perspectivas são mais ou menos semelhantes às de São Paulo; e
- d) no Triângulo Mineiro e Goiás, dificilmente se poderá contar com grandes acréscimos de plantio. O Norte de Minas Gerais talvez seja a zona da Região Meridional que registrará maior avanço na área de semeadura.

Admitindo que os rendimentos por unidade de área sejam normais, o volume de produção de toda a Região Meridional deverá girar em torno de 270 mil toneladas de algodão em pluma, quantidade esta inferior a certas estimativas sobre o consumo desses algodões do País. Ainda que os cálculos sobre o consumo sejam objeto de controvérsia, parece provável que a safra 1975/76 não proporcionará excedente para exportação.

O custo operacional por hectare, estimado pelo IEA, para 1975/76 é Cr\$ 4.513,00, ou seja, 39% acima de 1974/75. Outro registro sobre o algodão em São Paulo é que a projeção de oferta feita no capítulo 2 (na média, de 490 mil toneladas de algodão em caroço) não é consistente com as perspectivas do mercado, visto não terem sido devidamente captadas no modelo os fatos mais recentes que estão condicionando a oferta do produto.

(IEA, 12/07/1975)

QUADRO 38. - Produção de Algodão em Rama no Sul do País (¹), 1969/70 a 1974/75
(1.000 toneladas)

Safra	São Paulo	Paraná	Mato Grosso	Minas Gerais	Goiás	Total	Índice
1969/70	267	191	-	42(²)	-	500	100
1970/71	228	124	14	16	25	407	81
1971/72	229	128	18	36	81	492	98
1972/73	225	141	15	27	50	458	92
1973/74	187	122	12	23	23	367	73
1974/75 (³)	175	112	13	23	17	340	68

(¹) Os dados referentes a Paraná, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso estão acrescidos dos algodões provenientes desses estados e beneficiados em S.Paulo, sempre que tais dados sejam conhecidos.

(²) Soma de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

(³) Preliminar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e outras Instituições estaduais.

- Amendoim

- Panorama internacional

A produção mundial de amendoim em casca, para a temporada de 1974/75, foi estimada ao redor de 15.880 mil toneladas, 180 mil toneladas (1,1%) a menos que aquela de 1973/74, em consequência da menor produção obtida no principal País produtor, a Índia; isto apesar do crescimento em outras regiões, como Estados Unidos, China e alguns países da África.

Essa produção mundial de amendoim tem-se retraído nos últimos anos e os estoques do produto mantidos em níveis reduzidos. Assim, quebras de produções em alguns dos principais países produtores ocasionam reflexos diretos no comportamento dos preços no mercado internacional, tanto do produto em grão como dos seus derivados, óleo e farelo.

Prevê-se para a temporada comercial 1974/75, que as exportações tanto de farelo de amendoim como de óleo venham a situar-se em níveis acima das ocorridas no ano anterior, porém ainda abaixo da média dos últimos três anos, enquanto que para o produto em grão deverão registrar-se níveis inferiores aos das últimas temporadas.

As cotações do amendoim em grão apresentaram seguidas altas no ano de 1973 e primeiro semestre de 1974. Na segunda metade de 1974 essas cotações experimentam tendência de baixa, contudo atualmente estão em níveis superiores à média dos últimos anos. Para o farelo, que obteve em 1973 elevadas cotações, a partir de outubro de 1974, vem ocorrendo sucessivas baixas, estando no momento com preços bastante inferiores aos dos últimos dois anos.

Quanto ao óleo de amendoim o comportamento foi semelhante ao do farelo, sendo 1974 o ano de preços máximos e apresentando no primeiro semestre de 1975 contínuas quedas.

- Situação interna

Em 1974/75, a produção paulista de amendoim em casca deverá situar-se ao redor de 250,0 mil toneladas, 7% menor que a estimada para o ano anterior. Visto ser o Estado de São Paulo o principal produtor nacional, com participação acima de 60%, o total colhido de amendoim em casca no Brasil deverá girar ao redor de 410,0 mil toneladas, mesmo levando em conta que algumas previsões indicam para o Estado do Paraná produção superior a 100,0 mil toneladas.

Os decréscimos contínuos da produção devem-se à baixa rentabilidade econômica que a cultura vinha proporcionando, o que foi agravado, principalmente, pelos baixos preços que vigoraram quando da comercialização da safra das águas do ano passado.

No Estado de São Paulo a área dedicada a esta oleaginosa em 1974/75 apresentou, quando comparada ao ano anterior, decréscimo ao redor de 15%, portanto, ligeiramente menor que a projetada no Prognóstico anterior. Em razão do bom rendimento obtido, principalmente quando considerada a safra das águas, a produção decresceu somente de 7% (quadro 39)

Os preços recebidos pelos produtores paulistas durante a comercialização desta última safra das águas podem ser considerados bastante satisfatórios, de Cr\$ 40,00 a Cr\$ 45,00

por saca de 25kg em casca, em parte devido a pequena produção e boa qualidade do produto, e também em razão de maiores exportações do amendoim descascado (+35%) no período de janeiro a junho de 1975, relativamente a 1974.

Já quando da venda do amendoim da sêca, os preços apresentaram pequenas quedas, isto como decorrência de menores vendas no mercado internacional, como também pelo fato de já estar sendo comercializada no mercado interno, parte da safra de soja, o que veio diminuir o interesse por aquela oleaginosa (quadro 40).

De acordo com a variação estacional dos preços recebidos pelos produtores paulistas, é normal a queda nos meses seguidos à colheita, contudo no ano agrícola 1974/75 não se verificou tal fato, quando da safra das águas permanecendo os preços em níveis satisfatórios (figura 1). Observe-se ainda que se registrou queda nas exportações de farelo de (-64%) e do óleo (-20%) no período de janeiro a junho de 1975, comparativamente a 1974.

- Perspectivas

Para a safra 1975/76 pode-se admitir alteração na tendência que se vinha verificando nos últimos anos, e acontecer um maior interesse por parte dos agricultores, resultando num aumento de área da safra das águas. Este crescimento todavia não deverá superar os 15%, já que certos problemas, como o alto preço de sementes e custo de mão-de-obra na colheita, poderão constituir fatores negativos quando da opção do agricultor. Os modelos de custo operacional de produção do IEA prevêem para a próxima safra das águas um aumento de 35% a 41% por hectare em função da tecnologia adotada.

Quanto à futura safra paranaense, o seu comportamento deverá ser semelhante ao de São Paulo.

O desalento pelo algodão também deverá se constituir em fator a incrementar o cultivo de amendoim das águas.

No tocante ao mercado internacional, como os estoques situam-se em níveis críticos, e caso não ocorram condições desfavoráveis em algumas regiões produtoras, os preços desta semente oleaginosa, como também de seus derivados, deverão estabilizar-se ou mesmo apresentar ligeiras altas. Deve-se ressaltar que os atuais níveis de preços são ainda favoráveis às exportações brasileiras, principalmente do produto em grão e do óleo.

(IEA, 11/07/1975)

QUADRO 39 . - Produção, Área e Rendimento da Cultura de Amendoim no Estado de São Paulo,
1969/70 à 1974/75

Ano	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1969/70	447,7	620,0	1.385
1970/71	505,8	637,5	1.260
1971/72	504,0	645,0	1.280
1972/73	270,0	312,5	1.157
1973/74	209,7	268,6	1.281
1974/75 (1)	177,5	250,0	1.408

(1) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 40. - Preços Recebidos pelos Produtores de Amendoim em Casca no Estado de São Paulo,
1969-75
(Cr\$/sc.25kg)

Mês	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	9,12	9,32	12,70	14,33	20,85	23,77	41,89
Fev.	8,98	9,07	14,66	13,94	24,97	24,41	45,99
Mar.	8,82	9,36	15,28	13,89	25,52	30,45	45,21
Abr.	8,69	9,75	15,39	14,06	25,27	32,79	44,42
Mai.	8,83	9,78	14,45	14,56	25,61	33,72	42,66
Jun.	9,02	11,15	14,13	15,38	28,59	33,14	41,86
Jul.	9,25	12,11	14,86	16,32	32,81	34,49	...
Ago.	9,53	12,73	16,44	18,01	35,39	36,67	...
Set.	11,19	12,91	16,46	16,80	39,88	39,66	...
Out.	11,58	13,19	16,17	18,77	39,90	38,27	...
Nov.	11,82	12,97	16,62	18,67	39,50	43,10	...
Dez.	11,17	13,12	17,33	20,39	38,21	41,08	...
Média aritmética (Valor corrente)	9,83	11,29	15,37	16,27	31,38	34,30	43,67 ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Preliminar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

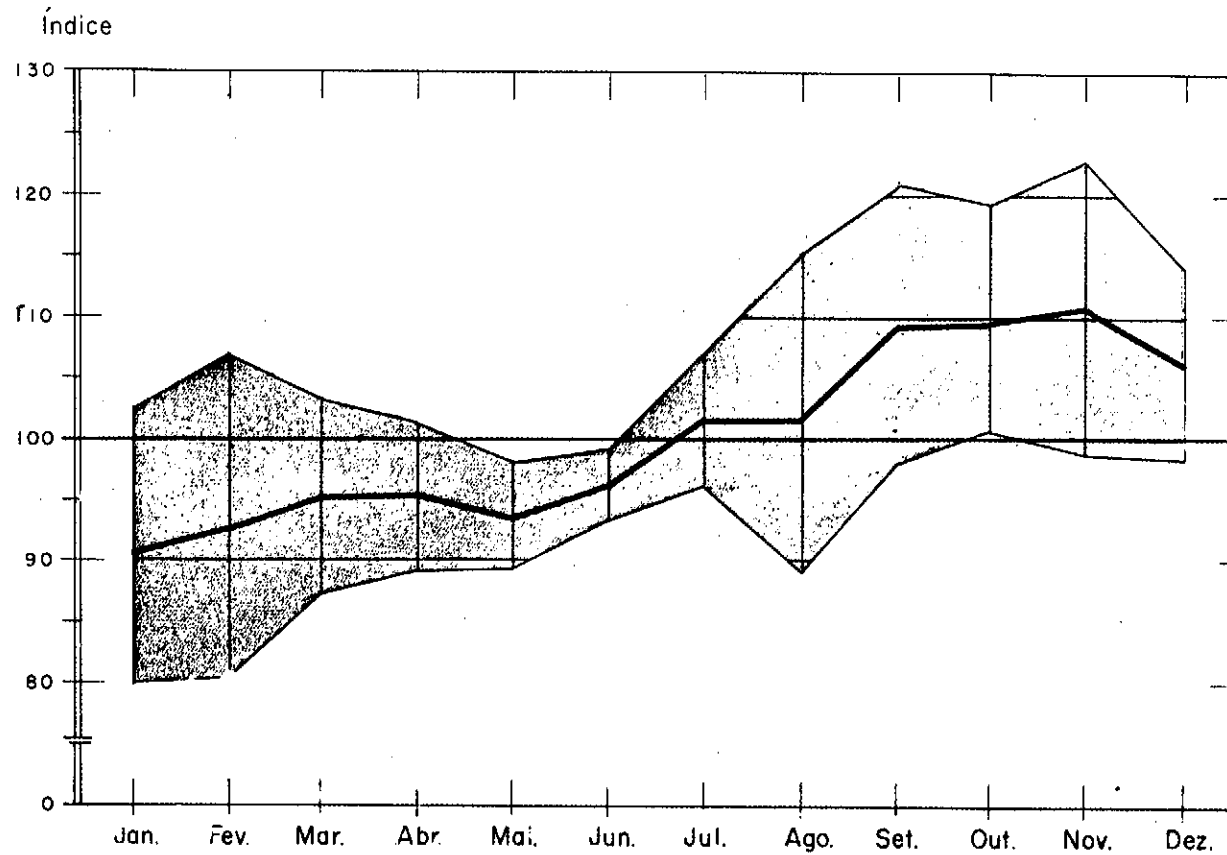


FIGURA 1. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Amendoim em Casca, Estado de São Paulo, 1968-74.

- Hortaliças

Mesmo com uma diminuição na área total cultivada com hortaliças (exceto tomate e cebola) no Estado de São Paulo, que passou de 39 mil hectares em 1973 para 38 mil em 1974, a produção apresentou um aumento de 3,5% no mesmo período. Assim houve, de certa forma um ligeiro aumento na produtividade, com destaque especial para alface, brócolos e pimentão.

Esta produção rendeu aos horticultores cerca de 435 milhões de cruzeiros, ao passo que em 1973 este valor fôra de 388 milhões, registrando-se, portanto, um aumento de 12% no valor das vendas a preços correntes (quadro 41). Em termos reais entretanto houve uma diminuição da ordem de 16%.

Paralelamente, o volume de hortaliças, comercializado na CEAGESP alcançou no ano de 1974 o total de 393 mil toneladas (excluindo cebola), quantidade esta superior em 2% a do ano anterior. Constataram-se aumentos superiores a 10% nas entradas de mandioquinha, cenoura e brócolos e reduções, da mesma ordem, para alface, berinjela, pepino, quiabo e vagem (quadro 42).

Preços médios mais elevados foram observados em berinjela, alface, pepino e chuchu. De modo geral, todos os produtos analisados apresentaram aumento, exceção feita a cenoura e mandioquinha.

Desde 1972 observa-se tendência altista nos preços reais de produtos hortícolas no mercado atacadista, mas conforme já citado, o mesmo não vem ocorrendo com os preços pagos aos produtores, exceção feita a alguns produtos como cenoura, mandioquinha e repolho.

A padronização de produtos hortícolas ponto chave para maior intensificação do comércio tendo em vista o funcionamento de Centrais de Abastecimento em vários pontos do País, teve suas normas já aprovadas para que, a partir de janeiro de 1975, se tornasse obrigatória, vigorando contudo em caráter educativo por ser uma medida que abrange o produtor, o intermediário e o consumidor, e portanto bastante complexa.

Neste sentido, vem apresentando resultado satisfatório, a congregação dos produtores em cooperativas que, dotadas de postos nas diversas praças ou mercados e de um departamento central de vendas, possibilitam uma melhor padronização e classificação dos produtos e uma estruturação mais racional do próprio sistema de comercialização.

A Companhia de Seguros do Estado de São Paulo (COSESP), no sentido de dar cobertura aos riscos contra a geada, até o momento atua com os seguintes produtos: alface, abobrinha, batatinha, ervilha, pepino, pimentão, quiabo, tomate, alcachofra e vagem, sendo que deverá haver uma expansão no número de espécies beneficiadas, bem como através da operação de seguro contra granizo, modalidade esta há muito tempo utilizada para a viticultura e lavoura algodoeira.

(IEA, 12/07/1975)

QUADRO 41. - Área, Produção e Valor da Produção de Hortalças, Estado de São Paulo, 1973-74

Produto	Área (ha)			Produção (1.000t)			Valor da produção (Cr\$1.000.000)		
	1973	1974	Variação (%)	1973	1974	Variação (%)	1973	1974	Variação (%)
Abóbora seca	4.150	3.626	-12,63	45,20	42,76	- 5,40	16,72	16,69	- 0,18
Abobrinha	1.270	979	-22,92	19,20	11,76	-38,75	10,56	7,64	-27,65
Alface	2.360	2.200	- 6,78	37,70	52,25	38,59	30,31	52,27	72,45
Batata doce	2.350	2.077	-11,62	28,00	25,33	- 9,54	19,40	19,25	- 0,78
Berinjela	293	265	- 9,66	5,94	5,87	- 1,18	2,81	2,78	- 1,07
Brócolos	570	414	-27,37	13,50	14,64	8,44	14,80	18,85	27,36
Cebolinha	940	979	4,14	5,60	5,81	3,75	15,60	14,83	- 4,94
Cenoura	1.560	1.686	8,07	38,50	42,31	9,89	30,22	27,08	-10,39
Chuchu	800	780	- 2,50	36,60	35,00	- 4,38	13,36	13,50	1,04
Couve	560	540	- 3,58	19,00	18,80	- 1,06	12,69	12,70	0,07
Couve-flor	1.110	1.163	4,77	22,40	22,63	1,02	11,76	18,86	60,37
Mandioquinha	1.020	1.850	81,37	10,30	18,48	79,41	11,64	19,80	70,10
Pepino	1.170	1.080	- 7,70	29,80	27,70	- 7,05	17,43	17,28	- 0,87
Pimentão	1.280	1.193	- 6,80	19,00	20,56	8,21	23,45	27,41	16,88
Quiabo	1.281	1.000	-22,00	5,20	4,10	-21,16	4,97	4,38	-11,87
Repolho	3.420	3.691	7,92	101,10	109,05	7,86	29,62	42,06	42,00
Vagem	1.400	1.531	9,35	21,60	22,39	3,65	26,00	31,35	20,58
Outros (1)	13.596	13.340	- 1,89	144,36	141,30	- 2,12	96,88	87,77	- 9,40
Total	39.130	38.394	- 1,88	600,00	620,74	3,46	388,22	434,50	11,92

(1) Número de espécies = 18.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 42. - Entradas de Hortaliças na CEAGESP, 1973-74
(1.000 toneladas)

Produto	1973	1974	Variação (%)
Abóbora seca	11,75	10,82	- 7,92
Abobrinha	18,01	17,62	- 2,17
Alface	26,07	23,66	- 9,24
Batata doce	8,23	8,40	2,07
Berinjela	14,71	9,97	-32,22
Brócolos	12,15	13,91	14,48
Cebolinha	1,69	1,74	2,96
Cenoura	36,01	37,71	4,72
Chuchu	28,12	27,55	- 2,03
Couve	7,79	7,69	- 1,28
Couve-flor	14,64	14,21	- 2,94
Mandioquinha	9,33	11,97	28,30
Pepino	22,22	20,57	- 7,43
Pimentão	15,72	15,05	- 4,26
Quiabo	5,88	4,60	-21,77
Repolho	60,49	58,50	- 3,29
Vagem	20,48	17,81	-13,04
Outros (1)	71,71	91,22	27,21
Total	385,00	393,00	2,08

(1) Número de espécies = 35.

Fonte: Companhia de Entrepósitos e Armazens Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP).

- Banana

- Panorama internacional

Em 1974 voltaram a se reunir sob auspícios da FAO países produtores-exportadores e importadores de banana a fim de examinarem os problemas que se verificam no tocante à liberação do comércio e da política de preços do produto, visando intensificar o comércio e contribuir para o aumento das divisas dos países em desenvolvimento, além de garantir-lhes maior participação nos mercados à base de cotações estáveis.

Da mesma forma sucederam-se diversas reuniões dos países membros da UPEB (União dos Países Exportadores de Banana) para coordenar e por em vigência as medidas sugeridas no sentido de valorizar as exportações de banana dos países da América Central e do Sul. Procurou-se não perder de vista que se algum país não pode prescindir de petróleo, atualmente, o mesmo não ocorre com a banana, pois não parece que a taxação nas exportações seja suficiente para elevar a cotação do produto, em evidente situação mundial de excesso de oferta sobre a demanda.

Malgrado todos os esforços e alguns resultados obtidos em 1974, os preços médios recebidos pelos exportadores em termos reais voltaram a declinar significativamente, a despeito de terem sido superiores àqueles de 1973, em valores correntes.

No conjunto, o comércio mundial de banana em 1974 provavelmente acusou decréscimo a despeito dos aumentos do volume importado pela América do Norte e Países Socialistas, visto que não foram suficientes para compensarem as importantes diminuições de compras pela Europa e Japão. Tampouco as graves perdas na produção de Honduras ocasionadas pelo furacão "Fifi" foram suficientes para elevar os preços.

Uma análise da participação relativa de cada zona exportadora nos últimos três anos mostrou que os maiores progressos ocorreram na Ásia, particularmente nas Filipinas, mais que dobrando suas exportações em dois anos (465.800 toneladas em 1973 contra 185.000 em 1971) colocando-se no quinto lugar entre os exportadores, em 1973.

Por outro lado, em conjunto, os nove países do Mercado Comum Europeu (MCE) são os principais importadores, suplantando Estados Unidos e Canadá. Todavia, quando se considera o consumo per capita por ano, com base nos volumes de 1973 e população estimada pela ONU, a Argentina passa a liderar a lista, seguida da Nova Zelândia (quadro 43).

Com base nesses índices, o Grupo Intergovernamental da Banana (FAO) projetou para 1977 estimativas da exportação e importação mundiais, constatando uma previsão de oferta da ordem de 9 milhões de toneladas contra uma demanda potencial de 7 milhões, ou seja, a mesma diferença de 2 milhões de excedente que fora anteriormente prevista para 1976, e superior àquela feita em 1972 para o ano de 1975, quando se apontou um superavit da ordem de 1 milhão de toneladas.

Tendo em conta esta situação o grupo da FAO concluiu, em dezembro de 1974, que devem ser adotadas medidas imediatas visando a um acordo internacional, tendo como base um controle da oferta. Recomendou, também, que todas as medidas previstas pelo exportadores

para elevação dos preços fossem adotadas contando com o apoio dos países importadores.

Atenção particular deve ser dada às possibilidades de promover o aumento do consumo nos países de economia planificada da Europa Oriental, sem esquecer os problemas que poderão advir pela participação de outros países no MCE, cujas tarifas comuns tenderão a dificultar o acesso do produto.

- Situação interna

Em 1974 verificou-se novamente aumento no volume exportado em relação ao ano precedente, atingindo a 6,47 milhões de unidades (cachos e caixas) equivalentes a cerca de 140 mil toneladas de fruta (quadro 44).

Cabe destacar nessa exportação que pela primeira vez não se registrou sequer um embarque pelo Porto de Santos, tendo sido toda ela efetuada por rodovia com liberações aduaneiras levadas a efeito em Santos (71%) e Uruguaiana (29%). Os embarques em caixas representaram a maior parcela (66%) suplantando o índice de 61% registrado em 1972 e bem acima da marca de 1973 (52%). Houve, também, aumento no número de exportadores com mais 4 firmas se fazendo presente no comércio internacional, de molde a totalizar 22 exportadores.

Quanto aos mercados de destino, a Argentina absorveu o maior contingente tendo recebido 97% do volume total, com aumento de 10% sobre a cifra do ano anterior, enquanto o Uruguai comprou tão somente 36% do volume adquirido em 1973, e que, em termos absolutos, representa o menor índice desde 1945 quando importou 302 mil cachos.

Em termos de valor, segundo a CACEX, o preço médio FOB em 1974 foi de US\$145,12 por tonelada com um acréscimo de 36% sobre a cotação média de 1973, o que em valores reais significou um importante ganho entre os dois períodos analisados.

No tocante ao abastecimento do mercado interno, verificou-se pelo segundo ano consecutivo diminuição nas entradas de banana na Capital (Entrepasto Terminal do Jaguarê) tanto para a banana nanica a granel em cachos (-8%) como para a banana maçã (-34%) e nanica climatizada (-17%); esta última comercializada em caixas de 15kg, confirmando as perspectivas apontadas no Prognóstico de 1973/74.

Como consequência, em valores correntes, os preços de venda no mercado atacadista aumentaram, podendo-se dizer que para a banana maçã e nanica climatizada o mesmo ocorreu em termos reais. Para a nanica, a granel, as altas não superaram os índices de correção da moeda, possivelmente em vista de menor padrão qualitativo e por ter sofrido maior concorrência dos frutos cítricos que mergulharam em forte crise no decorrer de 1974 (quadros 45 e 46).

Deve-se, entretanto, ponderar que para o produtor, e a nível de propriedade, os ganhos de preço não tiveram o mesmo significado, sendo grande parte absorvidos pelos custos crescentes de comercialização (transporte, descarga, pesagem, comissão de vendas, etc).

Fato de destaque na bananicultura, que vem tecnicamente melhorando muito nos últimos cinco anos, foi o surgimento de nova praga denominada "Opogona" ou "traça da bananeira", em focos bastante disseminados desde Iguape até Guarujá.

Tal praga, cuja infestação é mais acentuada durante o período seco e fresco (maio

a outubro) irá exigir tratamento dos cachos passando a se constituir obrigatoriamente em mais uma despesa no controle fitossanitário (no campo ou em câmaras de expurgo) trazendo, como contrapartida, uma melhoria no aspecto da fruta.

Registre-se, também, a presença da Standard Fruit no Estado do Pará em caráter experimental como alternativa para o abandono de áreas na América Central.

- Perspectivas

Evidencia-se uma conjuntura em vias de promover forte seleção de produtores, capazes de permanecerem na cultura, cada vez mais exigente de investimentos cujo retorno só começa a ocorrer entre 14 e 18 meses em função da variedade plantada. A aceleração do processo poderia se dar através do crédito de custeio, que no caso da banana nanica poderia levar em conta um ciclo completo de cultivo, de modo que os valores de manutenção apresentados no capítulo 3 fossem acrescidos de cerca de 30%, visto que foram estimados para 12 meses (Cr\$ 5.140,00/ha na várzea).

Por outro lado, parece que em futuro próximo deverão predominar grandes plantações (acima de 100 mil pés) capazes de condicionar eficiente infraestrutura de produção (trator, pulverizador, etc) de colheita e de preparo da fruta na propriedade e em cuja modernização deverão ocorrer, inclusive, a instalação de equipamentos ainda sem similar no Brasil (locomotivas, por exemplo) casos em que o Governo Federal poderia facilitar a importação com isenções de tarifas aduaneiras.

A par das grandes empresas, a propriedade familiar (menos de 15.000 pés) deverá continuar a sobreviver, recaindo as maiores dificuldades nos plantios entre 15 e 50 mil pés face ao problema de equipamentos.

O comportamento atual torna cada vez mais inviável a industrialização da banana, cujo mercado internacional também mostra sinais de queda de volume comercializado. Desse modo, os descartes de fruta estão sendo enviados para a suinocultura que se vem desenvolvendo na região produtora.

Outras culturas no Vale do Ribeira e Litoral Sul do Estado, como cacau, seringueira e especiarias (guaranã, pimenta do reino e cravo da Índia) que têm mostrado resultados animadores, parecem constituir opções para a faixa dos produtores de banana obrigados a complementar a renda da propriedade.

A curto prazo, os preços deverão manter-se firmes, pois, de acordo com o 4º Levantamento efetuado em abril, a safra 1974/75 (552.800t) deverá apresentar um aumento de produção de apenas 0,9% em relação à precedente, ao mesmo tempo que acusa um aumento de área plantada de 5,3%, onde se inclui cerca de 8% de touceiras sem produção.

A figura 2 mostra a curva de variação estacional de preços de banana nanica verde no mercado atacadista da Capital de São Paulo, cujos valores mais elevados ocorrem de setembro a novembro e os mais baixos em janeiro/fevereiro e em maio/junho.

(IEA, 12/07/1975)

QUADRO 43. - Consumo Per capita por País, de Banana, em 1973 e Estimativa de Importação em 1974

País	Consumo por habitante, 1973 (kg/hab.)	Importações 1974 (1.000t)
Argentina	18,4	133
Nova Zelândia	12,2	36
Libia	11,6	-
Suiça	11,1	72
Alemanha Oriental	10,9	676
Noruega	10,8	43
Espanha	10,8	375
Suécia	10,2	83
Portugal	10,1	87
Australia	9,9	-
Austria	9,8	74
Países-Baixos	9,4	127
Bélgica	9,4	95
Islândia	9,2	-
França	9,2	480
Dinamarca	8,7	44
Japão	8,6	931
Canadá	8,5	188
Estados Unidos	8,3	1.774
Itália	6,4	353
Alemanha Ocidental	5,9	100
Hong Kong	5,9	-
Inglaterra	5,5	305
Chile	5,5	56
Arabia Saudita	4,8	40
Uruguai	4,4	-
África do Sul	3,1	-

Fonte: Fruits - Vol 29 nº 7-8, 1974 - IFAC.

QUADRO 44. - Exportação de Banana pelo Estado de São Paulo, 1965-74
(Em cacho equivalente)

Ano	Argentina	Uruguai	Itália	Holanda	Grã-Bretanha	Total
1965	10.016.997	1.153.849	73.283	-	190.989	11.435.118
1966	8.936.737	1.103.486	-	1.600	-	10.041.823
1967	7.483.872	1.023.932	-	-	-	8.507.804
1968	6.899.886	859.551	2.731	1.824	-	7.763.992
1969	6.818.751	1.274.044	-	-	-	8.092.795
1970	6.538.109	1.255.998	-	-	-	7.794.107
1971	5.635.571	1.165.012	-	-	-	6.800.583
1972	4.768.784	632.886	-	-	-	5.401.670
1973	5.724.914	450.689	-	-	-	6.175.603
1974	6.311.218	162.720	-	-	-	6.473.938

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 45. - Preços Médios Mensais de Banana Nanica, Mercado Atacadista, São Paulo, 1970-75
(Cr\$/tonelada de banana verde)

Mês	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	88,00	93,00	76,00	200,00	215,00	500,00
Fev.	80,00	59,00	77,00	260,00	170,00	350,00
Mar.	94,00	117,00	105,00	245,00	230,00	480,00
Abr.	90,00	105,00	110,00	250,00	300,00	530,00
Mai.	92,00	95,00	95,00	134,00	290,00	500,00
Jun.	83,00	100,00	100,00	133,00	274,00	455,00
Jul.	86,00	130,00	110,00	150,00	300,00	...
Ago.	91,00	170,00	160,00	280,00	260,00	...
Set.	150,00	148,00	185,00	415,00	365,00	...
Out.	187,00	145,00	180,00	470,00	370,00	...
Nov.	146,00	120,00	190,00	370,00	430,00	...
Dez.	115,00	120,00	220,00	270,00	540,00	...
Média anual ponderada	109,00	120,00	132,00	267,00	310,00	...
Média anual ponderada real ⁽¹⁾	227,00	207,00	194,00	342,00	310,00	...

(¹) Em Cr\$ de 1974 corrigido pelo Índice "2" - Fundação Getúlio Vargas.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 46. - Preços Médios Mensais de Banana Maçã, Mercado Atacadista, São Paulo, 1970-75
(Cr\$/tonelada de banana verde)

Mês	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	350,00	640,00	1.260,00	1.430,00
Fev.	250,00	260,00	290,00	530,00	1.170,00	1.400,00
Mar.	230,00	240,00	275,00	540,00	1.150,00	1.320,00
Abr.	280,00	270,00	300,00	635,00	1.220,00	1.300,00
Mai.	250,00	240,00	290,00	570,00	1.030,00	1.230,00
Jun.	275,00	270,00	290,00	640,00	1.050,00	1.250,00
Jul.	290,00	130,00	350,00	810,00	1.150,00	...
Ago.	290,00	340,00	365,00	890,00	1.390,00	...
Set.	260,00	390,00	430,00	1.020,00	1.410,00	...
Out.	190,00	140,00	600,00	1.050,00	1.460,00	...
Nov.	240,00	130,00	720,00	1.170,00	1.520,00	...
Dez.	315,00	460,00	760,00	1.210,00	1.560,00	...
Média anual ponderada	260,00	330,00	380,00	750,00	1.270,00	...
Média anual ponderada real ⁽¹⁾	542,00	569,00	559,00	962,00	1.270,00	...

⁽¹⁾ Em Cr\$ de 1974 corrigido pelo "Índice 2" - FGV.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

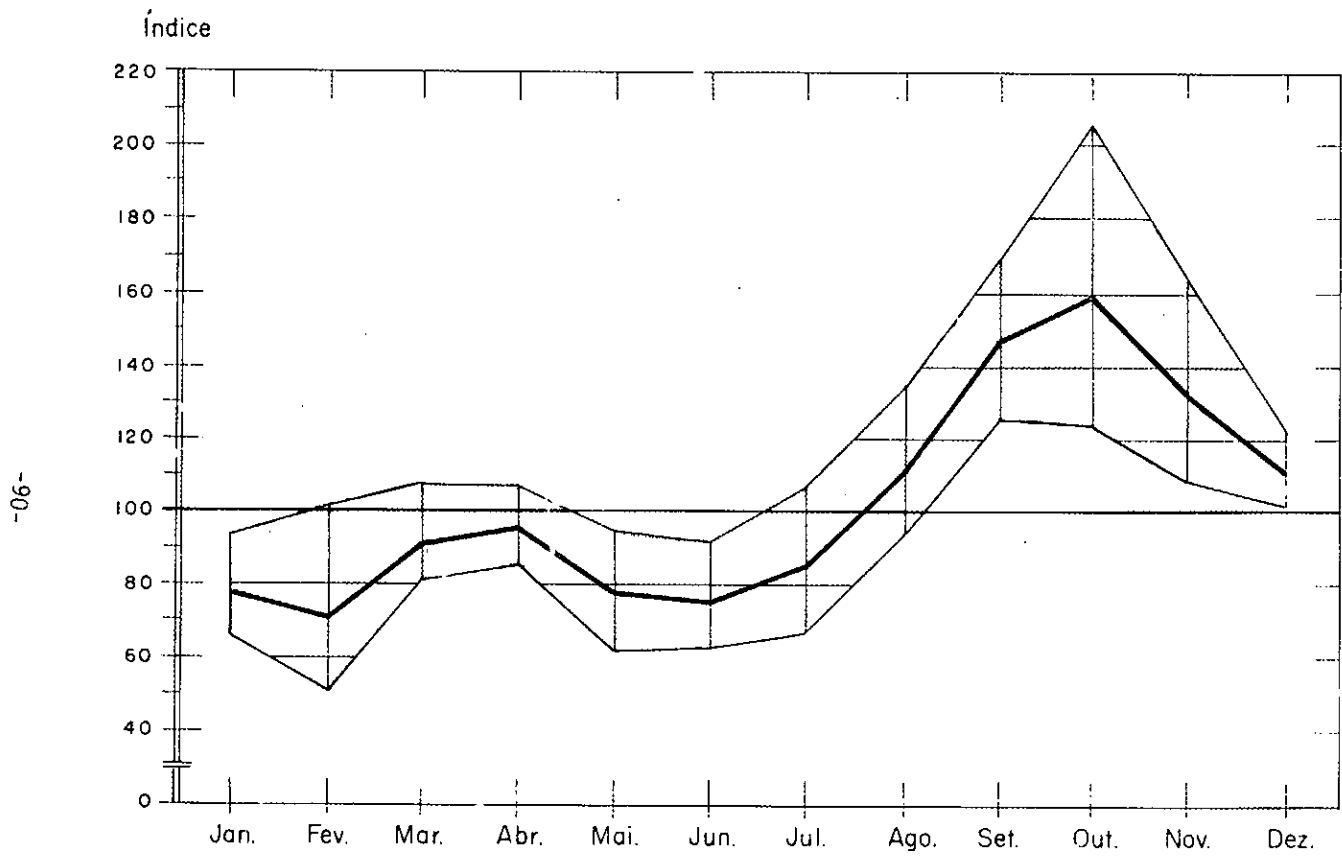


FIGURA 2. - Variação Estacional de Preços no Atacado de Banana Nanica Verde, Estado de São Paulo, 1968-74.

- Aves para Corte

- Panorama internacional

A produção de carne de aves na Europa Ocidental tem evoluído a reduzidas taxas, a partir de 1971.

Em 1974 os altos custos de alimentação, aliados à disponibilidade de carne bovina a preços relativamente vantajosos, trouxeram certas dificuldades para os países produtores de carne de aves. Em vista dos baixos níveis das cotações, e considerando a presença de grande quantidade de estoques, os produtores de alguns países europeus (Alemanha Ocidental, Países Baixos e Bélgica) concordaram com uma política a longo prazo de limitação da produção. Esta medida obteve considerável sucesso entre os produtores alemães e holandeses.

Nos Estados Unidos, em 1974, a produção de frango para corte foi cerca de 1% inferior a registrada em 1973. O preço médio alcançado na granja foi US\$ 0,216/libra, cerca de 10% inferior ao obtido em 1974 (US\$ 0,24/libra) (equivalentes a aproximadamente Cr\$4,00/kg).

Até março de 1975 a produção norte-americana esteve aquém da obtida no mesmo período do ano anterior. A quantidade de pintos de um dia foi cerca de 6% inferior neste período e as perspectivas são de que até o fim do ano não deverá haver alteração neste panorama, e a produção total devendo permanecer ligeiramente inferior à de 1974.

As boas perspectivas das colheitas de grãos em 1975 (a partir de setembro) estimulam expectativas de aumento na produção de frango no início de 1976, porém, os preços futuros de frango congelado em Chicago, apresentam tendência declinante até novembro de 1975.

Vale dizer, todavia, que em decorrência de sua não participação frequente no comércio internacional de carne de aves, o Brasil não tem apresentado, internamente, os efeitos da situação internacional.

- Situação interna

A produção brasileira de frangos em 1974 é estimada em torno de 434 mil toneladas, refletindo aumento anual de 8,5%.

O Estado de São Paulo mantendo sua liderança, segundo as últimas estimativas do IEA, contribuiu com cerca de 230 mil toneladas (contra as 208,2 mil toneladas registradas em 1973).

Em 1974 o plantel brasileiro de matrizes para corte apresentou um incremento de 35% em relação ao ano anterior, atingindo 5,2 milhões de reprodutoras. Essas matrizes concentram-se principalmente nos estados de: São Paulo (46,9%), Minas Gerais (9,9%), Santa Catarina (8,6%), Rio Grande do Sul (8,4%), Rio de Janeiro (7,9%), Pernambuco (7,1%), e Paraná (4,5%).

A expansão na produção paulista de aves, no entanto, não foi proporcionalmente a-

companhada pela demanda em 1974 e, em consequência, os preços recebidos pelos produtores não se mantiveram nos excelentes níveis de janeiro e fevereiro de 1974 (Cr\$ 5,47 e Cr\$ 5,66/kg vivo). Dessa forma, o preço médio anual recebido pelos produtores, no interior, situou-se em torno de Cr\$ 4,39/kg do frango vivo, apenas superior em 15% ao recebido em 1973, o que em valores reais representou baixa de aproximadamente 11%.

O abastecimento de rações foi considerado normal, com as cotações alcançando maiores picos em setembro e outubro. Em média os preços de rações destinadas a corte inicial e final estiveram por volta de Cr\$ 1,04/kg, cerca de 17% superior aos verificados em 1973.

A procura por pintinhos de um dia foi razoavelmente acentuada nos meses de setembro, outubro e novembro. Em média, no atacado da cidade de São Paulo seu preço foi de Cr\$ 1,31 contra Cr\$ 0,90 registrado no ano anterior (+46%).

Nos primeiros meses de 1975 verificou-se o agravamento da situação criada no semestre anterior. Embora o consumo de frangos tenha apresentado expansão nos últimos anos, a demanda por carne de aves não cresceu a ponto de absorver facilmente a maior disponibilidade de frangos no mercado.

Em decorrência do abastecimento relativamente normal de carne bovina e da grande penetração de frangos de Santa Catarina a preços mais competitivos, o mercado para o frango paulista apresentou-se ainda desfavorável para o produtor, no primeiro semestre de 1975.

Aos preços vigentes, de janeiro a abril a atividade tornou-se anti-econômica com maiores prejuízos para os produtores de manejo deficiente. Ressalte-se que em valores correntes a média dos preços recebidos nos seis primeiros meses de 1975 foi de Cr\$ 4,63/kg vivo, contra Cr\$ 4,66 em igual período de 1974 (quadro 47).

- Perspectivas

O Estado de São Paulo que concentra maior número de matrizes de corte em 1974 elevou em 29% seu rebanho, sendo esse incremento inferior aos incrementos verificados nos plantéis do Paraná (84%), Santa Catarina (67%), Rio Grande do Sul (47%) e Rio de Janeiro (43%) os quais podem resultar em maiores restrições de mercado para o frango paulista em 1975.

Tendo em vista tais fatos, as possibilidades de aumento de 29% na produção de carne de aves, acompanhando o aumento verificado no plantel de matrizes estão distantes de serem concretizadas.

As condições de mercado no primeiro quadrimestre deste ano fizeram com que a produção se mantivesse a níveis inferiores aos verificados no mesmo período de 1973.

O alojamento de matrizes em São Paulo, também refletindo a difícil situação, apresentou queda de 2% no primeiro trimestre de 1975 em relação ao mesmo período de 1974.

Em contrapartida verificou-se que o Estado de Santa Catarina elevou em 19% seu plantel de matrizes para corte nos mesmos períodos supracitados. Dessa forma considerando os baixos custos da produção catarinense, decorrentes de uma produção integrada e boa disponibilidade do milho (componente maior das rações), as perspectivas são de um mercado cada vez mais competitivo nos grandes centros consumidores. Nesse sentido, torna-se necessária

melhor estruturação na produção paulista visando o alcance de redução nos custos unitários de produção e processamento, de modo a poder competir com os demais produtos no mercado.

Ressalte-se também a importância da disponibilidade de carne bovina no mercado influenciando no menor consumo de carne de aves e provocando baixas em suas cotações.

Como frequentemente ocorre em períodos críticos de superprodução, a exportação de excedentes de carne de aves está sendo cogitada como paliativo para a atual situação. Há notícias de que Santa Catarina já está iniciando (julho) as exportações para o Oriente Médio, com boas perspectivas de continuidade.

Entretanto, a viabilidade da penetração do Brasil e sua continuidade como exportador no comércio internacional reforça ainda mais a necessidade de se comprimir o custo do produto acabado.

O plantel paulista de matrizes em 1975 apresenta tendência a se reduzir, permanecendo aproximadamente ao nível verificado em 1973.

Tendo em vista amenizar a crise enfrentada pelo setor avícola, nos últimos meses, o Governo Federal resolveu estender o financiamento de milho (EGF) aos avicultores tomando por base o preço mínimo daquele produto, mecanismo este outrora só concedido aos lavradores.

As perspectivas de fraca movimentação no comércio internacional de cereais (principalmente pela redução na demanda por parte do Japão e países da Europa Ocidental, e a menos que a prevista produção de cereais da Rússia não seja concretizada) aliadas as boas colheitas verificadas na safra brasileira 1974/75, indicam que o abastecimento de matéria-prima para rações deverá ser satisfatório em 1975.

Nesta conjuntura, a produção paulista de carne de aves, em 1975, tende a uma estabilização ao nível de 1974. Nesse quadro, uma possível alteração favorável poderá ser obtida com a maior penetração do produto brasileiro no mercado internacional.

(IEA, 14/07/1975)

QUADRO 47. - Preço Médio de Frango para Corte, Recebido pelo Produtor, Estado de São Paulo,
1973-75
(Cr\$/kg vivo)

Mês	1973		1974		1975	
	Corrente	Real (1)	Corrente	Real (1)	Corrente	Real (1)
Jan.	3,07	3,07	5,47	4,68	4,65	2,98
Fev.	3,17	3,14	5,66	4,72	4,37	2,73
Mar.	3,15	3,06	4,01	3,18	4,77	2,94
Abr.	3,28	3,15	4,46	3,38	4,26	2,58
Mai.	3,14	2,99	3,71	2,71	4,85	2,87
Jun.	3,24	3,06	3,85	2,77	4,85	2,82
Jul.	3,54	3,31	3,79	2,69
Ago.	4,31	3,99	4,28	2,99
Set.	4,68	4,25	4,48	3,07
Out.	4,62	4,16	4,37	2,95
Nov.	4,68	4,18	4,10	2,73
Dez.	5,04	4,42	4,51	2,95

(1) Em Cr\$ de janeiro de 1973, utilizando o Índice "2" da FGV.
Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Batata

- Situação interna

A produção, a comercialização e o consumo de batata apresentam nos últimos anos evolução bastante acentuada.

A utilização de sementes certificadas, a escolha de regiões com melhores condições ecológicas, o emprego de técnicas e aparelhamento que possibilitam a produção em melhores condições estacionais de preços e mercado tem sido a tônica das tendências da produção, de modo particular no último ano.

A presença de contingentes oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina tornou as fronteiras regionais do abastecimento bem mais amplas, fato este antecipado no Prognóstico 1974/75.

Durante a safra de "inverno" de 1974, negociada nos meses de agosto a novembro, registrou-se um aumento estimado em mais de 20 mil toneladas no movimento do entreposto paulistano com relação ao mesmo período do ano anterior. Este aumento foi superior a 30% em relação à média dos 4 anos anteriores, enquanto que os preços recebidos pelo produtor sofreram uma diminuição da ordem de 23% em termos reais no mesmo período.

A maior parte do produto que abasteceu o mercado paulistano de agosto a novembro foi proveniente do próprio Estado, havendo forte incremento na participação proveniente de Minas Gerais. O aumento da produção paulista, conforme estimativas IEA-CATI, não foi além das 6 mil toneladas, devendo as 14 acrescidas na estação, serem originárias de Minas Gerais.

A porcentagem de batata lisa foi maior que nos dois anos anteriores.

Como o plantio é feito em grande parte com "filhas de caixa" ou certificadas de produção nacional, o aumento no plantio está relacionado com a grande disponibilidade de boas sementes.

A comercialização da última safra das águas se verificou com um volume recorde de oferta, queda de preço e conseqüente aumento no consumo. Este efeito-preço foi altamente benéfico na substituição de outras fontes alimentares amiláceas. Considerando também que nosso consumo per capita de batata é muito baixo, pode-se considerar que houve algum progresso resultante dessa conjuntura.

Os preços ao produtor atingiram nível tão baixo, que se registrou grande incremento nos negócios de cidade em cidade, sem passar pela capital. O mercado paulistano registrou no período da produção "das águas", aumento no volume negociado da ordem de 19 mil toneladas em relação à média dos 5 anos anteriores. A média ponderada dos preços recebidos pelo produtor de batata é mostrada no quadro 48.

Em São Paulo, a safra das águas sofreu redução de 6 mil toneladas em relação ao ano imediatamente anterior, estando porém 2,5 mil toneladas acima da média dos 5 anos precedentes, conforme dados do IEA.

Apesar da alta dos insumos, os preços ao produtor durante a referida estação estiveram, em termos reais, 11,3% abaixo da média dos 5 últimos anos. A situação ainda caracte

rizou-se por acentuado afrouxamento do mercado, que atingiu frontalmente os tipos comuns ; parte ponderável sendo desviado à alimentação de suínos ou vendida a qualquer preço a fim de saldar os compromissos de custeio da cultura.

As regiões mais duramente atingidas foram aquelas que se dedicaram à produção de batatas comuns, ficando no final da safra grande número de empréstimos em atraso ou mesmo sem condições de solvência.

As zonas produtoras de batata lisa sofreram também prejuízos acentuados, com o enfraquecimento do mercado e baixa dos preços, dado o vultoso montante dos desembolsos em despesas normais com a cultura.

Durante abril e maio últimos ainda era ofertado ponderável remanescente da produção das águas. Em junho os preços e as quantidades ofertadas no mercado paulistano já se apresentaram próximos do padrão da estação (figura 3).

A produção paulista da seca, conforme estimativas CATI-IEA, foi 11% menor que a média dos 5 anos anteriores, enquanto que a mesma safra paranaense é estimada em 12% a mais. Ambas respondem por 50 a 60% do abastecimento do eixo Rio-São Paulo durante esse período.

- Perspectivas

A crise de comercialização que particularmente envolveu toda a região produtora de batata comum do Centro-Sul deixou um saldo de "sequeiras" cujos resultados se refletirão no abastecimento dos próximos meses e também dos próximos anos.

Além da descapitalização e da impossibilidade de muitos produtores realizarem novo financiamento por ainda estarem em débito com os bancos, resta ainda a insuficiência do suprimento de sementes, em virtude do setor importador ter sido também envolvido na crise.

A prevista diminuição de importação de sementes a iniciar-se em agosto próximo deverá acarretar a diminuição do plantio nos meses de janeiro e fevereiro próximos e, posteriormente, na produção das águas do próximo ano (setembro 1976).

O presente plantio de inverno já se acha comprometido em termos de área, com queda superior a 20%, em decorrência da redução na disponibilidade de sementes de origem interna.

Mesmo que outra região não atingida pela crise venha em socorro do abastecimento é esperada "maré" favorável quanto aos preços recebidos pelo produtor.

Deverá observar-se também uma ligeira redução da produção de lisas na próxima estação das águas, a ser plantada em setembro.

(IEA, 14/07/1975)

QUADRO 48. - Preços Médios Mensais de Batata Recebidos pelos Produtores, Média Ponderada do Estado de São Paulo, 1970-75
(Cr\$/sc.60kg)

Mês	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	20,94	20,27	21,02	35,48	66,40	55,61
Fev.	16,74	17,44	22,82	32,83	63,16	52,08
Mar.	19,53	18,92	23,50	39,24	68,39	45,51
Abr.	20,11	24,47	22,62	60,72	65,04	46,71
Mai.	19,65	25,11	24,61	72,77	82,18	53,92
Jun.	20,59	25,56	24,06	75,44	88,29	68,18
Jul.	21,56	24,82	29,73	82,66	62,06	...
Ago.	23,36	23,00	46,32	82,13	61,15	...
Set.	25,75	19,16	53,94	94,63	60,50	...
Out.	24,09	19,76	52,27	108,70	57,43	...
Nov.	22,60	21,50	51,62	101,90	57,21	...
Dez.	18,97	24,24	40,99	71,08	59,31	...
Média	21,16	22,02	34,46	71,46	65,93	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

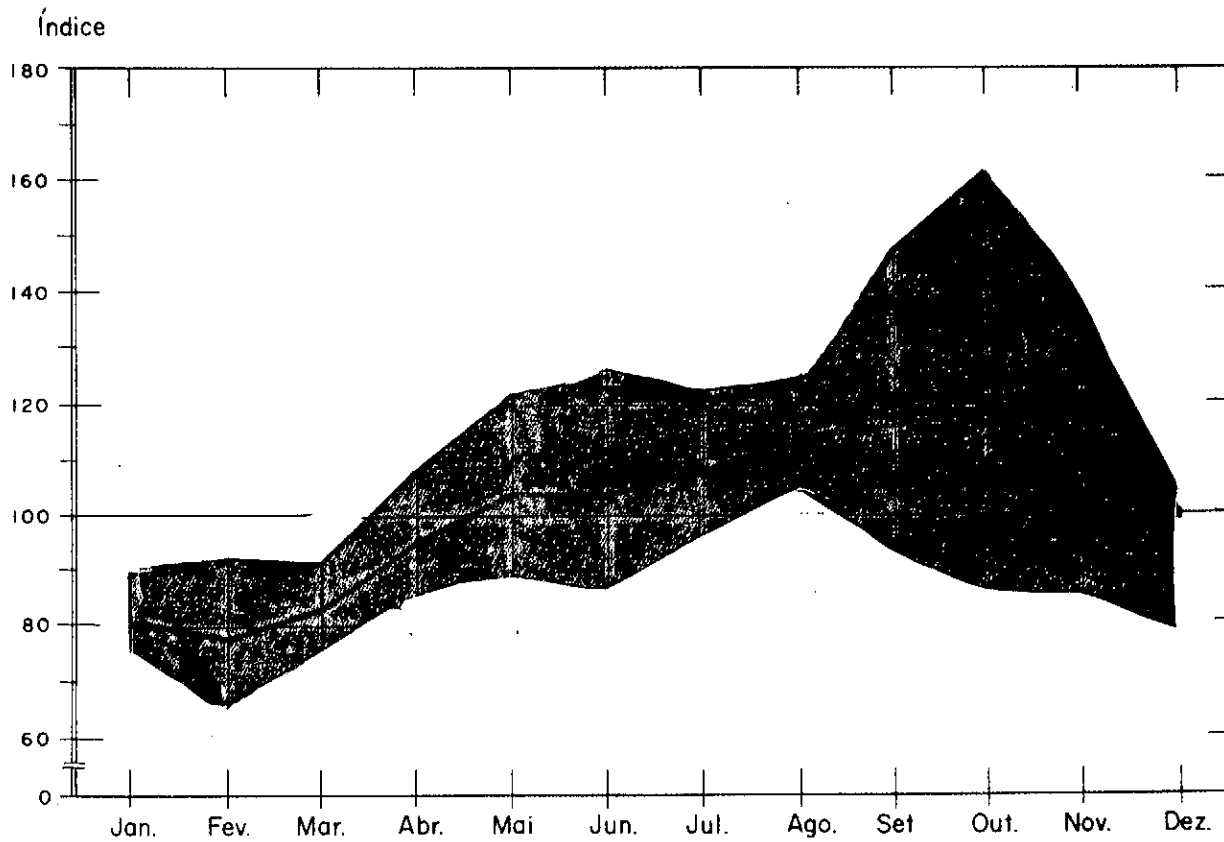


FIGURA 3. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Batata, Estado de São Paulo, 1968-74.

- Panorama internacional

Em 1974/75, a produção mundial de mamona em baga está estimada em 1.140 mil toneladas, constituindo-se em novo recorde de produção, e 11,8% maior que a de 1973/74. Tais aumentos da produção nos dois últimos anos, após sucessivos anos de quedas foram decorrência, principalmente, dos altos preços atingidos pelo óleo de mamona no mercado internacional.

O Brasil confirmando sua liderança na produção desta oleaginosa aumentou sua participação para 47% do total mundial, contra 41% em 1973/74.

Contudo a demanda do óleo de mamona não tem acompanhado o mesmo ritmo de crescimento em razão de vários fatores, podendo-se destacar as altas cotações atingidas em 1973 e início de 1974 e a situação econômica mundial, caracterizada em 1974 por recessão principalmente na área industrial (quadro 49).

Consequentemente verificou-se nos dois últimos anos formação de grandes estoques e as cotações do óleo de mamona, que em 1973 apresentavam elevados níveis, a partir de fevereiro de 1974 passaram a apresentar sucessivas quedas (quadro 50).

- Situação interna

Contrariando o ocorrido nos dois últimos anos, quando a produção brasileira de mamona cresceu em ritmo bastante rápido, atingindo em 1973/74 um total ao redor de 525 mil toneladas, em 1974/75 a produção de baga no Brasil não deverá alcançar 390 mil toneladas de acordo com estimativas preliminares, ou seja, um decréscimo anual de aproximadamente 27%.

Essa acentuada queda de produção é decorrência do péssimo período de comercialização do óleo no mercado internacional e consequentemente dos preços da baga, recebidos pelos agricultores brasileiros, que na safra passada situaram-se em níveis bem abaixo daqueles dos anos 1971/72 e 1972/73.

As quedas de produção foram mais acentuadas nos estados de São Paulo e Paraná (quadro 51). Assim a Bahia, que até 1972/73 ocupava o primeiro lugar como produtor de mamona voltou a esta posição em 1974/75, devendo participar com 38%, vindo a seguir Paraná (16%), Pernambuco (15%) e São Paulo (13%).

Em São Paulo a redução de área ocorrida nesta última safra foi realmente drástica, de 72%, situando-se 52% abaixo da média dos últimos cinco anos (quadro 52).

No Estado de São Paulo a média dos preços correntes na comercialização da safra 1973/74 (a partir de junho) situaram-se ao redor de Cr\$ 0,85/0,90 por kg, o que em termos reais em relação aos preços de safras anteriores mostra nítida desvalorização, agravada por crescentes custos de produção (quadro 53).

A variação estacional dos preços recebidos pelo produtor de mamona é vista na figura 4.

A atuação de órgãos governamentais, principalmente da CACEX, visando evitar maiores quedas nos preços internacionais e manter a situação de liderança do Brasil no mercado, fez com que as exportações brasileiras crescessem em 1974 (quadro 54), permitindo ainda que os preços de venda permanecessem estáveis (acima de US\$ 600,00/tonelada). Para a obtenção desses objetivos foi necessária a realização de estocagem do produto, adquirindo-o ou financiando-o, a fim de diminuir a oferta por parte do Brasil.

- Perspectivas

No momento não é das mais animadoras as perspectivas para este produto. Altos estoques de óleo de mamona, principalmente no Brasil, demanda mundial estabilizada ou em queda, cotações no mercado internacional ainda em baixa, atual situação de recessão econômica mundial, todos esses fatores não permitem vislumbrar a curto prazo alteração maior no atual panorama.

A produção brasileira de óleo em 1974/75 somada aos estoques existentes permitem prever que a oferta brasileira continue em condições de suprir normalmente o mercado internacional sem expectativas de grandes altas em suas cotações.

Assim, para 1975/76 não deverá haver aumento significativo de área, sendo que na atual safra, cuja comercialização inicia-se normalmente a partir de junho, os preços deverão manter-se em níveis poucos superiores aos de 1973/74.

Relativamente ao custo operacional por hectare, o IEA estima em Cr\$. 1.530,00, ou seja, registrando aumento de 31% em relação a 1973/74.

(IEA, 14/07/1975)

QUADRO 49. - Produção Mundial, Estoque e Consumo Aparente de Óleo de Mamona, 1971/72 a 1974/75⁽¹⁾
(1.000t)

Item	1971/72	1972/73	1973/74	1974/75
"Carry-over"	110	70	60	92
Produção	324	317	388	360
Oferta total	434	387	448	452
Consumo aparente	364	327	356	342
Estoque final	70	60	92	110

(¹) Refere-se a ano comercial.

Fonte: Oil World Weekly.

QUADRO 50. - Cotações de Óleo de Mamona, CIF Europa, 1971-75
(US\$/t)

Mês	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	353	393	870	946	642
Fev.	338	358	1.070	959	635
Mar.	331	368	1.510	915	588
Abr.	310	389	1.150	865	610
Mai.	320	437	1.087	850	604
Jun.	337	490	947	...	595 ⁽¹⁾
Jul.	337	507	1.180
Ago.	333	455	1.197
Set.	329	547	1.030	675	...
Out.	351	770	1.060	679	...
Nov.	357	871	1.040	660	...
Dez.	375	856	990	640	...
Média anual	339	537	1.094

(¹) Preliminar.

Fonte: Oil World Weekly.

QUADRO 51. - Produção Brasileira de Mamona em Bagas e Principais Estados Produtores 1973/74 e 1974/75⁽¹⁾
(tonelada)

Estado	1973/74 ⁽²⁾		1974/75 ⁽²⁾	
	Produção	%	Produção	%
Bahia	150.000	28,5	148.000	38,4
São Paulo	155.000	29,5	48.000	12,5
Paraná	130.000	24,8	60.000	15,6
Ceará	25.000	4,8	30.600	7,9
Pernambuco	20.000	3,8	58.000	15,1
Mato Grosso	25.000	4,8	15.000	3,9
Outros	20.000	3,8	25.600	6,6
Brasil	525.000	100,0	385.200	100,0

(¹) Ano agrícola.

(²) Estimativas preliminares.

Fonte: Comissão de Financiamento da Produção/MA, Instituto de Economia Agrícola e Ministério do Planejamento.

QUADRO 52. - Área, Produção e Rendimento da Cultura de Mamona, Estado de São Paulo, 1970/71 a 1974/75

Ano	Área		Produção		Rendimento	
	(1.000ha)	Varição anual (%)	(1.000t)	Varição anual (%)	kg/ha	Varição anual (%)
1970/71	54,7	-14,0	52,5	-15,3	960	- 1,5
1971/72	56,5	3,3	66,0	25,7	1.168	21,7
1972/73	74,0	31,0	95,0	43,9	1.284	9,9
1973/74	127,6	72,4	155,0	63,2	1.215	- 5,4
1974/75 (¹)	35,7	-72,0	48,0	-69,0	1.345	10,7

(¹) Estimativa.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 53. - Preços Recebidos pelos Produtores de Mamona, Estado de São Paulo, 1970-75
(Cr\$/kg)

Mês	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	0,29	0,50	0,65	1,74	1,77	0,82
Fev.	0,31	0,47	0,63	1,80	1,63	0,82
Mar.	0,31	0,45	0,63	2,00	1,65	0,77
Abr.	0,30	0,48	0,61	1,76	1,53	0,76
Mai.	0,32	0,44	0,65	2,15	1,37	0,79
Jun.	0,34	0,46	0,72	1,74	1,14	0,89
Jul.	0,42	0,52	0,99	2,04	1,06	...
Ago.	0,43	0,54	0,95	2,24	0,91	...
Set.	0,47	0,56	0,94	2,10	0,85	...
Out.	0,50	0,58	1,10	2,02	0,83	...
Nov.	0,48	0,61	1,55	2,05	0,82	...
Dez.	0,47	0,64	1,64	1,92	0,85	...
Média anual (valor corrente)	0,39	0,52	0,92	1,96	1,20	...
Média jun./mai. (valor corrente) (1)	0,45	0,59	1,44	1,84	0,87	...
Média jun./mai. (valor real em 1974/75)(2)	0,96	1,06	2,23	2,41	0,87	...

(1) Por definição: ano comercial.

(2) Conforme o "Índice 2" da FGV.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 54. - Exportação Brasileira de Óleo de Mamona, 1969/74

Ano	Quantidade (t)	Variação anual (%),	US\$1.000 FOB	Variação anual (%)	US\$/t	Variação anual (%)
1969	184.288	58,1	45.153	23,8	245,01	-23,9
1970	153.485	-16,7	38.232	-15,3	249,09	1,7
1971	134.946	-12,1	39.942	4,5	295,99	18,8
1972	127.182	- 5,8	53.818	34,7	423,16	43,0
1973	131.683	3,5	122.807	128,2	932,60	120,4
1974	155.793	18,3	128.425	4,6	824,33	-11,6

Fonte: CACEX - Banco do Brasil SA.

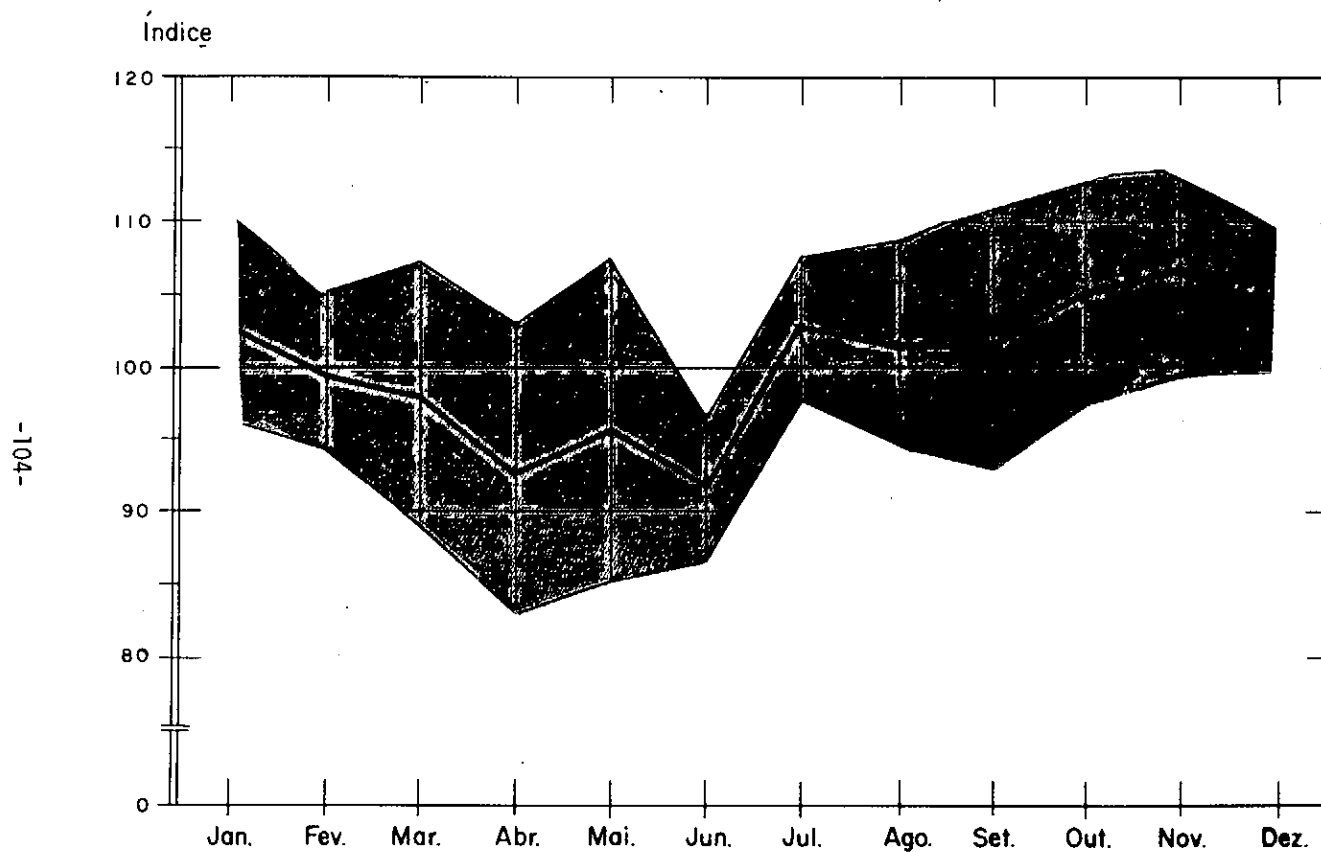


FIGURA 4. - Variação Estacional dos Preços Recebidos pelo Produtor de Mamona, Estado de São Paulo, 1968-74.

- Ovos

- Panorama internacional

Em 1974, a produção mundial de ovos, estimada pela FAO, é da ordem de 22,8 milhões de toneladas, superando em 2% a do ano anterior. Os Estados Unidos, maior produtor, reduziram seu rebanho de poedeiras em 2,5% em relação ao de 1973. Conseqüentemente, sua produção totalizou 5,49 bilhões de dúzias de ovos, 1% abaixo do nível anterior e a menor registrada desde 1965. Dados não oficiais indicam que os Países Baixos reduziram sua produção em 3,5%, produzindo cerca de 276 mil toneladas. Em contrapartida, verificou-se a expansão nas produções da China (4%), Bélgica (7%), Alemanha Ocidental (5%) e Itália (1%). A Bélgica, principal País fornecedor de ovos da Comunidade Econômica Europeia (CEE) apresentou no primeiro trimestre de 1974 elevação substancial em suas exportações, principalmente para a Alemanha Ocidental.

Também os Países Baixos, embora com retração em sua produção, apresentaram (de janeiro a outubro de 1974) vendas externas superiores em 17% às verificadas um ano antes.

Nos primeiros meses de 1975, o plantel norte americano de poedeiras continuou reduzido e as perspectivas para o resto do ano são de permanecer em níveis não muito altos. O preço recebido pelo produtor norte americano em janeiro de 1975 era de US\$ 0,571/dz. equivalente a Cr\$ 4,30/dz. e 14% inferior ao verificado no ano anterior.

Por outro lado, a produção de pintos de um dia da linhagem para postura decresceu em 11% em 1974, totalizando 473 milhões. Com as expectativas de menor produção, os preços de ovos (Chicago Mercantile Exchange) apresentaram tendência de recuperação ainda que a níveis possivelmente inferiores aos de 1974 (segundo semestre).

- Situação interna

A produção paulista de ovos continuou em expansão no decorrer de 1974, atingindo 398 milhões de dúzias de ovos contra as 380 milhões de 1973.

Entretanto, o setor produtivo, se vive com seus ganhos reduzidos pela retração no consumo e problemas na comercialização.

A partir de julho de 1974 os preços recebidos apresentaram-se em declínio, com o produtor tendo participação, no preço final da comercialização, significativamente reduzida.

O preço médio anual recebido pelos produtores (Cr\$ 2,90/dz.) foi cerca de 20% superior à média de 1973, entretanto os preços nos últimos meses de 1974 estiveram bem aquém dos correntes no mesmo período de 1973 (quadro 55).

O abastecimento de matéria-prima para rações não apresentou sérios problemas de continuidade e em média o preço da ração para poedeiras foi Cr\$ 0,99/kg (cerca de 19% superior ao do ano anterior). Maiores incrementos foram verificados nos gastos referentes à combustível, energia e pintos de um dia.

Assim, as seguidas quedas nos preços no segundo semestre de 1974, acarretaram reduções contínuas na receita dos avicultores, levando muitos deles a arcar com prejuízos. Em consequência, elevou-se o número de aves descartadas e diminuição nos plantéis, verificando-se a seguir menor produção de ovos no início de 1975.

Nos primeiros meses de 1975 a situação permaneceu gravosa para os produtores, com a relação de preço ovo/ração atingindo em fevereiro seu ponto crítico (a venda de uma dúzia de ovos permitiu adquirir apenas 1,95 kg de ração) semelhante aquele verificado em fevereiro de 1971 (quadro 56). A partir de março, o restabelecimento de um consumo normal, com o início das aulas, aliado a menor produção, proporcionaram melhor equilíbrio no mercado de ovos.

- Perspectivas

Segundo as estimativas da União Brasileira de Avicultura, o plantel brasileiro de matrizes de postura continuou em retração no ano de 1974, totalizando ao redor de 525 mil aves, 17% inferior ao do ano anterior.

O principal responsável por esta redução foi o Estado de São Paulo, que alojando 361,5 mil matrizes reduziu em 23% seu rebanho. E, no primeiro trimestre de 1975, pressionado pelas condições de mercado (preços baixos) retraiu ainda mais sua produção de matrizes, situando-se em níveis bem inferiores aos verificados nos mesmos períodos dos últimos 4 anos.

Entretanto, a crise observada em São Paulo nos últimos meses de 1974 e princípio de 1975 foi de caráter geral para quase todo o País condicionando reduções nas produções de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e alguns estados nordestinos. Em consequência os preços relativamente mais compensadores nestes estados provocaram expansão de mercado para o produto paulista.

Neste contexto, as expectativas são de melhora nos preços nos próximos meses, ainda que com as quedas estacionais nos meses de agosto e setembro (figura 5).

A sensível recuperação do mercado de ovos a partir de abril reestimulou novamente a atividade, não devendo entretanto ser suficiente para alterar o número de avicultores existentes (apenas aumento na escala de produção).

Até o fim do ano deverá se iniciar a industrialização do ovo em Mogi das Cruzes, incentivando sua produção. Segundo alguns produtores, todavia não se deverá alterar a tendência de deslocamento da concentração da produção da Grande São Paulo para o interior do Estado.

A atual safra brasileira de milho e a medida do Governo Federal de financiá-lo aos avicultores deverão possibilitar um abastecimento satisfatório de rações no decorrer de 1975.

Perante estes fatos é possível que o setor de postura recupere seu ritmo de expansão, e que a produção total em 1975 se fixe em torno da verificada em 1974.

(IEA, 15/07/1975).

QUADRO 55. - Preço Médio Recebido pelos Produtores de Ovos, Estado de São Paulo, 1968-75⁽¹⁾
(Cr\$/dúzia)

Mês	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	0,82	1,01	1,43	1,72	2,77	2,92
Fev.	0,98	0,97	1,45	1,82	3,07	2,52
Mar.	1,06	1,42	1,65	2,07	3,09	3,17
Abr.	1,00	1,55	1,73	2,41	3,43	3,39
Mai.	1,23	1,59	1,47	2,34	3,28	3,50
Jun.	1,23	1,83	1,53	2,52	2,96	3,66
Jul.	1,08	1,45	1,83	2,61	3,18	...
Ago.	1,00	1,28	1,80	2,66	3,06	...
Set.	0,98	1,28	1,57	2,69	2,74	...
Out.	1,01	1,23	1,59	2,68	2,44	...
Nov.	1,08	1,24	1,73	2,69	2,43	...
Dez.	1,05	1,31	1,71	2,81	2,40	...
Média anual	1,04	1,35	1,62	2,42	2,90	...

(¹) Ponderado segundo os tipos.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 56. - Relação Ovo/Ração, Estado de São Paulo, 1970-75⁽¹⁾

Mês	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	2,00	2,06	2,55	2,35	2,91	2,29
Fev.	2,39	1,94	2,37	2,30	3,10	1,95
Mar.	2,58	2,84	2,70	2,52	3,12	2,80
Abr.	2,43	3,10	2,93	2,90	3,46	2,82
Mai.	3,07	3,18	2,49	2,78	3,31	2,91
Jun.	3,15	3,66	2,59	3,00	2,98	3,08
Jul.	2,76	2,90	3,10	3,10	3,27	...
Ago.	2,56	2,32	3,05	3,16	3,00	...
Set.	2,45	2,28	2,61	3,20	2,56	...
Out.	2,40	2,19	2,56	3,19	2,68	...
Nov.	2,34	2,21	2,74	3,20	2,73	...
Dez.	2,23	2,33	2,47	3,08	2,16	...

(¹) Quantidade de ração para poedeiras que pode ser adquirida com o preço recebido por uma dúzia de ovos.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

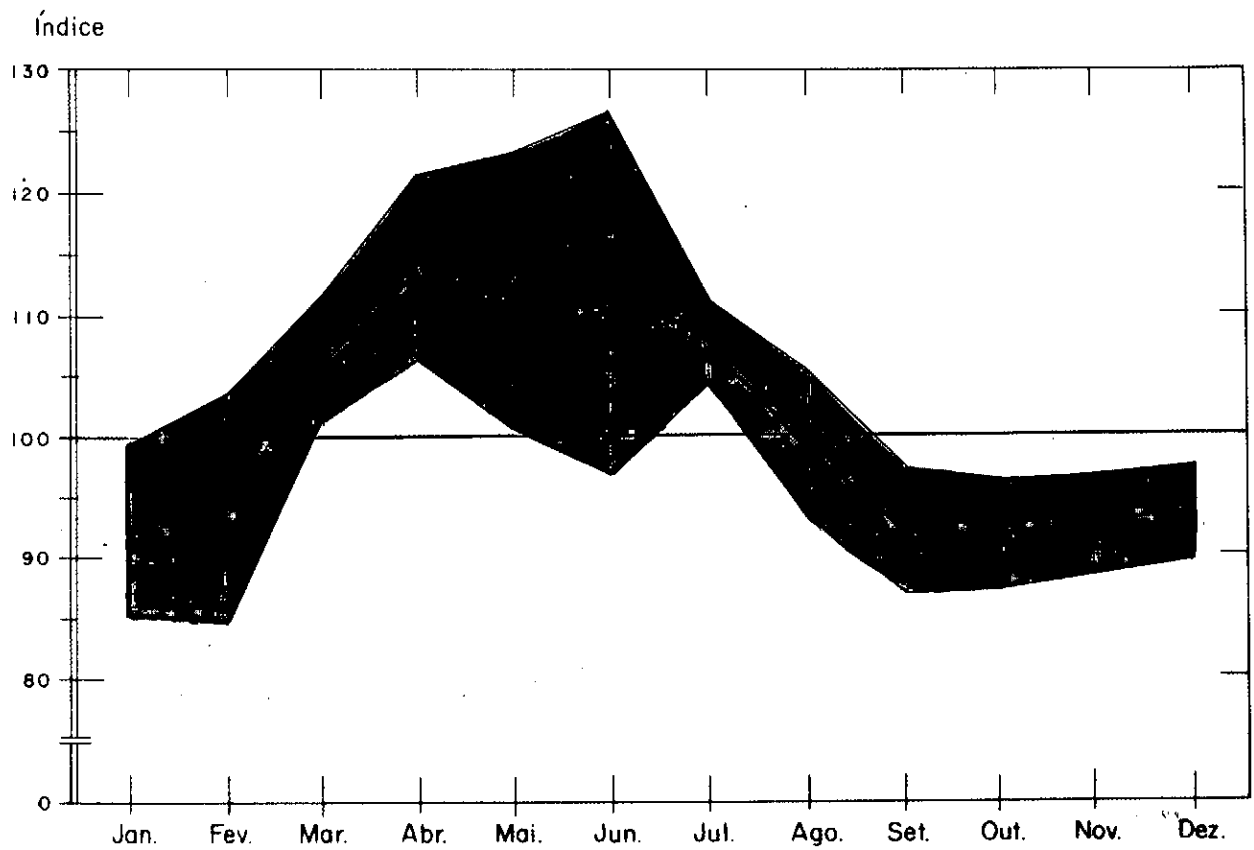


FIGURA 5. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Ovos, Estado de São Paulo, 1968-74.

- Feijão

- Situação interna

Na safra 1974/75 estima-se a produção brasileira de feijão em torno de 2.254 mil toneladas, volume equivalente ao ano anterior (2.238 mil toneladas), contudo, ainda inferior ao de 8 anos atrás, quando se obteve o recorde de 2.548 mil toneladas.

A cultura de feijão em São Paulo, como nas demais regiões brasileiras, ressentese de melhor estrutura de produção de comercialização, o que, invariavelmente reflete-se nos preços do produto, com oscilações bruscas no decorrer do ano. Tal situação não tem motivado os produtores no sentido de aprimorar as técnicas de cultivo, tanto no que se refere à utilização de insumos modernos como na racionalização das operações culturais. Como consequência, os rendimentos das lavouras situam-se muito aquém dos níveis desejáveis, e os custos unitários se elevam. Na DIRA de Sorocaba, Estado de São Paulo especificamente na região de Itapeva, observa-se que as áreas de plantio das águas e da seca tem-se equiparado, face à concorrência de outras culturas (especialmente soja e trigo), e à deterioração das condições ambientais no plantio da seca, (emigração de pragas e doenças da soja para o feijão).

Nos últimos 6 anos o Estado como um todo tem registrado algumas variações de área, produzindo-se maior volume no plantio da seca, devido à melhor produtividade, ao redor de 30% maior que a das águas. A produtividade média do Estado tem sido de 417 kg/ha (7 sacos/ha) nas águas e de 540 kg/ha (9 sacos/ha) na seca.

Em termos regionais, ressalte-se ainda a participação crescente da DIRA de Sorocaba, que produziu nos últimos três anos cerca de 56% do total da safra das águas e 69% do total da seca. Com respeito à área, Sorocaba responde com 56% do Estado no plantio das águas e 63% no da seca.

Face à baixa tecnologia predominante, adversidades climáticas e ataque de pragas e moléstias, o plantio da safra das águas de 1974/75 não alcançou bom resultado sob o aspecto da produtividade agrícola. Para a safra da seca, embora as estimativas até o momento indiquem altos ganhos de produtividade, tal fato não deverá ocorrer, mas mesmo assim deverá situar-se pouco acima da média dos últimos 5 anos. Os preços recebidos pelos produtores paulistas no decorrer de 1974 e os níveis de preços mínimos foram considerados baixos, provocando retração da área tanto na safra das águas (-18,0%) como na da seca (-22,7%) conforme se infere do quadro 57. Houve certa estabilidade de preços no decorrer do segundo semestre de 1974 provocada pelo afluxo de produtos do Nordeste no mercado paulistano.

No mercado atacadista da cidade de São Paulo as entradas de feijão foram normais no decorrer das safras 1973/74 e 1974/75 com relativo equilíbrio entre oferta e demanda no período. A maior frequência de preços mais baixos verificou-se em fevereiro e a de preços mais baixos verificou-se em fevereiro e a de preços mais elevados em maio, durante o ano de 1974, à semelhança da variação estacional dos preços recebidos pelos produtores paulistas de feijão (figura 6). Embora em caráter preliminar, tem-se observado tendência altista de maneira progressiva em 1975, com ascensão quase contínua dos preços, face às perspectivas

de uma produção brasileira equivalente à precedente.

Quanto aos preços recebidos pelos produtores do Estado, como via de regra, na safra das águas 1974/75 foram considerados insatisfatórios pela influência da produção paranaense, cuja tendência é de aumento da produção nas águas e redução na seca. Assim, a média dos seis primeiros meses de 1975 foi superior em 13% à de igual período de 1974. Em valores reais, contudo, a mesma é inferior àquela do ano passado (quadro 58).

A posição dos estoques em armazéns da CEAGESP nos 5 primeiros meses deste ano foi a maior dos últimos seis anos, correspondendo em média, a um volume quase 9 vezes maior que o do período correspondente de 1973 e 3 vezes o de 1974 (quadro 59).

No Estado do Paraná houve uma reversão da tendência na produção na safra 1974/75, face ao desestímulo proporcionado pelos preços e às maiores vantagens comparativas de outras culturas. Assim, de 1970/71 a 1973/74, em função da melhoria dos índices de produtividade, houve um progressivo aumento de produção, especificamente no plantio das águas, porquanto na seca, ao contrário, ocorreu queda das colheitas. Provisoriamente, a produção paranaense de 1974/75 é estimada em 479 mil toneladas, representando uma queda de 23% em confronto com 1973/74. A área, estimada em 750 mil hectares, retraiu 30% no total, com diminuição nos dois plantios. Observa-se nítida tendência de aumento da participação da safra das águas, sendo que nos últimos cinco anos, a área e o volume da safra das águas em média tem representado 77% e 72% respectivamente do total dos dois plantios anuais. Tal fato mostra a decisiva influência do produto paranaense no comportamento dos preços recebidos pelos produtores paulistas, notadamente no período de dezembro a fevereiro, quando são maiores as quantidades ofertadas no mercado.

- Perspectivas

A área de plantio da próxima safra das águas depende fundamentalmente da evolução dos preços do produto no decorrer dos meses de junho, julho e agosto. Tal evolução, por sua vez, sofre a influência do afluxo de produtos dos estados nordestinos e centrais no mercado paulistano.

Contudo, face à perspectiva de modesta produção brasileira em 1974/75, mormente no Paraná, os preços tem apresentado tendência de alta no decorrer de junho e julho. A prevalecer esta tendência nos próximos meses, pode-se esperar um firme aumento no próximo plantio das águas em S. Paulo, podendo mesmo superar a marca de 130.000 hectares do ano passado. Outros fatores a influenciar positivamente as decisões dos feijoeiros paulistas serão um preço muito estimulante e a recente instituição do programa de subsídios ao preço de aquisição de fertilizantes, principalmente através das instituições de crédito, não obstante a diminuta participação da cultura no volume total dos financiamentos de custeio agrícola.

Deve-se levar em conta também a tendência paranaense de aumento da produção nas águas, com crescentes ganhos de produtividade e de redução na seca face aos problemas climáticos e fitossanitários, cujos reflexos no mercado paulista são sempre ponderáveis. Os riscos da cultura das águas em São Paulo, com prejuízos na produtividade e na qualidade do produto, além da concorrência do produto paranaense, são elementos a serem considerados na

na tomada de decisões dos produtores paulistas.

O custo operacional da cultura do feijão das águas da safra 1975/76, com tração motomecanizada e animal, para as regiões de Itapeva e Avaré, é estimado em Cr\$ 1.140,00/ha, ou Cr\$ 126,60/saco de 60kg para uma produtividade de 9 sacos/ha. O custo para culturas realizadas com tração animal é estimado em Cr\$ 1.025,00/ha, ou Cr\$ 113,90/saco de 60kg, para a mesma produtividade.

No Paranã, apesar da firme expansão da área cultivada com soja e trigo nos últimos anos, acredita-se numa recuperação da queda sofrida pela produção de feijão daquele Estado no último ano, face aos bons preços vigentes no momento e ao custo de produção relativamente baixo.

Em suma, é presumível que em decorrência dos fatores acima enumerados ocorra, em São Paulo, aumento da área de plantio das águas no próximo ano agrícola, ressaltando-se entretanto, que melhores resultados têm sido conseguidos pelos produtores no segundo plantio, ou seja, na safra da seca.

(IEA, 15/07/1975)

QUADRO 57. - Área Plantada, Produção e Rendimento da Cultura de Feijão, Estado de São Paulo, 1969/70 a 1974/75

Ano agrícola	Área (1.000ha)			Produção (1.000t)			Rendimento (kg/ha)		
	Das águas	Da seca	Total	Das águas	Da seca	Total	Das águas	Da seca	Médio
1969/70	147,6	137,9	285,5	75,6	64,2	139,8	512	466	490
1970/71	128,3	130,7	259,0	54,0	84,0	138,0	421	643	533
1971/72	115,0	135,0	250,0	51,0	72,0	123,0	443	533	492
1972/73	125,0	145,0	270,0	55,8	78,0	133,8	446	538	496
1973/74	158,6	131,0	289,6	62,4	69,0	131,4	393	527	454
1974/75 ⁽¹⁾	130,0	101,2	231,2	52,2	73,2	125,4	402	723	542

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 58. - Preços Médios Mensais de Feijão Recebidos pelos Produtores, Estado de São Paulo, 1971-75
(Cr\$/sc.60kg)

Mês	1971		1972		1973		1974		1975	
	Corrente	Real	Corrente	Real	Corrente	Real	Corrente	Real	Corrente	Real
Jan.	52,98	21,02	62,52	20,70	108,54	31,10	116,56	28,57	139,38	25,53
Fev.	54,74	21,38	61,01	19,81	123,45	34,97	107,12	25,56	123,39	22,11
Mar.	58,59	22,36	64,40	20,64	180,50	50,42	107,70	24,59	127,77	22,53
Abr.	61,39	23,08	63,32	20,04	238,58	65,72	115,36	25,02	140,35	24,32
Mai.	61,51	22,70	70,85	22,21	226,59	61,84	203,66	42,70	206,86	35,12
Jun.	58,85	21,24	70,84	22,00	220,91	59,54	198,50	40,84	216,46	35,96
Jul.	58,18	20,70	72,73	22,31	227,73	60,89	173,37	35,24
Ago.	56,89	20,03	87,77	26,52	241,43	63,87	163,39	32,81
Set.	55,78	19,37	93,85	28,01	252,27	66,04	172,39	34,00
Out.	56,98	19,58	101,59	30,06	249,40	64,28	173,42	33,74
Nov.	58,31	19,83	103,71	30,41	181,50	46,30	168,19	32,22
Dez.	62,42	21,02	99,31	28,95	122,44	30,84	177,67	33,27
Média ponderada	58,05	20,96	74,10	22,87	196,00	52,55	145,00	30,21

Obs: Preços reais deflacionados pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica (Base: 1965/67 = 100).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

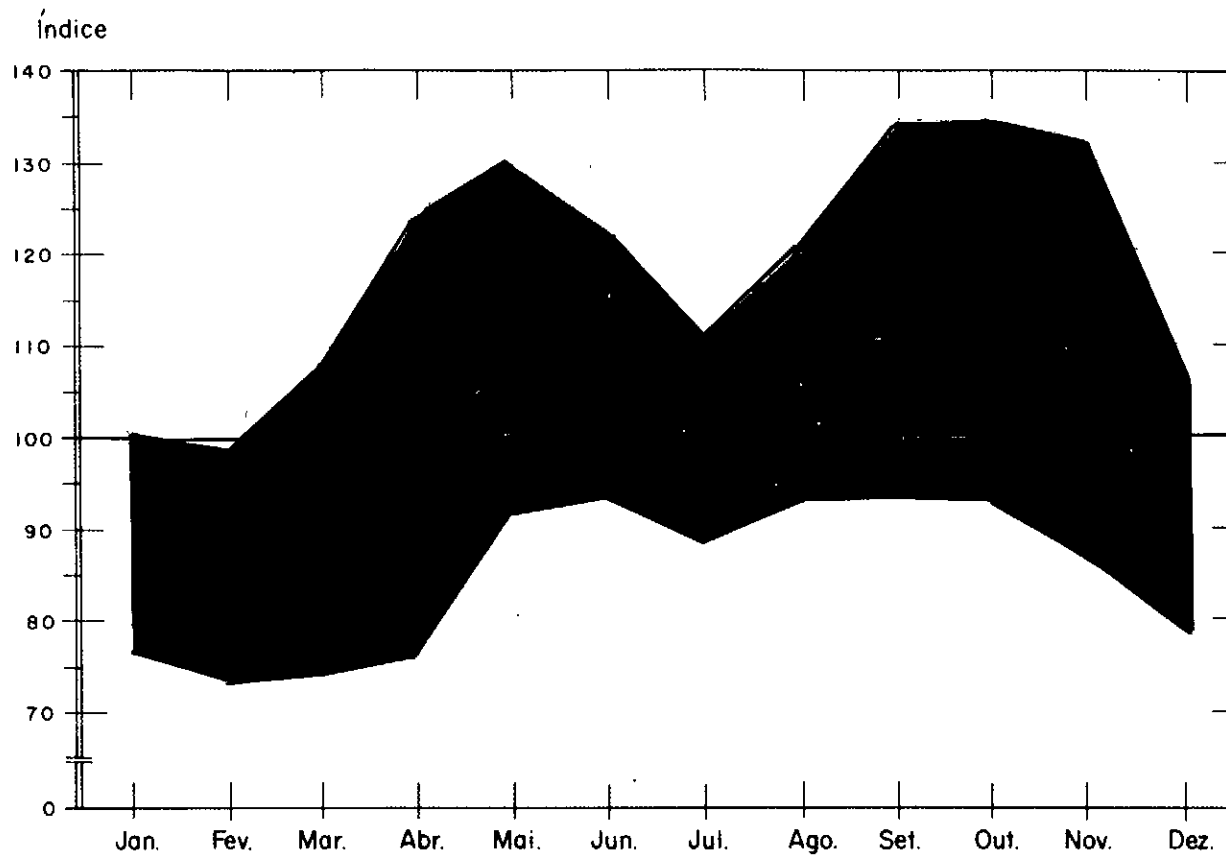


FIGURA 6. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Feijão, Estado de São Paulo, 1968-74.

- Tomate

- Panorama internacional

A produção mundial de tomate, estimulada pelos elevados preços dos produtos processados, voltou a crescer em 1974 totalizando, segundo a FAO, 36,4 milhões de toneladas com um acréscimo anual de 7%. Ao mesmo tempo verificou-se uma expansão de 4% na área cultivada, significando pois uma melhoria da produtividade média.

Esses aumentos de área foram particularmente mais sensíveis nos Estados Unidos (quadro 60), Itália e Espanha, tradicionalmente grandes produtores e exportadores de derivados de tomate.

A par dessas expansões, observou-se também uma elevação de preços médios pagos aos produtores, que ao início da atual temporada giravam ao redor de US\$ 58,00/t na Califórnia e US\$ 56,00 a 71,00/t em Ohio, contra US\$ 41,00 a 65,00/t em 1974. Para a próxima estação a expectativa é de que alcancem em média US\$ 60,00/t.

Na Europa, de acordo com informes de junho, verifica-se uma tendência para crescer as produções a "campo-aberto" em diversos países (França, Portugal, Grécia e Espanha), ao passo que essa forma de produzir vem declinando na Itália. Esta mudança visa reduzir os custos de produção, onerados pela crise de petróleo. Para o período maio-setembro estima-se um acréscimo de 2% em relação à produção de 1974.

Como para muitos outros produtos, o mercado internacional de derivados de tomate, particularmente o de extrato (30 a 32º Brix), demonstra estar declinando, pressionado pelas ofertas adicionais e retração na demanda. Assim, após o pique de preços do extrato da ordem de US\$ 800 a 1.000,00/t FOB-Santos, verificado em 1974, as cotações acusaram decréscimos situando-se em maio de 1975 ao redor de US\$ 550,00/t FOB.

- Situação interna

Também no Brasil o forte estímulo proporcionado pelas cotações externas de derivados de tomate condicionou não só a ampliação e modernização do parque industrial existente, mas incentivou a construção de novas fábricas, dimensionadas com vistas aos amplos mercados importadores. Somente em São Paulo, assistiu-se no decorrer de 1974 (setembro) a inauguração de uma unidade em Araçatuba e outra em Presidente Prudente que, quando completas, serão capazes de absorver cerca de 2.700 e 900 toneladas de matéria-prima por dia, respectivamente. Com isso o quadro geral de capacidade instalada apresenta a seguinte evolução: 1973- 310 mil toneladas; 1974 - 440 mil; e 1975 - 640 mil toneladas de matéria-prima por safra.

Por outro lado, o consumo interno brasileiro, segundo diversas fontes, é avaliado em torno de 310 mil toneladas, permitindo assim avaliar-se o excedente exportável quando se atingir a plena utilização da capacidade instalada.

Todavia, as referidas unidades não ficaram totalmente prontas em 1974, como ante-

riormente previsto, surgindo dificuldades técnicas em ambas. É evidente pois que gerassem uma série de problemas correlatos e queixas dos produtores: a) formação de extensas filas de caminhões carregados de tomate a porta de todas as fábricas em São Paulo; b) imobilização dos veículos encarecendo os fretes e que, muitas vezes, tiveram que ser desviados de uma fábrica para outra a longas distâncias; c) agravou-se sobremodo o problema de circulação de caixas vazias, que se tornaram insuficientes para o volume de safra; d) consequentemente, além das elevadas perdas físicas (evaporação e fendilhamento de frutos) tal situação gerou a impossibilidade de se atender os pedidos de exportação pela carência de prazo na entrega e falta de padrão para mercado externo (contagem de fungos); e) necessidade de reter e desviar para o mercado interno a maior parte do volume anteriormente previsto para exportação; e, f) falha de cobertura nas datas aprazadas de vencimentos de notas promissórias rurais.

Note-se, ainda, que passou a haver acúmulo nos estoques de produto acabado, pressionando a oferta no mercado interno, cujas vendas são lentas e com sinais de retração de consumo. Tal fato privou as empresas de recursos de capital de giro que viria se refletir ao início da temporada de 1975.

Foi com esse quadro que em março/abril ganharam corpo as manchetes de dificuldades financeiras do setor, principalmente com as notícias de que uma das empresas estava rompendo contratos de compra e venda de tomate. Face a tal comportamento, o Governo Federal procurou amparar a indústria de processamento através de reforço no capital de giro das empresas, condicionando-o, porém, à obrigatoriedade de receberem a produção.

A despeito de todos esses percalços, viu-se o Brasil passar de importador, em 1973-74, para exportador em 1975 quando, até junho, haviam sido embarcadas pelo Porto de Santos 2.114 toneladas de extrato e 673 toneladas de suco de tomate.

Quanto à produção de tomate rasteiro em 1975, pode-se informar que foram perdidas as semeaduras de janeiro e fevereiro, respectivamente por excessos de chuva e estiagem. Deverão vingar aquelas de março e abril, embora este último plantio tenha sido aquém do previsto com menor distribuição de sementes pelas fábricas, com o resultado da deterioração no relacionamento indústria-agricultura. Ainda mais, o plantio de abril, prejudicado pela forte seca, apresentava falhas acentuadas, com reboleiras e desuniformidade de desenvolvimento.

Levantamentos mais recentes que o oficial do IEA de abril, indicam a existência de cerca de 26 mil hectares plantados com tomate rasteiro, que dariam uma produção aproximada de 370 mil toneladas, contra as 280 mil de 1974 (quadro 61). Contudo, a forte estiagem (70 dias) que se prolongou até fins de junho não deverá permitir que se alcance esse volume de produção, situando-se o mesmo, possivelmente, ao redor de 300 mil toneladas.

Não se registraram maiores alterações na DIRA de Ribeirão Preto com características mais tradicionais. Ao contrário, nas regiões compreendidas pelas DIRAs de Araçatuba, Rio Preto e Presidente Prudente verificou-se expansão na área cultivada, estimando-se que tenha atingido, em 1975, perto de 16 mil hectares, contra 11 mil de 1974 e 3 mil hectares de 1973. Outrossim, observa-se crescente participação de culturas irrigadas, o que a médio prazo deverá resultar em elevação da produtividade média, pois numa safra com as características da atual chegam a produzir quatro vezes aquela obtida em culturas de sequeiro.

Paralelamente, até o momento a cultura de tomate "envarado" vinha apresentando um comportamento de que pode ser considerado normal. Todavia, a ocorrência das recentes geadas poderá alterar substancialmente o panorama no decorrer do segundo semestre.

Em março de 1975 chegou-se a uma situação em que a cotação média (Cr\$ 24,00/cx.) no atacado paulistano caiu quase 50% em relação a fevereiro. Todavia, em abril voltou a elevar-se rapidamente recuperando os níveis de fevereiro (Cr\$ 49,00/cx. e Cr\$ 44,00, respectivamente).

A explicação para tal comportamento de preços, contrário ao padrão estacional (figura 7), pode ser encontrada na grande proporção de tipos inferiores que predominaram no mercado em março, quando as condições climáticas na principal região produtora da época (Apiai e Capão Bonito) eram pouco favoráveis devido ao grande número de dias chuvosos e quentes. Contribuiu, também, para essa queda de preços o aumento previsto na produção e a redução nas atividades da indústria de processamento, mantendo inalteradas as cotações para o tipo fábrica e dispondo de elevados estoques de produto final.

- Perspectivas

No tocante ao produto proveniente de culturas envaradas o mercado dependerá significativamente da influência das geadas na produção da região de Campinas. Eventualmente, o abastecimento poderá ser suprido em parte pelo tomate proveniente de culturas rasteiras.

Para o tomate de processamento, as perspectivas são de que o mercado no segundo semestre, devido à quebra de produção, deverá firmar-se, podendo ocorrer uma evolução de preços como a verificada na safra passada, quando os contratos de Cr\$ 0,32/kg passaram a Cr\$ 0,38/kg na roça. Na atual temporada as cotações contratadas foram estipuladas em Cr\$ 0,48/kg na roça ou Cr\$ 0,57 posto fábrica.

Possivelmente, os produtos finais desta safra serão mais destinados à exportação ficando o abastecimento interno garantido pelos estoques existentes.

A mais longo prazo é possível que as cotações internacionais de extrato venham a levar-se em decorrência de redução na oferta. Diversos países produtores se verão na contingência de reduzir suas produções em novos ciclos de plantio, dado que as atuais cotações do produto teriam se tornado desestimulantes.

(IEA, 15/07/1975)

QUADRO 60. - Área Plantada e Produção de Tomate para Processamento nos Estados Unidos,
1972-75

Ano	Área plantada (hectare)	Produção (1.000.000t)
1972	109.000	5,8
1973	122.376	5,9
1974	137.476	7,0
1975 (1)	147.272	7,4 - 7,7

(1) Projeções.

Fonte: USDA, Economic Reserach Service.

QUADRO 61. - Produção e Industrialização do Tomate, Estado de São Paulo, 1968-75
(1.000 toneladas)

Ano	Produção total do Estado	Produção da cultura envarada	Produção da cultura rasteira	Volume processado	Volume comercializado CEAGESP
1968	419	275	144	170	181
1969	381	223	198	180	171
1970	440	286	154	210	224
1971	478	268	210	225	225
1972	488	322	166	190	225
1973	526	392	134	170	251
1974	610	330	280	340	249
1975 (1)	706	406	300 (2)	340	...

(1) Preliminar, sujeito à revisão posterior.

(2) Estimativa feita posteriormente ao levantamento de abril.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Frutas

Excetuando-se laranja e banana, a produção de frutas até 1974 mostrou índices crescentes para a maioria delas, tendo sido mais acentuados os de abacaxi, uva e figo, podendo-se avaliar que há 8 anos atrás a produção era, de modo geral, cerca de 50% daquela estimada para 1974 (quadros 62 e 63).

Há mais longo prazo os informes sugerem que a produção se concentrava em frutas mais tradicionais (banana, abacaxi, mamão e laranja) e em figo, pêsego e uva, cujas áreas de plantio situavam-se próximas à Capital, maior centro consumidor e redistribuidor desses produtos na região Sudeste.

Pode-se afirmar que as facilidades de transporte, com a pavimentação das rodovias, permitiram a diversificação dos plantios em amplas regiões do Estado, ao mesmo tempo que possibilitaram a ampliação dos mercados urbanos do interior e a exportação para outros estados.

Contribuiu, também, para esse desenvolvimento a introdução de novas variedades de abacaxi, uva fina, tangerina, manga e de pêsego, sendo essas inovações acompanhadas de maior assistência técnico-agronômica aos produtores.

Em resumo, o crescimento médio anual da produção frutícola oscilou entre 5 e 8% ao ano no período 1966-74, o que pode ser considerado satisfatório para atender à crescente demanda interna.

Esses índices e a tendência do consumo aparente de frutas podem ser avaliados pelos dados de quantidades comercializadas na CEAGESP, em anos mais recentes (quadro 64).

A par dos índices quantitativos, a evolução dos preços mostrou significativa perda em valores reais no preço de venda de figo, abacate e uva, enquanto se valorizam os preços de pêsego, banana e mamão.

Paralelamente, a análise dos custos de comercialização de frutas no período 1969/70 a 1973/74, evidenciou um decréscimo relativo da participação da mão-de-obra (-3%) e dos transportes (-9%) ressaltando-se, contudo, que este último item mostrou forte elevação na safra 1974/75, em vista da alta de derivados do petróleo. Naquele período, os maiores acréscimos relativos (ao redor de 10%) verificaram-se nos materiais de embalagem.

No setor da industrialização, assinala-se o Convênio do Pêssego que, na safra 1974/75, apresentou os seguintes valores: Cr\$ 3,00/kg pelos tipos A e B e Cr\$ 1,90/kg para o tipo C.

Quanto aos projetos com frutíferas através de incentivos fiscais, proporcionados pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, nos últimos 2 anos foram aprovadas substanciais áreas para o abacate, a noqueira pecã e os citros (quadro 65).

Esses valores elevam-se até o momento a 13.927 hectares em projetos aprovados com fruticultura no Estado de São Paulo.

Perspectivas

Como usual, o comportamento da safra 1975/76 dependerá de vários fatores ainda aleatórios, e não definidos, especialmente das floradas e ocorrências mais de geada e granizo. A esta altura pode-se prognosticar que: a) deverão estabilizar-se as safras de figo e uva de mesa niagara; b) deverão crescer as safras de uvas finas, nectarina, ameixa, morango, abacate, tangerinas e maçã; c) continuará a redução na produção de uva para indústria e de maracujá; e d) as floradas antecipadas de pêsego e nectarina permitem antever, novamente, colheitas precoces para as fruteiras de clima temperado, dependendo porém das condições climáticas de agosto corrente.

(IEA, 16/07/1975)

QUADRO 62. - Produção de Algumas Frutas de Clima Tropical e Número de Pês, Estado de São Paulo, 1966-75
(1.000 unidades)

Ano	Abacate		Abacaxi		Limão		Mamão		Tangerina ⁽¹⁾		Manga	
	Pê	Caixa	Pê	Fruto	Pê	Caixa	Pê	Caixa	Pê	Caixa	Pê	Caixa
1966	19.115	11.220	1.422	2.275	3.970	2.160	3.687	4.750
1967	734	2.700	19.300	13.500	1.428	2.280	4.070	2.500	3.358	4.640
1968	734	2.510	21.500	15.400	1.432	2.250	4.100	3.020	3.507	3.970	533	1.730
1969	920	2.650	52.000	20.800	1.930	2.570	6.300	3.200	4.250	5.730
1970	925	2.600	70.000	25.200	2.280	2.740	5.220	2.470	4.400	5.770	474	1.500
1971	1.020	2.500	93.300	38.400	2.630	3.370	4.300	2.140	4.900	7.300	314	1.417
1972	1.060	2.700	111.000	51.500	3.400	5.500	4.100	2.430	5.000	8.340	600	1.800
1973	1.360	3.600	108.000	58.300	4.100	7.200	4.700	2.900	6.000	9.400	670	2.300
1974	1.320	3.500	91.600	51.900	4.800	8.400	4.200	2.600	6.700	10.700	670	2.200
1975 ⁽²⁾	86.500	48.700	4.500	8.000	4.600	2.800	7.690	12.130	630	2.050

⁽¹⁾ Inclui cravo, ponkan, mexerica e murcote.

⁽²⁾ Estimativa preliminar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 63. - Produção de Frutas de Clima Temperado e Número de Pês, Estado de São Paulo, 1966-75
(1.000 unidades)

Ano	Caqui		Figo (1)		Pêssego		Uva de mesa		Uva para indústria	
	Pê	Caixa	Pê	Tonelada	Pê	Caixa	Pê	Caixa	Pê	Tonelada
1966	27.416	6.514
1967	804	5,5	27.780	4.520
1968	813	6,5	382	2.690	25.560	5.180
1969	710	1.870	862	6,4	236	1.970	29.800	6.520
1970	780	1.860	910	7,2	260	1.470	34.090	8.890	12.270	22.430
1971	800	1.860	960	9,0	310	2.200	36.700	8.900	13.300	21.700
1972	900	2.900	1.700	16,0	500	5.600	38.700	13.700	13.100	25.200
1973	900	3.000	1.700	17,9	450	5.700	38.500	14.700	11.450	23.000
1974	960	3.400	1.900	17,4	440	5.200	38.400	15.000	10.300	18.300
1975 (2)	851	3.100	1.800	16,7	520	5.300	35.670	14.360	8.800	19.300

(1) Inclui figo para a indústria.

(2) Estimativa preliminar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 64. - Quantidades Comercializadas na CEAGESP e Preços Médios Anuais de Algumas Frutas, Mercado Atacadista, São Paulo, 1972-74

Espécie	Unidade	Quantidade total			Preço médio ponderado		
		1972	1973	1974	1972	1973 (Cr\$/unidade)	1974
Abacate	caixa 23/27kg	478.271	447.537	532.907	15,00	17,10	21,10
Caqui	caixa 26kg	459.666	370.795	428.752	16,20	21,00	28,00
Figo	engradado 3,5kg	1.408.844	1.473.343	1.721.759	3,80	4,80	5,60
Mamão	caixa 33kg	361.281	759.977	595.806	20,40	18,60	29,80
Manga	caixa 21/25kg	312.440	318.450	352.466	14,40	18,60	31,90
Maracujã	caixa 16kg	59.321	120.462	124.922	22,20	20,00	21,90
Melancia	tonelada	29.166	45.908	37.568	310,00	340,00	560,00
Morango	caixa 4kg	805.465	773.521	729.972	9,50	12,60	17,70
Pêssego	caixa 3kg	1.523.830	1.478.810	2.041.091	8,40	7,90	12,20
Uva niagara	caixa 8kg	2.412.601	2.170.124	552.801	6,40	13,30	7,00
Uva itália	caixa 8kg	799.606	781.040	1.091.292	25,70	36,30	34,00
Tangerina cravo	caixa 30kg	519.480	388.586	474.661	11,70	14,30	16,40
Tangerina ponkan	caixa 30kg	906.526	1.359.517	1.397.687	14,10	11,50	16,20

Fonte: Companhia de Armazens do Governo do Estado de São Paulo (CEAGESP).

QUADRO 65. - Áreas de Frutíferas Aprovadas pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Estado de São Paulo, 1973-74
(hectare)

Espécie	1973	1974
Abacate	1.417	2.192
Manga	...	576
Maçã	34	174
Nogueira pecã	1.078	209
Goiaba	263	...
Citros	1.292	727
Total	4.084	3.878

Fonte: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

- Laranja

- Panorama internacional

Aumentos de produção de laranja foram estimados para o Hemisfério Norte, principalmente devido a safra recorde norte americana de 241,1 milhões de caixas (216,5 em 1973/74), das quais 177,6 milhões de caixas somente na Flórida (165,8 em 1973/74). Na Região do Mediterrâneo estimou-se aumento na Grécia e Egito; pequenas variações eram esperadas na Itália, Marrocos e Israel, enquanto que se admitia uma queda de 12% na produção da Espanha, devido à prolongada estiagem.

Da mesma forma, estimava-se inicialmente que as exportações da Região do Mediterrâneo, em 1974/75, suplantariam o reduzido nível verificado em 1973/74. Entretanto, condições climáticas adversas em alguns países fizeram com que fosse retardado o início da comercialização, tornando incertas as previsões iniciais, passando-se mesmo a admitir até uma pequena redução no volume exportado, em relação a 1973/74.

Os preços permaneceram em níveis somente pouco acima daqueles do ano anterior, refletindo a fraqueza da demanda em países com situação econômica debilitada, onde se verificou considerável redução nos gastos dos consumidores numa série de produtos alimentícios não considerados básicos.

Embora seja ainda muito cedo para indicações precisas, as perspectivas indicam pequena redução na produção de laranja durante a "temporada de verão" de 1974/75 (maio a outubro) pouco abaixo do recorde observado em 1973/74. Conquanto significativa expansão (25%) seja prevista para a Califórnia, com safra recorde desde 1946/47, as reduções previstas para África do Sul, Austrália e Argentina (599,1 mil toneladas contra 833,0 mil em 1973/74), bem como o andamento da produção brasileira, deverão ser insuficientes para a obtenção de incrementos.

Em vista de uma expectativa de menores suprimentos, espera-se que os preços de fruta fresca se mantenham firmes durante o período de maio a outubro de 1975 (temporada de verão) nos principais mercados importadores.

No tocante ao processamento de citros, o volume industrializado em 1973/74 foi estimado em 14 milhões de toneladas (35% da produção total) contra 14,3 milhões em 1972/73. As reduções verificadas nos Estados Unidos, Espanha e Argentina foram praticamente compensadas por aumentos registrados em Israel, Grécia, Japão e principalmente Brasil.

Indicações para 1974/75 são de que deverão ocorrer aumentos nos Estados Unidos e Japão, devendo-se ter diminuições, por falta de matéria-prima, nos países do Mediterrâneo, África do Sul e Argentina. É muito provável que o Brasil mantenha o nível da safra precedente, devido a dificuldades na comercialização e estiagem prolongada.

Quanto ao comércio internacional de produtos cítricos a queda na demanda foi bastante evidente, fazendo com que, em 1974, se verificasse pela primeira vez uma diminuição que não ocorria há muitos anos. Assim, estatísticas parciais para os principais países importadores indicam um declínio ou estagnação em comparação ao período de 1973. Na Alemanha

Ocidental estima-se uma queda de 20% nas importações de suco; no Reino Unido, Países Baixos e França não se registraram aumentos. Por outro lado, observaram-se aumentos nas compras da Suécia e Dinamarca devido a preços mais baixos e expansão das vendas do Brasil (quadro 66).

Ao contrário, nos Estados Unidos o consumo interno aumentou cerca de 15%, em 1974 contra a média de 11% dos últimos anos, devido particularmente à estabilidade dos preços do suco, e também pelo aumento de custos de bebidas competitivas.

- Situação interna

Parte das características do mercado de laranja no ano de 1974, aquelas referente ao primeiro semestre, quando normalmente ocorre a maior parte das transações de pomares a nível de produtor, foi relatada no Prognóstico 74/75.

A partir de julho de 1974 os preços de suco concentrado continuaram a cair, não só pela situação interna de excesso de oferta, mas, também, pela recessão nas compras internacionais.

Dessa forma, conquanto a CACEX tenha procurado manter um valor mínimo da guia de embarque em US\$ 560,00/tonelada FOB-Santos, as cotações chegaram até US\$ 400/420,00, resultando em um valor médio para o ano civil de US\$ 545,00/t FOB.

Não se pode deixar de apontar, todavia, que a redução nos preços de venda do produto conferiu-lhe maior poder de penetração em alguns mercados, onde os importadores se mostravam temerosos e procurando evitar novas altas, particularmente de produtos de consumo não essenciais.

Por outro lado, graças também a preços mais acessíveis, as vendas de laranja fresca no mercado interno aumentaram substancialmente segundo o comércio especializado. Apenas alguns comerciantes que haviam feito compras mais volumosas a níveis mais elevados, se viram em dificuldades financeiras, premidos pela redução de sua margem no negócio. Para esses, a solução foi comprar mais a preços baixos procurando obter média ponderada compatível com as novas condições de mercado.

Neste quadro difícil da citricultura, um ponto de destaque foi o aumento das exportações de fruta fresca, que haviam decaído em 1973 (quadro 67) agora favorecidas por um mercado importador carente de fruta da Região do Mediterrâneo, cuja safra encerrou-se excepcionalmente mais cedo na temporada passada, devido a problemas climáticos.

Um balanço geral do ano 1974 permite algumas considerações importantes: a) preços altamente satisfatórios para os produtores, como vinham ocorrendo desde 1970, não poderiam perdurar por mais tempo, sob o risco de reduzir o poder competitivo do suco, num mercado de recessão, a par de gerar uma corrida para plantios sem precedentes (quadro 67); b) era inevitável que também o suco de laranja sofresse as consequências de restrição de consumo externo, ou melhor, da mudança na política de importações que se seguiu à crise econômica mundial; c) os industriais de suco são também exportadores de fruta fresca e grandes fornecedores de laranja para os atacadistas de mercado interno, possibilitando-lhes a melhoria na seleção de frutas. Significa, outrossim, que a citricultura caminhou para um oligopsonia

onde poucos compradores representam o maior canal de comercialização da safra (cerca de 70%); d) a dificuldade foi em grande parte gerada pela indisciplina comercial das fábricas, envolvendo uma disputa acirrada entre produtores e industriais. Muito contribuiu para tal desordem a crise de confiança na área creditícia dado o debacle financeiro da Sanderson do Brasil; e) o setor mostrou pontos de debilidade onde se destacaram a falta de capacidade física e financeira para a estocagem de suco em maior volume; e, f) o setor de produção demorou-se em reconhecer a conjuntura de oferta crescente de matéria-prima, enfraquecimento da demanda, necessidade de adequação de preços a novos níveis de mercado internacional, importadores temerosos e restrições de crédito no âmbito nacional. De notar-se que os citricultores estavam até então acostumados a um mercado vendedor.

- Perspectivas

Em princípio, as perspectivas de longo prazo, já apresentadas no Prognóstico 74/75, apontam para crescentes produções. Estima-se que, em 1977, a colheita poderá alcançar cerca de 135 milhões de caixas, visto que em 1974, no Estado de São Paulo, aproximadamente 21 milhões de pés tinham menos de 3 anos de idade, e outro tanto entre 4 e 7 anos. Esses mesmos dados permitem esperar para a próxima safra um volume recorde da ordem de 105 milhões de caixas.

Com base nesse quadro pode-se prognosticar: a) mudança na sistemática de compra da matéria-prima pelas indústrias, que tenderão a adquiri-la em época mais próxima da colheita ou mesmo durante o período de processamento; b) deslocamento da época de embarques mais volumosos de suco brasileiro, destacando-se que as firmas nacionais ficarão com os riscos de estocagem e incertezas do mercado, o que anteriormente em grande parte corria por conta dos importadores (quadro 68); c) restrição no uso da promissória rural e, conseqüentemente, diminuição das distorções a que dava origem; d) os viveiristas poderão ter diminuídas suas atividades e rentabilidade; e) poderão acentuar-se os diferenciais de preço pela qualidade e aspecto da fruta; e f) os intercâmbios interestaduais deverão sofrer redução de volumes com o crescimento de produções regionais fora de São Paulo.

Para a corrente safra de 1975 algumas dessas mudanças já estão ocorrendo, umas de forma mais nítida que outras, embora a forte estiagem que se verificou reduzindo a safra, adiasse para mais tarde diversas delas. Preços mais elevados aos citricultores foram possíveis graças aos estímulos fiscais concedidos pelo Governo Federal que elevou para 29,5% os incentivos (IPI e ICM) para suco concentrado e farelo de polpa cítrica (contra 16 e 8% anteriores, respectivamente). Registre-se que a intervenção do Estado na Sanderson do Brasil, criando em seguida a FRUTESP S/A Agroindustrial contribuiu para "acalmar" o mercado paulista especialmente na região de Bebedouro, somando-se a isso a decisão do Comitê de Exportação de Citros em fixar um preço de referência de Cr\$ 8,00/caixa ao produtor.

Deve-se, também, aduzir que para a atual temporada, que será mais tardia, pois , as primeiras chuvas sã ocorreram em fins de outubro de 1974 prejudicando a florada, deverão predominar frutos miũdos, mais ácidos e cascudos, que poderã refletir-se no rendimento industrial. Consequentemente, é provãvel mesmo que a oferta final de suco contribua para o fortalecimento temporãrio do mercado.

QUADRO 66. - Exportação de Suco Concentrado de Laranja, Estado de São Paulo, 1970-74
(tonelada - peso bruto)

Porto de destino	1970	1971	1972	1973	1974
Alemanha	20.103	29.629	36.291	57.101	35.166
Canadá	4.374	9.151	12.510	8.463	7.648
Holanda	4.209	9.607	13.915	35.343	19.485
USA	1.109	22.425	20.943	15.201	17.618
Suécia	1.129	2.544	6.746	11.679	14.868
Israel	2.115	491	1.304	2.613	1.266
Inglaterra	623	1.330	887	546	632
Dinamarca	256	677	778	1.401	6.529
Bélgica	284	767	1.717	1.359	1.687
Noruega	163	917	459	912	753
Finlândia	-	83	388	1.399	1.056
Espanha	163	451	502	481	376
França	34	652	224	1.188	245
Outros	832	497	143	829	1.281
Total	35.394	79.221	96.807	138.515	108.610

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 67. - Número de Pês, Produção, Preço ao Produtor e Exportação de Laranja e Suco, Estado de São Paulo, 1970-74

Ano	Pês (1.000)	Produção (1.000 cx.)	Preço ao produtor		Exportação		Cotação de suco (US\$/t FOB Santos)
			Cr\$/cx.	US\$/cx.	In natura (1.000 cx.)	Suco (t)	
1970	39.000	44.350	4,00	0,88	1.505,0	31.290	440,00
1971	44.000	46.000	5,30	1,01	3.749,6	73.428	464,00
1972	50.200	60.700	6,50	1,10	3.940,0	91.121	476,00
1973	56.500	69.600	9,00	1,48	2.410,8	124.663	526,00
1974	75.600	82.000	6,50	0,90	2.518,0	97.743	545,00

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 68. - Exportação de Suco Concentrado de Laranja pelo Porto de Santos, 1970-75
(tonelada - peso líquido)

Mês	Suco concentrado de laranja					
	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	422,1	3.563,4	6.485,9	7.971,0	3.138,0	11.461,0
Fev.	2.606,5	2.940,4	3.584,8	10.453,5	3.495,0	13.507,0
Mar.	492,3	5.190,6	4.240,3	10.007,1	6.062,0	13.380,0
Abr.	108,2	2.156,4	4.032,8	6.152,0	2.379,0	9.221,0
Mai.	613,1	2.981,4	3.200,4	4.124,6	2.258,0	6.998,0
Jun.	1.618,4	1.854,7	4.399,3	6.109,4	5.544,0	11.460,0
Jul.	2.769,3	10.460,4	7.949,9	5.979,1	4.509,0	...
Ago.	2.758,2	5.465,6	9.134,1	17.283,6	8.946,0	...
Set.	2.443,8	9.783,6	9.855,7	10.990,7	9.016,0	...
Out.	5.346,9	10.439,3	12.102,0	22.231,1	10.117,0	...
Nov.	8.014,9	5.545,4	16.855,5	10.699,3	16.400,0	...
Dez.	4.096,3	13.047,1	9.280,5	12.662,0	25.879,0	...
Total	31.290,0	73.428,3	91.121,2	124.663,4	97.743,0	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Mandioca

- Panorama internacional

Continuam em expansão os mercados dos principais produtos de mandioca. O volume mundial transacionado deverá este ano ultrapassar a cifra dos 300 milhões de dólares.

Conforme estimativas da Tailândia, principal exportador, no ano de 1974/75 as vendas totalizarão cerca de 1,6 milhão de toneladas de "pellets" de raspa, 100 mil toneladas de raspa em forma de "chips" e 250 mil toneladas de fécula.

Quanto a participação do Brasil, noticia-se a exportação de 50 mil toneladas de farinha industrial de mandioca durante o ano agrícola 1974/75, pertencentes a estoques governamentais de períodos anteriores.

No Mercado Comum Europeu, ao início do ano de 1974, em "pellets", a raspa estava cotada a 230/240 marcos alemães/t CIF - Rotterdam. No decorrer do ano os preços subiram até atingir, em novembro, a média dos 321 marcos, passando a apresentar tendência decrescente até fevereiro, retornando ao nível dos 240 marcos. A partir de então os preços voltaram a subir atingindo a cifra dos 285 marcos/t.

Os preços da fécula flutuaram bem menos experimentando alguma alta no período, com cotação em julho de 1975 ao redor de US\$ 9,50 por saco de 100 libras para o artigo tipo B, custo e frete (em portos americanos).

- Situação interna

Apesar de ser o Brasil o maior produtor mundial a evolução da cultura não tem sido das melhores.

Na Região Centro-Sul a produção não apresenta os índices crescentes evidenciados por outras grandes culturas e vem perdendo terreno para soja, milho, trigo e cana, entre outras.

Em São Paulo, a tendência dos últimos treze anos é francamente decrescente atingindo na última safra área plantada que é a menor dos últimos 36 anos.

A diminuição do plantio, (quadro 69) verificou-se principalmente com as variedades destinadas a industrialização. Tanto a cultura recém formada como a que deverá ser colhida acham-se reduzidas à metade do que era plantado há 2 anos atrás.

Mais recentemente, os preços da raiz experimentaram uma sensível alta que, todavia, em termos reais não alcançaram os níveis da safra de 1971, apesar dos custos operacionais com a cultura haverem crescido de forma substancial. Tal fato se explica em parte pelo grande número de fábricas de raspa, farinha de mesa e fécula terem encerrado definitivamente suas atividades, diminuindo sensivelmente o número de compradores.

Os preços da fécula no atacado a partir de 1972 vêm apresentando tendência de diminuição em termos reais. Em junho, no atacado paulistano, os preços médios unitários da fécula atingiram os mesmos níveis dos preços da farinha de mandioca. Tal fato figura bem

a tendência de baixa da fécula e da alta da farinha de mesa, apesar da fécula possuir um custo mais elevado e sua fabricação ser mais sofisticada.

Os preços da farinha de raspa, ingrediente empregado na mistura de farinhas panificáveis, vêm nos últimos anos acompanhando as tendências gerais dos preços da farinha de mesa.

- Perspectivas

O suprimento de matéria-prima (raiz) em 1975 está sendo bastante precário, esperando-se que para o próximo ano sofrerá redução superior a 40% em relação à disponibilidade deste ano.

Mesmo com o fechamento de dezenas de fábricas no interior paulista, continua acirrada a disputa pela raiz, esperando-se com isto, que a safra se encerre já em setembro próximo. A perspectiva é de elevação dos preços.

Sensíveis mudanças nesta situação para os próximos anos ficam afastadas, a não ser que se adote uma política de longo prazo contemplando preços estimulantes para a fécula, farinha de raspa, farinha de mesa e raiz.

Quanto ao comércio exterior é aguardado para o ano agrícola 1975/76, um acréscimo de 200 mil toneladas na demanda mundial de fécula, em virtude do aumento do consumo deste artigo no Extremo Oriente.

Com a recente evolução da política no Sudeste Asiático poderá abrir-se grande possibilidade para a maior participação do País no mercado de produtos de mandioca, desde que aumentada a nossa produção.

(IEA, 16/07/1975).

QUADRO 69. - Evolução do Plantio de Mandioca, Estado de São Paulo, 1972/73 a 1974/75
(1972/73=100)

Mandioca		Ano agrícola					
		1972/73		1973/74		1974/75	
		1.000ha	Índice	1.000ha	Índice	1.000ha	Índice
Indústria	Nova	30.523	100	22.957	75	15.019	49
	Velha	54.436	100	37.922	70	26.230	48
Alimentação	Nova	11.636	100	9.528	82	8.856	76
	Velha	26.668	100	16.790	63	13.533	51

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Cebola

- Panorama internacional

A produção espanhola junto com a argentina praticamente vêm suprindo as importações normais de cebola realizadas pelo Brasil. Das duas fontes, a primeira está, este ano, fora de nosso mercado, porque além de ocorrência de problemas fisiológicos, o mau tempo prejudicou a produção de "lirias", mais precoces e a produção de "grano" é inexpressiva, conforme recentes levantamentos.

Os preços nos mercados europeus estão (maio-junho) bastante elevados, atingindo o dobro dos valores usuais.

A produção argentina do ano passado foi cerca de 30% superior à média dos 4 anos anteriores. Os preços internos naquele País caíram então a níveis tão baixos que surgiram problemas no setor da produção. Este ano anunciou-se um saldo exportável relativamente pequeno (13 mil toneladas). Com a ocorrência de problemas comerciais entre aquele e o nosso País as trocas estão suspensas desde o início de junho, não se vislumbrando para os próximos meses indícios de solução.

- Situação interna

Produção e comercialização de cebola vem caracterizando pela dinâmica com que são absorvidas as novas tecnologias.

O suprimento de bulbos no período de julho a outubro depende da importação de sementes. O abastecimento de sementes de "híbridas" para este ano foi irregular e dada a falta deste insumo com as características procuradas pelos plantadores, ocorreu alta violenta dos preços e diminuição do plantio.

No segundo semestre de 1974, apesar de os preços permanecerem acima da média dos 5 anos anteriores, assumiram valores que não podem ser considerados altos (quadro 70). As despesas de custeio aumentaram bastante e a cultura exige um grande investimento inicial. O abastecimento no último semestre de 1974 transcorreu normal, não obstante a elevada produção de "claras". A presença da "híbrida" foi destacada no mercado, passando a ser cotada separadamente, sendo bastante procurada, por suas características adequadas ao empacotamento.

No primeiro semestre de 1975 os preços de cebola recebidos pelos agricultores melhoraram bastante, de modo a se colocarem em segundo lugar em valores reais nos últimos 7 anos. Proporcionaram assim um lucro satisfatório tornando possível o pagamento de eventuais empréstimos bancários em atraso. A variação estacional do preço recebido pelo produtor é indicada na figura 8 e representa a média do período 1968-74.

A importação em 1974 realizou-se, principalmente, com produtos originários da Argentina, que teve no ano passado uma safra recorde.

A presença do produto nordestino foi modesta e fez-se nos últimos meses do ano, em virtude da frustração da primeira plantação.

No primeiro semestre de 1975 a participação do produto catarinense foi relativamente pequena dado o menor volume de safra, quebrando a série de índices crescentes desde 1971. Com isto a produção rio-grandense fluiu normalmente e antecipou seu término de um mês. Em junho as ofertas, deste produto não ultrapassaram 15% do total negociado na Capital deixando a "soqueira" dona do mercado. Com uma safra entre regular e boa a "soqueira" atravessou seu período de oferta com o mercado de estável para firme, contando ainda com clima favorável.

O artigo de procedência do Vale do São Francisco, que normalmente participa do abastecimento já nos meses de maio e junho, na atual estação não se fez presente ainda em princípio de julho.

- Perspectivas

A importação este ano, caso ocorra, deverá fluir em quantidades mínimas.

O tempo parece transcorrer favorável com as características de frio seco, da mesma forma como ocorreu em todo o outono. Com isto, a formação dos bulbos se dá de forma sadia produzindo artigo compacto e de boa conformação. Nessas condições, o produtor em geral age com mais confiança, o que lhe dá melhor posição de barganha, ao mesmo tempo que propicia a cura normal, com melhor preparo do produto para a comercialização.

O atacadista, por sua vez, dispende de mercadoria que suporta mais dias em depósito não se apressa em se desfazer do estoque, valorizando-o.

Todas essas condições revertem em fortalecer o mercado e a tendência dos preços é de alta.

(IEA, 17/07/1975)

QUADRO 70. - Preços Médios Mensais de Cebola Recebidos pelos Produtores, Estado de São Paulo, 1970-75
(Cr\$/sc.45kg)

Mês	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	19,50	14,56	15,51	42,78	34,81	50,21
Fev.	17,64	15,96	26,45	51,00	37,07	52,76
Mar.	14,94	19,26	32,29	62,10	41,13	73,30
Abr.	16,01	28,18	46,14	95,92	47,20	93,41
Mai	17,03	32,78	46,07	106,49	44,27	96,90
Jun.	17,70	36,07	48,75	88,99	63,83	104,88
Jul.	20,72	55,48	30,75	107,00	57,43	...
Ago.	22,40	71,02	20,04	124,00	61,14	...
Set.	17,73	36,40	24,97	102,66	66,43	...
Out.	13,98	26,10	64,68	54,60	44,01	...
Nov.	13,46	15,85	53,01	34,40	39,48	...
Dez.	14,28	10,60	34,99	27,00	44,23	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

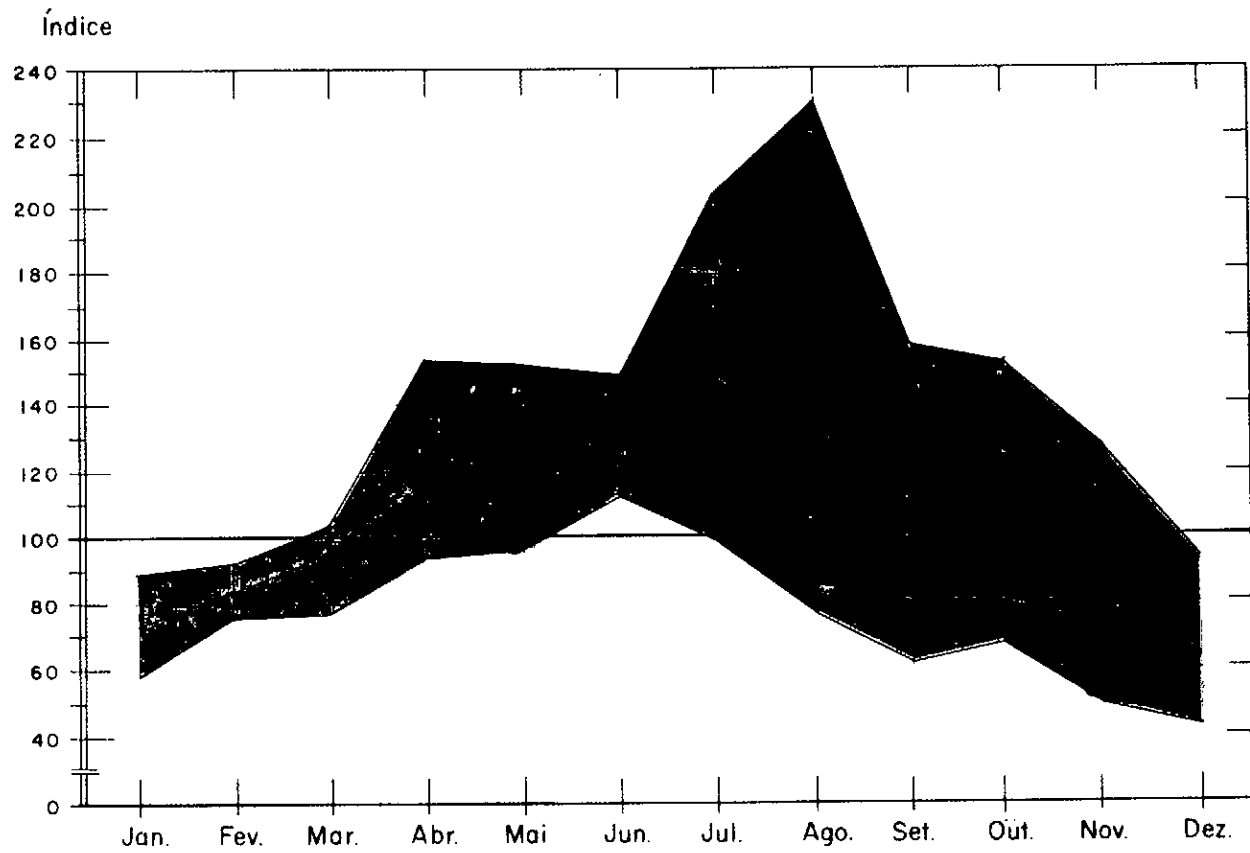


FIGURA 8. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Cebola, Estado de São Paulo, 1968-74.

- Trigo

- Panorama internacional

A produção mundial de trigo em 1974 foi estimada em 349,8 milhões de toneladas, sendo a Rússia, com 88,0 milhões (25% da produção), Estados Unidos com 48,8 milhões (14%) e a China Continental com 27,7 milhões (8%) os maiores produtores.

Essa produção foi inferior em 5% a produção recorde de 1973 (366,8 milhões de toneladas), mas 8% acima da média de 1968-72 (323,5 milhões de toneladas). No que concerne a área plantada em 1974 aumentou ela 2% em relação a 1973 (221,5 milhões de hectares em 1974 e 217,4 milhões em 1973). Em consequência o rendimento em 1974 (1.580 kg/ha) foi 7% inferior.

Esse declínio na produção mundial em 1974 se deveu principalmente a redução de 22 milhões de toneladas na colheita soviética. Na América do Sul a queda foi quase insignificante (9.881 mil toneladas, em 1973 para 9.773 mil em 1974). O decréscimo de 1,6 milhão de toneladas na produção argentina foi compensada pelos aumentos no Brasil, Chile e Uruguai.

A produção europeia, exceção feita a da Rússia, apresentou um ganho de 8% (82.251 mil toneladas em 1973 e 88.880 mil em 1974) enquanto que as produções da África, Ásia e Oceania sofreram quedas de 5%, 2% e 3%, respectivamente.

Ao mesmo tempo em que houve queda na produção, os preços para entrega futura do trigo também declinaram consideravelmente. Esse declínio recente nos preços é atribuído à possibilidade de novo recorde na colheita de inverno norte-americana.

Nos Estados Unidos as condições climáticas normais, em contraste com as desastrosas enchentes, secas e geadas do ano passado, levam a prever que as safras deste ano deverão suplantiar as anteriores. Além disso, os estoques disponíveis que no começo desse ano eram 19% maiores do que há um ano, levaram o Departamento de Agricultura à liberalização do sistema de controle para a exportação de trigo (em 29/1/75).

- Situação interna

No Brasil a produção em 1974 cresceu cerca de 47% em relação a 1973 (2,8 milhões de toneladas contra 1,9 milhão).

Dados oficiais revelam que até 31/12/74 para os principais estados produtores haviam sido adquiridos, pelo CTRIN, 2.716.569 toneladas e que o Rio Grande do Sul continua sendo o maior produtor (quadro 71).

Esse acréscimo na produção provocará neste ano uma retração em nossas importações. No início de 1975 foi fixado em 4.422 mil toneladas a previsão das necessidades de abastecimento de trigo em grão. As projeções de consumo revelam um aumento inferior a 250 mil toneladas (4.200 mil toneladas em 1974 para 4.422 mil em 1975).

Em 1974 as importações foram de 2.077 mil toneladas.

Assumindo-se que 300 mil toneladas tenham sido reservadas para semente, aproximadamente 2.500 mil toneladas serão distribuídas ao parque moageiro nacional, que industrializará 4.422 mil toneladas em 1975, mediante complementação com cereal importado. Portanto nossas necessidades de importação deverão oscilar ao redor de 1,9 milhão de toneladas.

Os crescentes aumentos de produção e produtividade que se vem verificando na região Centro-Sul na busca da autosuficiência na produção de trigo se devem principalmente aos seguintes fatores: a) política de preço administrado que, em três anos, elevou-o de Cr\$ 45,00/sc.de 60kg para Cr\$ 84,00, em 1974, e Cr\$ 100,20 em 1975; b) apoio governamental através do Departamento Geral da Comercialização do Trigo Nacional (CTRIN) do Banco do Brasil na comercialização do trigo nacional, fortalecendo o sistema cooperativista do Sul do Brasil; c) obrigatoriedade do emprego de sementes fiscalizadas nas culturas financiadas pelo crédito institucional e exigência contida nos regulamentos do Mútuo Cooperativo contra o Granizo, administrado pela FECOTRIGO (R.G. do Sul) e OCEPAR (Paraná); d) estímulos à pesquisa e assistência técnica, através de recursos adicionais para desenvolver, respectivamente, novos experimentos e recomendações quanto a variedades e época de plantio; e) subsídio de 40% no preço dos fertilizantes, representando uma sensível diminuição nos custos de produção; f) implantação do Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (PROAGRO) que fará seu grande teste com a cultura do trigo; e g) a "dobradinha" soja-trigo que se vem firmando rapidamente nas principais regiões produtoras.

Todos esses fatores levam a estimar para 1975 um aumento de 25 a 30% na área cultivada na região Centro-Sul, levando essa área a cerca de 3 milhões de hectares. Por sua vez, uma estimativa de produção ainda bastante grosseira, dada a instabilidade do rendimento tritícola em função da alta sensibilidade da cultura as condições de tempo, sugere uma cifra entre 3,3 a 3,5 milhões de toneladas.

Em contrapartida, os aumentos na área de plantio acarretaram alguns problemas já manifestados no ano anterior, destacando-se: a) escassez de sementes para atender a demanda, o que levou o Governo Federal a autorizar a FECOTRIGO a importar 650 toneladas de sementes da variedade Multiplicacion - 14 do Uruguai, adaptável a algumas regiões produtoras do Rio Grande do Sul; e b) infraestrutura insuficiente exigindo ainda aumento da capacidade instalada dos armazéns, revitalização do setor portuário com a construção de graneleiros mais adequados e melhoria das condições atuais dos portos de destino que são precárias principalmente no Norte e Nordeste. Por sua vez, mesmo os portos que possuem uma estrutura portuária satisfatória se ressentem da deficiência do sistema rodoviário, ferroviário e fluvial de "alimentação".

No Estado de São Paulo, segundo estimativas oficiais, a área plantada cresceu no último ano de 28,7 mil hectares para 109,8 mil (282,5%) e a produção de 35,0 mil toneladas para 153,1 mil (337,4%) em 1974. Afora os estímulos de preços, realçam as boas condições climáticas como principal fator para que o rendimento passasse de 1.220 kg/ha, em 1973, para 1.394 kg/ha em 1974.

- Perspectivas

Prevê-se que nesta safra a área cultivada com trigo no Estado de São Paulo tenha a-

tingido a 137 mil hectares (crescimento de 25%) substituindo principalmente áreas ocupadas anteriormente por outras culturas. Os incentivos de preço ao produto e subsídios para fertilizantes, além da "dobradinha" soja-trigo, foram os fatores responsáveis pela expansão da área em São Paulo. Para os técnicos da rede de assistência técnica essa expansão não foi maior devido a insuficiência de sementes. Em Assis houve produtores que chegaram a pagar Cr\$ 250,00 por saca de 50kg quando, no início do plantio, o preço habitual oscilou entre Cr\$ 140,00 a 180,00.

Incluindo já o subsídio de 40% para fertilizantes, estima-se o custo operacional por hectare em Cr\$ 1.865,00 o que leva a admitir que a partir do rendimento de 19 sacos, os tricultores não estariam obtendo prejuízo.

Alguns problemas apresentados na safra passada já estão sendo solucionados. As principais cooperativas da maior região produtora (Assis, com 90% da produção em 1974) estão procedendo a ampliação e construção de novos graneleiros para atender ao crescente aumento da produção de trigo e soja.

O desenrolar da corrente safra não se vem apresentando dos mais favoráveis para o trigo. De início, houve insuficiência de chuvas em cerca de 70% da área plantada, enquanto que 30% sofreram prolongada estiagem após o plantio, com germinação falha e irregular. Mais tarde, em meados de julho, ocorreram fortes geadas que atingiram as culturas de São Paulo em fase de granação, o que resultará, mesmo que seja possível uma recuperação parcial, em acentuada queda nos rendimentos.

Tais fatos levam a uma necessária reavaliação dos resultados da presente safra e, conseqüentemente, das perspectivas de importação em 1976 e medidas de política correlatas visando a reduzir o impacto negativo da conjuntura atual. Em termos de Brasil, as primeiras estimativas levam a admitir-se uma redução da safra de 3,3 a 3,5 milhões de toneladas para somente 2,8 a 3,0 milhões de toneladas. No Estado de São Paulo preve-se preliminarmente, uma "quebra" de 30% a 40% o que resultaria em uma produção de 120 mil toneladas. Pronunciamentos feitos até o momento por autoridades governamentais, fazem prever medidas visando a agilizar e antecipar o PROAGRO e prorrogar os prazos de pagamento dos financiamentos de custeio.

Do ponto de vista internacional, já se confirmam as notícias de significativas aquisições de trigo americano pela União Soviética. Paralelamente, os preços FOB Chicago que, em junho, giravam em torno de US\$ 109/t passaram nos últimos dias da primeira quinzena de julho, a US\$ 130/t.

(IEA, 23/07/1975)

QUADRO 71. - Produção Adquirida pelo CTRIN e Participação Relativa dos Estados Produtores de Trigo, Brasil, 1974

Estado	Quantidade adquirida (t)	Participação relativa (%)
Rio Grande do Sul	1.573.300	57,9
Paraná	983.569	36,2
São Paulo	122.000	4,6
Santa Catarina	21.000	0,8
Mato Grosso	16.700	0,6
Total	2.716.569	100,0

Fonte: Departamento Geral de Comercialização do Trigo Nacional (CTRIN).

- Produtos Florestais

- Panorama internacional

Projeções da FAO para 1978 indicam que o mundo deverá sofrer uma falta de 12 milhões de toneladas de celulose e 16 milhões de toneladas de papel. Os países de tradição no fornecimento de celulose e papel reduziram substancialmente a expansão de suas indústrias levando em conta vários fatores, entre os quais as pressões populares contra a poluição provocada pelas indústrias, a inexistência de áreas disponíveis para a intensificação dos plantios de florestas e, também, recessão internacional.

Industriais do setor acreditam que o principal fator que vem provocando a situação crítica de celulose e papel, que já se faz sentir, reside no fato de que os países industrializados, que respondem por 94% da oferta mundial, esbarram em limitações de seu patrimônio florestal, sem condições de poder aumentá-lo. Assim, os países escandinavos vão atingindo os limites máximos de suas possibilidades de produção de celulose. A Finlândia informa que irá montar mais uma fábrica e que esta deverá ser a última por muito tempo; a Suécia, talvez tenha potencial para mais três ou quatro fábricas de grande porte e os Estados Unidos e Japão deverão reduzir, substancialmente, a taxa de crescimento do setor.

Paralelamente a essa situação de oferta, a demanda mundial de celulose e papel vem crescendo continuamente, pois, a medida que um país se desenvolve, o consumo per capita de papel cresce.

Os Estados Unidos consumiram em 1974, 286kg de papel por habitante, seguindo-se a Suécia com 212kg, Canadá com 204kg e Dinamarca com 162kg. O Brasil deve atingir este ano perto de 23kg por habitante.

A produção mundial de papel alcançou, em 1974, 134 milhões de toneladas para um consumo de 137 milhões. Essa situação vem provocando maior incidência de transações "off lot" (sem contrato) e "spot lot" (especulativa), afetando mais intensamente os países em desenvolvimento, que chegaram a pagar até US\$ 800 por tonelada de celulose, com acréscimo de 400% em relação aos preços pagos em 1973. Mesmo os países tradicionais importadores do produto pagaram, nas importações contratadas, entre US\$ 350 e US\$ 400 por tonelada em fins do ano passado. O preço pago, em 1973, oscilava em torno de US\$ 270 por tonelada de celulose branqueada. Nos Estados Unidos, os preços de papel jornal subiram, em 1974, de US\$ 187 para 275 por tonelada, enquanto foram observadas transações "spot lot" com preços de até US\$ 700 por tonelada de papel na mesma época.

Dessa situação se depreende que os países da América Latina, especialmente o Brasil, são os mais cotados para evitar que a crise mundial de papel e celulose assuma as proporções desastrosas previstas pela FAO. Mesmo que medidas sejam tomadas nesse sentido, é possível que a escassez desses produtos no mercado mundial persista ainda até o final da década.

No setor madeireiro, o mercado internacional passou por um ano bastante difícil, após grande crescimento experimentado especialmente nos anos de 1972 a 1973 que provocou um aumento considerável das exportações. Os países tradicionalmente importadores foram leva =

dos à formação de grandes estoques na preocupação de garantirem os suprimentos futuros, sem muito se importarem com os elevados preços que pagavam. Contudo, a grande crise internacional do ano passado atingiu, também, o setor madeireiro que teve sua demanda sensivelmente reduzida. Diante disso, os importadores reduziram drasticamente suas compras e passaram a escoar seus estoques, num mercado altamente competitivo, fato que gerou uma inevitável queda de preços.

Diante de tal configuração, alguns países produtores diminuíram sua produção para colocá-la mais em linha com os novos níveis da demanda, enquanto que outros chegaram a reduzir os preços a níveis críticos. Esse último caso ocorreu com alguns países em desenvolvimento onde as exportações de madeira constituem uma fonte vital de divisas.

- Situação interna e perspectiva

- Reflorestamento

Até dezembro de 1974, mais de 3,5 bilhões de cruzeiros foram carreados para a formação de florestas econômicas no Brasil, cobrindo uma área superior a 1,5 milhão de hectares, através do mecanismo de incentivos fiscais (quadro 72).

Apesar dos números, o incremento na atividade do reflorestamento, por força dos incentivos fiscais, ainda é tido como baixo pelos empresários do setor, considerando naturalmente as necessidades brasileiras do momento.

O Governo Federal anunciou o Programa Nacional de Papel e Celulose, contido no II Plano Nacional do Desenvolvimento, que prevê a produção de 3.680 mil toneladas de papel de diversos tipos e 4.200 mil toneladas de celulose em 1980. Do total da produção de celulose, 1.200 mil toneladas serão destinadas ao mercado internacional.

Para a implantação do referido programa estão previstos recursos da ordem de 17 milhões de dólares em investimentos fixos.

A fim de atender o crescimento industrial, o programa em questão estabelece a criação de distritos florestais somando 4 milhões de hectares, com 2,5 milhões a serem implantados até 1980. Isso significa que até esse ano, cerca de 500 mil hectares anuais devem ser plantados em média e, para isso, há necessidade de se acelerar o mecanismo de incentivos fiscais sob pena de comprometer as metas do programa. Essa afirmativa pode ser facilmente verificada uma vez que de 1967 a 1974, portanto em um período de 8 anos, pouco mais de 1,5 milhão de hectares foram reflorestados em todo o País.

Levando em conta o estabelecimento do Programa Nacional de Papel e Celulose, e ainda a própria situação do mercado internacional, pode-se esperar a curto prazo uma intensificação do reflorestamento no País, desta vez de forma bem mais agressiva do que até hoje se tem verificado.

- Mercado de madeiras

De um modo geral, o mercado de madeiras em São Paulo apresentou um ritmo acelerado de crescimento até o início do ano passado. Essa situação refletia, de maneira idêntica, o que vinha ocorrendo com o mercado internacional.

No decorrer do ano de 1974, mais especificamente até novembro, observou-se uma estabilidade dos preços, não sendo registradas alterações representativas (quadros 73 e 74).

A partir de novembro, a situação modificou-se de maneira brusca e os preços foram reduzidos substancialmente. Essa nova configuração foi gerada por um desinteresse dos países importadores de madeira pela compra do produto aos preços vigentes na época (quadros 75 e 76). No ano de 1973 as exportações brasileiras de madeira e seus manufaturados atingiram 21.124.039 toneladas, caindo para 691.971 em 1974.

Com a redução dos volumes exportados, naturalmente os excedentes de exportação foram lançados no mercado interno gerando desequilíbrio.

Igualmente, pode-se atribuir a queda dos preços à paralização e/ou redução de grandes obras públicas que vinham sendo realizadas em São Paulo, as quais consumiam apreciáveis volumes de madeira para construção.

Para o próximo ano, espera-se que a situação volte a se normalizar com o restabelecimento das exportações, uma vez que os estoques acumulados pelos importadores já estão sensivelmente reduzidos.

- Mercado de papel e celulose

A produção brasileira de papel atingiu, em 1974, a casa de 1.800 mil toneladas, cabendo cerca de 900 mil ao Estado de São Paulo. Com base na capacidade nominal instalada e levando em consideração os novos projetos de instalação e/ou expansão da indústria, estima-se que até o final de 1975, terão sido produzidas cerca de 2.200 mil toneladas de papel, portanto, com um acréscimo superior a 20%.

Por outro lado, como se calcula que atualmente o consumo per capita brasileiro de papel esteja por volta de 23kg, pode-se prever um consumo aparente de 2.400 mil toneladas em 1975.

No que concerne à celulose, a produção brasileira atingiu aproximadamente 1.150 mil toneladas em 1974, com 570 mil produzidas em São Paulo. Estima-se que até o final de 1975 a produção brasileira deverá atingir cerca de 1.500 mil toneladas de celulose.

Estudos feitos pela Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose permitem estimar que o consumo aparente de celulose, em 1975, deverá ser da ordem de 1.050 mil toneladas. Então, poder-se-á contar com excedente para a exportação.

Por sua vez, o consumo de matérias-primas fibrosas pelas indústrias de celulose e papel no Brasil foi, em 1974, de aproximadamente 6.500 mil esterres. Para 1975, espera-

se que até dezembro sejam consumidos 9.500 mil esteres sendo 5.225 mil de eucalipto, 2.850 mil de pinus e o restante distribuído entre produtos como bambu, sisal, linter e outros.

(IEA, 17/07/1975)

QUADRO 72. - Projetos de Reflorestamento Aprovados até 31/12/74, por Estado, 1967-74

Estado	Área (ha)	Árvore (nº)	Investimento (Cr\$)
São Paulo	454.388,39	987.492.672	949.803.787,90
Minas Gerais	352.691,68	758.827.133	834.828.097,02
Paraná	338.202,64	875.774.552	687.040.303,14
Santa Catarina	162.333,04	333.125.952	305.739.631,57
Rio Grande do Sul	84.973,96	192.860.666	180.020.962,25
Mato Grosso	78.879,04	152.576.440	254.565.695,20
Espírito Santo	74.107,99	124.128.206	219.613.864,62
Goiás	17.333,45	30.906.422	42.198.478,51
Bahia	10.233,35	18.903.843	39.713.218,94
Rio de Janeiro	9.546,09	23.400.062	18.459.186,09
Pará	108,00	120.000	90.226,00
Maranhão	10,00	25.000	19.979,86
Total	1.582.757,63	3.498.140.948	3.532.093.431,10

Fonte: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

QUADRO 73. - Preços de Pinho Serrado, São Paulo, Janeiro a Novembro de 1974
(cruzeiro/dúzia)

Classe	Máximo	Mínimo	Médio
I e II	700,00	680,00	690,00
III	600,00	580,00	590,00
IV	450,00	430,00	440,00

Fonte: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

QUADRO 74. - Preços Médios de Peroba, Imbuia, Cedro e Ipê, São Paulo, Janeiro a Novembro de
1974
(Cr\$/m³)

Especificação	Tábua	Viga	Caibro	Ripa	Sarrafos p/tacos
Peroba	1.100,00	1.000,00	1.000,00	1.000,00	900,00
Imbuia	1.200,00	-	-	-	-
Cedro	1.200,00	-	-	-	-
Ipê	-	-	-	-	900,00

Fonte: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

QUADRO 75. - Preço de Pinho Serrado, São Paulo, Dezembro de 1974 a Maio de 1975
(cruzeiro/dúzia)

Classe	Máximo	Mínimo	Média
I e II	700,00	650,00	680,00
III	480,00	450,00	460,00
IV	360,00	340,00	350,00

Fonte: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

QUADRO 76. - Preços de Peroba, Imbuia, Cedro e Ipê, São Paulo, Dezembro de 1974 a Maio de 1975
(Cr\$/m³)

Especificação	Tábua	Viga	Caibro	Ripa	Sarrafo p/tacos
Peroba	980,00	650,00	650,00	650,00	400,00
Imbuia	990,00	-	-	-	-
Cedro	1.000,00	-	-	-	-
Ipê	-	-	-	-	500,00

Fonte: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

- Cana-de-açúcar

- Panorama internacional

Em 1974, apesar da produção mundial de açúcar ter alcançado o recorde de 80.606 mil toneladas, os preços no mercado internacional atingiram níveis também recordes, principalmente no mês de novembro, acima de US\$ 1.250,00 por tonelada, em razão da constante elevação do consumo aparente e queda dos estoques mundiais (quadro 77).

A partir de dezembro de 1974, porém, iniciaram-se seguidas baixas nos preços, tendência esta que se veio prolongando até junho do corrente. Isto como decorrência da queda do consumo aparente em alguns principais países consumidores (Estados Unidos, Reino Unido e Japão), bem como devido a substituição por adoçantes artificiais, ou por outros tipos de açúcar como o de milho. Essas mudanças aconteceram em razão dos altos preços alcançados pelo produto no mercado internacional, bem como devido às restrições de importações em alguns países, preocupados com deficits no balanço de pagamentos, podendo-se acrescentar ainda a possibilidade de especulações baixistas.

As exportações brasileiras que em 1973 tiveram seu ponto máximo, em 1974 apresentaram decréscimo quantitativo de 19%, tendo ocorrido o inverso em termos de valor FOB, devido ao alto preço do açúcar no mercado internacional (quadro 78).

- Situação interna

No Brasil, em razão principalmente das excepcionais condições favoráveis do mercado internacional nos últimos anos, vem-se verificando vigoroso crescimento deste setor.

Para o ano açucareiro 1975/76 prevê-se como produção nacional 7.740 mil toneladas. Deste total, 60,7%, ou seja, 4.698 mil toneladas serão destinadas ao mercado interno, e 33,7%, 2.608 mil toneladas, à exportação, tendo sido prevista uma reserva para futuro remanejamento de 434 mil toneladas. O Estado de São Paulo deverá realizar na corrente safra um total de 3.636 mil toneladas, sendo 2.256 mil destinadas ao abastecimento interno, 1.320 mil para exportação e 60 mil para remanejamento (quadro 79).

Na safra de açúcar de 1974/75 a produção paulista não atingiu a cota autorizada pelo IAA em razão de falta de cana prejudicada por condições climáticas desfavoráveis que impediram o desenvolvimento normal da cultura.

Para a safra em desenvolvimento (1975/76) apesar das estimativas iniciais indicarem maior produção, poderá novamente não ser atingido o volume estabelecido devido a falta de chuva que prevaleceu, outra vez, no segundo trimestre, prejudicando o desenvolvimento das lavouras (quadro 80).

Quanto aos preços recebidos pelos produtores de cana da região Centro-Sul, no ano passado o preço médio ficou ao redor de Cr\$ 58,00 por tonelada, ou seja, 36% acima do preço base de Cr\$ 42,75. Isto graças aos subsídios dado pelo IAA. Para esta nova safra estabeleceu-se o preço básico de Cr\$ 58,78 ao qual deve ser adicionado o subsídio de

Cr\$ 21,38, resultando como preço final Cr\$ 80,16 por tonelada, posta na esteira. Nesse preço, porém, deverão incidir os acréscimos e descontos regulados pelo IAA.

- Perspectivas

As más condições climáticas que se vem observando nestes últimos meses (sêca primeiro e geada depois) fazem com que se antecipe uma quebra na produção de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, não sô devido a menor produtividade que se irá alcançar como pela redução na área de plantio.

Cumpra assinalar que os fornecedores de cana-de-açúcar, em São Paulo, não têm acompanhado o mesmo ritmo experimentado pelas usinas, na atual expansão do setor, e vem perdendo gradativamente seu percentual no total de cana moída, participando atualmente com 40%, quando anteriormente chegaram a mais de 50%. Esse desinteresse por parte dos "fornecedores" se deve principalmente aos preços fixados pelo IAA, considerados de há muito tempo insatisfatórios. Com a possibilidade de implantação de nova atividade agrícola, com maior rentabilidade por área, pode-se esperar que continue ainda a diminuir a participação dos fornecedores no total esmagado, a menos que novas políticas de preços sejam adotadas.

Apesar da queda bastante acentuada nas cotações internacionais, neste primeiro semestre de 1975, existem boas perspectivas para a exportação brasileira. Há uma certa tendência de se elevarem os preços internacionais devido à provável quebra na produção brasileira e nos países da região do Caribe.

Ao que parece, o suprimento total não tem atendido ao crescente consumo, ocasionando baixas nos estoques mundiais e, conseqüentemente, uma futura e esperada elevação nas cotações. As perspectivas para os países produtores, nesse sentido, são realmente alentadas.

O Brasil figura com possibilidades de maior expansão nos próximos anos em virtude de seu potencial em terras agricultáveis. Outro fator que poderá favorecer a expansão da lavoura canavieira, ainda que temporariamente, é a necessidade de se produzir álcool para fins carburantes.

(IEA, 17/07/1975)

QUADRO 77. - Produção Mundial, Estoque e Consumo Aparente de Açúcar 1970/71 a 1974/75⁽¹⁾
(1.000t)

Item	1970/71	1971/72	1972/73 ⁽²⁾	1973/74 ⁽²⁾	1974/75 ⁽³⁾
Estoque inicial	21.362	19.574	17.258	16.066	15.812
Produção	72.772	73.852	77.458	80.606	78.880
Oferta total	94.134	93.426	94.716	96.672	94.692
Consumo aparente	74.560	76.168	78.650	80.860	80.800
Estoque final	19.574	17.258	16.066	15.812	13.892

⁽¹⁾ Ano de setembro a agosto.

⁽²⁾ Preliminar.

⁽³⁾ Estimativa.

Fonte: F.O. Licht's International Report's e Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 78. - Exportações Brasileiras de Açúcar, 1970-74

Ano	Quantidade (t)	Valor FOB (US\$ 1.000)	Preço médio (US\$/t)
1970	1.129.848	126.740	112,17
1971	1.231.062	151.020	122,67
1972	2.606.456	421.490	161,71
1973	2.797.926	552.711	197,54
1974	2.250.508	1.258.658	559,28

Fonte: CACEX e Instituto do Açúcar e Alcool (IAA).

QUADRO 79. - Produção Brasileira e Paulista de Açúcar e Alcool, 1969/70 a 1974/75

Safrá	Brasil		São Paulo			
	Açúcar (sc.60kg)	Alcool (1.000 l)	Açúcar		Alcool	
			(sc.60kg)	(%)	(1.000 l)	(%)
1969/70	72.215.665	461.608,6	31.504.655	44	268.134,6	58
1970/71	85.327.684	637.238,1	40.606.083	48	436.712,9	69
1971/72	89.773.653	613.068,2	43.279.144	48	453.101,1	74
1972/73	98.874.337	680.971,9	47.269.022	48	500.104,3	73
1973/74	111.381.873	665.978,6	58.511.116	53	455.090,7	68
1974/75	57.771.145	...	408.099,7	...

Fonte: Instituto do Açúcar e Alcool.

QUADRO 80. - Área Plantada, Produção e Rendimento da Cana-de-Açúcar para Indústria, Estado de São Paulo, 1970/71 a 1974/75

Ano	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1970/71	750,2	36.000	47.987
1971/72	759,0	42.300	55.731
1972/73	740,0	40.000	54.054
1973/74	790,0	34.000	43.038
1974/75 (1)	786,0	35.000	44.529

(1) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Arroz

- Panorama internacional

A produção mundial de arroz em casca da safra 1974/75 é estimada em 323 milhões de toneladas, correspondendo a uma queda de 2 milhões de toneladas (-0,6%) face ao recorde alcançado em 1973/74.

A diminuição se deve a menor produção nos países asiáticos, sobretudo na Índia e Bangladesh, onde o rendimento foi afetado por secas e inundações, consequência da instabilidade da temporada das monções e pela escassez e elevado preço dos fertilizantes. A produção foi superior em todas as demais regiões. Registraram-se grandes aumentos nas produções de arroz na Austrália e nos Estados Unidos, que diminuíram os controles estabelecidos para a produção, e também nas colheitas de vários países da América Latina.

A redução de 2 milhões de toneladas na produção mundial de arroz concentra-se nos países importadores considerados em seu conjunto. Este fato, aliado ao crescimento demográfico, responderá por um aumento considerável das necessidades mundiais de importação em 1975. Contudo, não se prevê que essas necessidades se traduzam em um aumento efetivo da demanda de importação de arroz, posto que os problemas do balanço de pagamentos seguem limitando gravemente o poder aquisitivo de certo número de países em desenvolvimento importadores de arroz. Ao mesmo tempo, a produção agregada dos países exportadores foi algo maior. Como resultado disto e de maiores remanescentes em alguns importantes países exportadores, estima-se que as disponibilidades mundiais de exportação em 1975 serão superiores às exportações efetivas de 1974.

Todavia, não se registrou até agora uma melhoria sensível nas disponibilidades para exportação no mercado mundial, já que alguns países exportadores mantiveram medidas reguladoras da exportação para proteger o abastecimento e preços internos.

A demanda de importação prosseguiu muito forte, no início de 1974, o que em parte foi reflexo de compras efetuadas por precaução.

Esta situação, os altos preços de outros cereais, assim como as pressões inflacionárias mundiais, deram lugar a que os preços do arroz nos mercados mundiais aumentassem ainda mais, superando os níveis já excepcionalmente altos de 1973. Estes preços atingiram seu ponto máximo em março/abril, época em que o arroz branco tailandês, com 5% de quebrados, foi cotado a US\$ 630 por tonelada, FOB Bangkok, ou seja, a um nível três vezes superior ao de um ano antes.

Devido a nível tão alto, que fazia do arroz um produto muito mais caro em comparação com outros cereais, a demanda efetiva de importação começou então a diminuir, em especial a dos países em desenvolvimento. Alguns desses países substituíram o arroz por importações de cereais mais baratos e outros exportadores não tradicionais começaram a oferecer quantidades adicionais de arroz nos mercados mundiais para aproveitar seus elevados preços.

Como resultado dessas forças de mercado e do consequente estancamento do comér -

cio em meados de 1974, vários países exportadores passaram a diminuir parcialmente suas restrições e seus impostos de exportação, fazendo com que os preços internacionais do arroz tendessem a baixar. Em dezembro de 1974, o preço médio do arroz branco tailandês, com 5% de quebrados, foi cotado em US\$ 429 por tonelada, FOB- Bangkok, ou seja, um preço 32% inferior ao de abril de 1974, mas ainda 140% mais alto que aquele do início de 1973.

Ao início de julho, segundo diversas fontes informativas, a cotação desse tipo girava ao redor de US\$ 350,00 por tonelada, FOB-Bangkok, com tendência de baixa.

- Situação interna

Estima-se a produção brasileira de arroz em casca, na safra 1974/75, ao redor de 7.400 mil toneladas, correspondendo a um aumento de 14% sobre a produção anterior (6.483 mil toneladas). Tal volume, contudo, é inferior ao recorde obtido no ano agrícola 1964/65 (7.580 mil toneladas). Acredita-se porém que a atual estimativa esteja um pouco otimista, tendo em vista as inadequadas condições climáticas no decorrer da corrente safra, (escas - sez de chuvas nos períodos de "emborrachamento" e "cacheamento") especialmente nos estados centrais, à semelhança do ocorrido no ano anterior. Contudo, é provável que ocorrera um aumento de produção, em função da colheita maranhense.

As últimas previsões de maio para a safra 1974/75 indicam uma produção de 1.700 mil toneladas no Rio Grande do Sul, 980 mil toneladas em Mato Grosso, 868 mil toneladas em Goiás, 881 mil toneladas no Maranhão, 857 mil em Minas Gerais e 639 mil toneladas no Paraná. Por ora, segundo informações disponíveis, apenas o Estado de Goiás teria apresentado diminuição da produção em relação ao ano passado, por força de injunções climáticas, apresentando seu menor volume nos últimos 10 anos.

Em São Paulo, conforme o 4º levantamento realizado em abril, produziu-se cerca de 4,1% a mais que no ano anterior (582 mil toneladas). A área plantada expandiu-se, superando a do ano passado em 12,7%, o que implica em queda de produtividade média (quadro 81). A cultura de arroz em São Paulo, preponderantemente representada por lavouras de sequeiro, está disseminada por todo o território paulista, embora com maior concentração nas Divisões Regionais Agrícolas de São José do Rio Preto e Ribeirão Preto (com 54% da área estadual na média dos últimos 5 anos). Contudo, em função de baixas produtividades, inferiores à média estadual, a produção dessas duas DIRAs tem representado 48% do total paulista. As melhores produtividades tem sido obtidas nas regiões do Vale do Paraíba, São Paulo, Sorocaba e Campinas, destacando-se a da primeira que produz arroz irrigado (ao redor de 2 mil kg/ha nos últimos 3 anos).

As exportações brasileiras de arroz (inclusive quirera) em 1974 totalizaram 56.783 toneladas, contra 33.432 toneladas em 1973 (inclusive reexportação de 33 mil toneladas que haviam sido importadas em 1972 e que não chegaram a ser utilizadas no consumo interno, por questões ligadas a tipo e qualidade), 1.898 em 1972 e 148.830 em 1971. O controle das exportações brasileiras de arroz, em vigor desde 1972 face às dificuldades do abastecimento interno, impediram até certo ponto que o produtor brasileiro se beneficiasse das condições favoráveis do mercado internacional.

Os preços recebidos pelos produtores paulistas nos 6 primeiros meses de 1975 apresentaram a mesma tendência do ano passado, ou seja, de alta em pleno período de maior oferta do produto (quadro 82), contrariando o padrão de variação estacional. Tal fato se originou da repetição dos fenômenos climáticos de 1974, desfavoráveis à cultura arrozeira nos estados centrais com a conseqüente "quebra" parcial de produção. Estaria ocorrendo também uma certa retenção de natureza especulativa. Assim, a média dos preços dos 6 primeiros meses de 1975 superou em 76% àquela do período correspondente de 1974. Mesmo em valores reais, tal diferença foi significativa, da ordem de 38%. Considerando-se tão somente o mês de janeiro (pique de preços) a elevação foi de 126% em termos correntes.

No mercado atacadista da cidade de São Paulo, os preços médios de venda de todos os tipos de arroz beneficiado acompanharam de perto a evolução dos preços recebidos pelos produtores do Estado. Comparando-se as médias de janeiro de 1975 com as de janeiro de 1974, tem-se a seguinte elevação por classes: grãos longos, de 112% a 136%, conforme a origem do produto; grãos médios, 136%; grãos curtos, 130%; e, quebrados, de 155% a 196%.

Fato de destaque desde a safra 1973/74 foi a intensificação das entradas em São Paulo do arroz gaúcho, especialmente o tipo "agulhinha", face à escassez de tipos finos dos estados centrais. Isto se deveu parcialmente a manobras especulativas após a instituição dos preços máximos de venda, no atacado e no varejo, para o arroz empacotado, em maio de 1974.

Ao nível de atacado, as vendas se processaram em pequenas quantidades diárias, suficientes para as necessidades mais imediatas dos comerciantes, em função do tabelamento do produto, da escassez de crédito e dos altos preços cobrados nas zonas de produção. Uma das formas que os industriais adotaram para contornar o tabelamento do produto empacotado foi a inclusão de maior percentagem de quebrados nos tipos comerciais e a efetivação de "operações casadas" com outros produtos, como o feijão. As elevadas cotações atingidas pelos quebrados, na última entressafra, refletem esse comportamento no mercado.

Os estoques de arroz em casca e beneficiado da CEAGESP, no decorrer de 1974, foram os mais elevados dos últimos 8 anos e a média dos 5 primeiros meses de 1975, inferior em 59% à correspondente de 1974 (quadro 83).

No Rio Grande do Sul, os bons preços do arroz tem dificultado ao Governo Federal alcançar o objetivo de formar um estoque regulador, de (1,9 milhão de sacos) de produto beneficiado. A fim de frustrar tentativas de especular com o produto, o Governo Federal tomou, recentemente, algumas medidas restritivas ao crédito nas principais zonas de produção. Assim, em meados de junho de 1975, o Banco Central, através da Circular 258, determinou às instituições financeiras que operam nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, a suspensão do desconto de notas promissórias rurais (NPR) relativas às operações de comercialização de arroz nas referidas regiões, mediante utilização de recursos da Resolução 69. Espera-se que com essas medidas haja intensificação do fluxo do produto no mercado, com a conseqüente reversão da tendência altista observada nos últimos meses.

- Perspectivas

Os bons preços recebidos pelos produtores no decorrer da safra 1974/75, aliados à produtividade obtida (dentro da expectativa para as condições de sequeiro) poderão estimular os produtores no sentido de aumentar novamente a área de plantio no ano agrícola 1975/76. Tal acréscimo, contudo, não deverá ser de grandes proporções, tendo em vista o elevado risco da cultura (e em consequência, maior "cautela" por parte das instituições de crédito nos financiamentos de custeio) e o alto custo da mão-de-obra utilizadas nas operações culturais. Assim, admite-se uma expansão da área da ordem de 10% para o Estado como um todo. Acredita-se num firme aumento da área em todos os estados centrais, em função dos preços de mercado.

No momento não há perspectiva de exportação para os mercados internacionais, devido à queda dos preços, desde o pico de março/abril de 1974, tornando o produto nacional gravoso.

A estimativa de custo operacional da cultura não-irrigada de arroz, tração motomecanizada e animal, para a safra 1975/76, no Estado de São Paulo, é de Cr\$ 2.513,00/ha, ou Cr\$ 81,00 por saco de 60kg de arroz, para uma produtividade de 31 sacos/ha (1.860 kg/ha). Se prevalecer por em, a produtividade média de 20 sacos/ha para as lavouras de sequeiro o custo unitário se elevará bastante, feita a ressalva de que essa média é obtida com uma tecnologia tradicional.

(IEA, 17/07/1975)

QUADRO 81. - Área Plantada, Produção e Rendimento de Arroz em Casca, Estado de São Paulo,
1969/70 a 1974/75

Ano agrícola	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1969/70	636,5	780,0	1.225
1970/71	556,6	348,0	625
1971/72	503,0	660,0	1.312
1972/73	519,0	582,0	1.121
1973/74	464,7	582,0	1.252
1974/75 (1)	523,7	606,0	1.157

(1) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 82. - Preços Médios Mensais de Arroz em Casca Recebidos pelos Produtores, Estado de São Paulo, 1971-75
(Cr\$/sc.60kg)

Mês	1971		1972		1973		1974		1975	
	Corrente	Real	Corrente	Real	Corrente	Real	Corrente	Real	Corrente	Real
Jan.	27,19	10,79	56,16	18,60	57,34	16,43	62,24	15,25	140,38	25,71
Fev.	34,49	13,47	54,04	17,54	51,68	14,64	59,64	14,23	137,33	24,61
Mar.	37,67	14,38	47,49	15,22	45,72	12,77	62,31	14,23	115,36	20,34
Abr.	37,80	14,21	39,80	12,59	46,19	12,72	77,96	16,91	117,80	20,42
Mai.	38,39	14,17	40,79	12,79	48,50	13,22	86,90	18,22	124,93	21,21
Jun.	40,72	14,70	44,57	13,84	50,84	13,70	85,31	17,55	127,69	21,21
Jul.	42,98	15,30	49,88	15,30	51,75	13,84	82,30	16,73
Ago.	46,54	16,39	50,81	15,35	54,00	14,28	83,61	16,79
Set.	48,41	16,81	54,49	16,26	57,13	14,96	94,67	18,67
Out.	49,84	17,13	58,06	17,18	62,50	16,11	104,35	20,30
Nov.	55,51	18,88	57,89	16,98	64,40	16,43	113,84	21,81
Dez.	57,66	19,41	58,14	16,95	63,28	15,94	124,64	23,34
Média ponderada	41,80	15,09	47,80	14,75	53,00	14,21	82,00	17,08

Obs: Preços reais deflacionados pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica (Base: 1965/67 = 100).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 83. - Estoques de Arroz na CEAGESP, 1970-75
(sc.60kg em casca e beneficiado)

Mês	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	91.772	222.923	87.118	88.797	402.836	264.423
Fev.	58.283	204.903	40.176	76.184	349.964	158.731
Mar.	66.119	191.355	54.934	124.197	276.851	67.114
Abr.	120.111	149.489	101.097	198.622	290.478	73.666
Mai.	242.391	183.186	153.763	277.067	317.002	113.547
Jun.	429.511	245.925	201.197	287.796	320.876	...
Jul.	532.774	289.191	184.820	358.216	234.535	...
Ago.	552.861	255.126	174.908	375.489	209.163	...
Set.	489.580	215.184	178.707	394.493	220.247	...
Out.	411.127	221.948	180.500	450.368	343.323	...
Nov.	364.616	168.389	133.305	318.783	395.427	...
Dez.	296.733	128.561	112.490	458.424	387.300	...

Fonte: Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo - CEAGESP.

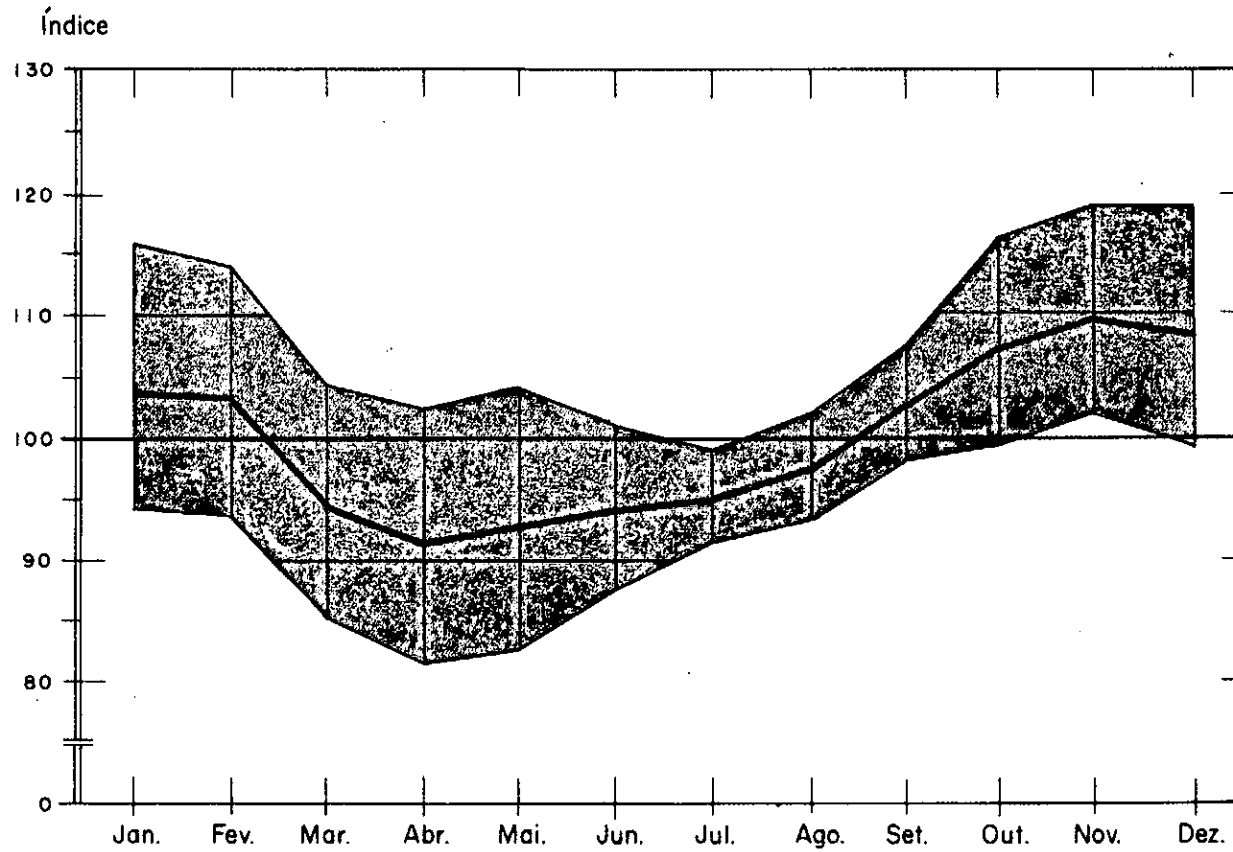


FIGURA 9. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Arroz em Casca, Estado de São Paulo, 1968/74.

- Milho

- Situação internacional

A produção mundial de milho, incluindo dados preliminares relativos aos países do Hemisfério Sul, onde a colheita encontra-se em andamento, está estimada para 1974/75 em 261,7 milhões de toneladas (exceto a China) ou seja, 10,8% inferior a do ano precedente. Este declínio deve-se principalmente a acentuada redução ocorrida nos Estados Unidos, País que responde por mais da metade do total mundial. A produção mundial foi também afetada por excesso de chuvas no Hemisfério Sul, pouco antes da fase de colheita, principalmente na Argentina e África do Sul.

Os Estados Unidos apresentaram uma significativa redução em sua produção devido a irregularidades climáticas. Assim o volume da safra que fora inicialmente previsto em 146,0 milhões de toneladas, na realidade alcançou apenas 118,1 milhões o que corresponde a um decréscimo de 21,4%. A produtividade foi acentuadamente reduzida, atingindo 4.478 kg/ha em 1974/75 enquanto na safra passada havia alcançado 5.726 kg/ha. Ressalte-se que a área cultivada foi de 26,3 milhões de hectares (+5,3%).

A queda no rendimento face as adversidades climáticas ocorridas durante o desenvolvimento da cultura do milho, também, estendeu-se a quase todos os principais países da Europa Ocidental. Assim, a França apresentou uma redução de 16,7% em sua produção, atingindo 8,9 milhões de toneladas, apesar da área ter sido reduzida em 2,4%, totalizando 1,9 milhão de hectares. A Itália constituiu-se numa exceção aumentando seu volume produzido em 2% (5,2 milhões de toneladas) enquanto que a área permaneceu a mesma (0,9 milhão de hectares).

Na Europa Oriental houve de modo geral aumento na produtividade dos principais países, decorrência da utilização de tecnologia mais avançada. Assim, na Iugoslávia mesmo com redução na área (-6,3%) houve melhoria no rendimento atingindo a produção de 8,0 milhões de toneladas, contra 8,2 milhões no ano anterior (-2,4%).

Na Romênia, a insignificante redução no rendimento foi compensada por aumento na área (+6,2%) permitindo assim acréscimo de 1,4% na produção. A Hungria, com aumento de 1,3% na área e 10% no rendimento obteve uma produção de 6,6 milhões de toneladas contra 5,9 em 1973/74.

Na Argentina, onde a colheita teve início em março de 1975 e face a condições climáticas insatisfatórias, a previsão inicial de 10 milhões de toneladas foi reduzida para 8 milhões contra 9,9 obtidas no ano anterior, sendo que mais da metade deverá ser destinada ao comércio internacional.

Para a África do Sul, a segunda estimativa oficial indica uma produção de 10,6 milhões de toneladas contra 9,9 milhões da previsão inicial e, portanto, abaixo da produção do ano anterior (11,1 milhões). Há previsão de 2,0 a 3,0 milhões de toneladas a serem exportadas, incluindo-se 0,4 milhão de toneladas de "carry-over".

A produção de milho na Rússia é estimada, em 1974/75, como sendo de 14 milhões de toneladas contra as 13,2 milhões obtidas em 1974.

As exportações de milho, em 1974, pelos três principais exportadores - Estados Unidos, Argentina e França - atingiram 39,4 milhões de toneladas, ou seja, 4% menor que em 1973. As exportações estadunidenses, caíram em 10%, mas a Argentina e França aumentaram suas vendas, respectivamente de 30% e 12%.

Os Estados Unidos no ano comercial de 1973/74 (outubro-setembro) comercializaram 31,2 milhões de toneladas, comparadas com 31,6 no ano anterior. Para o período outubro-junho de 1974/75 as cifras são de 20,6 milhões de toneladas contra 22,6 milhões do mesmo período anterior. A projeção de demanda para exportação do ano comercial 1974/75 (outubro-setembro) é de 27,3 milhões de toneladas e deverá obedecer o padrão de comportamento do último ano, mais intenso no primeiro semestre, uma vez que no segundo o mercado se torna mais competitivo com o produto dos países do Hemisfério Sul.

Recentemente, o milho estadunidense tem sofrido certas restrições quanto a qualidade do grão, resultantes das condições insatisfatórias reinantes no desenvolvimento da cultura. Inclusive, vários embarques já foram recusados por parte da Rússia e Itália.

A Argentina, no ano comercial 1973/74 (abril-março) exportou 5,1 milhões de toneladas, ou seja, volume 152% superior ao do ano anterior. No período abril-janeiro de 1974/75, as exportações excederam aquelas do ano anterior em 700 mil toneladas, atingindo 5,1 milhões de toneladas. A Itália continua sendo o seu principal importador, tendo adquirido 2,8 milhões de toneladas no ano comercial 1973/74, ou seja, 54,9% do total.

A França, que havia superado em 48% suas vendas em 1973/74 (outubro-setembro) com 4,5 milhões de toneladas, teve uma acentuada queda em 1974/75 no período outubro-março, passando de 2,8 milhões de toneladas para 0,8 milhão. Do volume total exportado em 1973/74, a Bélgica adquiriu 1,3 milhão de toneladas, sendo que o restante foi na sua quase totalidade destinado aos países-membros do Mercado Comum Europeu.

Do lado da importação, o Japão continua sendo o principal comprador: 7,9 milhões de toneladas em 1974 contra 7,7 milhões em 1973. A seguir, vem a Itália com 4,3 milhões de toneladas, Alemanha Ocidental, Reino Unido, Bélgica e Portugal.

Os estoques de milho somados nos quatro principais países exportadores, decresceram de 78,7 milhões de toneladas, para 63,6, principalmente devido a queda da produção estadunidense (quadro 84). Os estoques na Argentina foram ligeiramente reduzidos face ao incremento na exportação, enquanto que na África do Sul os estoques foram mais que duplicados em decorrência da ótima safra. A França teve seus estoques aumentados, principalmente, pela diminuição de sua exportação.

- Situação interna

Estimativas preliminares indicam que a produção brasileira em 1974/75 deverá atingir em torno de 18,3 milhões de toneladas, 6,4% superior a anterior. Dentre os principais estados produtores, Minas Gerais e São Paulo deverão apresentar redução que serão com pensadas com aumentos no Rio Grande do Sul e Paraná.

Minas Gerais que em 1973/74 foi o principal Estado produtor com 3,6 milhões de toneladas, deverá ter sua produção reduzida para 3,0, já que a área foi reduzida em 14,8. As-

sim o Paraná deve ser o primeiro produtor atingindo 3,6 milhões contra 3,0 milhões no ano anterior, cabendo observar que isto se deve, em grande parte, a melhoria no rendimento, já que a área permaneceu em torno de 1,7 milhão de hectares.

No Rio Grande do Sul a área estabilizou-se em torno de 1,5 milhão de hectares e a produção deve atingir 2,3 milhões de toneladas (+4,5%).

Para o Estado de São Paulo a produção deve atingir 2,3 milhões de toneladas (-13,2%) prevendo-se ainda uma pequena melhoria no rendimento, de 2.037 kg/ha em 1974 para 2.061 em 1975. A rea, por sua vez, apresentou um decréscimo de 14,3% atingindo apenas 1,1 milhão de hectares (quadro 85).

Os preços correntes apresentaram elevação de 31,4% desde agosto de 1974 até junho de 1975 (quadro 86). Já a partir de março último as cotações começaram a decrescer em virtude da entrada do produto no mercado.

Em termos reais os preços também vem apresentando acrscimos (8,6% de agosto de 1974 a junho de 1975) embora a partir de março p.p. com o início da colheita, já se notasse uma redução nos preços; tal comportamento, em linhas gerais, segue o indicado na figura 10.

Esta tendência ascendente deveu-se aos preços internacionais que se apresentaram compensadores, pois, o preço FOB Chicago para o milho americano n 3 passou de 114 dólares por tonelada, em abril de 1974, para 142 dólares em dezembro, chegando a atingir 152 dólares em outubro quando foi confirmada uma queda na produção estadunidense da ordem de 21,4%. Em maio de 1975, o mercado tornou-se calmo e as cotações voltaram o nível de abril do ano anterior. Em junho-julho, porém, noticias de "quebra" na produção total de gros da União Soviética e de pesadas compras desse País voltaram a reativar o mercado.

O Brasil, que em 1973 havia exportado apenas 41 mil toneladas das 100 mil previstas face ao contingenciamento para evitar, escassez do produto no mercado interno, conseguiu em 1974 colocar mais de 1,1 milhão de toneladas no mercado internacional a um preço médio da ordem de 125 dólares por toneladas FOB, valor este 63% acima do obtido no ano anterior (quadro 87).

Entre alguns fatores que possibilitaram tal fato, a suspensão de embarques de cereais dos Estados Unidos que seriam enviados a Rússia, o que levou este País a diversificar suas fontes de aquisição, deslocando assim parte de suas compras para o Brasil.

- Perspectivas

Mesmo com condições climáticas desfavoráveis que dificultaram o plantio em algumas áreas, como na Europa Ocidental, e ocasionaram um atraso no desenvolvimento das culturas, as perspectivas para a produção de gros em 1975/76 podem ainda ser consideradas satisfatórias. Baseando-se nas condições das culturas de inverno e na expectativa de rendimentos médios favoráveis para as culturas que acabam de ser semeadas, estimativas preliminares da FAO, realizadas em abril, prognosticam um acréscimo total na produção de gros para alimentação animal da ordem de 7,5%. Por outro lado, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos previu, também em abril, que a produção total de grãos deve apresentar um aumento de cerca de 10% em

1975/76, em razão da expectativa de uma safra de milho recorde para aquele País.

Nos Estados Unidos, maior produtor e exportador mundial, levantamento realizado em 19/7/75 indica uma produção de 153,5 milhões de toneladas contra 118 milhões de 1974 (+30%). Entendem os especialistas que dificilmente as condições climáticas serão tão adversas como no ano passado o que acarretou a mais baixa produtividade desde 1965. Fala-se até em um rendimento médio de 5.600 kg/ha.

A atual safra de milho no Hemisfério Sul, com uma produção agregada em torno de 40 milhões de toneladas para a Argentina, Brasil, África do Sul e Austrália, comparada com o recorde de 42 milhões do último ano, deverá proporcionar excedentes exportáveis da ordem de 13 milhões de toneladas.

A Rússia em 1975/76 deverá produzir cerca de 195 milhões de toneladas de grãos e não as 215 inicialmente programadas, tendo em vista que as culturas agora em desenvolvimento sofreram certos danos. Assim, deverão crescer muito as necessidades da importação de milho para a manutenção do seu programa pecuário.

O declínio no consumo de produtos para alimentação animal no Japão e na Europa Ocidental continua se refletindo no comércio internacional de grãos. Assim, o volume já comercializado no presente ano é 10% inferior àquele do ano precedente.

Porém, pelas recentes notícias da Rússia, já comentadas, deverá reverter a situação para o segundo semestre de 1975. Mesmo assim, preve-se que haja tranquilidade no abastecimento mundial de milho, face ao "carry-over" maior no início do ano comercial no Hemisfério Norte.

Até junho, a comercialização no País encontrava-se relativamente paralisada devido, principalmente, ao pequeno interesse demonstrado pelos exportadores e fábricas de ração, estas adquirindo o produto apenas para suas necessidades imediatas, enquanto aqueles na expectativa de melhoria nas cotações internacionais.

O milho, por ser cultura de fácil condução, apresenta-se na atual conjuntura como boa alternativa, embora os produtores demonstrem certa insatisfação diante dos preços recebidos. Esta cultura deverá ocupar áreas de outras que não serão cultivadas em grande escala em 1975/76, como aparentemente é o caso do algodão.

As estimativas de oferta realizadas pelo IEA indicam um aumento, da ordem de 3,5% na área a ser cultivada em 1975/76. Se obtido um rendimento de 2.000 kg/ha a produção total alcançaria os 2,3 milhões de toneladas.

Existem boas probabilidades de expansão para o milho, especialmente se o preço mínimo atender as expectativas dos produtores.

(IEA, 18/07/1975)

QUADRO 84. - Estoques Estimados em 31 de Março nos Principais Países Exportadores de Milho,
1971-75
(milhões de toneladas)

País	1971	1972	1973	1974	1975
USA	63,1	84,5	84,8	72,6	56,1
Argentina	2,0	2,0	2,1	2,9	2,7
África do Sul	1,3	2,6	2,7	0,9	2,0
França	1,9	1,7	2,7	2,3	2,8
Total	68,3	90,8	92,3	78,7	63,6

Fonte: Grain Bulletin.

QUADRO 85. - Área, Produção e Rendimento de Milho, Estado de São Paulo, 1967/68 a 1974/75

Ano agrícola	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1967/68	1.573,0	2.550,0	1.621
1968/69	1.246,3	1.740,0	1.396
1969/70	1.476,2	2.820,0	1.910
1970/71	1.694,0	2.760,0	1.629
1971/72	1.500,0	3.000,0	2.000
1972/73	1.300,0	2.598,0	1.998
1973/74	1.290,0	2.628,0	2.037
1974/75 (1)	1.106,0	2.280,0	2.061

(1) Estimativa (4º Levantamento) - abril, 1975.

QUADRO 86. - Preços Correntes e Deflacionados⁽¹⁾ de Milho, Pagos aos Produtores Paulistas, 1973-75

Mês	1973		1974		1975	
	Corrente	Real	Corrente	Real	Corrente	Real
Jan.	25,84	7,40	31,38	7,69	47,24	8,65
Fev.	24,36	6,90	30,94	7,38	47,43	8,50
Mar.	21,12	5,90	31,62	7,22	45,23	7,98
Abr.	20,37	5,55	32,39	7,03	41,71	7,23
Mai.	21,58	5,88	33,14	6,95	39,60	6,72
Jun.	24,39	6,57	29,68	6,11	39,51	6,56
Jul.	29,20	7,81	27,97	5,68
Ago.	32,77	8,66	30,06	6,04
Set.	32,73	8,57	31,76	6,26
Out.	32,50	8,38	32,47	6,32
Nov.	30,85	7,87	39,04	7,48
Dez.	32,74	8,25	43,72	8,19

(¹) Deflacionados pelo Índice "2" da Fundação Getúlio Vargas (Base 1965-67 = 100).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 87. - Exportação de Milho pelo Brasil, 1968-75

Ano	Valor FOB (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor médio (US\$/t)
1968	57.247	1.238.158	46,24
1969	33.038	651.419	50,72
1970	80.594	1.470.619	54,80
1971	75.431	1.279.696	58,94
1972	9.630	172.073	55,96
1973	3.146	41.010	76,71
1974	138.348	1.102.885	125,44
1975 (1)	30.460	208.392	146,17

(1) Janeiro a abril.

Fonte: CACEX.

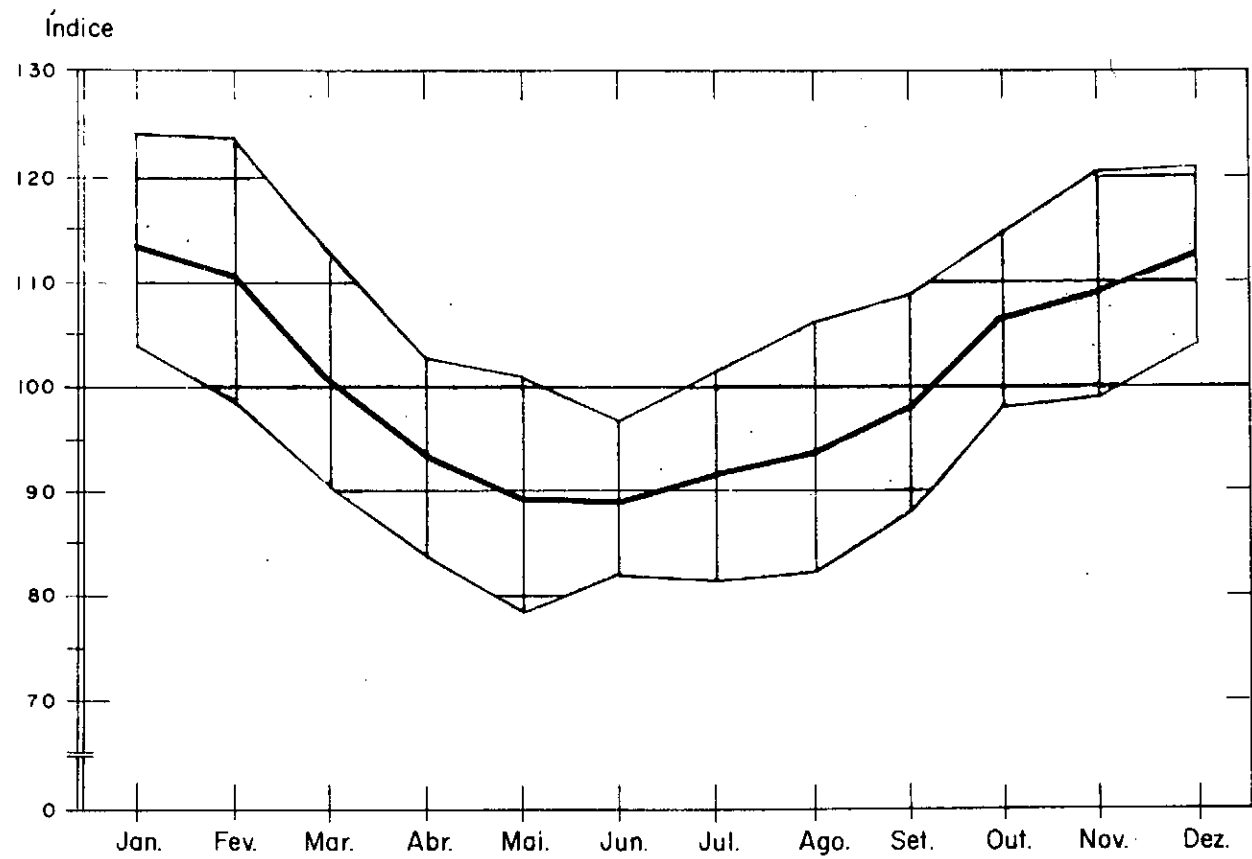


FIGURA 10. - Variação Estacional de Preço Recebido pelo Produtor de Milho, Estado de São Paulo, 1968-74.

- Pescado

- Panorama internacional

A produção mundial de pescado manteve-se praticamente estável em 1973, tendo registrado 65,7 milhões de toneladas, sendo 47,2 milhões destinadas ao consumo humano e 18,5 milhões à industrialização. Embora o pescado destinado ao consumo humano tenha aumentado em 2,1 milhões de toneladas, aquele para fins industriais registrou decréscimo de 1,9 milhão de toneladas. Informações mais recentes indicam estar havendo uma recuperação da pesca da anchoveta no Pacífico Sul.

As tendências do mercado internacional - estabilidade de oferta, forte demanda e altos preços - evidentes desde 1972, continuaram em 1973 para diversos produtos pesqueiros. A produção de farinha de peixe apresentou uma queda acentuada, e como consequência os estoques baixaram.

O mercado de produtos pesqueiros para o consumo humano direto continuou em expansão, mas a uma taxa menor do que aquela que se verificara nos últimos anos. Em 1974, houve uma reversão das tendências verificadas em anos anteriores para um número de importantes produtos pesqueiros ocasionando, assim, uma retração no comércio internacional decorrente do aumento de preços provocado por diversos fatores, dentre os quais, os altos custos de captura.

No mercado norte americano maior comprador do Brasil, de produtos pesqueiros, verificou-se em 1974 uma elevação nos preços de pescado de 7% no atacado e 15% no varejo; e o consumo per capita caindo cerca de 2,3%. Esta queda do consumo, posteriormente, provocou uma baixa das cotações no final de 1974.

Os preços do camarão no mercado norte americano, de modo geral, apresentaram declínio no segundo semestre de 1974, sendo que no atacado a queda foi mais acentuada, reagindo, porém, nos primeiros meses de 1975. As importações norte americanas, deste produto, totalizaram em 1974 cerca de 103,8 mil toneladas no valor aproximado de US\$ 387,3 milhões, tendo o Brasil contribuído apenas com cerca de 1,3 mil toneladas, correspondentes a US\$ 4,3 milhões.

As importações de lagosta pelos Estados Unidos totalizaram em 1974 cerca de 25,9 mil toneladas no valor aproximado de US\$ 186,8 milhões, sendo que o Brasil exportou para aquele País cerca de 2,7 mil toneladas. Os preços de caudas de lagosta, no atacado, apresentaram uma tendência altista até o terceiro trimestre de 1974, vindo a decrescer no último trimestre daquele ano e nos dois primeiros meses de 1975, tendo reagido a partir daí, até maio.

Os Estados Unidos importaram, durante o ano de 1974, cerca de 8,2 mil toneladas de vieiras (scallops), no valor aproximado de US\$ 28,1 milhões, tendo o Brasil contribuído com cerca de 0,4 mil toneladas. O mercado atacadista para este produto apresentou, durante o ano passado uma queda nos preços nos primeiros meses, estabilizando-se no segundo semestre, vindo a sofrer uma pequena reação nos cinco primeiros meses de 1975.

O mercado norte americano importou, durante o ano de 1974, cerca de 3,8 mil toneladas de "freshwater catfish", tendo o Brasil participado com 3,6 mil toneladas, no valor de US\$ 3,2 milhões. As importações do produto brasileiro, principalmente de piramutaba, cresceram cerca de 27% em relação a 1973 devido ao baixo preço, chegando mesmo a causar uma acentuada retração da produção norte americana.

- Situação interna

A produção brasileira de pescado em 1974 foi de aproximadamente 681,7 toneladas, sendo 87% de origem marinha e 13% de água doce. No período 1967-74, que coincide com a implantação dos incentivos fiscais para o setor pesqueiro, o aumento da produção foi de cerca de 59%, com uma taxa média de crescimento de 6,8% ao ano (quadro 88).

Em termos quantitativos, durante o ano de 1974 as espécies mais representativas foram: sardinha (23%), camarão (8%), corvina (7%) e tainha (5%). A lagosta com uma participação relativa de apenas 3% no total do pescado capturado, tem, entretanto, uma importância econômica relevante para o setor, pois, seu valor unitário é bastante elevado.

A exportação brasileira de pescado apresentou um crescimento bastante acentuado até 1972. Em 1973, a quantidade exportada decresceu bruscamente o mesmo acontecendo com seu valor, em virtude, principalmente, da queda nas exportações de camarão. Em 1974, os embarques de lagosta contribuíram para um substancial incremento no valor total das exportações do setor.

Durante os quatro primeiros meses de 1975, foram exportados 6,2 mil toneladas de produtos de pesca, no valor de US\$ 11 milhões FOB. Deste valor o camarão participou com apenas US\$ 1,2 milhão, mostrando que o valor unitário caiu significativamente em relação aos níveis dos anos anteriores. Também houve baixa, mas não tão acentuada, no valor unitário da lagosta (quadro 89).

As importações brasileiras de produtos pesqueiros atingiram, em 1973 e 1974, valores bem mais elevados do que os verificados em anos anteriores, 49,9 e 58,0 milhões de dólares, respectivamente. O maior componente dessas importações tem sido o bacalhau, com uma participação média relativa de 87% no período 1970-73. Este destaque se deve por um lado ao hábito de consumo da população brasileira e, por outro, devido as trocas bilaterais com a Noruega (envolvendo o café brasileiro).

Em São Paulo, a quantidade desembarcada de pescado, em 1974, continuou dentro da tendência declinante, observada desde 1971 e que pode ser atribuída em grande parte aos desembarques de sardinhas, que vem apresentando sucessivas reduções desde 1970, quando atingiram 59% do total, contra apenas 22% em 1974 (quadro 90). Este comportamento da sardinha pode ser explicado pelo desaparecimento dos cardumes das áreas tradicionais de pesca do Estado, fazendo com que a frota sardineira paulista se desloque para outras regiões, desembarcando em outros terminais pesqueiros. A paralização das atividades de uma fábrica de conservas de sardinha deve também ter contribuído para a redução dos desembarques.

A comercialização do pescado "in natura" no entreposto terminal de São Paulo atingiu 59 mil toneladas em 1974, aumento de 19% em relação ao ano anterior. Deste total,

42% procederam do próprio Estado, 34% de Santa Catarina, 13% do Rio de Janeiro, 10% do Rio Grande do Sul e 1% de outros estados. No período de janeiro a junho de 1975, verificou-se um aumento de cerca de 4% nas quantidades entradas no entreposto terminal de São Paulo, em relação ao primeiro semestre de 1974.

De modo geral, os preços médios reais dos principais produtos pesqueiros comercializados no entreposto terminal da CEAGESP não apresentaram grandes oscilações entre os anos de 1973 e 1974. O preço médio real do camarão rosa cresceu aproximadamente 6%, enquanto decréscimos foram registrados para a pescada (-4%) e sardinha (-6%), portanto ao contrário do verificado entre 1972 e 1973 (quadro 91).

Durante 1974 as exportações pelo porto de Santos cresceram cerca de 46% devido ao aumento dos embarques de camarão e vieiras, já que os demais produtos apresentaram um acentuado decréscimo (quadro 92). Em 1975, no primeiro semestre, as exportações foram sensivelmente inferiores às do mesmo período do ano anterior, com todos os produtos apresentando queda.

- Perspectivas

As avaliações mais recentes dos estoques pesqueiros, ao longo da costa brasileira, indicam que para algumas espécies, dentre elas a sardinha, ainda se pode esperar um aumento da captura, enquanto que em outras, a exploração atual já está próxima ao nível crítico ou mesmo acima, caso do camarão rosa e da lagosta. Um recurso ainda pouco explorado, mas com grandes possibilidades de aumento da captura, consiste na vieira (scallops) que pode ser considerada uma alternativa para a frota camaroneira.

Um outro recurso, de elevada potencialidade econômica, devido à sua abundância na costa brasileira, consiste no atum e espécies afins, cuja pescaria requer técnica e equipamentos ainda não disponíveis em grande escala por parte dos nossos armadores. O incremento da sua captura iria proporcionar uma nova fonte de matéria-prima para a indústria, substituindo importações e com possibilidades, também, de exportação.

As elevadas importações de bacalhau, principalmente dos tipos de qualidade inferior, indicam a existência de um grande mercado interno para produtos pesqueiros salgados, os quais poderiam vir a ser fornecidos pela indústria nacional, já que espécies capturadas ao longo da costa sulina, resultam em produtos similares aos importados.

O comportamento geral da economia norte americana será o principal condicionante das exportações brasileiras, no que diz respeito aos produtos de maior valor unitário, caso do camarão e da lagosta. As mais recentes informações indicam uma reversão na tendência declinante dos preços desses produtos naquele mercado, podendo mesmo, haver altas significativas a curto prazo para alguns deles.

Com relação ao mercado interno, ele se ressentia ainda de uma infraestrutura mais adequada de distribuição nos principais centros consumidores, fator limitante do aumento do consumo. Campanhas de promoção do consumo de pescado, como aquela realizada recentemente por entidades do setor, podem proporcionar resultados satisfatórios a curto prazo, mas seriam mais efetivas se aliadas a uma melhoria nos equipamentos de comercialização.

A reformulação da política de incentivos fiscais para a pesca e a reorganização das empresas do setor, sob a égide do Governo Federal (SUDEPE) poderão proporcionar a recuperação da indústria pesqueira nacional, colocando-a numa posição de destaque dentro da economia do País (a médio prazo).

QUADRO 88. - Produção Brasileira de Pescado por Principais Espécies, 1967-74
(1.000t)

Espécie	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Peixes:								
Sardinha	88,0	90,9	109,9	95,5	125,5	159,0	149,8	159,1
Tainha	22,4	23,9	23,9	54,9	24,0	27,3	33,7	35,8
Corvina	46,2	47,8	35,9	40,1	49,2	49,1	42,1	44,7
Merluza	0,1	7,8	8,1	16,7	18,2	24,0	31,6	33,6
Bagre	22,4	17,7	17,5	16,0	26,2	22,6	19,7	20,9
Enchova	5,8	13,3	14,3	16,1	27,7	13,5	21,6	23,0
Pescada	13,2	20,4	16,4	13,4	20,7	26,1	24,1	25,5
Outros	<u>79,0</u>	<u>95,1</u>	<u>88,9</u>	<u>103,1</u>	<u>119,9</u>	<u>110,1</u>	<u>128,4</u>	<u>136,3</u>
Subtotal	277,1	316,9	314,9	355,8	411,4	431,7	451,0	478,9
Crustáceos:								
Camarão	37,2	47,1	44,0	43,7	44,4	56,7	53,9	57,2
Caranguejo	13,2	16,4	15,9	13,9	18,2	16,0	17,3	18,3
Lagosta	2,5	3,2	6,4	3,2	11,0	11,9	20,0	21,2
Siri	<u>2,6</u>	<u>3,8</u>	<u>4,1</u>	<u>3,2</u>	<u>3,1</u>	<u>2,7</u>	<u>3,3</u>	<u>3,6</u>
Subtotal	55,5	70,5	70,4	64,0	76,7	87,3	94,5	100,3
Mamíferos aquáticos, moluscos e quelônios:								
Baleia	6,8	8,4	7,6	8,0	9,7	3,0	6,8	7,2
Marisco	3,8	3,0	2,2	2,7	3,5	3,8	3,0	3,2
Outros	<u>1,6</u>	<u>3,6</u>	<u>2,5</u>	<u>2,2</u>	<u>2,3</u>	<u>1,1</u>	<u>2,0</u>	<u>2,1</u>
Subtotal	12,2	15,0	12,3	12,9	15,5	7,9	11,8	12,5
Peixes de água doce	84,6	97,7	103,6	93,6	87,9	77,8	84,7	90,0
Total	429,4	500,1	501,2	526,3	591,5	604,7	642,0	681,7

Fonte: Até 1972, Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE); para os demais anos, Revista Nacional da Pesca.

QUADRO 89. - Exportação Brasileira de Pescado: Quantidade, Valor e Participação Relativa de Alguns Produtos no Total Anual, 1970-75

Ano	Camarão				Lagosta				Peixes congelados				Outros				Total	
	1.000t	%	US\$1.000	%	1.000t	%	US\$1.000	%	1.000t	%	US\$1.000	%	1.000t	%	US\$1.000	%	1.000t	US\$1.000
1970	3,1	30	6,3	33	2,8	27	10,1	52	4,2	40	2,2	11	0,3	3	0,8	4	10,4	19,4
1971	4,4	36	11,1	41	2,5	21	12,8	47	4,1	34	2,1	8	1,1	9	1,2	4	12,1	27,2
1972	6,7	36	18,0	46	2,6	14	16,3	41	7,8	41	3,5	9	1,7	9	1,7	4	18,8	39,5
1973	2,6	21	8,0	25	2,6	21	18,0	57	7,0	55	4,8	15	0,4	3	1,0	3	12,6	31,8
1974	2,4	17	8,6	19	3,1	23	27,4	60	(¹)		(¹)		8,2	60	9,8	21	13,7	45,8
1975 (²)	1,8	29	1,1	10	0,8	13	6,3	57	(¹)		(¹)		3,6	58	3,6	33	6,2	11,0

(¹) Englobado em outros.

(²) Até abril.

Fonte: Até 1972, Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE); para os demais anos, Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil (CACEX).

QUADRO 90. - Pescado Desembarcado nos Entrepostos e Industrias Pesqueiras do Estado de São Paulo, 1970-75
(tonelada)

Espécie	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Sardinha	37.051	28.300	24.190	16.670	9.637	2.927
Pescada foguete	5.451	6.236	6.162	6.426	7.391	1.640
Camarão rosa	2.937	2.627	2.493	1.509	1.746	381
Corvina	2.778	3.927	4.175	3.970	3.258	1.132
Goete	1.759	1.351	946	1.051	1.129	758
Camarão 7 barbas	2.136	2.833	5.576	6.049	5.489	1.492
Cavalinha	869	490	706	54	487	15
Caçãõ	838	989	967	1.199	1.411	436
Pescada cambucu	635	387	290	281	213	130
Tortinha	453	236	126	208	345	163
Manjuba	439	294	312	633	667	282
Anjo	418	278	216	220	283	76
Pescada branca	284	149	112	112	84	45
Bagre	278	362	261	351	305	95
Castanha	260	243	257	1.572	1.214	42
Linguado	230	270	165	195	203	71
Betara	210	185	136	211	169	50
Viola	209	213	139	202	245	121
Camarão legítimo	194	452	255	284	158	84
Lula	142	89	124	89	137	91
Vieira	12	1.872	1.730	450
Mistura	3.331	3.601	2.907	3.038	3.316	1.206
Atum e afins	511	423	938	156
Outras espécies	1.552	2.467	2.990	3.065	2.695	917
Total	62.454	55.979	54.028	49.684	43.250	12.760

(¹) Até abril.

Fonte: Instituto de Pesca da Secretaria da Agricultura.

QUADRO 91. - Preço Médio dos Principais Produtos Pesqueiros Comercializados no Entreposto Terminal de São Paulo da CEAGESP,
1971-75
(Cr\$/kg)

Produto	1971		1972		1973		1974	1975	
	Valor corrente	Valor de 1974 (2)	Valor corrente	Valor de 1974 (2)	Valor corrente	Valor de 1974 (2)	Valor corrente	Valor corrente	Valor de 1974 (2)
Água salgada:									
Sardinha	0,42	0,73	0,56	0,83	0,95	1,22	1,15	1,40	1,17
Camarão rosa	13,49	23,38	20,53	30,41	27,61	35,53	37,58	40,71	34,10
Camarão médio	6,66	11,54	8,01	11,87	15,31	19,70	20,63	16,47	13,80
Camarão 7 barbas	1,71	2,96	2,29	3,39	3,87	4,98	4,45	5,44	4,56
Pescada grande	3,07	5,32	4,07	6,03	5,44	7,00	6,77	9,42	7,89
Pescada média	2,19	3,79	3,00	4,44	4,07	5,24	5,28	7,61	6,37
Pescada pequena	1,52	2,63	1,99	2,95	3,01	3,87	3,51	4,51	3,78
Caçãõ	2,10	3,64	2,75	4,07	3,80	4,89	5,34	6,02	5,04
Cavalinha	0,57	0,99	0,61	0,90	1,00	1,29	1,19	1,46	1,22
Corvina	0,94	1,63	1,44	2,13	2,06	2,65	2,71	3,35	2,81
Mistura	0,60	1,04	0,84	1,24	1,22	1,57	1,58	1,92	1,61
Namorado	4,89	8,47	6,34	9,39	8,27	10,64	11,76	15,23	12,76
Tainha	2,64	4,57	2,74	4,06	5,39	6,94	5,62	6,30	5,28
Água doce:									
Corimbata	1,41	2,44	1,83	2,71	2,59	3,33	3,25	3,39	2,84
Pintado	5,28	9,15	8,02	11,88	11,28	14,52	11,33	12,48	10,45
Traira	1,80	3,12	2,01	2,98	2,35	3,02	3,51	3,76	3,15

(1) Média de janeiro a junho

(2) Deflador: Índice "2" da Fundação Getúlio Vargas.

Fonte: Companhia de Entreposto e Armazens Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP).

QUADRO 92. - Exportação de Pescado pelo Porto de Santos, 1973-75
(tonelada)

Mês	1973				1974				1975			
	Camarão	Vieiras	Outros	Total	Camarão	Vieiras	Outros	Total	Camarão	Vieiras	Outros	Total
Jan.	90,7	-	-	90,7	26,9	-	25,9	52,8	56,6	3,7	7,9	68,2
Fev.	162,8	-	28,6	191,4	130,1	89,9	18,4	238,4	25,4	4,7	2,9	33,0
Mar.	109,3	4,6	34,7	148,6	165,5	121,5	4,8	291,8	59,7	7,1	52,0	118,8
Abr.	172,2	-	62,0	234,2	152,5	24,9	33,0	210,4	35,5	39,8	7,6	82,9
Mai.	173,1	-	191,3	364,4	209,7	-	-	209,7	45,2	23,9	-	69,1
Jun.	143,1	-	195,5	338,6	206,4	28,7	4,8	239,9	66,9	132,3	0,6	199,8
Jul.	173,9	0,7	130,8	305,4	281,0	14,4	49,8	345,2
Ago.	105,9	2,3	43,9	152,1	239,5	16,2	40,0	295,7
Set.	83,4	5,6	134,3	223,3	68,3	38,1	-	106,4
Out.	4,3	23,1	23,0	50,4	54,1	46,7	24,5	125,3
Nov.	51,4	30,3	41,1	122,8	68,0	56,8	38,5	163,3
Dez.	39,3	30,8	22,2	92,3	53,3	28,4	60,0	141,7
Total	1.309,4	97,4	907,4	2.314,2	1.655,3	465,6	299,7	2.420,6	289,3	211,5	71,0	571,8

Fonte: DNPA - Ministério da Agricultura.

- Soja

- Panorama internacional

A produção mundial de soja em 1974/75, está estimada em 57.353 mil toneladas, volume esse inferior em 10% ao obtido em 1973/74 (63.745 mil toneladas). Esta queda na produção foi consequência da redução na colheita dos Estados Unidos que é, de longe, o maior produtor dessa oleaginosa, concorrendo com cerca de 58% do total mundial. A safra americana correspondente ao ano agrícola 1974/75 foi menor em 20%, à precedente, não tanto pela diminuição da área plantada que foi de 7%, mas sobretudo pelas condições climáticas adversas ocorridas durante o período.

As produções da China e do Brasil com 17,0% e 16,6%, respectivamente, junto com a dos Estados Unidos totalizam 92% do volume mundial obtido (quadro 93).

A oferta global, entretanto, não experimentou o mesmo declínio do que a produção, pois que o "carry-over" inicial (8.213 mil toneladas) era bem maior que o de 1973/74 (3.302 mil t), proporcionando dessa forma um suprimento de 65.566 mil toneladas e apenas 2% inferior ao ano precedente que foi de 67.047. Vale acrescentar que diversas circunstâncias ocorridas no período fizeram com que o consumo aparente no ano sob análise, sofresse um decréscimo de 2.768 mil toneladas (58.834 em 1973/74 e 56.066 em 1974/75) proporcionando dessa maneira um "carry-over" final de 9.500 mil toneladas o maior verificado nos últimos 5 anos.

Para a safra 1975/76, o panorama atual poderá alterar substancialmente porque espera-se uma produção americana de 42 milhões de toneladas e um aumento relativamente menor nas produções dos demais países produtores.

Como o "carry over" inicial da próxima safra será de 9,5 milhões de toneladas, o suprimento total deverá atingir a 76,7 milhões de toneladas como no quadro 94. Admitindo-se uma elevação no consumo aparente de 5,5% em relação ao ano passado, o que não é difícil de ser alcançado, já que o decréscimo experimentado em 1974/75, se deveu a condições extremamente desfavoráveis, o estoque final será de 17,5 milhões de toneladas, superior em muito aos precedentes. Uma análise ainda que superficial da atual safra americana nos leva à seguintes conclusões.

- a) se realmente obtida, constituirá em novo recorde de produção; e
- b) se mantidos os mesmos níveis de consumo e de exportação do ano passado (20 e 11 milhões de toneladas, respectivamente) chega-se ao final da safra com um "carry over" de 13 milhões de toneladas (já retirada a reserva para semente e outros usos) constituindo-se também recorde dos últimos tempos. Quanto às importações mundiais de soja em grãos em 1974, apresentaram, em relação a 1973, acréscimo de 19,6%, sendo que a Alemanha Ocidental passou a ocupar a primeira posição com 30,9% de aumento sobre as compras efetuadas no ano anterior. O Japão, anteriormente primeiro País importador de soja em grãos, pas-

sou a segundo lugar com queda de 10,7% em 1974 sobre as importações realizadas em 1973 (quadro 95).

Quanto aos países exportadores, os Estados Unidos continuam mantendo sua posição, porém sua participação no total exportado até o final da presente temporada deverá cair para 78,5% contra 84% na precedente, o que vem acentuar em muito a atual tendência de maior participação de outros países neste mercado. O Brasil que ocupa a segunda posição deverá, em 1974/75, ser responsável por 18,7% das exportações globais contra 13,3% na temporada anterior, o que vem reafirmar a crescente influência do produto brasileiro no mercado internacional de soja (quadro 96).

A produção de farelo de soja em 1974/75, em termos mundiais, está sendo estimada ao redor de 17,2 milhões de toneladas (-5,5%) em virtude de retração na moagem e, portanto, do consumo em alguns dos principais países consumidores deste produto, em parte devido a diminuição de rebanhos, principalmente de pequeno porte como também, em razão da maior oferta de farinha de peixe, principal fornecedor de proteína na fabricação de rações. Nesta última temporada de 1974/75, a produção mundial de farinha de peixe está sendo prevista em 3,1 milhões de toneladas, superior em 14,7% e 12,9% a última produção e a média dos últimos três anos, respectivamente. Este aumento foi consequência, tão somente, da recuperação da pesca pelo Peru.

Em termos de oferta global de sementes oleaginosas, em 1974/75, foi menor em 0,8% à de 1973/74, porém quando excluída a soja, observa-se um acréscimo de 0,6%. Como o consumo foi menor ao do último ano, os estoques mundiais de sementes oleaginosas em geral deverão ser 12,9% e 61,3% superiores aos de 1973/74 e à média dos últimos três anos.

O comportamento do mercado internacional apresentou quanto aos preços da soja em grãos, em 1974, duas fases bastante distintas: a primeira, com sucessivas quedas no período fevereiro/junho e a fase de seguidas altas, julho/novembro, ocorrendo em outubro a cotação máxima do ano (quadro 97). A partir de dezembro iniciou-se novamente tendência de baixa que se veio prolongando até o final do primeiro semestre de 1975. Esta oscilação tão acentuada no comportamento deste mercado reflete em parte as descontraídas notícias sobre a safra norte americana, que no início foi prevista ao redor de 40,0 milhões de toneladas, mas que no final apresentou 33,5 milhões de toneladas.

A partir de janeiro de 1975 com as notícias de que a nova safra brasileira situar-se-ia ao redor de 9,5 milhões de toneladas, "carry-over" mundial bastante elevado tanto de soja como de sementes oleaginosas em geral, recuperação na produção de farinha de peixe peruana, entradas maiores no mercado mundial de óleo de girassol e de palma, e previsão de nova safra americana com uma produção ao redor de 42 milhões de toneladas, o mercado veio a se caracterizar por sucessivas quedas nas cotações.

Em princípios de julho corrente, as notícias de grande quebra na safra de grãos da Rússia, inclusive também de menores produções de girassol na Romênia e Iugoslávia, e as perspectivas destes países virem a se abastecer maciçamente no mercado internacional, provocaram uma certa reação nos preços, com tendências de elevação a curto prazo (aos 10 de julho, US\$ 229/t CIF Rotterdam, contra a média de US\$ 207/t do mês de junho).

- Situação interna

A cultura de soja no Brasil, que vem apresentando vigoroso crescimento nestes últimos anos, deverá, em 1974/75, proporcionar uma produção ao redor de 9,5 milhões de toneladas, 28,9% superior a precedente (7,4 milhões).

O Rio Grande do Sul, mais uma vez como primeiro Estado produtor, participou com 48,4% do total, seguido do Paraná com 35,7%, São Paulo, 7,4%, Santa Catarina 3,2% e os demais estados com 5,3% (quadro 98). Deve-se ressaltar o avanço substancial desta cultura no Estado do Paraná, onde vem ocupando terras novas ou substituindo outras lavouras tradicionais.

A produtividade obtida no ano agrícola 1974/75 pode ser considerada altamente satisfatória, ocorrendo em algumas zonas produtoras um rendimento superior a 2.200 kg/ha.

Tanto a soja em grãos, como o seu derivado, farelo, nestes últimos anos passaram a ocupar posições de destaque na pauta das exportações brasileiras. Em 1974 foram exportadas 2.724.068 toneladas de soja em grãos e 2.030.942 toneladas de farelo que, juntos, representaram US\$ 888.076.000 em divisas, ou seja, 11,1% do total FOB exportado em 1974 pelo Brasil.

Como ponderável parcela da produção brasileira de soja é destinada ao mercado internacional, tanto em forma de grãos como de farelo, o comportamento dos preços no mercado interno é influenciado diretamente pelas variações acontecidas naquele mercado. Assim em 1974, os preços da soja em grãos, no Estado de São Paulo, no período de março a julho situaram-se em níveis bastante insatisfatórios para os produtores, acompanhando os níveis de preços do mercado internacional. A partir de agosto aconteceram sucessivas altas até o mês de janeiro de 1975, quando então iniciou-se nova fase de baixas, prolongando-se até o mês de junho do corrente ano, apesar da pequena reação de maio-junho (quadro 99).

Em razão desta evolução, os sojicultores brasileiros visando melhores preços estão retendo o produto ou entregando-o às cooperativas para fechamento futuro de preço, à espera de reação do mercado.

Assim, até meados de julho, a maior parcela da produção encontrava-se ainda armazenada, tanto em mãos de produtores como principalmente nas cooperativas, que neste ano deverão comercializar mais que 70% da produção. Em decorrência desta conjuntura a comercialização até o momento se desenvolve em ritmo bastante lento.

A indústria que deverá absorver aproximadamente 50% da produção total está encontrando dificuldades na aquisição da soja, em razão de não se "fechar" o preço quando da entrega do produto. Isto vem tolhendo-lhes o poder de compra no momento, em razão dos preços, tanto do farelo como do óleo, nestes últimos meses estarem estabilizados face a grande oferta tanto no mercado interno como externo.

O escoamento da presente safra de soja deverá efetuar-se com uma industrialização aproximada de 5 milhões de toneladas, e uma exportação entre 3,0 a 3,8 milhões de toneladas em grãos, e o restante ficando para estoque e semente. Quanto ao farelo a ser produzido, ao redor de 3,5 milhões de toneladas, espera-se que 2,5 milhões de toneladas sejam colocadas no mercado externo.

Com a disposição do Governo Federal de adquirir cerca de 1,0 milhão de toneladas a preço superior ao fixado como preço mínimo (Cr\$ 60,00/sc.), com a finalidade de formar estoque regulador e ainda diminuir em parte o atual volume da oferta de soja, os órgãos executores dessa política iniciaram as aquisições esperando-se com essa medida reação positiva no mercado interno. Sobre o preço mínimo foi fixado um empréstimo adicional de Cr\$ 15,00 por saca na forma de EGF, cujos recursos são oriundos de um fundo especial do Banco do Brasil.

Até junho foram exportadas pelo Porto de Santos 107,5 mil toneladas de soja em grão, 96,9 mil toneladas de farelo e 6,1 mil toneladas de óleo, volumes bastante superiores a idêntico período de 1974.

- Perspectivas

As estimativas e projeções para a produção mundial em 1975/76 apontam para um total de 67 milhões de toneladas. A se confirmarem os prognósticos para a safra americana (a ser colhida em outubro próximo) e que será somada ao estoque (elevado) da temporada 1974/75, a oferta global 1975/76 poderá chegar a 76,7 milhões de toneladas.

Tal posição estatística é indicativa de um mercado com bom suprimento e possível tendência de baixa nas cotações internacionais.

Necessário, porém, é o destaque que se deve dar a mudanças eventuais e significativas do lado do consumo mundial, que poderia voltar a apresentar um crescimento acelerado (5% a 6%) não só pela esperada retomada da expansão econômica, mas, também por uma presença mais agressiva de países não tradicionais importadores.

Recentes notícias de queda na produção de grãos na Rússia poderão levar este País a pesadas compras de grãos para arrazoamento no exterior, a fim de viabilizar o seu plano de expansão do rebanho pecuário (ao redor de 10 milhões de toneladas). Falou-se também que a China poderia ter quebras significativas na produção e, nesse caso, participaria mais do mercado ocidental de grãos proteicos.

Outra boa possibilidade de aumentar o consumo mundial estará em estreita dependência da evolução dos rebanho animais de pequeno porte, o que exigirá por certo um maior mercado de rações para o farelo da soja.

Um fator negativo para o incremento do consumo seriam as informações de menores volumes adquiridos pela Alemanha Ocidental e Holanda no primeiro trimestre de 1975 (-18%).

Assim, as perspectivas 1975/76 são mais indefinidas do lado do consumo. Se de fato ocorrerem os eventos positivos aqui apontados, ter-se-á inclusive uma estabilização nas cotações internacionais.

Para o Brasil o comportamento do mercado internacional nos próximos meses será de grande importância na formação dos preços para a comercialização de grande parcela da safra 1974/75. O resultado dessa situação deverá influenciar os agricultores brasileiros para o próximo ano agrícola quanto a maior ou menor expansão da área de plantio.

Aceita-se como ponto pacífico que a soja, no Brasil, mesmo que os preços recebidos pelos agricultores não sofram acréscimos, nos próximos meses, deverá apresentar novo crescimento na área, especialmente no Paraná.

Em São Paulo, de modo semelhante, a área de soja deverá crescer em razão de área de outras culturas. Espera-se um aumento não inferior a 5%.

O custo operacional por hectare é estimado em aproximadamente Cr\$ 1.400,00 pelo IEA, para um bom nível de tecnologia e terras férteis.

(IEA, 19/07/1975)

QUADRO 93. - Produção Mundial de Soja e Principais Países Produtores, 1969/70 - 1975/76
(1.000 toneladas)

País	1969/70		1970/71		1971/72		1972/73		1973/74		1974/75		1975/76	
	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%
Estados Unidos	30.839	70,2	30.675	67,8	32.006	66,4	34.581	66,9	42.185	66,2	33.568	58,5	42.000	
Brasil	1.509	3,4	2.077	4,6	3.223	6,7	4.826	9,3	7.000	11,0	9.505	16,6	...	
China	9.200	20,9	9.700	21,4	9.600	19,9	9.200	17,8	9.600	15,0	9.750	17,0	...	
Argentina	27	0,1	59	0,1	78	0,2	272	0,5	496	0,8	470	0,8	...	
URSS	434	1,0	595	1,3	535	1,1	258	0,5	424	0,7	357	0,6	...	
Paraguai	52	0,1	75	0,2	97	0,2	120	0,2	160	0,2	240	0,4	...	
Outros	1.879	4,3	2.094	4,6	2.641	5,5	2.498	4,8	3.880	6,1	3.463	6,1	...	
Total mundial	43.940	100,0	45.275	100,0	48.180	100,0	51.755	100,0	63.745	100,0	57.353	100,0	...	

Fonte: Oil World Weekly.

QUADRO 94. - Produção Mundial, Estoque e Consumo Aparente de Soja, 1970/71 - 1975/76
(1.000 toneladas)

Item	1970/71	1971/72	1972/73	1973/74	1974/75	1975/76
"Carry over" (30/9)	7.179	3.914	3.387	3.302	8.213	9.500
Produção	45.275	48.180	51.755	63.745	57.353	67.200
Oferta total	52.454	52.094	55.142	67.047	65.566	76.700
Consumo aparente	48.540	48.707	51.840	58.834	56.066	59.200
Estoque final	3.914	3.387	3.302	8.213	9.500	17.500

Fonte: Oil World Weekly, Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 95. - Importação e Variação de Soja em Grãos, 1972-74
(1.000t)

Países	1972	1973	1974	Variação (%)	
				1973/72	1974/73
Alemanha Ocidental	2.236,6	2.837,4	3.714,5	26,9	30,9
Japão	3.395,6	3.634,6	3.243,9	7,0	-10,7
Países Baixos	1.608,7	1.269,1	1.590,0	-21,1	25,3
Espanha	1.428,5	834,5	1.587,9	-41,6	90,3
Itália	818,6	887,5	1.225,0	8,4	38,1
Reino Unido	537,6	779,4	803,6	45,0	3,1
URSS	296,8	705,3	-	137,6	-
China	-	130,0	650,0	-	400,0
Taiwan	711,6	626,0	528,6	-12,0	-15,6
Dinamarca	533,3	388,5	471,0	-27,2	21,2
Noruega	235,2	266,2	332,1	13,2	24,8
Outros	2.085,5	2.177,0	3.243,8	4,4	49,0
Total	13.888,0	14.535,5	17.390,4	4,7	19,6

Fonte: Oil World Weekly - nº 21/XVIII - 30/maio/1975.

QUADRO 96. - Exportação Mundial e Principais Países Exportadores de Soja em Grãos, 1971/72 - 1974/75 (1)

País	1971/72		1972/73		1973/74		1974/75	
	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%	1.000t	%
Estados Unidos	10.957,6	87,5	12.843,6	87,1	15.170,9	84,0	14.300,0	78,5
Brasil	1.035,5	8,2	1.782,5	12,1	2.393,5	13,3	3.400,0	18,7
China	430,0	3,4	-	-	340,0	1,8	300,0	1,6
Paraguai	41,3	0,4	53,5	0,3	88,6	0,5	145,0	0,7
Outros	52,0	0,5	80,0	0,5	68,0	0,4	90,0	0,5
Total	12.516,5	100,0	14.759,6	100,0	18.061,0	100,0	18.235,0	100,0

(1) Ano comercial - 1º de outubro - 30 de setembro.

Fonte: Oil World Weekly, nº 17/XVIII, 02/maio/1975.

QUADRO 97. - Cotações Internacionais de Soja (USA nº 2), 1968-75
(US\$/t - CIF - Rotterdam)

Mês	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	110	107	107	125	125	214	261	256
Fev.	111	107	110	125	127	259	271	231
Mar.	110	107	111	124	135	258	265	226
Abr.	109	107	112	119	140	260	235	229
Mai.	109	107	115	122	140	358	229	208
Jun.	107	105	118	127	138	470	228	207
Jul.	107	105	122	134	141	330	276	229 ⁽¹⁾
Ago.	106	99	120	131	141	331	320	...
Set.	100	95	119	124	135	266	303	...
Out.	99	99	123	125	136	241	335	...
Nov.	104	101	125	125	148	239	312	...
Dez.	105	102	121	112	174	254	288	...
Média anual	106	103	117	124	140	290	277	...

(¹) Preliminar.

Fonte: Oil World Weekly.

QUADRO 98. - Produção Brasileira e Principais Estados Produtores de Soja, 1970/71 - 1974/75
(tonelada)

Estado	1970/71		1971/72		1972/73		1973/74 ⁽¹⁾		1974/75 ⁽¹⁾	
	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%
Rio Grande do Sul	1.200.000	57,1	2.000.000	57,1	2.826.500	56,5	3.800.000	51,5	4.600.000	48,4
Paraná	567.100	27,0	966.203	27,6	1.460.300	29,2	2.500.000	33,9	3.400.000	35,7
São Paulo	93.600	4,5	222.000	6,4	330.000	6,6	522.000	7,1	705.000	7,4
Santa Catarina	100.000	4,8	130.000	3,7	166.100	3,3	200.000	2,7	300.000	3,2
Outros	139.300	6,6	181.800	5,2	220.400	4,4	350.000	4,8	500.000	5,3
Brasil	2.100.000	100,0	3.500.003	100,0	5.003.300	100,0	7.372.000	100,0	9.505.000	100,0

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola, SP, Comissão de Estudos de Previsão de Safras do Paraná, Ministério da Agricultura.

QUADRO 99. - Preços Médios de Soja Recebidos pelos Produtores Paulistas, 1968-75
(Cr\$/sc.60kg)

Mês	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	14,40	17,67	22,28	34,37	34,92	42,84	70,05	89,35
Fev.	17,50	18,14	25,67	30,00	33,02	58,54	72,83	78,52
Mar.	14,67	15,00	20,33	29,18	31,54	58,60	59,45	70,63
Abr.	16,08	19,50	20,59	30,36	33,60	53,90	62,50	71,85
Mai.	17,50	20,10	20,76	29,92	35,26	64,31	57,89	74,28
Jun.	16,64	19,36	23,09	30,93	35,69	84,46	54,49	74,13
Jul.	17,67	22,42	26,07	32,53	36,34	99,54	59,04	...
Ago.	18,57	20,12	26,42	34,71	37,06	96,82	76,38	...
Set.	17,96	18,96	26,74	35,24	38,52	93,67	77,17	...
Out.	14,00	24,41	28,74	35,85	40,61	73,10	79,75	...
Nov.	16,00	23,86	30,41	35,78	40,41	69,94	88,68	...
Dez.	18,40	25,86	32,34	36,84	40,00	70,94	88,02	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

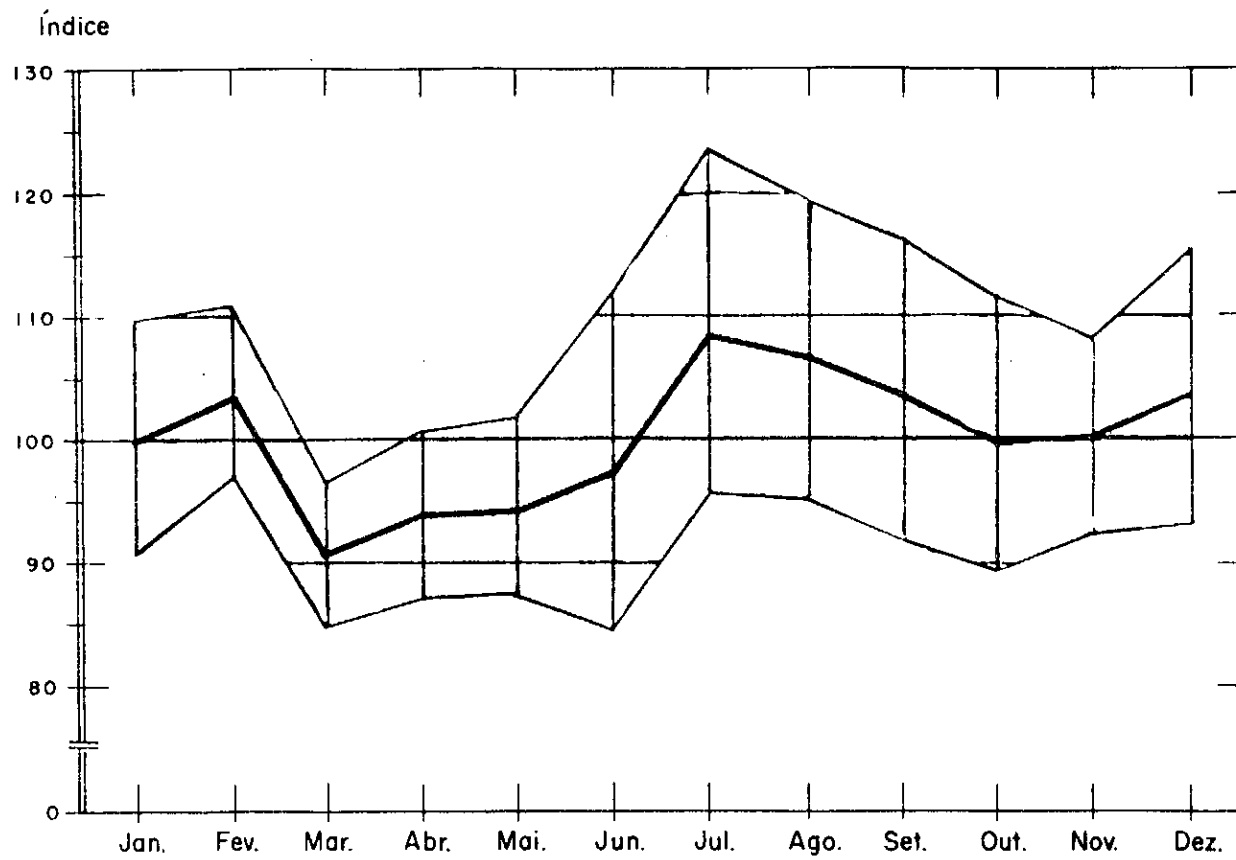


FIGURA 11. - Variação Estacional de Preços Recebidos pelo Produtor de Soja, Estado de São Paulo, 1968-74.

- Pecuária de Corte

- Panorama internacional

As esperanças de uma mudança substancial no comportamento do mercado internacional de carne bovina, ainda no ano de 1975, parecem estar definitivamente afastadas uma vez que a inversão da tendência nesse mercado, iniciada no 2º semestre de 1973, persistiu durante to do 1974, e continuou inalterada até meados deste ano.

Se, de 1969 a 1972-73, a tônica do mercado era a insuficiência da produção em atender ao explosivo crescimento do consumo, dessa data até a presente, o excesso de oferta aliado a uma redução da demanda marcam o mercado.

A euforia verificada na primeira fase (1969-73) levou os países produtores a amentar substancialmente seus rebanhos, dado que a expectativa a médio prazo era promissora, e os preços subiam a taxas bastante aceleradas.

Como reflexo desse aumento dos rebanhos, a produção mundial cresceu razoavelmente em 1973 e 1974, ano em que se estima tenha subido cerca de 4%, prevendo-se um aumento também para 1975. Essa oferta aparentemente abundante coincidiu, no entanto, com um período de a-centuada retração do consumo, seja pela diminuição do ritmo das atividades econômicas dos principais países consumidores, como também pelos efeitos da inflação na diminuição do poder aquisitivo do consumidor. A demanda pelas importações também deverão continuar reduzidas da das as dificuldades verificadas nos balanços de pagamento de vários países.

A elevação desenfreada dos preços da carne, se de um lado estimulou o aumento da produção, por outro lado veio acarretar uma séria redução no consumo, que nos Estados Unidos tomou caráter de movimento com o chamado "boicote" do consumidor. No entanto, no início de 1975 já se observava uma leve tendência de aumento do consumo, nos Estados Unidos e nos países exportadores, em face da diminuição dos preços a nível de varejo, o que não ocorreu na Europa Ocidental, que para não desestimular seus produtores, manteve elevados os níveis de preços, tendo também acumulado um estoque relativamente grande do produto.

Os produtores, principalmente na América do Norte e Europa, viram-se às voltas com custos crescentes de rações e demais insumos e também com preços declinantes do produto, o que tem levado a uma tendência de empregarem métodos menos intensivos de engorda. Tal fato não comprometeu o modo de produção dos países do Hemisfério Sul, que se baseia fundamentalmente no emprêgo de pastagens, o que lhes dá teoricamente uma vantagem comparativa maior, em têrmos de competição internacional. No entanto, essa vantagem ainda é comprometida pelos altos custos de processamento da carne nesses países.

Com relação à produção mundial verificou-se que os Estados Unidos continuaram como o maior produtor, tendo atingido cerca de 10.700 mil toneladas em 1974, cerca de 9% a mais que em 1973. A Austrália também vem mantendo aumentos sucessivos e expressivos na sua produção, tendo passado de 1.145 mil toneladas em 1972 para 1.440 mil em 1975, sendo mais da meta de destinada à exportação. A situação australiana fica bem caracterizada se comparado o seu expressivo aumento de produção no último ano (quase 11%) com a queda nas suas exporta-ções, de 710 mil toneladas em 1973 para perto de 437.000 em 1974 (-38%) (quadro 100). Essa

situação de aumento de produção e queda nas exportações é comum a todos os países tradicionalmente exportadores como Argentina, Nova Zelândia e Uruguai. Este último País teve nos cinco primeiros meses deste ano uma redução de 41% nas suas exportações, que já haviam sido pequenas em 1973, tendo concomitantemente uma queda nos preços médios recebidos de perto de 30%, passando de US\$ 1.580/tonelada em 1974 para US\$ 1.120 em 1975. Aliado a isso, existem atualmente no Uruguai cerca de 300 mil cabeças em condições de abate, sem a menor chance de colocação no mercado o que, ligado ao fato de seu rebanho estar hoje com perto de 12 milhões de cabeças (contra os tradicionais 8 milhões) mostra uma perspectiva aflitiva para o setor, prevendo-se uma grande mortalidade até o final do inverno em curso.

Os Estados Unidos, o maior importador mundial de carne bovina com quase 50% do total comercializado, em 1974 também reduziram suas importações de 900 mil toneladas em 1973 para 730 mil em 1974. Ainda assim foi o responsável pela manutenção do comércio internacional, dado que as importações líquidas dos principais países importadores se contraíram de 1,8 milhão de toneladas, em 1973, para pouco menos de 900 mil em 1974.

A Comunidade Econômica Européia (CEE) que também era responsável por grande parte do comércio internacional, proibiu as importações e aumentou grandemente a sua produção, tendo passado de importadora (com um déficit de 460 mil toneladas em 1973) para exportadora líquida, com um saldo de 50 mil toneladas em 1974. Para manter a sua produção em altos níveis e não permitir a deterioração dos preços ao nível do produtor, os governos da CEE compraram, até fevereiro de 1975, cerca de 570 mil toneladas equivalente a 10% da sua produção de 1974 - que se constituíram num estoque com poucas perspectivas de colocação, dado que mesmo com as exportações subsidiadas e os programas sociais levados a efeito, ainda permaneciam, em maio deste ano, perto de 300 mil toneladas em seu poder.

Com relação aos preços, após a queda verificada a partir do 2º semestre de 1973 reagiram um pouco e evoluíram positivamente em 1975. Nos Estados Unidos os preços médios no varejo para cortes selecionados, em fevereiro de 1975, eram de Cr\$ 46,00/kg, ou seja a mesma cotação de fevereiro de 1973.

Em termos de preços pagos ao produtor, em março deste ano, o novilho "choice" estava cotado ao equivalente a Cr\$ 13,00/kg nos Estados Unidos, quando em agosto de 1973 esse preço chegou a Cr\$ 20,00/kg. Na Inglaterra, ao produtor, os preços aumentaram de quase 55% de setembro de 1974 para junho de 1975, cotando-se a Cr\$ 9,30/kg de peso vivo, no entanto, inferior ao verificado em 1973.

A nível de atacado, os preços subiram tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido, perto de 25%, entre setembro de 1974 a junho de 1975.

As perspectivas para o final de 1975 e pelo menos a primeira metade de 1976 não são alentadoras, principalmente para os países que dependem bastante da carne como fonte de divisas, como é o caso da Austrália, Argentina, Nova Zelândia e Uruguai. Espera-se que os mercados consumidores da América do Norte e da Europa Ocidental continuarão afetados pela abundante oferta de carne bovina. Assim, mesmo a recente abertura parcial da CEE, autorizando uma importação que pode chegar até 100 mil toneladas no final do ano, pouca influência deverá ter no panorama geral do setor para os próximos 12 meses. Para o Brasil, que se aproveitou das condições extremamente favoráveis do mercado até 1973, resta pouca esperança de conseguir colocar externamente a sua cota de exportação (80 mil toneladas) fixada pelo

- Situaç̄ão interna

O ano de 1975 iniciou-se com o mercado interno ainda sob contr̄ole do Governo Federal que, no entanto, pouco teve a fazer j̄a que a t̄onica foi de mercado calmo com tend̄ncia a queda de preç̄os. Estes, se situaram, no geral abaixo da cotaç̄ão de refer̄ncia de Cr\$ 110,00 por arroba.

Ainda no campo oficial, o maior impacto causado ao setor foi a publicaç̄ão das diretrizes de pol̄tica para a pecūria de corte, destacando para 1975:

- estocar por interm̄dio da COBAL cerca de 150 mil toneladas no primeiro semestre, estoque esse din̄mico e capaz de regularizar os preç̄os tanto durante a safra (impedindo quedas) e na entressafra (evitando aumentos especulativos);
- manutenç̄ão do preç̄o de Cr\$ 110,00 por arroba como refer̄ncia para as transaç̄ões com boi gordo;
- abertura de um cr̄dito de Cr\$ 1 bilh̄o para formaç̄ão de pastagens, a juros subsidiados e 3 anos de car̄ncia;
- manutenç̄ão de cota de 80 mil toneladas para exportaç̄ão de carne bovina com ênfase para as carnes industrializadas.

Os aspectos mais criticados pelos criadores, foram a participaç̄ão muito grande da COBAL no mercado, as perspectivas de importaç̄ão que o documento encerra e os mecanismos fiscais que seriam acionados para forçar uma entrega maior de bois em condiç̄ões de abate durante a entressafra.

A produç̄ão paulista de carne, que diminuiu cerca de 9% em 1974, deve permanecer est̄vel durante este ano, segundo estimativas preliminares; houve reduç̄ão de 19% nos frigoríficos sob inspeç̄ão federal que v̄m representando de alguns anos para c̄, cerca de 60 a 70% do abate total do Estado (quadros 101 e 102). Em face das condiç̄ões vigorantes no mercado a tend̄ncia da produç̄ão paulista para os pr̄ximos anos ẽ manter-se estabilizada em torno de 500 mil toneladas anuais.

Se j̄a em 1973 houvera uma revers̄o na tend̄ncia das exportaç̄ões brasileiras tal fato se acentuou em 1974. As exportaç̄ões pelo porto de Santos, sofreram uma reduç̄ão de 62% de 1973 para 1974.

Com relaç̄ão aos preç̄os recebidos pelos produtores paulistas, apesar de todas as condiç̄ões adversas do mercado, ainda foi a carne bovina um dos produtos a manter os ganhos reais obtidos principalmente em 1972 e 1973. Nesse per̄odo os ganhos reais situaram-se perto dos 17% para o boi bordo, de 15% para o bezerro e 18% para o boi magro. No per̄odo 1973/74, os aumentos foram menores, e em 1975, al̄m das m̄dias de preç̄os terem baixado, fato que

não ocorria desde 1970, já existe perda real por parte dos produtores com relação aos preços do ano passado (quadro 103).

Se na entressafra passada o sistema de estocagem a frio funcionou razoavelmente, permitindo um suprimento satisfatório do mercado e um controle suficiente dos preços, o esquema adotado este ano, de estocagem dinâmica não conseguiu impedir a queda dos preços pagos ao produtor.

- Perspectivas

A tendência do mercado com relação a entressafra apresenta basicamente o mesmo quadro dos anos anteriores, com a ressalva de que este ano a estocagem a frio é de cerca de 50% maior que a do ano passado. Os preços devem se manter estáveis a curto prazo inclusive pelo possível excedente de oferta de "boi magro". Um fato que deverá provocar situação difícil para o criador foi o "adiantamento" da estação seca que causou maiores problemas às pastagens do Estado. Além disso, os efeitos do frio e das geadas de 18, 19 e 20 de julho poderão agravar e prolongar ainda mais essas dificuldades, até a rebrota dos pastos.

Nesta entressafra, é de se esperar que o Governo Federal não venha a suspender os abatimentos da mesma maneira que o fez em 1974. Todavia, precisará precaver-se para manter um bom nível de suprimento no início da estação das águas e evitar maiores contrações na oferta a médio prazo.

Com relação ao resultado econômico da atividade, se permanecerem as condições vigentes, pode ocorrer uma queda no ritmo de crescimento do setor em 1976. Informações recentes dão conta que a demanda por crédito de investimento tem-se retraído.

Parece bastante razoável esperar-se uma continuação da atual situação de preços internacionais por um período de 12 a 18 meses. É preciso lembrar que as quedas nos preços resultam dos aumentos de produção e estoques verificados em regiões tradicionalmente importadoras, sendo o exemplo mais típico o caso do Mercado Comum Europeu, que dispõe atualmente de algum excedente de carnes.

A depressão econômica que afetou a maior parte dos países industrializados, são agora dá mostras de estar terminando. Esta depressão levou à queda de renda nos países consumidores e problemas de balanço de pagamentos que contribuíram, ainda mais, para reduzir o consumo de alimentos nobres.

Com o consumo e a importação reduzidos, os estoques e a produção aumentados, não se constitui surpresa a redução de preços e relativa estagnação nos mercados. Entretanto, a recuperação econômica nos países industrializados e o crescimento dos países em desenvolvimento, certamente, trarão aumentos no consumo mundial, sendo a carne um produto muito sensível às variações da renda. E, considerando que boa parte da população mundial ainda consome relativamente pouca carne, esta continua sendo, a médio prazo, um produto de grande potencial, especialmente para o Brasil.

(IEA, 22/07/1975).

QUADRO 100. - Produção, Exportação e Importação de Carne Bovina, Estados Unidos e Austrália,
1972-74
(1.000t)

País	Produção			Exportação			Importação		
	1972	1973	1974	1972	1973	1974	1972	1973	1974
Estados Unidos	10.363	9.800	10.649	27	39	27	888	901	731
Austrália	1.145	1.302	1.440	772	701	440	-	-	-

Fonte: Estados Unidos: Livestock and Meat Situation; Australia, Commonwealth Secretarial-Meat & Dairy Bulletin.

QUADRO 101. - Evolução da Produção de Carne Bovina, Estado de São Paulo, 1965-75

Ano	Pêso total de carcaça (t)	Valor da produção (Cr\$ 1.000)
1965	491.878	277.584
1966	417.691	452.077
1967	451.200	505.344
1968	450.000	557.100
1969	484.000	680.504
1970	415.000	847.708
1971	440.000	1.261.348
1972	524.000	1.858.471
1973	554.500	2.957.315
1974	504.300	3.590.280
1975 (1)	504.000	3.866.300

(1) Estimativa.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 102. - Abate nos Frigoríficos sob Inspeção Federal, Estado de São Paulo, 1973-74
(cabeças abatidas)

Mês	1973(A)	1973(B)	Variação percentual B/A
Jan.	156.327	105.103	-32,7
Fev.	151.650	80.868	-46,7
Mar.	151.295	104.767	-30,7
Abr.	164.317	154.496	- 5,9
Mai.	209.138	187.751	-10,4
Jun.	185.006	163.893	-11,3
Jul.	158.320	144.861	- 8,5
Ago.	98.301	92.437	- 6,0
Set.	105.340	87.473	-16,9
Out.	79.280	71.079	-11,0
Nov.	104.959	72.511	-31,0
Dez.	111.687	100.243	-10,0
Total (SIF) ⁽¹⁾	1.675.320	1.365.482	-19,0
Total (Estado) ⁽²⁾	2.525.000	2.292.000	- 9,0

⁽¹⁾ Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal.

⁽²⁾ Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 103. - Evolução dos Preços Médios Recebidos pelos Pecuáristas do Estado de São Paulo,
1970-75

Ano	Bezerro	(Cr\$/cabeça)	Boi magro	(Cr\$/cabeça)	Boi gordo	(Cr\$/arroba)
	Valor corrente	Cr\$ de 1974	Valor corrente	Cr\$ de 1974	Valor corrente	Cr\$ de 1974
1970	121,70	254,00	283,10	590,80	30,10	62,80
1971	209,20	262,50	477,60	827,60	42,10	73,00
1972	310,10	459,40	601,20	890,70	53,20	78,80
1973	409,50	527,00	816,50	1.050,70	76,50	92,00
1974	541,50	541,50	1.207,80	1.207,80	106,80	106,80
1975 ⁽¹⁾	475,30	398,20	1.164,90	975,80	110,60	92,60

⁽¹⁾ Estimado até junho de 1975.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

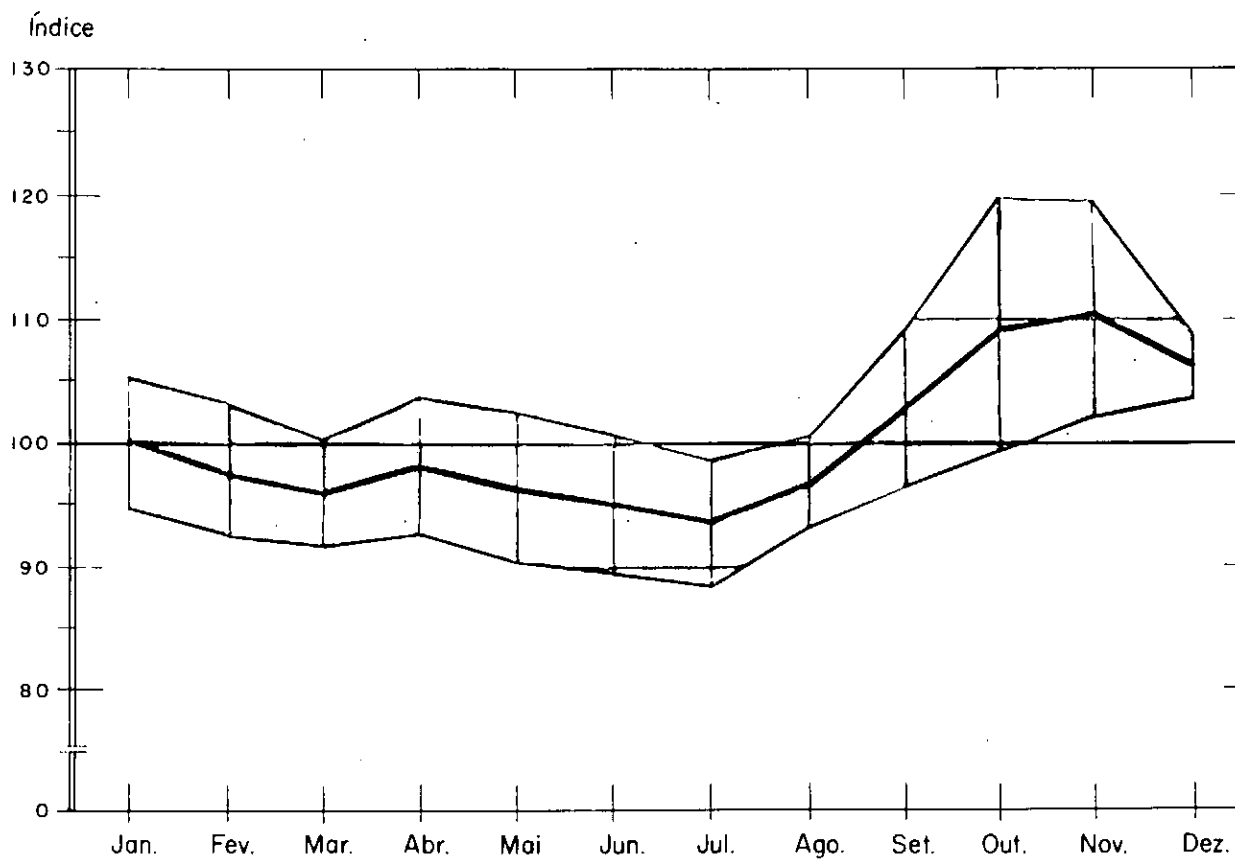


FIGURA 12. - Variação Estacional de Preços Recebidos pelo Produtor de Boi Gordo, Estado de São Paulo, 1968-74.

- Pecuária Leiteira

- Panorama internacional

A crise do petróleo e seus reflexos nas crescentes taxas de inflação e aumentos a celerados nos preços de insumos para o setor agropecuário, foi o principal fator que provo- cou mudanças nas políticas dos principais países produtores em 1974/75. Nesse ano agrícola continuaram as medidas para impedir a acumulação de estoques na Comunidade Econômica Euro- péia e novas disposições e portarias foram determinadas para restabelecer o lucro da indús- tria de laticínios. Medidas governamentais atenuaram os efeitos que exercem sobre os consu- midores os altos preços recebidos pelo produtor, mediante a concessão de subvenções.

O resultado dessas medidas é que o estímulo no consumo interno reduziu o exceden- te exportável provocando níveis elevados de preços para os produtos lácteos; em consequên- cia, diminuíram os envios de ajuda alimentar e surgiram dificuldades para os países defici- tários na produção leiteira em atender suas crescentes necessidades.

Nos Estados Unidos, cuja situação se modificou em 1973/74 ao passar de principal exportador a importador, as medidas tomadas visaram a aumentos nos preços pagos ao produ- tor (14% em 1973/74 e 17% em 1974/75). Está havendo resposta na área de produção com in- cremento considerado bom.

Na CEE, cuja oferta é superior à demanda, os governos reajustaram os preços em consonância com os aumentos nos custos, preocupados em elevar a receita de um grande núme- ro de pequenos e médios produtores de leite. Assim, em 1974/75 o preço recebido pelo pro- dutor se elevou em 13% frente a 5,5% em 1973/74.

Na CEE e na Suíça há novos programas estimulando os produtores de leite a se especializarem na produção de carne. Na CEE, em termos relativos, aumentou a relação en tre o preço do gado de corte e o preço básico do leite de 6,9:1, em 1973/74, para 7,2:1 em 1974/75. Isto, é considerado ainda insuficiente para estimular a mudança face ao surgimen- to de excedentes de carne de vaca e sua baixa de preços no mercado mundial. Na Suíça, há novas políticas de estímulo para abate de vacas leiteiras, uma vez que campanhas anteriores não foram bem sucedidas.

Continuam sendo aplicadas medidas especiais para estimular um maior consumo in- terno na CEE. Há subsídios para a manteiga e facilidades na aquisição desse produto pela indústria e pelos consumidores. Seguem também os estímulos especiais ao emprego do leite na alimentação animal através da concessão de subsídios diretos ou, indiretamente, atra- vés de pagamento imediato aos criadores de gado de corte que se absterem de comercializar o leite.

No que concerne ao leite desnatado em pó, os preços mundiais alcançaram níveis acima dos preços básicos de exportação estabelecidos em vários acordos multilaterais, de- correntes das políticas adotadas na CEE.

Quanto às perspectivas, a continuação das políticas de subsídio nos países produ- tores pode gerar graves consequências nos mercados interno e externo. Internamente, fica mais difícil o reajuste dos preços ao consumidor levando em conta os níveis efetivos de

custo, a menos que se provoquem mudanças nas políticas, passando do sistema de sustentação de preço ao sistema direto de sustentação de renda. No mercado externo, os países importadores estão sentindo que não podem contar com constantes importações a preços com oscilações e em alta; em função disso estão intensificando esforços para desenvolver sua produção e indústria.

Continuando essas políticas, é esperado um aumento na produção na Europa Ocidental a médio prazo e recuperação na América do Norte, Austrália e Nova Zelândia; como resultado reaparecerão grandes excedentes no mercado internacional.

- Situação interna

Embora não se tenha ainda estimativas para o Brasil sobre os reflexos das últimas políticas governamentais de incentivo ao setor, a produção brasileira em 1975 deverá experimentar acréscimo.

Preocupado com a taxa de crescimento da produção, que não acompanhava a evolução do mercado interno, o Governo Federal concedeu estímulos adicionais através das políticas de preço e crédito, provocando algumas mudanças no quadro geral da pecuária leiteira.

A Portaria nº 79 da SUNAB teve o condão de levar uma certa euforia aos produtores, que iniciaram desde logo o plantio de forragens e capineiras e adquiriram matrizes. Como reflexo dessa Portaria e com a chegada da estação das chuvas passou-se de uma situação de escassez, em meados de 1974, para uma de equilíbrio no início de 1975. Em resumo, a partir de outubro de 1974 até os dias de hoje as principais causas que levaram a um aumento da produção foram:

- a) reajuste do preço do leite em duas etapas: a primeira, que vigorou a partir de 15/10/74, deu ao produtor Cr\$ 1,25/l; a segunda, começando em 15/1/75, aumentou o preço para Cr\$ 1,35/l;
- b) subsídio de 10 centavos por litro para cobrir o custo do segundo percurso;
- c) restabelecimento do sistema de cotas de produção, com a finalidade de beneficiar os verdadeiros pecuaristas de leite e garantir uma produção uniforme durante o ano, independente do período de safra e entressafra. Por esse sistema, o produtor de leite terá garantidos, na época da safra, preços especiais para a mesma quantidade que conseguir produzir na entressafra. Por outro lado, a relação de preços carne/leite mostra atualmente vantagem para o último;
- d) Plano de Estocagem de Leite para a entressafra, autorizado em fevereiro de 1975, com recursos de Cr\$ 217 milhões. Tal medida previa o estoque de 7,9 mil toneladas de queijo; 2,9 mil de manteiga e 9,1 mil de leite em pó, exigindo 173 milhões de litros. Os estoques ficarão em poder da iniciativa privada (indústria e cooperativas) o Governo limitando-se a financiar o capi -

tal de giro necessário;

- e) abertura de novas linhas oficiais de crédito para atender as necessidades da pecuária leiteira da região Centro-Sul. Foram liberados recursos para o Plano de Desenvolvimento da Pecuária Leiteira (PDPL) no valor de Cr\$ 600 milhões para um período de 3 anos. Mais recentemente, o Plano Nacional de Pastagens, implantado neste ano, investirá anualmente Cr\$ 1 bilhão; e
- f) intensificação da Assistência Técnica na região Centro-Sul.

Cresceu a demanda de crédito pelos produtores, principalmente para aquisição de matrizes. No principal estado produtor (Minas Gerais) até abril, existiam 3.240 propostas sendo que 573 contratos já tinham sido efetuados, no valor aproximado de Cr\$ 116 milhões.

Em São Paulo não será ainda este ano que se conseguirá terminar com os problemas do abastecimento na entressafra, se bem que em 1975 a escassez não se tenha mostrado, por enquanto tão grave como nos dois últimos anos. Também, não houve necessidade de importações até meados de julho, uma vez que a reidratação de leite em pó (com uma taxa mínima de 3% de gordura) autorizada em 5 de junho far-se-á inicialmente com os estoques acumulados na safra.

Como reflexo das políticas de incentivo para o setor, cresceu a distribuição de leite na Grande São Paulo a partir de setembro do ano passado sendo que o mês de março de 1975 apresentou o maior volume dos últimos 44 meses (quadro 104). Tem crescido no período de entressafra a distribuição de leite B que, comparado com o leite C, não sofre reduções tão sensíveis na produção.

As reduções gradativas de leite C que ocorrem na entressafra, em São Paulo, se devem principalmente ao fato de ser ele produzido em grande parte, pelos pequenos produtores (80% do leite que entra na Cooperativa de Guaratinguetá, a maior do gênero, procedem de produtores de menos de 100 litros por dia).

O crescimento da distribuição de leite B e a retração normal no abastecimento na entressafra têm levado a determinados abusos na venda do tipo B, face a inexistência de controle e tabelamento. Verifica-se, pelos dados, que neste período o leite B complementa a retração do tipo C, chegando a participar com 35% da distribuição no Grande São Paulo em certos meses.

Em razão da retração na produção do leite tipo C surgem sistematicamente, na entressafra, as reivindicações de aumentos nos preços para o produtor. Assim, no início de junho, produtores de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro solicitaram ao Governo Federal aumento de 30% nos preços, o que estaria proporcionando em menos de 9 meses uma majoração acumulada de 75%.

Se nos últimos anos, o preço funcionou como fator limitante ao desenvolvimento da pecuária leiteira o mesmo não se verifica a partir de 1974, pois a tendência mostra-se em alta.

As reivindicações de aumento para esse período tem sido baseadas principalmente nos custos de produção que se elevaram bastante, uma vez que a alimentação do rebanho fica

condicionada à aplicação de concentrados.

Dada a ocorrência recente de frio intenso e geadas é de se esperar maior retração na produção durante esta entressafra, por falta de pastagens. Isto, talvez, obrigue a maior intensificação no arraçoamento na forma de concentrados, principalmente para as explorações mais tecnificadas.

- Perspectivas

As perspectivas imediatas da produção de leite no Estado de São Paulo passaram desde meados de julho, a ser encaradas em função das geadas que afetaram as pastagens. No entanto, as dimensões do fenômeno não parecem tão graves como se antecipava, embora o setor deva registrar quedas na produção. Assim, levantamento realizado pela rede de assistência técnica da Secretaria da Agricultura estimou, para a entressafra, "quebras" de 5% a 10% para o leite tipo "B" e de 15% a 20% para o leite "C", no Estado como um todo. Isto decorre do fato do Vale do Paraíba, principal região produtora, ter apresentado até agora panorama sensivelmente melhor em relação às demais regiões. Quanto ao problema de abastecimento, o Governo deverá estar atento a eventuais e crescentes déficits no suprimento, podendo mesmo recorrer a importações controladas de leite em pó.

A médio prazo, desenha-se um quadro mais animador. Espera-se que continue a preocupação dos órgãos oficiais em incentivar o setor através de medidas a nível de preço, crédito, assistência técnica e pesquisa. A sensibilidade do produtor aos últimos incentivos ficou comprovada com a recente evolução do abastecimento da Grande São Paulo, embora muito ainda falte para superar os problemas anteriores que afetaram a produção leiteira.

O que o setor produtivo espera é que as majorações futuras acompanhem o índice geral de preços, uma vez que em termos de preços reais os últimos aumentos levaram a uma situação melhor.

As reivindicações que surgiram nos meses de maio e junho deste ano devem-se principalmente à queda da produção de leite C, tão comum na entressafra. É esperado pelos órgãos oficiais que o retorno do sistema de cotas e os incentivos de crédito e assistência técnica atenuem essas quebras de produção, já no próximo ano.

Provavelmente, essas reivindicações desapareceriam ou seriam abrandadas no tempo, se maior atenção fosse dada à política de preços. Por exemplo, os aumentos dados ultimamente foram em plena safra (estação das águas) quando é mais intenso o regime de pasto, recorrendo o produtor em menor escala à compra de insumos. Uma revisão em maio, conjuntamente com a elevação do salário mínimo, e quando se intensifica a procura por insumos (rações principalmente) talvez limitasse de muito as reivindicações do início da entressafa.

(IEA, 23/97/1975)

QUADRO 104. - Participação do Leite Tipo B na Distribuição Total no Grande São Paulo, 1972 a junho de 1975
(1.000 litros)

Mês	1972			1973			1974			1975		
	Total distribuído B+C(1)	Leite B (2)	% (2)/(1)	Total distribuído B+C(1)	Leite B (2)	% (2)/(1)	Total distribuído B+C(1)	Leite B (2)	% (2)/(1)	Total distribuído B+C(1)	Leite B (2)	% (2)/(1)
Jan.	45.129	3.494	7,7	43.790	5.947	13,6	44.443	9.841	22,1	45.965	8.456	18,4
Fev.	43.609	3.436	7,9	36.170	6.170	17,0	38.762	10.340	26,7	43.142	8.194	19,0
Mar.	48.012	4.988	10,4	36.310	7.429	20,5	40.784	11.789	28,9	48.759	9.264	19,0
Abr.	44.342	5.336	12,0	34.595	7.513	21,7	36.697	11.477	31,3	46.000	11.097	24,1
Mai.	45.535	5.761	12,7	36.196	7.650	21,1	35.562	11.603	32,6	46.733	13.068	28,0
Jun.	40.589	5.392	13,3	34.817	7.281	20,9	34.953	11.954	34,2	43.292	15.516	35,8
Jul.	38.724	5.735	14,8	36.227	7.782	21,5	39.741	11.970	30,1
Ago.	42.211	6.125	14,5	34.712	8.064	23,2	45.230	13.217	29,2
Set.	43.011	6.140	14,3	32.164	8.270	25,7	43.146	13.777	31,9
Out.	43.149	6.761	15,7	37.996	9.026	23,8	44.622	13.497	30,2
Nov.	45.308	5.736	12,7	44.087	9.576	21,7	44.568	10.559	23,7
Dez.	44.780	5.455	12,2	47.062	9.386	19,9	45.027	9.297	20,6
Total	524.399	64.359	12,3	454.126	94.094	20,7	493.535	139.321	28,2

Fonte: Superintendência Nacional de Abastecimento (SUNAB).

- Café

- Situação internacional

As informações disponíveis sobre produção, consumo e estoques mundiais de café verde mostravam no final do ano de comercialização 1973/74, uma situação de equilíbrio aparente, com um "carry-over" estimado em 31,5 milhões de sacas. Conforme os dados do Bureau Pan Americano do Café, tal "carry-over" era o menor verificado desde a temporada 1957/58, e segundo mostra o quadro 105, vem ele diminuindo sistematicamente nos últimos anos.

A safra mundial 1974/75, no entanto, atingiu níveis relativamente elevados, da ordem de 77,4 milhões de sacas, segundo estimativas do Departamento da Agricultura dos Estados Unidos, efetuadas em abril. Tal volume, constituiria o terceiro em ordem de grandeza verificado, inferior apenas ao dos anos de 1965/66 (81,6 milhões) e 1959/60 (78,9 milhões).

A produção mundial exportável, que representa a safra total menos o consumo interno dos países produtores, foi estimada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos em 59,8 milhões de sacas para a safra 1974/75, quantidade relativamente grande quando comparada com a de anos anteriores. O quadro 106 mostra a evolução da produção exportável em alguns países e no total, verificando-se a grande influência da produção brasileira no comportamento das disponibilidades anuais.

Quanto a produção mundial exportável em 1975/76, de acordo com as primeiras estimativas divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos EUA, deverão atingir 52,7 milhões de sacas ou cerca de 12% a menos que na temporada passada. Aliás, os efeitos da seca e geadas nas áreas cafeeiras do Brasil poderão diminuir essas estimativas, favorecendo a rápida elevação das cotações internacionais, o que já se verificou acentuadamente nesta 2a. quinzena de julho.

As exportações mundiais em 1974 mostraram redução de 7,8 milhões de sacas ou 12,6% em relação ao ano anterior conforme mostra o quadro 107, diminuiu expressivamente naquele ano a parcela de participação do Brasil no total exportado.

Diversos fatores costumam ser apontados como responsáveis pelas dificuldades de venda e preços baixos que caracterizaram o ano de 1974. Dentre eles, destacam-se: os efeitos de crise econômica mundial resultante em grande parte dos problemas do petróleo, que tenderiam a provocar retrações no consumo; a existência em fins de 1973 de maiores estoques acumulados no exterior; a safra bastante grande do ano passado que favoreceu a diminuição dos preços e a retração das compras; ou ainda o encarecimento dos transportes marítimos, que tornam o Brasil mais vulnerável aos altos fretes do que alguns países mais próximos aos centros compradores.

Os preços externos retratam a tendência de baixa, verificada no ano passado e primeiro semestre deste ano, conforme se pode concluir do comportamento dos preços indicativos da OIC (quadro 108) para as categorias "Outros suaves" e "Robusta". Estas, refletem com maior realismo os preços de exportação, enquanto os preços indicativos de cafés da

Colômbia e "Arábica não despolidos" (Brasil) não levam em conta descontos ou contratos de fornecimento a preços especiais.

No dia 6 de janeiro de 1975 iniciou seus trabalhos, o grupo composto de representantes dos países produtores e importadores, instalado com o objetivo de propor a renovação do Acôrdio Internacional do Café, a ser submetido ao Conselho da Organização Internacional do Café.

Após uma série de reuniões do grupo de trabalho, de subcomissões e do Conselho Pleno da OIC, verificou-se a disposição dos países-membro, favorável à renovação do Acôrdio a partir de setembro. Contudo, em princípios de julho, continuavam os problemas de determinação das cotas e preços, retardando proposições conclusivas. Recentes declarações do Presidente do IBC, davam conta de que haviam boas perspectivas para renovação do AIC, que poderia apresentar condições melhores para os países produtores, desde que se chegasse a um consenso para disciplinar a oferta do produto. Em seguida, com as geadas, o panorama modificou-se radicalmente, passando a ser o mercado nitidamente favorável aos vendedores.

Também como consequência das geadas, o mercado que já se encontrava em compasso de espera paralizou totalmente, tendo as cotações se elevado drasticamente e o IBC noticiado uma política de retenção dos estoques disponíveis.

- Situação interna

O Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais contribuiu muito para que a população cafeeira no Brasil se situasse em 2.758 milhões de covas, em 1974, das quais 2.102 milhões de cafeeiros adultos e 656 milhões novos (com menos de 3 anos). Segundo as informações do GERCA/IBC, a evolução crescente do parque cafeeiro teve início a partir de 1970/71, elevando-se 19% nos últimos 4 anos.

A política adotada pelo IBC, após cinco anos de implantação do Plano de Renovação, era a de conservar o atual parque cafeeiro, limitando novos financiamentos para plantio e replantio nos Estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais, já que no corrente ano dever-se-ia atingir um total de 2,9 bilhões de cafeeiros, considerado o razoável para as necessidades de consumo e exportação do País. Se se estimar uma produtividade média de 9 sacas por mil pés, considerando-se cafeeiros velhos e novos, em produção, poder-se-ia esperar safras da ordem de 27 milhões de sacas em média. Após as geadas de julho, esse plano deverá ser totalmente reformulado nas regiões ecologicamente favoráveis, como é o caso de São Paulo.

A produção estimada para a safra brasileira 1975/76 atingirá, segundo a primeira previsão do IBC, 21 milhões de sacas, considerando-se a produção estimada do Estado de São Paulo em 6,9 milhões de sacas. Verifica-se, pelo quadro 109, que a safra brasileira deverá se situar em nível médio, comparada a de anos anteriores. Contudo, é de se esperar reduções nas próximas estimativas desta safra face a ocorrência de geadas e aos efeitos da seca; em São Paulo as primeiras estimativas são da ordem de -5%.

No que diz respeito a preços recebidos pelos produtores o quadro 110 mostra a evolução no interior do Estado. Os preços médios mensais, por saca de 60 quilos de café benefi

ciado, mostraram grande declínio a partir de um máximo em abril de 1974 (Cr\$ 379,19) atingindo um mínimo em outubro desse ano (Cr\$ 307,10). Em fevereiro de 1975, o preço médio atingiu Cr\$ 339,40, mas o mercado mostrava-se extremamente retraído em virtude das dificuldades de vendas externas. Na verdade os preços médios refletiram de há vários meses níveis próximos aos preços de garantia do IBC, afora os descontos usuais para o caso de vendas à entidade.

Os preços médios recebidos aumentaram significativamente nos dois últimos meses, em virtude principalmente das notícias de aumento dos preços de garantia do IBC e da publicação da Resolução Nº 927/75, em 05 de julho de 1975, que elevou seus níveis de Cr\$ 418,00 para Cr\$ 500,00 por saca a partir de 19 de outubro, para os cafés do tipo 6, bebida isenta de gosto "Rio-Zona", produzidos nas regiões componentes do Grupo I. Para o tipo 2 de quota comum, foi fixado o preço de Cr\$ 520,00, havendo também um prêmio fixo para os demais tipos, o que representa esforço significativo visando a melhoria de qualidade.

Os preços médios recebidos pelos produtores de café, aumentaram de Cr\$ 337,40 por saca beneficiada, em janeiro, para Cr\$ 376,00 em junho, o que representa acréscimo de 11,4%. Em relação a junho do ano passado, o preço de junho deste ano representa elevação de 6,5%.

Os níveis de preços recebidos em junho já eram superiores aos custos por unidade produzida, segundo os modelos de custo operacional do Instituto de Economia Agrícola, para a safra 1974/75, no que diz respeito às produtividades de 25 sacas por mil pés (Cr\$ 308,40) e 18,7 sacas por mil pés (Cr\$ 358,40). Eram inferiores, porém, no caso de produtividade de 12,5 sacas (Cr\$ 447,50) e 6,3 sacas (Cr\$ 575,88). Nesses cálculos, são computados os custos de mão-de-obra, adubação e uso de corretivos e combate a ferrugem (com pulverizador acoplado a microtrator e seis pulverizações), operações mecanizadas, mudas para replante, operação animal, juros bancários, administração e despesas gerais.

As estimativas de custo operacional para a safra 1975/76 são da ordem de Cr\$406,60 para produtividade de 20 sacas por mil pés, Cr\$ 485,70 para 15 sacas, Cr\$ 647,50 para 10 sacas e Cr\$ 898,70 para 5 sacas. Tais estimativas, porém, deverão ser reavaliadas em função das geadas de 18, 19 e 20 de julho. Considerando apenas a receita, os números preliminares se aproximam dos Cr\$ 1.600,00/mil covas.

- Perspectivas

No que diz respeito ao mercado externo, as perspectivas são de evidente melhoria do preço dada a certeza de menor safra mundial. A produção brasileira sofrerá grande queda em 1976, admitindo-se um volume, estimado logo após as geadas de julho, entre 9 a 12 milhões de sacas. Isto, comparativamente aos 28 milhões inicialmente previstos representará uma contração de 60% a 70%.

As informações disponíveis dão conta de que as exportações de café no 1º semestre de 1975 reassumiram níveis normais, tendo sido exportadas 7,2 milhões de sacas de café verde e equivalente solúvel, atingindo o valor de 470 milhões de dólares.

Além das geadas terem atingido grau somente comparável às de 1918, o período da

seca e a ferrugem, que se tem desenvolvido de modo relativamente lento mas constante, fazem prever que em 1975/76, o País exportará menos a preços bem mais altos, caracterizando uma conjuntura de escassez relativa do produto.

Face a menor produção do Brasil em 1975, que deverá atingir entre 18 e 20 milhões de sacas, se presume que as quantidades necessárias para consumo interno e exportação, que em condições normais deveriam atingir cerca de 24 milhões de sacas (8 milhões para consumo interno e de 16 a 18 milhões para exportação) estarão sujeitas a um contingenciamento.

Em São Paulo, as regiões mais atingidas pelas geadas e que terão, como consequência, maiores quebras em 1976 são as DIRAs de Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto. O fato de ocorrerem sinistros graves como o recente, não deverá provocar uma reversão na tendência à valorização econômica da cafeicultura em São Paulo, que tem no produto uma expressiva vocação social e econômica. Assim, são aguardadas com expectativa incomum as medidas de política econômica que permitirão à cafeicultura paulista uma nova fase, com lavouras mais produtivas e implantadas, inclusive, naquelas regiões de maior aptidão e colôgica.

(IEA, 24/07/1975).

QUADRO 105 . - Suprimento e Distribuição Mundial de Café Verde, 1953/54 a 1973/74
(milhões de sacas de 60 quilos)

Ano de comercialização ⁽¹⁾	"Carry-over" inicial ⁽²⁾	Produção	Suprimento total	Exportação líquida ⁽³⁾	Distribuição interna	"Carry-over" final
1953/54	5.611	43.996	49.607	33.458	9.656	6.493
1963/64	67.019	70.998	138.017	51.327	17.582	69.108
1969/70	66.169	66.362	132.531	53.346	18.284	60.901
1970/71	60.901	58.321	119.222	52.552	18.211	48.459
1971/72	48.459	71.854	120.213	57.959	18.803	43.551
1972/73	43.551	77.273	120.824	59.274	20.080	41.470
1973/74 ⁽⁴⁾	41.470	65.478	106.948	54.600	20.801	31.547

⁽¹⁾ Outubro a setembro na maioria dos países.

⁽²⁾ Existente nos países produtores.

⁽³⁾ Para consumo e utilização nos países importadores. Os estoques nos países importadores são estimados em média em 7,5 milhões de sacas.

⁽⁴⁾ Preliminar e sujeito a revisão.

Fonte: Anuário Estatístico do Café - Bureau Pan Americano do Café.

QUADRO 106. - Produção de Café Exportável Mundial e em Alguns Países, 1966/67 - 1970/71
(1.000sc.60kg)

País	Média 1966/67 1970/71	1971/72	1972/73	1973/74	1974/75	1975/76 ⁽¹⁾
Brasil	9.299	14.850	15.000	6.370	19.135	14.390
Colômbia	6.618	5.750	7.430	6.250	7.400	6.850
Costa do Marfim	3.685	4.400	4.985	3.219	4.332	4.080
Uganda	2.952	2.830	3.280	3.078	2.978	2.978
El Salvador	2.041	2.440	1.935	1.895	2.670	2.185
Outros	20.013	22.813	24.536	22.672	23.280	22.197
Total mundial	45.608	53.083	57.166	43.484	59.795	52.680

⁽¹⁾ Primeira estimativa.

Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

QUADRO 107. - Exportação Mundial de Café, 1969-74
(1.000sc.60kg)

Ano	Brasil		América ⁽¹⁾		África		Outros		Total	
	Volume	%	Volume	%	Volume	%	Volume	%	Volume	%
1969	19.612	36,0	16.172	29,7	16.175	29,7	2.529	4,6	54.488	100
1970	17.085	32,6	16.252	31,0	16.814	32,1	2.244	4,3	52.395	100
1971	18.399	34,6	16.379	30,8	16.234	30,6	2.108	4,0	53.120	100
1972	19.215	33,4	17.881	31,1	17.907	31,1	2.522	4,4	57.525	100
1973	19.818	31,9	19.767	31,8	19.527	31,5	2.944	4,8	62.056	100
1974 ⁽²⁾	13.279	24,4	18.932	34,9	19.040	35,1	3.049	5,6	54.300	100

⁽¹⁾ Exceto Brasil.

⁽²⁾ Preliminar.

Fonte: Bureau Pan Americano do Café e Organização Internacional de Café (OIC).

QUADRO 108.- Médias Mensais dos Preços Indicativos da Organização Internacional de Café (OIC) para Café, 1972-75
(centavos de dólar por libra-peso)⁽¹⁾

Ano e mês	Suaves colombianos	Outros suaves	Arábica não despolpados	Robusta	Média composta
1972					
Jun.	53,61	48,52	48,56	43,66	47,76
1973					
Jun.	76,16	64,17	69,27	48,91	62,78
1974					
Jun.	82,18	72,11	75,54	61,80	71,49
Jul.	78,15	69,09	72,60	59,13	68,45
Ago.	73,73	62,55	69,50	56,01	64,55
Set.	70,78	54,61	69,28	53,92	61,97
Out.	72,18	56,78	69,71	54,94	63,04
Nov.	76,77	59,28	69,97	55,66	64,57
Dez.	81,47	58,78	71,59	55,18	65,63
1975					
Jan.	78,78	55,84	73,25	54,32	62,96
Fev.	76,08	53,47	74,22	52,39	63,80
Mar.	69,38	50,05	72,76	49,64	60,71
Abr.	66,08	47,64	72,34	49,03	59,52
Mai.	65,57	50,85	75,15	47,52	60,29
Jun.	72,60	55,93	75,40	49,34	63,00

⁽¹⁾ Uma saca de 60 quilos equivale a 132,271 libras-peso.

Fonte: Organização Internacional de Café.

QUADRO 109. - Produção Brasileira de Café por Estado, 1960/61 - 1975/76
(sacas beneficiadas de 60kg)

Ano safra	Paraná	São Paulo	Minas Gerais	Espírito Santo	Outros	Total
1960/61	12,4	9,7	2,7	1,6	0,9	27,3
1961/62	21,4	11,3	4,0	1,9	1,0	39,6
1962/63	18,0	5,2	2,5	2,4	0,8	28,9
1963/64	9,5	10,1	1,6	1,3	0,7	23,2
1964/65	3,6	1,8	1,2	1,1	0,6	8,3
1965/66	20,4	11,2	2,9	1,9	0,6	37,0
1966/67	7,7	6,2	2,8	1,6	0,5	18,8
1967/68	12,9	8,5	2,0	0,7	0,4	24,5
1968/69	8,3	4,6	1,9	1,6	0,6	17,0
1969/70	12,3	6,1	1,3	0,5	0,4	20,6
1970/71	1,6	4,4	3,0	1,6	0,4	11,0
1971/72	12,8	9,8	1,3	0,4	0,3	24,6
1972/73	9,7	9,4	3,7	1,2	0,5	24,5
1973/74	4,1	7,0	2,0	0,8	0,4	14,3
1974/75	11,5	9,2	4,9	1,4	0,5	27,5
1975/76 ⁽¹⁾	9,6	6,9	2,7	0,9	0,4	20,5

⁽¹⁾ Estimativas preliminares: 1a. previsão do IBC. Produção de São Paulo estimada em abril de 1975.

Fonte: Instituto Brasileiro do Café e Instituto de Economia Agrícola.

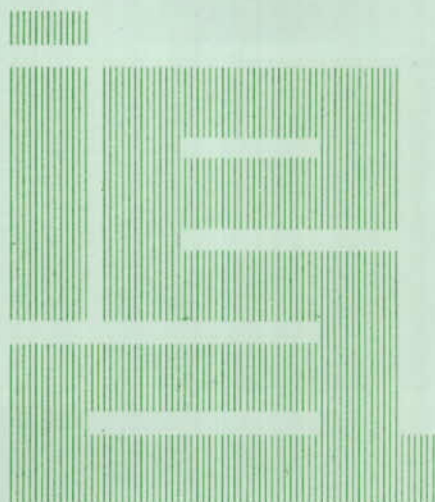
QUADRO 110.- Preços Médios Recebidos pelos Produtores de Café, Estado de São Paulo, 1971-75
(Cr\$/sc.60kg)

Mês	1971	1972	1973	1974	1975
Jan.	138,80	139,10	228,10	301,40	337,40
Fev.	131,50	141,20	238,30	312,80	339,40
Mar.	137,50	144,10	245,30	367,30	333,10
Abr.	138,20	149,40	249,20	379,10	327,50
Mai.	134,00	157,40	248,90	368,60	335,10
Jun.	130,20	163,40	256,20	353,00	376,00
Jul.	126,50	182,50	278,80	340,50	...
Ago.	126,50	222,10	287,00	322,90	...
Set.	125,50	222,00	286,30	314,30	...
Out.	127,10	213,60	287,70	307,10	...
Nov.	129,80	216,60	291,40	308,70	...
Dez.	132,20	218,60	289,40	315,90	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

DESEMPENHO E PERSPECTIVAS

7



7 - DESEMPENHO E PERSPECTIVAS

- Desempenho da Agricultura Paulista

Estimativas de preço e produção de 26 dos principais produtos da agricultura paulista, referentes a safra 1974/75, indicam um decréscimo do valor bruto da produção, em relação a 1973/74, de -6,49% em valores reais (quadro 111). Ao se excluir o café, tal decréscimo passaria para -1,02%, pois este produto deve apresentar uma produção física 30% abaixo da observada em 1973/74. Exclusivamente em termos físicos, ou seja, considerando somente a variação quantitativa da produção entre 1973/74 e 1974/75, a preços de 1973/74, a agricultura paulista apresenta um decréscimo de -2,89%; excluindo-se café, esta taxa passaria a +2,21%.

Os 20 produtos vegetais apresentam entre esses dois anos, decréscimo de -8,71%; excluindo-se o café, essa taxa torna-se ligeiramente positiva indicando um acréscimo de 0,36%.

Os produtos animais, em número de 6, deverão experimentar, em conjunto, uma retração de -2,75%, diferindo significativamente dos anos anteriores, quando apresentaram taxas positivas de crescimento.

Globalmente, a renda agrícola é avaliada em mais de 23 bilhões de cruzeiros, 14,5% acima da renda observada em 1973/74. Tal resultado, em cruzeiros de 1974, corresponde a cerca de 19 bilhões de cruzeiros (quadro 111). Os produtos vegetais respondem por 61,3% desse total, e os produtos animais pelos 38,7% restantes.

Quanto à importância relativa dos diferentes produtos, em termos de renda (quadro 112), verifica-se que o café caiu da segunda para a terceira posição em 1974/75, sendo superado por carne bovina e cana-de-açúcar. De uma participação de 16,03% na renda agrícola em 1973/74, o café passou em 1974/75 para somente 11,12%. Nesta safra, a carne bovina (16,61%), a cana-de-açúcar (12,92%), o café, aves e ovos (9,81%) e leite (9,58%) respondem por 60,04% da renda do setor. Com contribuição acima dos 5%, estão ainda, milho (6,20%), arroz (5,64%) e algodão (5,15%). Desses produtos, apresentariam substanciais ganhos de renda real em 1974/75, a cana-de-açúcar (16,85%), o leite (29,78%) e o arroz (34,84%); outros ponderáveis aumentos seriam registrados por soja (23,49%), amendoim (15,35%), trigo (17,10%),

banana (31,89%), cebola (40,30%) e limão (17,75%). Entre os que registraram perdas de renda em termos reais, destacam-se: carne bovina (-12,04%), café (-35,16%), milho (-15,84%), algodão (-19,23%), batata (-30,10%), feijão (-11,89%), mandioca (-29,93%), casulo (-14,34%) e mamona (-77,91%).

Estimando-se a população agrícola do Estado em 3,20 milhões de habitantes e o valor dos 26 produtos em 23,28 bilhões de cruzeiros, obtêm-se uma renda de Cr\$ 7.275,00 por habitante, ou seja US\$ 895. Admitindo-se uma supervalorização da taxa cambial, este dado pode ser considerado superestimado.

- Índices de preço e de quantidade

São bastante distintas, quanto ao comportamento de preços e de quantidades, as safras 1973/74 e 1974/75. Se de um lado, observou-se em 1973/74, uma elevação de 0,79% no índice geral de preços dos 21 produtos da série do IEA e uma elevação de 0,94% no índice de quantidade, de outro, espera-se para este ano, variações da ordem de -4,36% no índice de preços e de -2,45% no índice de produção física (quadro 113).

Produtos de origem vegetal - Contrariamente ao ocorrido em 1974, esse grupo apresenta um decréscimo tanto em preços reais (-1,47%) quanto nas quantidades produzidas (-4,87%). Subtraindo-se o café, os índices de preços e de quantidades se elevam em relação ao ano anterior de 5,33% e 1,63%, respectivamente. Dentre os produtos componentes desse grupo, tiveram os seus preços reais acrescidos: cana-de-açúcar (13,32%), arroz (29,50%), amendoim (23,94%), banana (30,70%), cebola (10,50%) e chá (7,41%). Quanto à produção, registraram ganhos: cana-de-açúcar (3,13%), arroz (4,12%), batata (1,59%), tomate (27,13%), soja (35,06%), cebola (26,98%) e banana (0,91%).

Os produtos alimentícios vegetais, em número de 7, acusam elevação tanto em preços reais quanto em quantidade produzida, elevação essa da ordem de 2,64% para preços e de 7,93% para quantidade, em relação ao ano 1973/74.

Produtos de origem animal - Esses produtos, na safra 1974/75, estão se comportando contrariamente à safra anterior, quando acusaram elevação em preços reais e decréscimo em quantidade produzida. Neste ano, as variações são de -5,45% para preços e de +2,74% para quantidades.

Para este grupo, destaca-se o crescimento da produção de carne suína (18,07%), de ovos (4,52%), de leite (3,00%) e de aves (2,87%), enquanto que a produção de carne bovina se manterá inalterada (ao que tudo indica) em relação a 1974. Quanto aos preços reais, somente o leite apresentou um incremento positivo em relação ao ano anterior (26,60%). Os demais produtos, apresentaram incrementos negativos: carne bovina (12,04%), ovos (-12,41%), aves (-10,44%) e carne suína (-17,93%). Em termos de renda, somente o leite acusou um acréscimo real da ordem de 29,78%.

Produtos tradicionais, em transição e modernos - Relativamente aos preços, somente os produtos tradicionais apresentaram pequeno acréscimo real (0,06%) em relação à 1973/74. Os produtos modernos e os em transição sofreram decréscimos em seus preços reais da ordem de -0,65% e -2,44%, respectivamente. Entre os tradicionais, o arroz (29,50%) e o leite

(26,60%) experimentaram aumento em preços reais. No grupo dos modernos, somente a cana-de-açúcar e no grupo dos em transição, a banana, a cebola, o amendoim e o chá, tiveram os seus preços reais majorados em relação à 1973/74.

Quanto à quantidade produzida, os produtos tradicionais decresceram em 0,05%, os em transição 19,99% e os modernos cresceram 5,79%. Concorreram positivamente para o grupo dos modernos: batata (1,59%), tomate (27,13%) e soja (35,06%). Café, milho e mandioca, foram os produtos que mais contribuíram para a queda no índice de quantidade dos produtos em transição. No grupo dos tradicionais, o feijão (-4,57%) e a mamona (-69,03%) foram as principais contribuições negativas para a taxa de decréscimo desse grupo.

- Índices de área e de rendimento.

Através da evolução da área plantada dos 16 produtos de origem vegetal, nota-se uma tendência mais ou menos estável na superfície de cultivo do Estado, situando-se ao redor de 5 milhões de hectares, embora em relação ao ano anterior, haja ocorrido um decréscimo da ordem de 5,35% (quadro 114).

Quanto ao rendimento, este apresenta-se reduzido em 3,58% em relação à 1973/74.

Contribuíram significativamente para a redução da superfície de cultivo do Estado: mamona (-72,02%), mandioca (-26,95%), feijão (-20,17%), amendoim (-15,36%), milho (-14,26%) e algodão (-6,98%). Para a queda no rendimento, participaram negativamente: café (-29,59%), arroz (-7,61%), laranja (-5,56%) e banana (-4,13%).

Os produtos alimentícios vegetais acusam um acréscimo de 1,36% em sua área de cultivo, enquanto que seu rendimento caiu em -0,52%. Essa queda no rendimento pode ser devida à laranja, ao arroz e a banana que apresentaram rendimentos menores que em 1974, da ordem de -5,56%, -7,61% e -4,13%, respectivamente.

Analisando-se os grupos de produtos segundo o nível de tecnologia (produtos modernos, em transição e tradicionais) nota-se uma recuperação de 2,07% na superfície de cultivo dos produtos modernos. Os tradicionais e os em transição, apresentam redução de área da ordem de -10,35% e -9,77%, respectivamente. Contribuíram para o aumento da área do grupo dos modernos: laranja (2,67%), batata (0,39%), soja (16,78%) e tomate (12,24%). Dentre os tradicionais e os em transição, destacam-se com redução na área: milho (-14,26%), feijão (-20,17%), amendoim (-15,36%), mamona (-72,02%), mandioca (-26,95%) e chá verde (-12,00%).

Quanto ao rendimento, somente os produtos em transição sofreram um decréscimo de -10,03%. Os tradicionais e os modernos, elevaram-no em relação ao ano anterior de 2,02% e 4,75%, respectivamente. Dentre os produtos componentes desses três grupos, apresentaram queda em rendimento: café (-29,59%), laranja (-5,56%) e banana (-4,13%). Os demais produtos apresentaram acréscimos, destacando-se com mais de 10%, a soja, o tomate, a cebola, o feijão, o limão, a mamona e o chá verde.

Os dados relativos a quantidades produzidas e preços obtidos pelos agricultores em 1974/75, referem-se a estimativas feitas com base na evolução da conjuntura observada até o início de julho de 1975. Estes dados, portanto, não refletem acontecimentos anômalos registrados posteriormente, como no caso da onda de frio e consequentes geadas verificadas em

meados de julho. Por certo, tais fatos atuarão negativamente, nas estimativas do IEA para a safra 1974/75, quanto ao volume físico da produção de várias culturas e atividades criatórias. Não se pode, entretanto, chegar a conclusões finais quanto ao valor da produção dada a dificuldade de se prever a amplitude do comportamento altista dos preços no restante do ano.

As estimativas preliminares da Secretaria da Agricultura sobre as possíveis quedas de produção na safra 1974/75, em termos físicos, indicam para o café 5%; trigo, 30% a 40%; cana-de-açúcar, 15% a 25%; tomate, 45% a 55%; batata, 10%, e banana, 60% a 70%. Algumas das culturas localizadas em regiões mais atingidas, como o remanescente do feijão da seca, mamão, melão, abacaxi, melancia, amoreira e produtos hortícolas, entre outras, foram quase totalmente perdidas. Verificou-se, também, generalizada queima nas pastagens o que veio reduzir ainda mais a sua já baixa capacidade de suporte na entressafa.

Estimou-se, também, que a safra 1975/76 deverá apresentar uma produção de café 60% a 70% inferior a esperada, o que deverá resultar em uma colheita próxima aos 4 milhões de sacos no Estado de São Paulo. Quanto a cana-de-açúcar, esta redução deverá ser de 5% a 10%; devido às culturas novas atingidas.

As regiões paulistas mais atingidas foram as de Presidente Prudente (principalmente no café, pastagens, tomate, melão e melancia), Marília (café, trigo, tomate, pastagens, amoreira, melancia e melão), Sorocaba (café, cana, pastagens, trigo e horticultura), Aracatuba (café, pastagens, tomate, mamão e melancia) e São José do Rio Preto (café e pastagens).

As estimativas preliminares quantificando os prejuízos da safra 1974/75 em torno de 2 bilhões de cruzeiros, representam cerca de 9% da renda bruta da agricultura paulista, calculada aos preços de produtos vigentes até junho passado. Tal estimativa, no entanto, poderá ser parcialmente coberta pela elevação de preços decorrente da perspectiva de escassez dos produtos atingidos, em que pesem as perdas individuais ocorridas. No caso específico do café, por exemplo, já se registravam, logo após as geadas, cotações bem mais elevadas que no período anterior.

QUADRO 111. - Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista, Final da Safra 1973/74 e Estimativa Preliminar 1974/75

Produto	Quantidade (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)		Unidade	Valor corrente (Cr\$1.000)		Valor real em
	1973/74	1974/75 ⁽¹⁾	1973/74	1974/75 ⁽²⁾		1973/74	1974/75 ⁽²⁾	Cr\$1.000 de 1974 ⁽³⁾ de 1974/75
Carne bovina	504,3	504,3	106,79	115,00	arroba	3.590.280	3.866.300	3.158.033
Cana-de-açúcar	36.460,0	37.600,0	57,67	80,00	tonelada	2.102.648	3.008.000	2.456.964
Cafê beneficiado	588,0	414,0	332,64	375,00	sc.60kg	3.259.872	2.587.500	2.113.496
Leite (milhões litros)	1.493,9	1.538,7	0,94	1,45	litro	1.404.266	2.231.115	1.822.397
Milho	2.628,0	2.280,0	32,00	38,00	sc.60kg	1.401.600	1.444.000	1.179.474
Arroz	582,0	606,0	82,00	130,00	sc.60kg	795.400	1.313.000	1.072.472
Ovos (milhões dúzias)	398,0	416,0	2,90	3,10	dúzia	1.154.200	1.289.600	1.053.358
Algodão em carôço	519,6	499,5	35,00	36,00	arroba	1.212.400	1.198.800	979.192
Aves para corte	230,0	236,6	3,83	4,20	kg vivo	880.900	993.720	811.680
Soja	522,0	705,0	67,00	75,00	sc.60kg	582.900	881.250	719.814
Tomate	610,4	776,0	1.000,00	920,00	tonelada	610.400	713.920	583.137
Laranja	3.560,0	3.452,0	6,40	7,50	cx.40kg	569.600	647.250	528.680
Carne suína	66,4	78,4	105,51	106,00	arroba	467.058	554.027	452.535
Amendoim	268,6	250,0	29,00	44,00	sc.25kg	311.576	440.000	359.397
Batata ⁽⁴⁾	416,4	423,0	66,00	55,60	sc.60kg	458.040	391.980	320.173
Feijão	131,4	125,4	145,00	165,00	sc.60kg	317.550	344.850	281.677
Trigo	153,1	184,0	84,00	100,20	sc.60kg	214.340	307.280	250.989
Uva de mesa	120,0	112,8	14,00	16,50	cx. 8kg	210.000	232.650	190.031
Banana	547,8	552,8	250,00	400,00	tonelada	136.950	221.120	180.613
Cebola	75,6	96,0	48,50	65,60	sc.45kg	81.480	139.947	114.310
Mandioca	1.000,0	760,0	143,00	161,40	tonelada	143.000	122.664	100.193
Tangerina, ponkan e mexerica	428,0	456,4	8,00	9,70	cx.40kg	85.600	110.677	90.402
Limão	336,0	387,5	8,00	10,00	cx.40kg	67.200	96.875	79.128
Casulo	5,0	5,0	13,35	14,00	quilo	66.750	70.000	57.177
Mamona	155,0	48,0	63,00	55,00	sc.50kg	195.300	52.800	43.128
Chã verde	27,3	26,5	0,54	0,70	quilo	14.742	18.550	15.151
Valor total da produção (26 produtos)				(crescimento real = - 6,49%)		20.334.052	23.277.875	19.013.601
Valor total da produção s/cafê (25 produtos)				(crescimento real = - 1,02%)		17.074.180	20.690.375	16.900.105
Valor total da produção de origem vegetal (20 produtos)				(crescimento real = - 8,71%)		12.770.598	14.273.113	11.658.421
Valor total da produção de origem vegetal s/cafê (19 produtos)				(crescimento real = + 0,36%)		9.510.726	11.685.613	9.544.925
Valor total da produção de origem animal (6 produtos)				(crescimento real = - 2,75%)		7.563.454	9.004.762	7.355.180

⁽¹⁾ Quarta estimativa de safras, abril de 1975.

⁽²⁾ Estimativas preliminares, baseadas nas informações disponíveis até junho de 1975.

⁽³⁾ Deflator estimado (0,81681) em função da variação do Índice "2" de Conjuntura Econômica, de junho de 1974 a junho de 1975.

⁽⁴⁾ A safra de inverno de 1974/75 foi estimada como igual à de 1973/74.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 112 - Variação Percentual na Área Plantada, Produção, Rendimento, Preço e Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista entre as Safras 1973/74 e 1974/75 (1)

Produto	Participação percentual		Variação percentual entre 1974/75 e 1973/74						
	no valor		Área	Produção	Rendimento	Preço		Valor	
	1973/74	1974/75				Corrente	Real (2)	Corrente	Real (2)
Carne bovina	17,66	16,61	-	0,00	-	7,69	-12,04	7,69	-12,04
Cana-de-açúcar	10,34	12,92	- 0,01	3,13	3,14	38,72	13,32	43,06	16,85
Cafê beneficiado	16,03	11,12	0,00	-29,59	-29,59	12,74	- 7,91	-20,62	-35,16
Leite (milhões litros)	6,91	9,58	-	3,00	-	54,26	26,60	58,88	29,78
Milho	6,89	6,20	-14,26	-13,24	1,19	18,75	- 3,00	3,03	-15,84
Arroz	3,91	5,64	12,70	4,12	- 7,61	58,54	29,50	65,08	34,84
Ovos (milhões dúzias)	5,68	5,54	-	4,52	-	6,90	-12,41	11,73	- 8,74
Algodão em carôço	5,96	5,15	- 6,98	- 3,87	3,34	2,86	-15,95	- 1,12	-19,23
Aves para corte (3)	4,33	4,27	-	2,87	-	9,66	-10,44	12,81	- 7,86
Soja	2,87	3,79	16,78	35,06	15,66	11,94	- 8,56	51,19	23,49
Tomate	3,00	3,07	12,24	27,13	13,26	- 8,00	-24,85	16,96	- 4,46
Laranja	2,80	2,78	2,67	- 3,03	- 5,56	17,19	- 4,21	13,64	- 7,18
Carne suína	2,30	2,38	-	18,07	-	0,47	-17,93	18,62	- 3,01
Amendoim	1,53	1,89	-15,36	- 6,92	9,96	51,73	23,94	41,22	15,35
Batata (4)	2,25	1,68	0,39	1,59	1,28	-15,75	-31,18	-14,42	-30,10
Feijão	1,56	1,48	-20,17	- 4,57	19,54	13,80	- 7,04	8,60	-11,89
Trigo	1,05	1,32	25,23	20,18	- 4,00	19,29	- 2,56	43,37	17,10
Uva de mesa	1,03	1,00	- 7,06	- 6,00	1,13	17,86	- 3,71	10,79	- 9,51
Banana	0,67	0,95	5,26	0,91	- 4,13	60,00	30,70	61,46	31,89
Cebola	0,40	0,60	7,41	26,98	18,23	35,26	10,50	71,76	40,30
Mandioca (5)	0,70	0,53	-26,95	-24,00	4,04	12,87	- 7,80	-14,22	-29,93
Tangerina, ponkan e mexerica	0,42	0,48	- 9,44	6,64	3,82	21,25	- 0,87	29,30	5,61
Limão	0,33	0,42	5,12	15,33	15,25	25,00	2,13	44,16	17,75
Casulo	0,33	0,30	-	0,00	-	4,87	-14,34	4,87	-14,34
Mamona	0,96	0,23	-72,02	-69,03	10,69	-12,69	-28,68	-72,96	-77,91
Chã verde	0,07	0,08	-12,00	- 2,93	10,10	29,63	7,41	25,83	2,78

(1) Estimativas preliminares para 1974/75, baseadas no 4º levantamento de safras, abril de 1975.

(2) Deflatores estimados em função da variação do Índice "2" de Conjuntura Econômica, junho de 1974 a junho de 1975.

(3) Inclui frango e galinha.

(4) A safra de inverno de 1974/75 foi estimada como igual à de 1973/74.

(5) Inclui produto para mesa e indústria.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 113. - Índice de Preços Reais e de Quantidade Produzida, por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, Estado de São Paulo, Safi

1972/73 a 1974/75 (1)

Grupo (2)	Nº de produtos	Preço					Quantidade				
		1972/73	1973/74	1974/75 (3)	Evolução (%)		1972/73	1973/74	1974/75 (4)	Evolução (%)	
					1973/74 1972/73	1974/75 1973/74				1973/74 1972/73	1974/75 1973/74
Produtos alimentícios vegetais	7	121,13	104,91	107,68	-13,39	2,64	119,32	126,28	136,29	5,83	7,93
Produtos alimentícios animais	4	131,09	142,22	134,50	8,49	- 5,43	129,04	122,68	126,08	- 4,93	2,77
Produtos alimentícios	11	127,37	128,31	124,49	0,74	- 2,98	125,58	124,03	129,89	- 1,23	4,72
Matéria-prima para indústria	7	99,45	103,36	109,54	3,93	5,98	123,34	118,38	116,60	- 4,02	- 1,50
Produtos de exportação	3	148,36	145,05	127,50	- 2,23	-12,10	100,98	118,63	92,25	17,48	-22,24
Produtos tradicionais	6	135,36	141,69	141,77	4,68	0,06	104,49	100,25	100,20	- 4,06	- 0,05
Produtos em transição	7	138,20	124,79	121,75	- 9,70	- 2,44	97,71	112,73	90,20	15,37	-19,99
Produtos modernos	8	98,06	98,09	97,45	0,03	- 0,65	154,09	150,32	159,03	- 2,45	5,79
Produtos de origem animal	5	131,19	142,24	134,49	8,42	- 5,45	129,75	123,51	126,90	- 4,81	2,74
Produtos de origem vegetal	16	119,62	116,01	114,31	- 3,02	- 1,47	115,46	120,20	114,35	4,11	- 4,87
Produtos de origem vegetal sem café	15	109,82	104,57	110,14	- 4,78	5,33	118,66	115,89	117,78	- 2,33	1,63
Geral sem café	20	117,42	121,03	120,61	3,07	- 0,35	122,73	118,60	121,02	- 3,37	2,04
Geral	21	123,23	124,20	118,81	0,79	- 4,36	120,10	121,23	118,26	0,94	- 2,45

(1) Índices construídos pelo método de Laspeyres, ponderação fixa no período base. Índices de quantidade ponderados pelos preços médios do período 1962-66. Índices de preço, ponderados pela produção média do período 1962-66, preços transformados em CrS de 1971, pelo Índice "2" de Conjuntura Econômica. Base de comparação igual à de ponderação.

(2) Composição dos índices anuais: Índice "1" - Produtos alimentícios de origem vegetal: arroz, banana, batata, cebola, feijão, laranja e tomate; Índice "2" - Produtos alimentícios de origem animal: bovinos, leite, ovos e suínos; Índice "3" - Produtos alimentícios: composto dos índices "1" e "2"; Índice "4" - Matéria-prima para indústria: milho, amendoim, cana, casulo, mamona, mandioca e soja (para área e rendimento exclui-se o casulo); Índice "5" - Produtos de exportação: algodão, café e chá; Índice "6" - Produtos tradicionais: arroz, feijão, mamona, bovinos, leite e suínos (para área e rendimento excluem-se bovinos, leite e suínos); Índice "7" - Produtos em transição: banana, cebola, milho, amendoim, mandioca, café e chá; Índice "8" - Produtos modernos: batata, laranja, tomate, cana, casulo, soja, algodão e ovos (para área e rendimento excluem-se casulo e ovos); Índice "9" - Produtos de origem animal: Índice "2" mais casulo; Índice "10" - Produtos de origem vegetal: composto dos índices "1", "3" e "4", excluindo-se o casulo; Índice "11" - Produtos de origem vegetal sem café: Índice "10", excluindo-se o café; Índice "12" - Geral sem café: composto dos índices "9" e "11"; Índice "13" - Geral: composto dos índices "1", "2", "3" e "4" ou "5", "6" e "7" ou "9" e "10".

(3) Preços e deflator preliminares.

(4) Baseados na 4a. estimativa de safra, abril de 1975.

QUADRO 114. - Índices de Área Plantada e Rendimento no Estado de São Paulo, por Grupo de Produtos e Evolução, entre as Safras 1972/73 a 1974/75

Grupo (1)	Nº de produtos	Área plantada (2)					Rendimento (3)				
		1972/73	1973/74	1974/75 (4)	Evolução (%)		1972/73	1973/74	1974/75 (4)	Evolução (%)	
					1973/74 1972/73	1974/75 1973/74				1973/74 1972/73	1974/75 1973/74
Produtos alimentícios vegetais	7	85,76	88,95	90,16	3,72	1,36	112,33	114,40	113,80	1,84	- 0,52
Matéria-prima para indústria	6	105,06	111,48	100,96	6,11	- 9,44	114,50	108,76	113,15	- 5,01	4,04
Produtos de exportação	3	78,49	80,60	78,71	2,69	- 2,36	123,21	141,15	112,30	14,56	- 20,44
Produtos tradicionais	3	69,09	70,60	63,29	2,19	- 10,35	117,47	120,83	123,27	2,86	2,02
Produtos em transição	7	84,51	83,72	75,54	- 1,03	- 9,77	118,44	130,87	117,74	10,49	- 10,03
Produtos modernos	6	132,63	152,02	155,17	14,62	2,07	111,91	99,65	104,38	- 10,96	4,75
Produtos de origem vegetal sem café	15	95,27	99,14	92,91	4,06	- 6,28	115,62	111,26	114,27	- 3,77	2,71
Produtos de origem vegetal (geral)	16	92,97	97,41	92,20	4,78	- 5,35	115,99	117,32	113,11	1,15	- 3,58

(1) Composição dos grupos, rodapé (2) do quadro 113.

(2) Índices simples, com base 1962-66 = 100.

(3) Índices construídos pelo método de Paasche. Índice simples de cada produto, base 1962-66 = 100, ponderado pela área plantada de cada produto em cada ano.

(4) Baseados na 4a. estimativa de safras, abril de 1975.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

De modo geral, e ressalvadas as diferenças que se observam de país para país, a economia mundial parece estar, aos poucos, se ajustando aos novos valores e situações surgidos em 1973/74, ajustamento esse, cujo tempo necessário e transformações resultantes ainda fogem a previsões mais precisas.

Esse quadro geral é válido, também, para o setor agrícola mundial, que se encontra em período mais calmo, embora eivado ainda de grandes riscos. Tendo sempre presente as grandes diferenças de posição econômica entre os mais importantes produtos agrícolas, pode-se dizer que a tendência geral em 1975/76 é de que os preços sejam estabelecidos a níveis inferiores às alturas a que se haviam alçado em 1973/74 mas, ainda assim, maiores que os níveis habituais que prevaleciam antes da alta. Espera-se, também, que as possíveis oscilações de preços não devam ser demasiado bruscas salvo, é claro, na hipótese do ressurgimento de novos períodos críticos, bem como de situações particulares para este ou aquele produto considerado isoladamente, situação esta que já se configura para o café.

Depois de uma fase de estagnação industrial, agora chegando ao fim em diversos países, a economia mundial poderá experimentar um novo estágio de regionalização dos interesses políticos e econômicos, já presentes no início de 1974/75, face à brusca mudança da liquidez externa. Por outro lado, persiste a ameaça de novas altas no preço do petróleo que, certamente, onerarão ainda mais as compras do Brasil no resto do mundo. Isto, em que pese o fato de termos realizado sensível progresso na balança comercial do primeiro semestre de 1975, quando as exportações cresceram 37% e as importações tão somente 8,5%.

As diversas medidas de restrição às importações, recentemente adotadas pelo Governo Central, poderão estimular o crescimento industrial, aparentemente ameaçado por uma certa contenção do consumo no primeiro semestre, mas, na realidade os seus efeitos só poderão ser devidamente avaliados no final do ano. Uma coisa é quase certa, porém: dificilmente a atual conjuntura permitirá que a economia brasileira como um todo mantenha em 1975/76 as altas taxas de crescimento econômico do último quinquênio.

I

No plano interno e para o setor agrícola pode-se dizer que não se deve esperar um comportamento econômico exatamente comparável ao do quadro mundial.

Em 1974/75, a agricultura paulista teve pela frente sérias dificuldades de natureza climática, afetando a produtividade de culturas e criações, e outras tantas oriundas do mercado externo, rebaixando os preços dos seus produtos. Como resultado líquido dessas forças, o Índice de paridade agricultura-indústria ficou nitidamente desfavorável ao setor agrícola, especialmente quando comparado a 1973/74. Por outro lado, a política cambial brasileira, ao que tudo indica, continuarão representando um ônus contra as exportações agrícolas.

Além desses aspectos relativamente adversos, devem ser lembradas as inúmeras deficiências de ordem estrutural, tanto no setor produtivo como na comercialização (transporte, armazenagem, serviços portuários, etc). Esses fatores autorizam a ilação de que em 1975/76 - a exemplo de anos anteriores - o setor agrícola não absorverá na sua totalidade os ajustamentos positivos e estímulos econômicos que por ventura venham a ocorrer. E evidentemente, aqueles produtos cujos preços externos exercem maior influência no mercado doméstico serão os mais sensíveis a essas dificuldades.

Nessa linha de pensamento, acrescenta-se que, a partir de 1968, os estímulos dados às exportações diversificaram sobremaneira a pauta do nosso comércio, no qual passaram a figurar, com relativa importância, produtos antes destinados primordialmente ao mercado interno. Tal fato, aliado aos problemas de balanço de pagamentos e de inflação interna, tem levado a crescentes incoerências entre as diferentes medidas de política adotadas pelo Governo. No momento atual, porém, a aparente "calma" do mercado mundial atenuou de muito esse problema. No entanto, caso se reverta esta tendência para os produtos não tradicionais de exportação, o Governo novamente ficará na difícil posição de optar entre o produtor agrícola e o consumidor.

Por outro lado, vislumbram-se outros tantos aspectos que tenderão a reduzir os impactos negativos e contribuir para que 1975/76 em termos globais seja um bom ano agrícola. Um deles, por exemplo, é tendência de baixa nos preços dos fertilizantes e o subsídio aos produtores na compra desse importante insumo. Outro, são as novas linhas de crédito para retenção de crias, investimentos na pecuária de corte e leite, aquisição de calcário, formação e melhoria de pastagens, bem como a nova feição e magnitude dadas aos investimentos em pesquisa e assistência técnica. Por último, mas não menos importantes, estão as medidas de apoio aos agricultores e trabalhadores atingidos duramente pelas geadas de julho, desde a provisão de créditos adicionais e reescalonamento das dívidas até a intensificação de obras públicas para aumentar o nível de emprego rural onde se fizer necessário.

II

Ao se fazer um balanço dos prós e contras neste início do ano agrícola, determinados eventos poderão adquirir uma dimensão toda especial. No mercado internacional há excelentes perspectivas para as cotações do café e talvez do açúcar depois da geada e, nesse caso, poderíamos exportar menos a preços bem mais elevados, realizando assim uma boa receita de divisas. Da produção e possíveis importações dos países de economia centralizada dependerão fortemente os mercados e os preços dos grãos, em particular nos casos de trigo, milho e soja.

Os efeitos das geadas, prejudiciais aos produtores e trabalhadores rurais, poderão reverter numa ascensão de preços para os produtos mais atingidos e, eventualmente, para a própria renda global do setor. Se a política governamental for direcionada mais para o controle inflacionário e menos para o estímulo à produção, a elevação dessa renda será dificultada.

tada em maior grau.

Também em consequência das geadas, espera-se para 1975/76 um acréscimo da área total cultivada em São Paulo, visto que os agricultores procurarão recuperar rapidamente suas perdas, sobretudo se contarem com o apóio financeiro do Sistema Nacional de Crédito Rural. Aqueles produtos que apresentam perspectivas desfavoráveis provavelmente teriam diminuídas as suas retrações, enquanto os tendentes à expansão cresceriam a taxas maiores ainda.

Realçando alguns casos específicos, cujas perspectivas foram analisadas antes da ocorrência das geadas (capítulo 6), ainda em 1975, a banana e batata possivelmente registrarão maiores altas de preço que as previstas; o tomate não terá, provavelmente, excedentes para exportação; e a cana-de-açúcar poderá ter expandida a sua área com o plantio de "cana de ano". Relativamente aos mercados de insumos (capítulo 4) as geadas reduziram significativamente a produção de sementes de trigo nos campos de cooperação da Secretaria da Agricultura. O agravamento dessa situação dependerá da disponibilidade principalmente do Paraná, cujas variedades são mais adaptáveis às condições paulistas. Espera-se, também uma forte retração da demanda de alguns tipos de tratores, mormente dos de bitola estreita.

III

Nesse quadro de referência, algumas medidas de política agrícola parecem necessárias e urgentes para condicionar um desempenho positivo da agricultura paulista. Entre essas medidas estão:

- Melhoria ao nível do produtor dos preços administrados de café, cana-de-açúcar, trigo e leite;
- Maior estímulo através da política de preços mínimos para 1975/76, não só nos níveis a serem fixados, mas também numa possível elevação do percentual nos financiamentos de custeio;
- Acompanhamento e, se necessário, controle dos preços dos insumos que mais oneram a produção agropecuária;
- Prorrogação do período de carência dos empréstimos feitos aos cafeicultores no Plano de Renovação e Revigoramento dos Cafezais;
- Concessão de reforço financeiro para tratamento dos cafezais em 1975/76, através de financiamentos específicos destinados principalmente às operações de poda e recuperação;
- Prorrogação dos financiamentos de custeio e concessão de novos às atividades atingidas pelas geadas. Ênfase especial deve ser dada aos produtos hortícolas, de

ciclo curto, assim como às regiões canavieiras mais atingidas;

- Ampliação das operações de repasse ao BANESPA e outros agentes financeiros para fins de maior atendimento ao PESAC 75/76 naqueles produtos cuja demanda de crédito deverá expandir, bem como financiamento à infraestrutura de beneficiamento nas propriedades atendidas no Plano de Renovação e Revigoremento dos Cafezais;
- Transferência ao BADESP de fundos para repasse às cooperativas do Estado, com o objetivo de financiar a construção de silos e armazéns;
- Redimensionamento de novos plantios através do Plano de Renovação e Revigoremento dos Cafezais, em zonas ecologicamente favoráveis, e financiamento parcial da erradicação de velhos cafezais e de baixa produtividade, atingidos pelas geadas;
- Avaliação e aperfeiçoamento do sistema crédito, proporcionando maior acesso ao pequeno agricultor, arrendatário e parceiro; e
- Reavaliação da política comercial do País, sobretudo no que se refere aos estímulos cambiais e fiscais, procurando diminuir as diferenças de tratamento entre produtos primários e manufaturados.

(IEA, 25/07/1975).